A Pirâmide Vermelha

THE RED PYRAMID

RICK RIORDAN

SUMÁRIO

OS VOLUNTÁRIOS

Agradeço à todos aqueles que participaram da tradução, revisão, estruturação, leitura final, entre outras funcionalidades diversas que desempenhamos para compor este livro de capa á contra-capa.
Entre estes, destacam-se alguns nomes, aos quais devemos grande respeito e agradecimentos:

Agradecemos aos nomes citados abaixo, aos voluntários anônimos e aos esquecidos.

Organização Responsável: . mafia dos livros.

Tradução: Diego
Daniel
Giovanna
Mari Trindade
Carlos
Nilton
Estevão
Thiago
Davi
Carol
Marcelo
Taylor
Belle

Revisão dos 16 primeiros capítulos: Mari Trindade

ALERTA:

O documento a seguir é uma transcrição de uma gravação. Em algumas partes, a qualidade do áudio estava ruim, então algumas palavras e frases representam o melhor palpite do autor. Onde foi possível, ilustrações de importantes símbolos mencionados na gravação foram acrescentadas. Barulhos de fundo como arrastar de pés, tapas e xingamentos ditos pelos dois narradores não foram transcritos. O autor não garante a autenticidade da gravação. Parece impossível que os dois jovens narradores estejam dizendo a verdade, mas você, o leitor, deve decidir isso sozinho.

CARTER

UM

UMA MORTE NA AGULHA

NÓS SÓ TEMOS ALGUMAS HORAS, então ouça com atenção.
Se você está ouvindo esta história, você já está em perigo. Sadie e eu podemos ser a sua única chance.
Vá até a escola. Localize o armário. Eu não vou dizer qual escola ou qual armário, porque se você for a pessoa certa, você vai encontrar. A combinação é 13/32/33. Quando terminar de ouvir, você saberá o que esses números significam. Apenas se lembre que a história que estamos prestes a te contar ainda não está completa.
Como ela vai terminar dependerá de você.

A coisa mais importante: quando abrir o pacote e descobrir o que está dentro, não fique com ele por mais do que uma semana. Claro, vai ser tentador. Quero dizer, ele vai te conceder poder quase ilimitado. Mas se você ficar com ele por muito tempo, ele vai consumir você. Aprenda seus segredos rapidamente e passe o pacote adiante. Esconda-o para a próxima pessoa, como Sadie e eu fizemos para você. Então se prepare para sua vida ficar bem mais interessante.

Ok, Sadie está me dizendo para parar de enrolar e continuar com a história. Certo. Acho que começa em Londres, na noite em que nosso pai explodiu o Museu Britânico.
Meu nome é Carter Kane. Tenho quatorze anos e minha casa é uma mala.
Você acha que estou brincando? Desde que tinha oito anos de idade meu pai e eu viajamos pelo mundo. Eu nasci em Los Angeles, mas meu pai é um arqueólogo, então seu trabalho o leva pra todo lugar. Na maioria das vezes vamos ao Egito, já que essa é sua especialidade. Vá até uma livraria, ache um livro sobre o Egito, há uma grande chance de ter sido escrito pelo Dr. Julius Kane. Você quer saber como os egípcios tiravam os cérebros das múmias, ou construíam as pirâmides, ou amaldiçoaram a tumba do rei Tut? Meu pai é a pessoa certa. Claro, existem outras razões para o meu pai viajar tanto, mas eu não conhecia seus segredos naquela época.
Eu não fui para escola. Meu pai me ensinou em casa, mesmo se você considerar que não tínhamos uma casa. Ele meio que me ensinou tudo que achou importante, então aprendi muito sobre o Egito e estatísticas de basquete e os músicos favoritos do meu pai. Eu lia muito também – praticamente qualquer coisa em que colocasse minhas mãos, dos livros de história do meu pai a romances – porque eu passava muito tempo sentado em hotéis e aeroportos e escavações em países estrangeiros onde eu não conhecia ninguém. Meu pai estava sempre me dizendo para guardar o livro e jogar bola um pouco. Você já tentou começar um jogo de basquete em Aswan, no Egito? Não é fácil.
Em todo caso, meu pai me treinou desde cedo a manter todos os meus pertences em uma mala que pudesse ser acomodada no compartimento de bagagem de mão de um avião. Meu pai fazia da mesma forma, exceto que ele podia levar uma bolsa extra para suas ferramentas de arqueologia. Regra número um: eu não tinha permissão para olhar em sua bolsa de ferramentas.
Essa é uma regra que eu nunca havia quebrado até o dia da explosão.

Aconteceu na véspera de Natal. Estávamos em Londres para o dia de visitação com a minha irmã, Sadie.
Veja bem, meu pai só tinha permissão para passar dois dias por ano com ela – um no inverno, um no verão – porque nossos avôs o odiavam. Depois que nossa mãe morreu, os pais dela (nossos avós) tiveram essa grande batalha judicial com o meu pai. Depois de seis advogados, depois de saírem na mão duas vezes e um quase fatal ataque com uma espátula (não pergunte), eles ganharam o direito de manter Sadie com eles na Inglaterra. Ela tinha apenas seis anos, dois anos mais nova que eu, e eles não puderam ficar com nós dois – pelo menos essa foi a desculpa que deram para não ficarem comigo. Então Sadie foi criada como uma estudante inglesa, e eu viajei pelo mundo com meu pai. Só víamos Sadie duas vezes por ano, o que pra mim estava bom.
[Cala a boca, Sadie. Sim – estou chegando naquela parte.]
De qualquer jeito, meu pai e eu tínhamos acabado de pousar em Heathrow depois de alguns atrasos. Era uma tarde fria e chuvosa. Durante toda a corrida de táxi pela cidade, meu pai parecia um pouco nervoso.
Agora, meu pai é um cara grande. Você não conseguiria pensar que algo pudesse deixá-lo nervoso. Ele tinha uma pele morena escura como a minha, olhos castanhos penetrantes, era careca e usava um cavanhaque, então ele se parecia com um cientista malvado bem forte. Naquela tarde, ele vestia seu casaco de inverno de casimira e seu melhor terno marrom, o que ele usava para palestras. Geralmente ele emanava tanta confiança que dominava qualquer ambiente em que entrasse, mas algumas vezes – como naquela tarde – eu via outro lado dele que realmente não entendia.
Ele não parava de olhar por sobre o seu ombro como se estivesse sendo caçado.
“Pai?” eu disse enquanto estávamos saindo do A-40. “O que está errado?”
“Nenhum sinal deles,” ele murmurou. Então deve ter percebido que disse isso em voz alta, porque ele me olhou meio assustado. “Nada, Carter. Está tudo bem.” O que me preocupou, porque meu pai mente muito mal. Eu sempre soube que ele escondia alguma coisa, mas também sabia que nem enchendo muito a paciência dele eu arrancaria a verdade. Ele provavelmente estava tentando me proteger, mas do que eu não sabia. Algumas vezes me perguntei se ele tinha algum segredo obscuro em seu passado, algum antigo inimigo que o seguia, talvez; mas a ideia parecia ridícula. Papai era apenas um arqueólogo.
A outra coisa que me preocupou: meu pai estava agarrado à sua bolsa de ferramentas. Normalmente quando ele fazia isso significava que estávamos em perigo. Como da vez em que homens armados invadiram nosso hotel em Cairo. Eu ouvi tiros vindos do saguão e desci para ver como meu pai estava. Quando cheguei lá, ele estava fechando sua bolsa de ferramentas calmamente enquanto três homens inconscientes estavam pendurados pelos pés no candelabro, suas túnicas caindo sobre suas cabeças de forma que se podia ver suas cuecas. Meu pai alegou que não viu nada, e no fim a polícia culpou um super esquisito defeito de funcionamento do candelabro.
Em uma outra vez, fomos parar no meio de um tumulto em Paris. Meu pai achou o carro estacionado mais próximo, me empurrou para o banco de trás, e me mandou ficar abaixado. Eu me prensei contra o tapete do carro e fechei meus olhos com força. Podia ouvir meu pai no banco do motorista, mexendo na sua bolsa, murmurando consigo mesmo enquanto a multidão gritava e destruía coisas do lado de fora. Alguns minutos depois ele me disse que era seguro para me levantar. Todos os outros carros no quarteirão tinham sido virados e incendiados. Nosso carro tinha acabado de ser lavado e polido, e várias notas de vinte euros tinham sido enfiadas sob os limpadores do vidro da frente.

De qualquer forma, passei a respeitar a bolsa. Era nosso amuleto da sorte. Mas quando meu pai a mantinha por perto, significava que iríamos precisar de boa sorte.
Dirigimos para o centro da cidade, indo para leste na direção do flat dos meus avôs. Nós passamos pelos portões dourados do Palácio de Buckingham, a grande coluna de pedra da Trafalgar Square. Londres é um lugar bem legal, mas depois de viajar por tanto tempo, todas as cidades começam a se misturar. Algumas crianças que conheci diziam, "Uau, você é tão sortudo por poder viajar tanto." Mas não é que como se passássemos nosso tempo dando uma de turistas ou como se tivéssemos muito dinheiro para viajar com estilo. Nós já havíamos ficado em lugares bem ruins, e nós quase nunca ficávamos no mesmo lugar por mais do que alguns dias. Na maior parte do tempo parecia que éramos fugitivos ao invés de turistas.
Quero dizer, você não pensaria que o trabalho do meu pai era perigoso. Ele dá palestras sobre tópicos como "Pode a magia egípcia realmente te matar?" e "Punições favoritas no mundo inferior egípcio" e outras coisas que a maioria das pessoas não daria a mínima. Mas como eu disse, existe esse outro lado dele. Ele é sempre muito cuidadoso, checando cada quarto de hotel antes de me deixar entrar. Ele se atiraria para dentro de um museu para ver alguns artefatos, faria algumas anotações, e correria para fora como se estivesse com medo de ser filmado pelas câmeras de segurança.
Certa vez quando eu era criança, nós corremos pelo aeroporto Charles de Gaulle para pegar um voo de última hora, e meu pai não relaxou até o avião sair do chão, eu perguntei a ele à queima-roupa do que ele estava fugindo, e ele me olhou como se eu tivesse acabado de puxar o pino de uma granada. Por um segundo fiquei com medo de que ele realmente me dissesse a verdade. Então ele disse, "Carter, não é nada." Como se "nada" fosse a coisa mais terrível do mundo. Depois disso, decidi que talvez fosse melhor não fazer perguntas.
Meus avôs, os Faust, vivem em um empreendimento imobiliário perto de Canary Wharf, bem nas margens do rio Tamisa. O táxi nos deixou no meio-fio, e meu pai pediu para o taxista esperar.
Estávamos a meio caminho da entrada quando meu pai congelou. Ele se virou e olhou para trás.
"O quê?" perguntei.
Então vi o homem de sobretudo. Ele estava do outro lado da rua, encostado em uma grande árvore morta. Ele tinha o formato de um barril, com pele da cor de café torrado. Seu sobretudo e terno risca-de-giz pareciam caros. Ele tinha cabelo longo e trançado e usava um chapéu fedora abaixado até seus óculos escuros redondos. Ele me lembrava um músico de jazz, do tipo que meu pai me arrastaria para ver o concerto.
Mesmo não conseguindo ver seus olhos, tive a impressão que ele estava nos observando. Ele poderia ser um velho amigo ou colega do meu pai. Não importa aonde íamos, meu pai estava sempre encontrando gente que ele conhecia. Mas realmente era estranho que o cara estivesse esperando aqui, do lado de fora da casa dos meus avôs.
E ele não parecia feliz.
"Carter," meu pai disse, "vá na frente."
"Mas –"
"Pegue sua irmã. Encontro vocês no táxi."
Ele cruzou a rua na direção do homem de sobretudo, o que me deixou com duas opções: seguir meu pai e ver o que estava acontecendo, ou fazer o que ele mandou.
Decidi ir pelo caminho menos perigoso. Fui buscar minha irmã.
Antes que eu pudesse sequer bater, Sadie abriu a porta.
"Atrasado como sempre," ela disse.

Ela estava segurando sua gata, Muffin, que havia sido um presente 'de despedida' do nosso pai seis anos atrás. Muffin nunca parecia envelhecer ou crescer. Ela tinha pelo amarelo-e-preto felpudo como uma miniatura de leopardo, olhos amarelos vigilantes. E orelhas pontudas que eram muito altas para sua cabeça. Um pingente egípcio prata pendia da sua coleira. Ela não se parecia nem um pouco com um muffin, mas Sadie era pequena quando deu o nome, então acho que ela merece um desconto.
Sadie não havia mudado muito desde o último verão.
[Enquanto gravo isso, ela está em pé ao meu lado, me encarando, então é melhor eu tomar cuidado ao descrevê-la.]
Você nunca acharia que ela é minha irmã. Em primeiro lugar, ela viveu em Londres por tanto tempo, que ela tinha um sotaque britânico. Segundo, ela puxou para nossa mãe, que era branca, então a pele de Sadie é bem mais clara que a minha. Ela tem cabelo liso da cor de caramelo, que não chega a ser loiro, mas também não é castanho, no qual ela fazia mechas em cores brilhantes. Naquela dia eram mechas vermelhas do lado esquerdo. Seus olhos são azuis. É sério. Olhos azuis, assim como os da nossa mãe. Ela tem apenas doze anos, mas tem a mesma altura que eu, o que é muito irritante.
Ela estava mascando chiclete como sempre, vestida para passar o dia com nosso pai com jeans surrados, uma jaqueta de couro e botas de combate, como se ela estivesse indo a um show e esperasse pisotear algumas pessoas.
Ela tinha fones de ouvido pendurados em volta do pescoço para o caso de a aborrecermos.
[Ok, ela não me bateu, então acho que fiz um bom trabalho descrevendo-a.]
"Nosso avião atrasou," eu disse a ela.
Ela estourou uma bola, coçou a cabeça de Muffin, e colocou a gata de lado. "Vô, tô saindo!"
De algum lugar da casa, vô Faust disse algo que eu não entendi, provavelmente, "Não deixe ele entrar!"
Sadie fechou a porta e me analisou como se eu fosse um rato morto que sua gata tivesse acabado de trazer. "Então, aqui está você de novo."
"Certo."
"Anda logo, então." Ela suspirou. "Vamos logo com isso"
Ela era assim. Nada de "Oi, como você passou estes últimos seis meses? É tão bom ver você!" ou algo do tipo.
Mas pra mim isso estava bem. Como só nos encontrávamos duas vezes por ano, era mais como se fôssemos primos distantes do que irmãos. Não tínhamos absolutamente nada em comum exceto nossos pais.
Nos arrastamos escada abaixo. Eu pensava em como ela cheirava a casa de gente velha e chiclete quando ela parou abruptamente, colidi com ela.
"Quem é aquele?" ela perguntou.
Eu havia quase esquecido do cara de sobretudo. Ele e meu pai estavam em pé do outro lado da rua próximos da grande árvore, tendo o que parecia ser uma discussão séria. Meu pai estava de costas então eu não podia ver seu rosto, mas ele gesticulava com as mãos como fazia quando estava agitado. O outro cara franzia o cenho e balançava a cabeça.
"Não sei," eu disse. "Ele estava lá quando chegamos."
"Ele parece familiar." Sadie franziu a testa como se estivesse tentando se lembrar. "Vamos."
"Papai quer que a gente espere no táxi," falei, apesar de saber que não serviria pra nada. Sadie já estava a caminho.

Em vez de atravessar a rua direto, ela correu pela calçada por meio quarteirão, e se abaixou atrás dos carros, então cruzou para o lado oposto e se agachou atrás de um baixo muro de pedra. Ela começou a espionar nosso pai. Não tive escolha salvo seguir seu exemplo, mesmo isso me fazendo sentir meio estúpido.
"Seis anos na Inglaterra," murmurei, "e ela pensa que é James Bond."
Sadie me deu um tapa sem olhar pra trás e continuou se arrastando para frente.
Mais alguns passos e estávamos bem atrás da grande árvore morta. Eu podia ouvir meu pai do outro lado falando, "– eu tenho que fazer, Amos. Você sabe que é o certo."
"Não," disse o outro homem, que devia ser Amos. Sua voz era grave e constante – muito insistente.
Seu sotaque era americano. "Se eu não te impedir, Julius, eles vão. O Per Annk está obscurecendo você."
Sadie se virou para mim e enunciou as palavras, *"Per o quê?"*
Balancei a cabeça, tão mistificado quanto. "Vamos sair daqui," sussurrei, porque imaginei que seríamos flagrados a qualquer minuto e ficaríamos em sérios problemas. Sadie, claro, me ignorou.
"Eles não sabem meu plano," meu pai estava dizendo. "Até eles descobrirem –"
"E as crianças?" Amos perguntou. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. "E quanto a elas?"
"Tomei providências para protegê-los," meu pai disse. "Além do que, se eu não fizer isso, todos estaremos em perigo. Agora, dê meia-volta."
"Eu não posso, Julius."
"Então é um duelo que você quer?" O tom do meu pai se tornou mortalmente sério. "Você nunca pôde me vencer, Amos."
Eu nunca havia visto meu pai ficar violento desde o Grande Incidente da Espátula, e não estava ansioso para ver uma repetição daquilo, mas os dois homens pareciam estar a ponto de começar uma briga.
Antes que eu pudesse reagir, Sadie apareceu e gritou, "Pai!"
Ele pareceu surpreso quando Sadie o abraçou, mas não tão surpreso quanto o outro cara, Amos. Ele recuou tão rapidamente que tropeçou em seu próprio sobretudo. Ele havia tirado seus óculos. Não pude deixar de pensar que Sadie tinha razão. Ele realmente parecia familiar – como uma memória muito antiga.
"Eu – eu preciso ir embora," ele disse. Ele ajeitou seu chapéu fedora e se arrastou rua abaixo.
Nosso pai o observou ir. Ele mantinha um braço protetivamente em volta de Sadie e uma mão dentro da sua bolsa de ferramentas pendurada em seu ombro. Finalmente, quando Amos desapareceu na esquina, meu pai relaxou. Ele tirou sua mão da bolsa e sorriu para Sadie. "Olá, querida."
Sadie se afastou dele e cruzou os braços. "Ah, agora é querida, não é? Você está atrasado. O dia de visitação está quase acabando! E o que foi aquilo? Quem é Amos, e o que é Per Ankh?"
Meu pai enrijeceu. Ele me olhou como se estivesse imaginando quanto nós havíamos escutado. "Não é nada," ele disse, tentando soar otimista. "Tenho uma tarde maravilhosa planejada. Quem gostaria de um passeio privado ao Museu Britânico?"
Sadie se afundou no banco traseiro do táxi entre meu pai e eu. "Não acredito nisso," ela resmungou. "Uma tarde juntos, e você quer fazer pesquisa."
Meu pai tentou sorrir. "Querida, será divertido. O curador da coleção egípcia em pessoa convidou –"

“Certo, grande surpresa.” Sadie soprou uma mecha de seu cabelo listrado de vermelho do rosto. “Véspera de Natal, e estamos indo ver relíquias egípcias mofadas e velhas. Você alguma vez pensa em qualquer outra coisa?”
Meu pai não ficou zangado. Ele nunca fica zangado com Sadie. Ele apenas olhou pela janela para o céu que escurecia e para a chuva.
“Sim,” ele disse serenamente. “Eu penso.”
Sempre que meu pai ficava quieto desse jeito e encarava o nada, eu sabia que ele estava pensando em nossa mãe. Nos últimos meses isso vinha acontecendo muito. Eu entrava em nosso quarto de hotel e o encontrava com o celular nas mãos, a foto de nossa mãe sorrindo na tela – seu cabelo comprimido sob uma echarpe, seus olhos surpreendemente brilhantes contra o pano de fundo do deserto.
Ou estaríamos em alguma escavação. E eu via meu pai olhando para o horizonte, e sabia que ele estava se lembrando de como a conheceu – dois jovens cientistas no Vale dos Reis, em uma escavação para descobrir uma tumba perdida. Meu pai era um egiptologista. Minha mãe uma antropóloga buscando DNA antigo. Ele me contara a história milhares de vezes.
Nosso táxi serpenteou pelo caminho pelas margens do Tamisa. Logo depois da ponte de Waterloo meu pai ficou tenso.
“Motorista,” ele disse. “Pare um pouco aqui.”
O taxista encostou no Embankment Victoria.
“O que foi, pai?” perguntei.
Ele saiu do táxi como se não tivesse me escutado. Quando Sadie e eu nos juntamos a ele na calçada, ele estava olhando para a Agulha de Cleópatra.
No caso de você nunca ter visto isso antes: a Agulha é um obelisco, não uma agulha, e não tem ligação alguma com Cleópatra. Acho que o Museu Britânico simplesmente achou que o nome soava bem quando o trouxeram para Londres. Ela tem mais de vinte metros de altura, o que deve ter sido bem impressionante no antigo Egito, mas no Tamisa, com todos os prédios altos em volta, parecia pequeno e triste. Você poderia passar por ele e sequer notar que acabara de passar por algo que é mil anos mais velho que a cidade de Londres.
“Deus.” Sadie andou em volta frustrada. “Temos que parar em todos os monumentos?”
Meu pai olhou para o cume do obelisco. “Eu precisava vê-lo novamente,” ele murmurou. “Onde aconteceu...”
Um vento gelado soprou pelo rio. Eu queria voltar para o táxi, mas meu pai estava começando mesmo a me preocupar. Eu nunca o vira tão distraído.
“O que, pai?” perguntei. “O que aconteceu aqui?”
“O último lugar que a vi.”
Sadie parou de andar. Ela franziu a testa pra mim incerta, então se virou para o nosso pai. “Espere um pouco. Você quer dizer a mamãe?”
Meu pai colocou o cabelo de Sadie atrás de sua orelha, e ela ficou tão surpresa que nem o afastou.
Senti como se o vento tivesse me congelado. A morte da nossa mãe sempre fora um assunto proibido. Eu sabia que ela havia morrido em um acidente em Londres. Sabia que meus avôs culparam meu pai. Mas ninguém nunca nos contou os detalhes.
“Você está nos dizendo que ela morreu aqui,” falei. “Na Agulha da Cleópatra? O que aconteceu?”
Ele abaixou a cabeça.
“Pai!” Sadie protestou. “Eu passo por isso todos os dias, e você quer dizer – todo esse tempo – e eu sequer sabia!”

“Você ainda tem sua gata?” meu pai perguntou a ela, o que parecia uma pergunta bem estúpida.
“Claro que eu ainda tenho a gata!” ela disse. “O que isso tem haver com o que quer que seja?”
“E o seu amuleto?”
A mão de Sadie foi até seu pescoço. Quando éramos pequenos, pouco antes de Sadie ir morar com nossos avôs, papai nos dera amuletos egípcios. O meu era uma olho de Hórus, que era um símbolo popular de proteção no antigo Egito.

De fato meu pai diz que o símbolo moderno dos farmacêuticos é uma versão simplificada do olho de Hórus, já que a medicina deve proteger você.
De qualquer jeito, eu sempre usei meu amuleto embaixo da minha blusa, mas imaginei que Sadie perdera o dela ou jogara fora.
Para minha surpresa, ela assentiu. “Claro que tenho, pai, mas não mude de assunto. Vovô está sempre falando como você causou a morte da mamãe. Isso não é verdade, certo?”
Nós esperamos. Por pelo menos uma vez, Sadie e eu queríamos exatamente a mesma coisa – a verdade.
“Na noite em que sua mãe morreu,” meu pai começou, “aqui na Agulha –”
Uma luz súbita iluminou o local. Eu me virei, meio cego, e só por um momento pude ver duas figuras: um pálido homem alto com uma barba bifurcada e vestindo uma túnica cor da pele, e uma garota de pele acobreada em uma túnica azul escura e uma echarpe – o tipo de roupas que eu vira centena de vezes no Egito. Eles apenas estavam em pé lá, lado a lado, a menos de seis metros de distância, nos observando. Então a luz sumiu. As figuras se dissiparam em uma indistinta imagem residual. Quando meus olhos se reajustaram à escuridão, eles haviam desaparecido.
“Hum...” Sadie disse nervosamente. “Você viu isso?”
“Entrem no táxi,” meu pai falou, nos empurrando para o meio-fio. “Estamos sem tempo.”
Dali em diante meu pai se fechou.
“Este não é o lugar para falar,” ele disse, olhando para trás. Ele havia prometido ao taxista dez libras extras se ele nos levasse ao museu em menos de cinco minutos, e o taxista estava fazendo o seu melhor.
“Pai,” tentei, “aquelas pessoas no rio –”
“E aquele cara, Amos,” Sadie disse. “Eles são da policia egípcia ou algo assim?”
“Olhem aqui, vocês dois,” meu pai disse, “vou precisar da ajuda de vocês hoje à noite. Eu sei que é difícil, mas terão que ser pacientes. Vou explicar tudo, prometo, depois que chegarmos ao museu. Vou fazer tudo ficar bem de novo.”
“O que você quer dizer?” Sadie insistiu. “Fazer o que ficar bem?”
A expressão do nosso pai estava mais do que triste. Era quase culpada. Com um arrepio, pensei no que Sadie havia dito: sobre nossos avôs o culparem pela morte da mamãe. Ele não podia estar falando sobre isso, podia?
O taxista mudou de direção na rua Great Russell e cantou pneu parando na frente do portão principal do museu.

"Apenas me sigam," meu pai nos disse. "Quando encontrarmos o curador, ajam normalmente."
Estava pensando que Sadie nunca agia normalmente, mas decidi não dizer nada.
Saímos do táxi. Peguei nossa bagagem enquanto meu pai pagava o motorista com um grande maço de dinheiro. Então ele fez algo estranho. Ele jogou um punhado de pequenos objetos no banco de trás – se pareciam pedras, mas estava escuro demais para que eu tivesse certeza. "Continue dirigindo," ele disse ao taxista. "Nos leve para Chelsea."
Isso não fez sentido uma vez que já estávamos fora do táxi, mas o motorista acelerou. Olhei de relance para o meu pai, e de volta para o táxi, e antes que ele virasse na esquina e desaparecesse na escuridão, peguei o estranho vislumbre de três passageiros no banco de trás: um homem e duas crianças.
Eu pisquei. Não tinha como o táxi ter pego outra corrida tão rápido. "Pai –"
"Os táxis de Londres não ficam muito tempo vazios," ele disse para constar. "Vamos, crianças."
Ele saiu marchando e passou pelo portão forjado em aço. Por um segundo Sadie e eu hesitamos.
"Carter, o que está acontecendo?"
Balancei minha cabeça. "Não tenho certeza se quero saber."
"Bem, fique aqui fora no frio se quiser, mas eu não vou embora sem uma explicação."
Ela se virou e marchou atrás do nosso pai.
Pensando nisso agora, eu deveria ter corrido. Deveria ter arrastado Sadie de lá e ter ido o mais longe possível. Em vez disso, eu a segui pelos portões.

DOIS

UMA EXPLOSÃO PARA O NATAL

EU JÁ ESTIVERA NO MUSEU BRITÂNICO ANTES. Na verdade, eu já estive em muito mais museus do que gostaria de admitir – isso me faz parecer como um completo nerd.

[Isso é a Sadie no fundo, gritando que eu sou um nerd completo. Obrigada, mana.]

De qualquer forma, o museu estava fechado e completamente escuro, mas o curador e dois seguranças estavam esperando por nós nos degraus da frente.

"Dr. Kane!" O curador era um cara baixinho e seboso em um terno barato. Eu já tinha visto múmias com mais cabelo e dentes melhores. Ele apertou a mão do meu pai como se estivesse conhecendo uma estrela do rock. "Seu último trabalho sobre Imhotep – brilhante! Não sei como o senhor traduziu aqueles feitiços!"

"Im-ho-quem?" Sadie murmurou para mim.

"Imhotep," falei. "Alto sacerdote, arquiteto. Alguns dizem que ele era um mágico. Ele desenhou a primeira pirâmide de degraus. Você sabe."

"Não sei," Sadie disse. "Não me importo. Mas obrigada."

Papai expressou sua gratidão ao curador por nos receber em um feriado. Então ele pôs uma mão no meu ombro. "Dr. Martin, gostaria que conhecesse Carter e Sadie."

"Ah! Seu filho, obviamente, e –" O curador olhou hesitante para Sadie. "E essa jovem moça?"

"Minha filha," papai disse.

O olhar do Dr. Martin ficou temporariamente vazio. Não importa quão mente aberta ou educada as pessoas pensem que são, há sempre aquele momento de confusão que transparece em seus rostos quando eles percebem que Sadie é parte da nossa família. Eu odeio isso, mas com o passar dos anos passei a esperar que acontecesse.

O curador refez seu sorriso. "Sim, sim, claro. Por aqui, Dr. Kane. Nós estamos bem honrados!"

Os seguranças trancaram as portas atrás de nós. Eles pegaram nossa bagagem, então um deles quis levar a bolsa de ferramentas de papai.

"Ah, não," papai disse, com um pequeno sorriso. "Eu vou ficar com essa."

Os seguranças ficaram na ante-sala enquanto nós seguíamos o curador pelo Grande Pátio. Era sinistro de noite. Pelo teto a fraca luz que vinha da cúpula de vidro gerava riscos de sombras nas paredes que pareciam uma teia de aranha gigante. Nossos passos clicavam no chão de mármore branco.

"Então," papai disse, "a pedra."

"Sim!" o curador falou. "Apesar de não conseguir imaginar que informações novas o senhor poderá obter dela. Ela foi estudada até a morte – nosso artefato mais famoso, claro."

"Claro," papai disse "Mas você pode ficar surpreso."

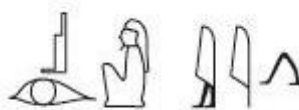
"O que ele está tramando agora?" Sadie sussurrou pra mim.

Não respondi. Eu tinha certa suspeita sobre qual pedra eles estavam falando, mas eu não conseguia entender por que papai nos arrastara na véspera de Natal para vê-la.

Eu me perguntava o que ele esteve a ponto de nos contar na Agulha de Cleópatra – algo sobre nossa mãe e a noite em que ela morreu. E por que ele ficava olhando em volta como se esperasse que as pessoas estranhas que tínhamos visto na Agulha aparecessem de novo? Nós estávamos trancados em um museu cercado por guardas e segurança de alta tecnologia. Ninguém poderia nos incomodar aqui – eu esperava.
Nós viramos à esquerda na ala Egípcia. As paredes estavam revestidas de estátuas de faraós e deuses, mas meu pai passou direto por todas elas e foi direto para a atração no meio da sala.
“Linda,” meu pai murmurou. “E não é uma réplica?”
“Não, não,” o curador assegurou. “Nós não costumamos manter a verdadeira pedra em exibição, mas para o senhor – essa é a verdadeira.”
Nós estávamos olhando para uma placa de rocha cinza escura de quase um metro de altura e sessenta centímetros de largura. Estava em um pedestal, envolta por uma caixa de vidro. A superfície lisa da pedra havia sido gravada com três faixas distintas de escrita. A de cima eram figuras de escrita do antigo Egito: hieróglifos. A seção do meio... Tive que botar meu cérebro para funcionar para lembrar o nome que papai tinha dado para ela: demótica, um tipo de escrita do período em que os gregos controlaram o Egito e um monte de palavras gregas foram mescladas às egípcias. A última linha estava em Grego.
“A Pedra Roseta,” eu disse.
“Isso não é um programa de computador?” Sadie perguntou.
Eu queria dizer a ela o quão estúpida ela era, mas o curador me cortou com uma risada nervosa. “Minha jovem, a Pedra Roseta foi a chave para decifrar os hieróglifos! Foi descoberta pelo exército de Napoleão em 1799 e –”
“Ah, certo,” Sadie disse. “Eu lembrei agora.”
Eu sabia que ela só estava dizendo isso para calá-lo, mas meu pai não ia deixar pra lá.
“Sadie,” ele disse, “até esta pedra ser descoberta, mortais normais... er, quero dizer, ninguém foi capaz de ler hieróglifos por séculos. A linguagem escrita egípcia foi completamente esquecida. Então um inglês chamado Thomas Young provou que as três línguas na Pedra Roseta continham a mesma mensagem. Um francês chamado Chapollion continuou o trabalho e decifrou o código dos hieróglifos.”
Sadie mascou seu chiclete, indiferente. “O que diz, então?”
Papai deu de ombros. “Nada importante. É basicamente uma carta de agradecimento de uns sacerdotes para o Rei Ptolomeu V. Quando foi esculpida, a pedra não era nada importante. Mas através dos séculos... através dos séculos ela foi se tornando um poderoso símbolo. Talvez a mais importante conexão entre o Antigo Egito e o mundo moderno. Fui tolo por não perceber seu potencial mais cedo.”
Ele me confundiu, e aparentemente, ao curador também.
“Dr. Kane?” ele perguntou. “O senhor está bem?”
Papai respirou fundo. “Minhas desculpas, Dr. Martin. Eu estava só... pensando alto. Posso ter o vidro removido? E se o senhor puder me trazer os papéis do seu arquivo que eu havia pedido?”
Dr. Martin assentiu. Ele pressionou um código num pequeno controle remoto, e a frente da caixa de vidro se abriu com um clique.
“Vai demorar alguns minutos para pegar as notas,” Dr. Martin disse. “Para qualquer outra pessoa, eu hesitaria em dar livre acesso à pedra como o senhor solicitou. Confio que o senhor será cuidadoso.”
Ele olhou para nós, crianças, como se fôssemos criadores de confusão.
“Nós vamos ter cuidado,” papai prometeu.

Assim que os passos do Dr. Martin se afastaram, papai se virou para nós com um olhar frenético em seus olhos. “Crianças, isso é muito importante. Vocês têm que ficar fora desta sala.”
Ele tirou sua mochila dos ombros e abriu apenas o suficiente para tirar uma corrente de bicicleta e um cadeado. “Sigam o Dr. Martin. Vocês vão achar seu escritório no fim do Grande Pátio à esquerda. Só há uma entrada. Uma vez que ele estiver dentro, coloque isso nas maçanetas e fechem bem justo. Precisamos atrasá-lo.”
“Você quer que a gente o tranque?” Sadie perguntou, de repente interessada. “Brilhante!”
“Pai,” perguntei, “o que está acontecendo?”
“Não temos tempo para explicações,” ele disse. “Esta será nossa única chance. Eles estão vindo.”
“Quem está vindo?” Sadie perguntou.
Ele pegou Sadie pelos ombros. “Querida, eu te amo. E eu sinto muito... sinto muito por tantas coisas, mas não temos tempo agora. Se isso funcionar, prometo que vou fazer as coisas melhorarem para todos nós. Carter, você é um homem corajoso. Você tem que confiar em mim. Lembrem-se, tranquem o Dr. Martin. Então fiquem fora desta sala!”
Acorrentar a porta do curador foi fácil. Mas assim que terminamos, nós olhamos para o caminho pelo qual viéramos e vimos uma luz azul vindo da galeria egípcia, como se nosso pai tivesse instalado um aquário brilhante gigante.
Sadie olhou para mim. “Honestamente, você tem alguma ideia do que ele está fazendo?”
“Nenhuma,” eu disse. “Mas ele tem agido de forma estranha ultimamente. Pensando muito na mamãe. Ele tem a foto dela...”
Eu não quis dizer mais. Felizmente, Sadie assentiu como se tivesse entendido.
“O que tem na bolsa de ferramentas dele?” ela perguntou.
“Não sei. Ele me disse para nunca olhar.”
Sadie levantou uma sobrancelha. “E você nunca olhou? Deus, isso é tão você, Carter. Você não tem conserto.”
Eu queria me defender, mas bem aí um tremor sacudiu o chão.
Surpresa, Sadie agarrou meu braço. “Ele disse para ficarmos fora. Suponho que você vá seguir essa ordem também?”
Na verdade, essa ordem parecia muito boa para mim, mas Sadie correu pelo corredor, e depois de um momento de hesitação, eu fui atrás dela.
Quando alcançamos a entrada da Galeria Egípcia, paramos petrificados em nosso trajeto. Nosso pai estava na frente da Pedra da Roseta, de costas para nós. Um círculo azul brilhava no chão em volta dele, como se alguém tivesse ligado tubos de neon escondidos no chão.
Meu pai havia tirado seu sobretudo. Sua bolsa de ferramentas estava aberta aos seus pés, revelando uma caixa de madeira de uns sessenta centímetros, pintada com imagens egípcias.
“O que ele está segurando?” Sadie sussurrou pra mim. “Aquilo é um bumerangue?”
Com certeza, quando papai levantou sua mão, ele estava brandindo uma vara branca e curva. Realmente parecia um bumerangue. Mas em vez de jogar a vareta, ele tocou na Pedra da Roseta. Sadie prendeu a respiração. Papai estava escrevendo na pedra. Onde quer que o bumerangue tocasse, linhas azuis brilhantes apareciam no granito. Hieróglifos.

Aquilo não fazia sentido. Como ele podia escrever palavras azuis brilhantes com uma vara? Mas a imagem era clara e brilhante: chifres de carneiro acima de uma caixa e um X.

“Abra,” Sadie murmurou. Olhei para ela, pois parecia que ela tinha acabado de traduzir a palavra, mas isso era impossível. Andei com papai durante anos, e mesmo eu só conseguia ler alguns hieróglifos. Eles são muito difíceis de aprender.
Papai levantou seus braços. Ele cantou: “Wo-seer, i-ei.” E apareceram mais dois hieróglifos azuis na superfície da Pedra de Roseta.

Aturdido como estava, eu reconheci o primeiro símbolo. Era o nome do deus Egípcio da morte.
“Wo-seer,” sussurrei. Eu nunca tinha visto ser pronunciado daquele jeito, mas eu sabia o que significava, “Osíris.”
“Osíris, venha,” Sadie disse, como num transe. Então seus olhos se arregalaram. “Não!” ela gritou. “Papai, não!”
Nosso pai se virou surpreso. Ele começou a dizer, “Crianças –” mas era tarde demais. O chão estrondou. A luz azul se tornou branca, e a Pedra de Roseta explodiu.
Quando recuperei a consciência, a primeira coisa que ouvi foi uma risada – horrível, uma risada cheia de satisfação misturada com o retinir dos alarmes de segurança do museu.
Senti como se tivesse sido atropelado por um trator. Eu me sentei, tonto, e cuspi um pedaço da Pedra de Roseta. A galeria estava em ruínas. Ondas de fogo se agitavam em poças ao longo do salão. Estátuas tinham virado. Sarcófagos foram arremessados de seus pedestais. Pedaços da Pedra de Roseta tinham sido lançados com tanta força que se prenderam nas colunas, paredes, e nas outras peças.
Sadie estava desmaiada ao meu lado, mas parecia ilesa. Chacoalhei seu ombro, e ela grunhiu.
“Ugh.”
Na nossa frente, onde a Pedra de Roseta estivera, havia um pedestal soltando fumaça e quebrado. O chão tinha escurecido, exceto pelo círculo azul brilhante em volta do nosso pai.
Ele estava olhando na nossa direção, mas não parecia estar olhando para nós. Um corte que sangrava atravessava seu couro cabeludo. Ele segurava o bumerangue com força.
Eu não entendia para o que ele estava olhando. Então a terrível risada ecoou pelo salão de novo, e percebi que estava vindo bem da minha frente.
Alguma coisa estava entre nós e nosso pai. No começo, eu mal consegui distinguir – só uma centelha de calor. Mas conforme eu me concentrava, ele tomou uma forma vaga – o contorno flamejante de um homem.
Ele era mais alto do que papai, e sua risada me atravessou como uma serra elétrica.

"Muito bem," ele disse para o meu pai. "Muito bem mesmo, Júlio."
"Você não foi convocado!" a voz do meu pai tremeu. Ele ergueu o bumerangue, mas o homem flamejante mexeu um dedo, e a vareta saiu voando da mão do papai, batendo contra a parede.
"Eu nunca sou convocado, Júlio," o homem ronronou. "Mas quando você abre uma porta, você deve estar preparado para que visitantes passem por ela."
"Volte para a Duat!" meu pai grunhiu. "Eu tenho o poder do Grande Rei."
"Ai, que assustador," o homem flamejante disse com divertimento. "E mesmo que você soubesse como se usa esse poder, coisa que você não sabe, ele nunca foi páreo pra mim. Eu sou o mais forte. Agora você vai compartilhar do destino dele."
Eu não conseguia entender nada, mas sabia que tinha que ajudar meu pai. Tentei pegar o pedaço mais próximo de pedra, mas eu estava tão aterrorizado que meus dedos congelaram e ficaram dormentes. Minhas mãos estavam inúteis.
Papai me lançou um silencioso olhar de advertência: *Saia daqui*. Percebi que ele estava intencionalmente mantendo o homem flamejante de costas para nós, esperando que eu e Sadie escapássemos sem sermos notados.
Sadie ainda estava grogue. Consegui arrastá-la para trás de uma coluna, para as sombras. Quando ela começou a protestar, coloquei minha mão na sua boca. Isso a acordou. Ela viu o que estava acontecendo e parou de lutar.
Alarmes soavam. Fogo circulava em volta das portas da galeria. Os guardas provavelmente estavam a caminho, mas eu não tinha certeza se isso era uma coisa boa para nós.
Papai se agachou, mantendo os olhos no inimigo, e abriu sua caixa de madeira pintada. Ele tirou uma pequena haste como uma régua. Ele murmurou alguma coisa e a haste se alongou até um bastão de madeira tão alto quanto ele.
Sadie guinchou. Eu não conseguia acreditar nos meus olhos também, mas as coisas só ficaram mais estranhas.
Papai jogou seu bastão aos pés do homem flamejante, e ele mudou para uma enorme serpente – três metros de comprimento e tão larga quanto eu – com escamas cor de cobre e olhos vermelhos brilhantes. Ela se lançou para o homem flamejante, que sem esforço agarrou a serpente pelo pescoço. As mãos do homem irromperam em chamas brancas, e a serpente queimou até virar cinzas.
"Um truque velho, Júlio," o homem o repreendeu.
Meu pai olhou para nós, silenciosamente nos instando novamente a correr. Parte de mim se recusava a acreditar que tudo isso era real. Talvez eu estivesse inconsciente, tendo um pesadelo. Perto de mim, Sadie pegou um pedaço de pedra.
"Quantos?" meu pai perguntou rapidamente, tentando manter a atenção do homem flamejante. "Quantos eu libertei?"
"Bom, todos os cinco," o homem disse, como se estivesse explicando algo a uma criança. "Você deveria saber que somos um pacote, Júlio. Logo eu libertarei ainda mais, e eles vão ficar bem agradecidos. Eu serei nomeado rei de novo."
"Os Demon Days," meu pai disse. "Ele vão pará-lo antes que seja tarde demais."
O homem flamejante riu. "Você acha que a Casa pode me impedir? Aqueles tolos velhos não conseguem sequer parar de discutir entre eles. Agora, deixe a história ser contada novamente. E desta vez você não irá ressurgir!"
O homem flamejante acenou com sua mão. O círculo azul aos pés do meu pai escureceu. Papai tentou pegar sua caixa de ferramentas, mas esta saiu deslizando pelo salão.
"Adeus, Osíris," o homem flamejante disse. Com outro movimento da mão, ele conjurou um brilhante caixão em volta do nosso pai. No principio ele era transparente,

mas conforme nosso pai lutou e bateu nas laterais, o caixão se tornou mais e mais sólido – um sarcófago egípcio de ouro incrustado com jóias. Meu pai encontrou meu olhar uma última vez, e enunciou a palavra, *Corra!* antes do caixão afundar no chão, como se o piso tivesse se transformado em água.
“Pai!” gritei.
Sadie jogou sua pedra, mas ela passou sem causar danos pela cabeça do homem.
Ele se virou, e por um terrível momento, sua face apareceu entre as chamas. O que vi não fazia o menor sentido. Era como se alguém tivesse sobreposto duas faces diferentes uma em cima da outra – uma quase humana, com a pele pálida, cruel, feições angulares e brilhantes olhos vermelhos, e outra como um animal com pelagem escura e presas afiadas. Pior do que um cão ou um lobo ou um leão – algum animal que eu nunca vira antes. Aqueles olhos vermelhos me encararam, e eu sabia que ia morrer.
Atrás de mim, passos pesados ecoavam no chão de mármore do Grande Pátio. Vozes estavam vociferando ordens. Os guardas de segurança, talvez a polícia – mas eles nunca chegariam a tempo.
O homem flamejante se lançou para nós. A alguns centímetros do meu rosto, algo o lançou para trás. O ar faiscou com eletricidade. O amuleto em volta do meu pescoço ficou desconfortavelmente quente.
O homem flamejante sibilou, analisando-me com mais cuidado. “Então... é você.”
O prédio tremeu novamente. Na extremidade oposta do salão, parte da parede explodiu em um clarão. Duas pessoas passaram pelo buraco – o homem e a garota que víramos na Agulha, suas túnicas rodopiando ao seu redor. Ambos seguravam cajados.
O homem flamejante rosnou. Ele olhou para mim uma última vez e disse, “Em breve, garoto.”
Toda a sala irrompeu em chamas. Uma explosão de calor sugou todo o ar para fora dos meus pulmões e eu caí no chão.
A última coisa que me lembro foi que o homem com a barba bifurcada e a menina de azul estavam em pé do meu lado. Ouvi os seguranças correndo e gritando, se aproximando. A garota se agachou sobre mim e puxou uma longa faca curva do cinto.
“Temos que agir rápido,” ela disse para o homem.
“Ainda não,” ele disse com certa relutância. Seu forte sotaque parecia francês. “Temos que ter certeza antes de detruí-los.”
Fechei meus olhos e mergulhei na inconsciência.

SADIE

TRÊS

APRISIONADA COM MINHA GATA

[Me dê o maldito microfone]

Olá. Aqui é a Sadie. Meu irmão é um péssimo contador de histórias. Desculpe por isso. Mas agora você tem a mim, então está tudo bem.

Deixe-me ver. A explosão. Pedra de Roseta em bilhões de pedaços. Cara flamejante malvado. Papai preso em um caixão. Francês arrepiante e garota árabe com uma faca. Nós desmaiando. Certo.

Então, quando acordei, a polícia estava alvoroçada, como seria de esperar. Eles me separaram do meu irmão. Eu não liguei muito pra essa parte. Ele é um saco de qualquer modo. Mas eles me trancaram no escritório do curador por eras. E sim, eles usaram a nossa corrente de bicicleta para fazer isso. Cretinos.

Eu estava destruída, é claro. Tinha acabado de ser derrubada por um sei-lá-o-quê flamejante. Eu assisti meu pai ser empacotado em um sarcófago e ser atirado através do chão. Tentei contar à polícia sobre isso, mas eles ligaram? Não.

Pior de tudo: eu tinha um prolongado calafrio, como se alguém estivesse empurrando agulhas geladas na minha nuca. Isso começou quando olhei para aquelas palavras azuis brilhantes que o papai desenhou na Pedra de Roseta e eu sabia o que elas significavam Uma doença familiar, talvez? Pode o conhecimento de coisas egípcias chatas ser hereditário? Com a minha sorte.

Muito tempo depois do meu chiclete perder o gosto, uma policial finalmente me retirou do escritório do curador. Ela não fez nenhuma pergunta. Ela simplesmente me empurrou até uma viatura e me levou pra casa. Mesmo lá, não me permitiram explicar para os meus avôs. A policial simplesmente me jogou no meu quarto e eu esperei. E esperei.

Eu não gosto de esperar.

Andei pelo quarto. Meu quarto não era nada elegante, só um sótão com uma janela, uma cama e uma mesa. Não havia muita coisa para fazer. Muffin farejou minhas pernas e sua calda se eriçou em tufos como uma esponja de garrafas. Suponho que ela não goste do cheiro de museus. Ela sibilou e desapareceu debaixo da cama.

"Valeu mesmo," murmurei.

Abri a porta, mas a policial estava de guarda.

"O inspetor estará com você em um momento," ela me disse. "Por favor, fique lá dentro."

Eu podia ver lá embaixo – só um vislumbre do vovô andando pelo cômodo, torcendo as mãos, enquanto Carter e um inspetor policial conversavam no sofá. Eu não conseguia escutar o que eles estavam falando.

"Posso apenas usar o banheiro?" perguntei à policial simpática.

"Não." Ela fechou a porta na minha cara. Como se eu pudesse arquitetar uma explosão na privada. Francamente.

Peguei meu iPod e passei pela minha lista de músicas. Nada me chamou atenção. Eu o joguei na minha cama com desgosto. Quando estou distraída até para música, é uma

coisa muito triste. Fiquei me perguntando por que o Carter foi falar com a polícia primeiro. Isso não era justo.
Mexi no colar que papai me dera. Eu nunca tive certeza do que o símbolo significava. O do Carter era obviamente um olho, mas o meu se parecia um pouco com um anjo, ou talvez com um robô alienígena assassino.

Por que diabos meu pai perguntara se eu ainda o tinha? É claro que eu ainda tinha. Era o único presente que ele já havia me dado. Bem, além da Muffin, mas com a atitude dessa gata, eu não tenho certeza se a chamaria de um presente apropriado.
Papai praticamente me abandonou aos seis anos de idade, de qualquer modo. O colar era minha única conexão com ele. Em dias bons, eu ficava olhando para o colar me lembrando dele afetuosamente. Em dias ruins (que eram muito mais frequentes) eu o arremessava pelo quarto e sapateava nele, amaldiçoando meu pai por não estar por perto, o que eu achava bastante terapêutico. Mas no fim, eu sempre colocava o colar de volta.
De qualquer maneira, durante a loucura no museu – e eu não estou inventando isso – o colar ficou mais quente. Eu quase o tirei, mas não conseguia parar de imaginar se ele realmente estava me protegendo de alguma forma.
Eu vou consertar as coisas, papai dissera, com aquele olhar culpado que ele frequentemente me dirige.
Bem, fracasso colossal, pai.
O que ele estava pensando? Eu quis acreditar que tudo fora um pesadelo: os hieróglifos brilhantes, o bastão-cobra, o caixão. Coisas assim simplesmente não acontecem. Mas eu sabia bem. Eu não podia sonhar com algo tão horripilante quanto o rosto daquele homem flamejante quando ele se virou para o nosso lado. *"Logo, garoto,"* ele dissera para o Carter, como se ele tivesse a intenção de nos procurar. A simples ideia fez minhas mãos tremerem. Eu também não conseguia parar de pensar em nossa parada na Agulha de Cleópatra, como o papai insistiu em vê-la, como se estivesse criando coragem, como se o que ele fez no Museu Britânico tivesse algo a ver com a mamãe.
Meus olhos vagaram pelo quarto e se fixaram na minha mesa.
Não, pensei. Não vou fazer isto.
Mas fui até lá e abri a gaveta. Joguei para o lado algumas revistas velhas, meu estoque de doces, uma pilha de deveres de casa de matemática que eu tinha esquecido de entregar, e algumas fotos minhas com minhas amigas Liz e Emma experimentando chapéus ridículos no mercado de Camden. E lá no fundo estava a foto da minha mãe.
Meus avôs possuem várias fotos. Eles mantêm um santuário para Ruby no guarda-louças do corredor – trabalhos artísticos da infância, seus resultados do ensino médio, sua foto de formatura da faculdade, suas jóias favoritas. Era bem maluco. Eu estava determinada a não ser como eles, vivendo no passado. Eu mal me lembrava dela, afinal, e nada poderia mudar o fato de que ela estava morta.
Mas mantive essa única foto. Era da mamãe e eu em nossa casa em Los Angeles, logo depois que eu nasci. Ela estava em pé na varanda, o Oceano Pacífico atrás dela, segurando uma bebê rechonchuda e enrugada que iria crescer algum dia e se tornar eu. Eu-bebê não era muita coisa, mas minha mãe era esplêndida, mesmo de shorts e camiseta maltrapilha. Seus olhos eram profundamente azuis. Seu cabelo loiro estava

preso para trás. Sua pele era perfeita. Meio deprimente comparada com a minha. As pessoas sempre dizem que pareço com ela, mas eu não consigo sequer deixar de ter espinha no queixo, muito menos parecer tão madura e bonita.
[Para de gargalhar, Carter]
A foto me fascinava porque eu mal me lembrava de nossa vida juntas. Mas a principal razão pela qual eu mantivera a foto foi o símbolo na camiseta da mamãe: um daqueles símbolos da vida – um ankh.

Minha falecida mãe usando o símbolo da vida. Nada poderia ser mais triste. Mas ela sorria para a câmera como se soubesse um segredo. Como se meu pai e ela estivessem compartilhando uma piada particular.
Algo deu um puxão no fundo da minha mente. Aquele homem atracado de sobretudo que estivera discutindo com o papai do outro lado da rua – ele havia dito algo sobre o Per Ankh.
Ele quisera dizer o Ankh como no símbolo da vida, e, se sim, o que é um per? Suponho que ele não quis dizer pera, como a fruta.
Eu tinha uma sensação estranha de que, se visse as palavras Per Ankh escritas em hieróglifos, eu saberia o que elas significavam.
Guardei a foto da minha mãe. Peguei um lápis e virei um dos meus deveres de casa antigos. Imaginei o que aconteceria se eu tentasse desenhar as palavras Per Ankh. O modo certo simplesmente iria me ocorrer?
Quando toquei o lápis no papel, a porta do meu quarto abriu. “Senhorita Kane?”
Eu me virei rapidamente e larguei o lápis.
Um inspetor policial estava parado de cenho franzido no vão da porta. “O que você está fazendo?”
“Dever de matemática,” respondi.
Meu teto era bem baixo, então o inspetor teve que se inclinar para entrar. Ele usava um terno da cor de algodão que combinava com seus cabelos grisalhos e sua pele pálida. “Então, Sadie. Eu sou o Inspetor Chefe Williams. Vamos conversar um pouco, que tal? Sente-se.”
Eu não me sentei, nem ele, o que deve tê-lo irritado. É difícil parecer estar no comando quando se está curvado como o Quasímodo.
“Conte-me tudo, por favor,” ele disse, “A partir da hora em que seu pai veio te buscar.”
“Eu já contei para a polícia no museu.”
“Novamente, se não se importa.”
Então contei tudo pra ele. Por que não? Sua sobrancelha esquerda rastejava mais e mais para o alto enquanto eu contava as partes estranhas como as letras brilhantes e o cajado-cobra.
“Bem, Sadie,” o Inspetor Williams disse. “Você tem uma imaginação e tanto.”
“Não estou mentindo, Inspetor. E eu acho que sua sobrancelha está tentando escapar.”
Ele tentou olhar para as próprias sobrancelhas, então fechou a cara. “Agora, Sadie, tenho certeza que isso é muito difícil para você. Eu compreendo que você queira proteger a reputação de seu pai. Mas ele se foi agora –”

“Você quer dizer através do assoalho, em um caixão,” insisti. “Ele não está morto.”
Inspetor Williams estendeu as mãos. “Sadie, eu sinto muito. Mas temos que descobrir o motivo dele ter praticado esse ato de... bem...”
“Ato de quê?”
Ele pigarreou desconfortavelmente. “Seu pai destruiu artefatos inestimáveis e aparentemente causou sua própria morte no processo. Nós gostaríamos muito de saber o motivo.”
Eu o encarei. “Você está dizendo que meu pai é um terrorista? Você é louco?”
“Nós ligamos para algumas pessoas associadas ao seu pai. Entendo que o comportamento dele tenha se tornado errático desde a morte de sua mãe. Ele se tornou distante e obsessivo em seus estudos, passando cada vez mais tempo no Egito –”
“Ele é um maldito egiptólogo! Você deveria estar procurando por ele, não fazendo perguntas estúpidas!”
“Sadie,” ele disse, e eu podia ouvir em sua voz que ele estava resistindo ao impulso de me estrangular. Estranhamente, eu causo esse tipo de reação com frequência em adultos. “Há grupos extremistas no Egito que desaprovam objetos egípcios serem mantidos em museus de outros países. Essas pessoas podem ter se aproximado do seu pai. Talvez, em seu estado, seu pai tenha se tornado um alvo fácil para eles. Se você escutou ele mencionar qualquer nome –”
Passei impetuosamente por ele indo até a janela. Eu estava com tanta raiva que mal conseguia pensar. Eu me recusava a acreditar que meu pai estava morto. Não, não, não. E terrorista? Por favor. Por que adultos tem que ser tão mente fechada? Eles sempre dizem “diga a verdade,” e quando você diz, eles não acreditam. Qual o objetivo?
Olhei para a rua escura abaixo. De repente aquela sensação de ardência gelada ficou mais forte que nunca. Eu me concentrei na árvore morta onde encontrei meu pai mais cedo. Em pé ali agora, na tênue luz do poste, olhando para mim, estava o cara atarracado de sobretudo preto, óculos redondos e chapéu fedora – o homem que papai chamou de Amos.
Creio que eu devia me sentir ameaçada por um cara estranho estar me olhando no escuro da noite. Mas sua expressão estava cheia de preocupação. E ele parecia tão familiar. Estava me deixando louca não me lembrar por quê.
Atrás de mim, o inspetor limpou a garganta. “Sadie, ninguém culpa a você pelo ataque no museu. Nós entendemos que você foi arrastada pra isso contra sua vontade.”
Eu me virei da janela. “Contra minha vontade? Eu acorrentei o curador no escritório dele.”
A sobrancelha do inspetor começou a subir novamente. “Seja como for, com certeza você não entendia o que seu pai pretendia fazer. Possivelmente seu irmão estava envolvido?”
Eu bufei. “Carter? Faça-me o favor.”
“Então você está determinada a protegê-lo também. Você realmente o considera como um irmão, não é?”
Eu não conseguia acreditar nisso. Eu quis amassar a cara dele. “O que isso quer dizer? Por que ele não se parece comigo?”
O inspetor piscou. “Eu só quis dizer –”
“Eu sei o que você quis dizer. É lógico que ele é meu irmão!”
Inspetor Williams levantou as mãos em um gesto de desculpas, mas eu ainda estava fervendo. Por mais que o Carter me irritasse, eu odiava quando as pessoas presumiam que não éramos parentes, ou olhavam para o meu pai desconfiadamente quando ele dizia que nós três éramos uma família – como se tivéssemos feito algo errado. Estúpido

Dr. Martin no museu. Inspetor Williams. Isso acontecia toda vez que papai, Carter e eu estávamos juntos. Toda maldita vez.
“Me desculpe, Sadie,” o inspetor disse. “Eu só quero ter certeza que separamos os inocentes dos culpados. Será muito mais fácil para todos se você cooperar. Qualquer informação. Qualquer coisa que seu pai disse. Pessoas que ele possa ter mencionado.”
“Amos,” eu disse abruptamente, apenas para ver sua reação. “Ele encontrou um homem chamado Amos.”
O Inspetor Williams suspirou. “Sadie, ele não poderia ter feito isso. Com certeza você sabe disso. Nós conversamos com Amos há menos de uma hora, no telefone de sua casa em Nova York.”
“Ele não está em Nova York!” insisti. “Ele está bem –”
Relanceei pela janela e Amos se fora. Típico.
“Não é possível,” falei.
“Exatamente,” o inspetor disse.
“Mas ele estava aqui!” exclamei. “Quem é ele? Um dos colegas do meu pai? Como você sabia que devia ligar pra ele?”
“Realmente, Sadie. Essa atuação tem que parar.”
“Atuação?”
O inspetor me estudou por um momento, então ele firmou seu maxilar como se tivesse tomado uma decisão. “Nós já conseguimos a verdade pelo Carter. Eu não quis chatear você, mas ele nos contou tudo. Ele compreende que não há motivo para proteger seu pai agora. Você também pode nos ajudar, e não haverá acusações contra você.”
“Você não deveria mentir para crianças!” gritei, esperando que minha voz chegasse escada abaixo. Carter nunca diria uma palavra contra o nosso pai, e eu também não!”
O inspetor não teve sequer a decência de parecer embaraçado.
Ele cruzou os braços. “Sinto muito que você se sinta assim, Sadie. Temo que seja hora de descermos as escadas... para discutir as consequências com seus avôs.”

QUATRO

SEQUESTRADA POR UM NÃO-TÃO-ESTRANHO

EU SIMPLESMENTE AMO ENCONTROS FAMILIARES. Muito aconchegante, com os enfeites de natal pendurados na lareira e um bom bule de chá e um detetive da Scotland Yard pronto pra te prender.

Carter se afundou no sofá, segurando a bolsa de ferramentas do papai. Fiquei pensando por que a polícia o deixou ficar com ela. Devia ser evidência ou coisa assim, mas o inspetor pareceu não notar aquilo de maneira nenhuma.

Carter parecia horrível – quero dizer, mais do que o normal. Honestamente, o menino nunca esteve em uma escola normal, e ele se vestia como um professor substituto, com suas calças caqui e camisas de botão e sapatos de viagem. Ele não é feio, suponho. Ele é razoavelmente alto e magro e seu cabelo não é um caso perdido. Ele tem os olhos de papai, e minhas amigas Liz e Emma já haviam me dito uma vez, olhando fotos dele, que ele era gato, o que eu devo encarar com ressalvas porque (a) ele é meu irmão, e (b) minhas amigas são um pouco doidas. Quando se trata de roupas, Carter não saberia o que te deixa gato nem se isso mordesse sua bunda.

[Ah, não me olhe assim, Carter. Você sabe que é verdade.]

De qualquer jeito, eu não deveria pegar tão pesado com ele. Ele estava levando o desaparecimento de nosso pai ainda pior que eu.

Vovô e Vovó sentaram um de cada lado dele, parecendo um pouco nervosos. O bule de chá e o prato de biscoitos estavam em cima da mesa, mas ninguém se servia. Chefe Inspetor Williams ordenou que eu me sentasse na única cadeira livre. Então ele caminhou na frente da lareira se fazendo de importante. Outros dois policiais estavam na porta da frente – a mulher de mais cedo e o cara grande que não tirava os olhos dos biscoitos.

“Sr. e Sra. Faust,” falou o Inspetor Williams, “receio que tenhamos duas crianças que não querem cooperar.”

Vovó mexeu na barra do seu vestido. É difícil acreditar que ela está relacionada à mamãe. Vovó é frágil e pálida, como uma pessoa que se parece um graveto mesmo, enquanto mamãe nas fotos sempre parece tão feliz e cheia de vida. “Eles são apenas crianças,” ela conseguiu dizer. “Certamente você não pode culpá-los.”

“Bá!” Vovô disse. “Isso é ridículo, Inspetor. Eles não são responsáveis!”

Vovô é um jogador de rugby aposentado. Ele tem braços largos, uma barriga grande demais para sua camisa, e olhos afundados no rosto, como se alguém os tivesse socado (bem, na verdade papai tinha socado anos atrás, mas essa é outra história). Vovô tem uma aparência um pouco assustadora. Normalmente as pessoas saem do seu caminho, mas o Inspetor Williams não parecia impressionado.

“Sr. Faust,” ele disse, “o que o senhor acha que as manchetes dirão amanhã? ‘Museu Britânico atacado. Pedra de Roseta destruída.’ O seu genro –”

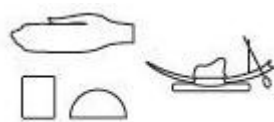
“Ex-genro!” Vovô corrigiu.

“– parece ter evaporado na explosão, ou fugiu, em todo caso –”

“Ele não fugiu!” gritei.

“Nós precisamos saber onde ele está,” o inspetor continuou. “E as únicas testemunhas, seus netos, se recusam a me dizer a verdade.”
“Nós contamos sim a verdade,” Carter disse. “Papai não morreu. Ele afundou pelo piso.”
Inspetor Williams olhou para o meu avô como se dissesse, Aí, viram? Então ele se virou para Carter. “Jovenzinho, seu pai cometeu um ato criminoso. Ele deixou vocês para trás para lidarem com as consequências –”
“Isso não é verdade!” vociferei, minha voz tremendo de raiva. Eu não podia acreditar que papai nos deixaria à mercê da policia, é claro. Mas a ideia dele me abandonando – bem, como devo ter mencionado, é um ponto delicado.
“Querida, por favor,” vovó me disse, “o Inspetor está apenas fazendo o trabalho dele.”
“Muito mal!” falei.
“Vamos todos tomar um pouco de chá,” vovó sugeriu.
“Não!” Carter e eu gritamos juntos, o que me fez ficar mal pela vovó, já que ela praticamente murchou no sofá.
“Nós podemos acusar vocês,” o inspetor avisou, se virando pra mim. “Nós podemos e vamos –”
Ele congelou. Então ele piscou várias vezes, como se tivesse esquecido o que estava fazendo.
Vovô franziu a testa. “Hã, Inspetor?”
“Sim...” Inspetor Chefe Williams murmurou sonhadoramente. Ele procurou no bolso e tirou um pequeno livreto azul – um passaporte americano. E o jogou no colo de Carter.
“Você está sendo deportado,” o inspetor anunciou. “Você deve deixar o país em vinte quatro horas. Se nós precisarmos interrogá-lo depois, você será contatado através do FBI.”
A boca de Carter se abriu. Ele olhou pra mim, e sei que eu não estava imaginando o quão estranho aquilo era. O inspetor havia mudado completamente de direção. Ele estava prestes a nos prender. Eu tinha certeza disso. E então, do nada, ele estava deportando Carter? Até mesmo os outros oficiais pareceram confusos.
“Senhor?” a policial perguntou. “Tem certeza –”
“Quieta, Linley. Vocês dois podem ir.”
Os policiais hesitaram até Williams fazer um movimento de enxotar com a mão. Então eles partiram, fechando a porta atrás deles.
“Calma aí,” Carter disse. “Meu pai desapareceu, e você quer que eu saia do país?”
“Seu pai está morto ou foragido, filho,” o inspetor disse. “Deportação é a opção mais gentil. Já foi tudo arranjado.”
“Com quem?” Vovô demandou. “Quem autorizou isso?”
“Com...” O Inspetor ficou com aquela cara engraçada de novo. “Com as devidas autoridades. Acredite em mim, é melhor que a prisão.”
Carter parecia muito arrasado para falar, mas antes que eu pudesse sentir pena dele, o Inspetor Williams se virou para mim. “Você também, senhorita.”
Ele poderia muito bem ter me atingido com uma marreta.
“Você está me deportando?” perguntei. “Eu moro aqui!”
“Você é uma cidadã americana. E sob tais circunstâncias, é melhor para você voltar para casa.”
Eu apenas o encarei. Não conseguia me lembrar de nenhum lar exceto este flat. Minhas amigas na escola, meu quarto, tudo que eu conhecia estava aqui. “Para onde devo ir?”
“Inspetor,” vovó disse, sua voz tremendo. “Isso não é justo. Não posso acreditar –”
“Eu vou lhes dar algum tempo para se despedirem,” o inspetor interrompeu. Então ele franziu o cenho como se estivesse perplexo com seus próprios atos. “Eu – eu devo ir.”

Isso não fazia sentido, e o inspetor parecia compreender isso, mas ele andou para a porta da frente de todo jeito. Quando ele a abriu, eu quase pulei da minha cadeira, porque o homem de preto, Amos, estava parado lá. Ele havia deixado o casaco e o chapéu em algum lugar, mas continuava usando o mesmo terno risca de giz e óculos redondos. Seu cabelo trançado brilhava com contas douradas.
Pensei que o inspetor ia dizer alguma coisa, ou mostrar surpresa, mas ele nem mesmo notou Amos. Ele passou direto por ele e para dentro da noite.
Amos entrou e fechou a porta. Nossos avôs se levantaram.
"Você," vovô rugiu. "Eu devia saber. Se eu fosse mais jovem, eu o reduziria a uma polpa."
"Olá, Sr. e Sra. Faust," Amos disse. Ele olhou para Carter e para mim como se nós fôssemos problemas a serem solucionados. "Está na hora de conversarmos."
Amos se fez em casa. Ele se esparramou no sofá e se serviu de chá. Mordiscou um biscoito, o que era bem perigoso, porque os biscoitos de vovó são horríveis.
Achei que a cabeça de vovô ia explodir. O rosto dele ficou vermelho brilhante. Ele foi para trás de Amos e levantou sua mão como se estivesse a ponto de socá-lo, mas Amos continuou mastigando o biscoito.
"Por favor, sentem-se," ele nos disse.
E todos nos sentamos. Foi a coisa mais estranha – como se estivéssemos esperando pela ordem dele. Até vovô baixou o punho e deu a volta no sofá. Ele sentou perto de Amos com uma cara desgostosa.
Amos tomou um gole do chá e me analisou com um quê de desaprovação. Aquilo não era justo, pensei. Eu não estava tão ruim, considerando pelo que passamos. Então ele olhou para Carter e grunhiu.
"Momento terrível," ele murmurou. "Mas não há outro jeito. Eles terão que vir comigo."
"Como é?" eu disse. "Eu não vou a lugar algum com um homem estranho com biscoito no rosto!"
Ele realmente tinha farelo de biscoito no rosto, mas ele aparentemente não se importava, tanto que não se incomodou em conferir.
"Eu não sou um estranho, Sadie," ele falou. "Você não se lembra?"
Era estranho ouvi-lo falar comigo de um jeito tão familiar. Eu senti que devia conhecê-lo. Olhei para Carter, mas ele parecia tão intrigado quanto eu.
"Não, Amos," vovó disse, tremendo. "Você não pode levar Sadie. Tínhamos um acordo."
"Julius quebrou aquele acordo esta noite," Amos disse. "Vocês sabem que não podem mais tomar conta de Sadie – não depois do que aconteceu. A única chance deles é virem comigo."
"Por que deveríamos ir a qualquer lugar com você?" Carter perguntou. "Você quase brigou com nosso pai!"
Amos olhou para a bolsa de ferramentas no colo de Carter. "Vejo que você ficou com a bolsa do seu pai. Isso é bom. Vocês vão precisar dela. Quanto a entrar em brigas, Julius e eu fazemos muito isso. Se você não percebeu, Carter, eu estava tentando impedi-lo de fazer algo imprudente. Se ele tivesse me dado ouvidos, não estaríamos nesta situação."
Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas vovô aparentemente entendeu.
"Você e suas superstições!" ele disse. "Eu disse a você que não queríamos nada disso."
Amos apontou para o pátio de trás. Através das portas de vidro, você podia ver as luzes brilhando no Tâmisa. Era uma vista bem bonita à noite, quando não se pode notar quão precários são alguns prédios.

"Superstições, não é?" Amos perguntou. "E ainda assim você achou um lugar para morar no lado leste do rio."
Vovô ficou ainda mais vermelho. "Isso foi ideia de Ruby. Achou que nos protegeria. Mas ela estava errada sobre várias coisas, não estava? Ela confiou em Julius e em você, por exemplo!"
Amos não pareceu perturbado. Ele cheirava engraçado – como antigas especiarias, copal e âmbar, como as lojas de incenso em Covent Garden.
Ele terminou seu chá e olhou diretamente para vovó. "Sra. Faust, a senhora sabe o que foi iniciado. A polícia é a menor das suas preocupações."
Vovó engoliu em seco. "Você... você mudou a mente daquele inspetor. Você o fez deportar Sadie."
"Era isso ou ver as crianças presas," disse Amos.
"Espera aí," falei. "Você mudou a mente do inspetor Williams? Como?"
Amos deu de ombros. "Não é permanente. Na verdade devemos ir para Nova York na próxima hora mais ou menos antes do inspetor Williams começar a se perguntar por que deixou vocês irem."
Carter riu incrédulo. "Você não pode ir para Nova York de Londres em uma hora. Nem mesmo o avião mais rápido –"
"Não," Amos concordou. "Sem avião." Ele se virou de volta para vovó como se tudo tivesse se resolvido. "Sra. Faust, Carter e Sadie tem apenas uma opção segura. Você sabe disso. Eles virão para a mansão no Brooklyn. Posso protegê-los lá."
"Você tem uma mansão," Carter disse. "No Brooklyn."
Amos deu a ele um sorriso divertido. "A mansão da família. Vocês estarão seguros lá."
"Mas nosso pai –"
"Está além da sua ajuda agora," Amos disse tristemente. "Eu sinto muito, Carter. Explicarei depois, mas Julius ia querer você a salvo. Para isso, devemos nos mover rápido. Receio que eu seja tudo que você tem."
Isso era um pouco duro, eu achei. Carter olhou para vovó e vovô. Então ele assentiu sombriamente. Ele sabia que eles não o queriam por perto. Ele sempre os lembrava do papai. E sim, era um motivo estúpido para não acolher seu neto, mas aí está.
"Bom, Carter pode fazer o que ele quiser," eu disse. "Mas eu moro aqui. E não vou embora com um estranho, vou?"
Eu olhei para vovó buscando apoio, mas ela estava olhando para as riscas na mesa como se de repente elas tivessem se tornado bem interessantes.
"Vovô, certamente..."
Mas ele não encontrou meus olhos também. Ele se virou para Amos. "Você pode tirá-los do país?"
"Espera aí!" protestei.
Amos se levantou e limpou as migalhas do seu terno. Ele andou até as portas do pátio e olhou para o rio. "A polícia voltará logo. Contem a eles o que quiserem. Eles não irão nos encontrar."
"Você vai nos sequestrar?" perguntei, abismada. Olhei para Carter. "Você acredita nisso?"
Carter colocou a bolsa por sobre o ombro. Então se levantou como se estivesse pronto para partir. Possivelmente ele só queria sair do flat de nossos avôs. "Como você planeja chegar a Nova York em uma hora?" ele perguntou a Amos. "Você disse, sem avião."
"Não," Amos concordou. Ele pôs um dedo na janela e tracejou alguma coisa na névoa – outro maldito hieróglifo.

“Um barco,” falei – então percebi que havia traduzido em voz alta, o que eu não deveria ser capaz de fazer.
Amos me olhou por cima de seus óculos redondos. “Como você –”
“Quero dizer, aquele pedaço pelo menos se parece com um barco,” falei abruptamente. “Mas isso não pode ser o que você quis dizer. Isso é ridículo.”
“Olhe!” Carter gritou.
Eu me imprensei ao lado dele nas portas do pátio. Mais a frente no cais, um barco estava ancorado. Mas não um barco qualquer, imagine você. Era um barco egípcio vermelho, com duas tochas queimando a frente, e um grande leme atrás. Uma figura num sobretudo preto e chapéu – possivelmente de Amos – estava em pé na beira.
Vou admitir, pela primeira vez, eu estava sem palavras.
“Nós vamos naquilo,” disse Carter. “Para o Brooklyn.”
“É melhor começarmos,” Amos falou.
Eu me virei para minha avó. “Por favor, vó!”
Ela limpou uma lágrima da bochecha. “É para o seu bem, minha querida. Você deve levar Muffin.”
“Ah, sim,” Amos disse. “Não podemos esquecer a gata.”
Ele se virou para a escada. Como se adivinhasse, Muffin desceu correndo e pulou direto para os meus braços. Ela nunca faz isso.
“Quem é você?” perguntei a Amos. Estava claro que eu estava ficando sem opções, mas pelo menos eu queria respostas. “Não podemos simplesmente ir embora com um estranho.”
“Eu não sou um estranho.” Amos sorriu para mim. “Sou família.”
E de repente eu me lembrei daquele rosto sorrindo para mim, dizendo. “Feliz aniversário, Sadie.” Uma memória tão distante, que eu havia quase esquecido.
“Tio Amos?” perguntei nebulosamente.
“Isso mesmo, Sadie,” ele falou. “Eu sou irmão de Julius. Agora suba a bordo. Temos um longo caminho pela frente.”

CARTER

CINCO

NÓS CONHECEMOS O MACACO

É O CARTER DE NOVO. SINTO MUITO. Nós tivemos que desligar o gravador por um tempo porque estávamos sendo seguidos por – bem, voltaremos a isso depois.
Sadie estava contando a você como deixamos Londres, certo?
De qualquer forma, nós seguimos Amos até o estranho barco ancorado no cais. Eu carregava a bolsa de ferramentas do meu pai embaixo do braço. Ainda não conseguia acreditar que ele se fora. Eu me senti culpado por deixar Londres sem ele, mas acreditei em Amos sobre uma coisa: nesse momento nosso pai estava além de nossa ajuda. Eu não confiava em Amos, mas imaginei que se quisesse descobrir o que acontecera com meu pai, eu teria que acompanhá-lo. Ele era a única pessoa que parecia saber alguma coisa.
Amos subiu a bordo do barco de junco. Sadie pulou logo depois, mas eu hesitei. Eu já tinha visto barcos como esse no Nilo antes, mas eles nunca pareceram muito firmes.
Ele era basicamente feito de rolos de fibra de planta trançados juntos – como um tapete gigante e flutuante. Considerei que as tochas na frente não podiam ser uma boa ideia, porque se não afundássemos, iríamos pegar fogo. Atrás, o leme era manejado por um pequeno sujeito que vestia o sobretudo preto de Amos e seu chapéu. O chapéu estava enfiado em sua cabeça, então não consegui ver o seu rosto. Suas mãos e pés estavam perdidos nas dobras do casaco.
"Como essa coisa se move?" perguntei a Amos. "Você não tem vela."
"Confie em mim." Amos me ofereceu sua mão.
A noite estava fria, mas quando pisei a bordo de repente me senti aquecido, como se as luzes das tochas estivessem lançando um calor protetor sobre nós. No meio do barco havia uma choupana feita de esteiras entrelaçadas. Dos braços de Sadie, Muffin a farejou e rosnou.
"Sente-se ali dentro," Amos sugeriu. "A viagem pode ser um pouco agitada."
"Eu vou ficar em pé, obrigada." Sadie acenou com a cabeça para o pequeno sujeito na parte de trás. "Quem é seu piloto?"
Amos agiu como se não tivesse escutado a pergunta. "Segurem-se todos!" Ele assentiu para o timoneiro e o barco deu uma guinada para a frente.
A sensação era difícil de descrever. Sabe aquele formigamento na boca do estômago quando você está em uma montanha-russa e ela entra em queda livre? Era mais ou menos como aquilo, exceto que não estávamos caindo, e a sensação não passava. O barco se movia a uma velocidade espantosa. As luzes da cidade eram um borrão, e em seguida foram engolidas por uma espessa neblina. Sons estranhos ecoavam na escuridão: rastejando e sibilando, gritos distantes, vozes sussurrando em línguas que eu não entendia.
O formigamento se transformou em náusea. Os sons ficaram mais altos, até eu mesmo estar a ponto de gritar. Então, de repente, o barco desacelerou. Os barulhos pararam, e a névoa se dissipou. As luzes de cidade retornaram, mais brilhantes do que antes.

Acima de nós assomava uma ponte, mais alta do que qualquer ponte em Londres. Meu estômago deu um lento giro. À esquerda, vi um horizonte familiar – o edifício Chrysler, o edifício Empire State.
“Impossível,” eu disse. “Esta é Nova York.”
Sadie parecia tão enjoada quanto eu. Ela ainda embalava Muffin, cujos olhos estavam fechados. A gata parecia estar ronronando. “Não pode ser,” Sadie disse. “Nós viajamos apenas por alguns minutos.”
E mesmo assim ali estávamos, velejando pelo rio East, bem embaixo da ponte Williamsburg. Nós deslizamos para parar perto de uma pequena doca no lado do Brooklyn do rio. À nossa frente, havia um depósito industrial cheio de pilhas de sucata e equipamentos velhos de construção. No centro de tudo isso, bem à beira da água, erguia-se um enorme armazém completamente coberto por grafite, as janelas tapadas.
“Aquilo não é uma mansão,” Sadie disse. Seus poderes de percepção eram realmente incríveis.
“Olhe novamente.” Amos apontou para o topo do edifício.
“Como... como você...” Minha voz falhou. Eu não sabia por que não tinha visto antes, mas agora era óbvio: uma mansão de cinco andares empoleirada no teto do armazém, como outra camada de um bolo. “Você não conseguiria construir uma mansão ali em cima!”
“Longa história,” disse Amos. “Mas nós precisávamos de um local privado.”
“E esta é a margem leste?” perguntou Sadie. “Você disse algo sobre isso em Londres – meus avôs vivendo na margem leste.”
Amos sorriu. “Sim. Muito bom, Sadie. Nos tempo antigos, a margem leste do Nilo era sempre o lado dos vivos, o lado em que o sol se erguia. Os mortos eram sepultados a oeste do rio. Era considerado agourento, até mesmo perigoso, viver ali. A tradição continua forte entre... o nosso povo.”
“Nosso povo?” perguntei, mas Sadie interveio com outra pergunta.
“Então você não pode morar em Manhattan?” ela perguntou.
Amos fraziu a testa enquanto olhava para além do edifício Empire State. “Manhattan tem outros problemas. Outros deuses. È melhor permanecermos separados.”
“Outros o quê?” Sadie exigiu.
“Nada.” Amos passou por nós e foi até o timoneiro. Ele arrancou o chapéu e o casaco do homem – e não havia ninguém por baixo. O timoneiro simplesmente não estava lá. Amos colocou seu chapéu fedora, dobrou seu casaco sobre seu braço, e então acenou para uma escadaria de metal que subia todo o caminho pela lateral do depósito até a mansão no telhado.
“Todos em terra firme,” ele disse. “E bem-vindos ao Vigésimo Primeiro Nome.”
“Gnomo?” perguntei, enquanto nós o seguíamos escada acima. “Como aqueles sujeitos minúsculos?”
“Céus, não,” disse Amos. “Eu odeio gnomos. Eles cheiram muito mal.”
“Mas você disse –”
“Nome, n-o-m-e. Como em um distrito, uma região. O termo é dos tempos antigos, quando o Egito era dividido em quarenta e duas províncias. Hoje, o sistema é um pouco diferente. Nós nos tornamos globais. O mundo é dividido em trezentos e sessenta nomes. Egito, é claro, é o Primeiro. A grande Nova York é o Vigésimo Primeiro.”
Sadie olhou para mim e girou o dedo em volta de sua têmpora.
“Não, Sadie,” Amos disse sem olhar para trás. “Eu não sou louco. Há muito que você precisa aprender.”
Nós alcançamos o topo das escadas. Olhando acima para a mansão, era difícil entender o que eu estava vendo. A casa tinha pelo menos quatro metros de altura, feita de

enormes blocos de calcário e janelas emolduradas em aço. Havia hieróglifos gravados em volta das janelas, e as paredes estavam iluminadas de forma que o lugar parecia algo entre um museu moderno e um templo antigo. Mas a coisa mais estranha era que se eu olhasse para outro lugar, o prédio inteiro parecia desaparecer.

Testei isso várias vezes só para ter certeza. Se eu olhasse para a mansão pelo canto do olho, não estava mais lá. Eu tinha que forçar meus olhos a focá-la novamente, e mesmo isso precisou de muita força de vontade.
Amos parou antes de chegar à entrada, que era do tamanho de um portão de garagem – um quadrado escuro e pesado de madeira com nenhuma maçaneta ou fechadura visível.
“Carter, depois de você.”
“Hum, como eu –”
“Como você acha?”
Ótimo, outro mistério. Eu estava a ponto de sugerir que batêssemos a cabeça de Amos contra aquilo para ver se isso funcionava. Então olhei novamente para a porta, e tive a mais estranha sensação. Estiquei meu braço. Lentamente, sem tocar na porta, levantei minha mão e a porta seguiu meu movimento – deslizando para cima até desaparecer no teto.

Sadie parecia atordoada. “Como...”
“Eu não sei,” admiti, um pouco envergonhado. “Sensor de movimento, talvez?”
“Interessante.” Amos soou um pouco perturbado. “Não foi como eu teria feito, mas muito bem. Extraordinariamente bom.”
“Obrigado, eu acho.”
Sadie tentou entrar primeiro, mas assim que ela pisou na soleira, Muffin gemeu e quase forçou sua saída dos braços de Sadie a arranhões.
Sadie tropeçou para trás. “O que foi, gata?”
“Oh, é claro,” disse Amos. “Minhas desculpas.” Ele colocou sua mão na cabeça da gata e disse, muito formalmente, “Você pode entrar.”
“A gata precisa de permissão?” perguntei.
“Circunstâncias especiais,” disse Amos, o que não foi muito uma explicação, mas ele caminhou para dentro sem dizer outra palavra. Nós o seguimos, e desta vez Muffin permaneceu quieta.
“Oh, meu deus...” o queixo de Sadie caiu. Ela ergueu o pescoço para olhar para o teto, e pensei que o chiclete poderia cair de sua boca.
“Sim,” disse Amos. “Este é o Grande Salão.”
Eu podia ver por que ele o chamava assim. O teto de vigas de cedro tinha quatro andares de altura, sustentado por pilares esculpidos em pedra gravados com hieróglifos. Uma estranha variedade de instrumentos musicais e armas do Egito Antigo decoravam as paredes. Três níveis de varandas rodeavam o cômodo, com fileiras de portas com vista para a área principal. A lareira era grande o suficiente para se estacionar um carro dentro, com uma TV de plasma no aparador e pesados sofás de couro de cada lado. No chão havia um tapete de pele de cobra, exceto por ter doze metros de comprimento e quatro metros e meio de largura – maior do que qualquer cobra.

Do lado de fora, através das paredes de vidro, eu podia ver o terraço que rodeava a casa. Tinha uma piscina, uma área de jantar, e um poço de fogo resplandecente. E na ponta mais distante do Grande Salão havia um conjunto de portas duplas marcadas com o Olho de Hórus, e trancadas com meia dúzia de cadeados. Eu imaginei o que poderia haver atrás delas.

Mas a real atração principal era a estátua no centro do Grande Salão. Tinha nove metros de altura, feita de mármore negro. Eu podia dizer que era um deus egípcio porque a figura tinha corpo humano e cabeça de animal – como uma cegonha ou uma garça, com um pescoço longo e um bico realmente comprido.
O deus estava vestido no estilo antigo com kilt, faixa, e colar. Ele segurava um estilete de escriba em uma mão, e um pergaminho aberto na outra, como se ele tivesse acabado de escrever os hieróglifos inscritos ali: um ankh – a cruz com alça ovalada egípcia – com um retângulo traçado em torno de seu topo.

"É isso!" Sadie exclamou. "Per Ankh."
Eu a encarei com descrença. "Tudo bem, como você pode ler aquilo?"
"Eu não sei," ela disse. "Mas é óbvio, não é? O topo é feito como a planta baixa de uma casa."
"De onde você tirou isso? É só uma caixa." O negócio era que ela estava certa. Eu reconheci o símbolo, e supostamente deveria ser a imagem simplificada de uma casa com uma porta de entrada, mas isso não seria óbvio para a maioria das pessoas, especialmente pessoas chamadas Sadie. Mesmo assim ela parecia absolutamente segura.
"É uma casa," ela insistiu. "E a imagem inferior é o ankh, o símbolo para vida. Per Ankh – a Casa da Vida."
"Muito bem, Sadie." Amos pareceu impressionado. "E esta é a estátua do único deus ainda admitido na Casa da Vida - pelo menos, normalmente. Você o reconhece, Carter?"
Só então eu me liguei: o pássaro era um íbis, uma ave que vivia nos rios egípcios. "Thoth," eu disse. "O deus do conhecimento. Ele inventou a escrita."
"De fato," disse Amos.
"Por que as cabeças de animais?" Sadie perguntou. "Todos esses deuses egípcios têm cabeças de animais. Eles parecem tão estúpidos."
"Eles normalmente não aparecem assim," disse Amos. "Não na vida real."
"Vida real?" perguntei. "Fala sério. Você fala como se os tivesse conhecido em pessoa."
A expressão de Amos não me tranquilizou. Parecia que ele estava se lembrando de algo desagradável. "Os deuses podem aparecer em várias formas – geralmente completamente humanos ou completamente animais, mas ocasionalmente em uma forma híbrida como essa. Eles são forças primordiais, entende, um tipo de ponte entre humanidade e natureza. Eles são representados com cabeças de animais para mostrar que eles existem em dois diferentes mundos de uma vez só. Você compreende?"
"Nem um pouco," disse Sadie.
"Mmm." Amos não soou surpreso. "Sim, teremos muito treinamento pela frente. De qualquer forma, o deus a sua frente, Thoth, fundou a Casa da Vida, por isso esta mansão é o quartel general regional. Ou pelo menos... costumava ser. Eu sou o único membro restante no Vigésimo Primeiro Nome. Ou era, até vocês dois chegarem."
"Espere aí." Eu tinha tantas perguntas que mal conseguia pensar por onde começar. "O que é a Casa da Vida? Por que Thoth é o único deus admitido aqui, e por que você –"

“Carter, entendo como se sente.” Amos sorriu simpaticamente. “Mas essas coisas são melhores discutidas na luz do dia. Você precisa dormir um pouco, e eu não quero que tenha pesadelos.”
“Você acha que consigo dormir?”
“Row.” Muffin se esticou nos braços de Sadie e soltou um enorme bocejo.
Amos bateu palmas. “Khufu!”
Pensei que ele tinha espirrado, porque Khufu é um nome estranho, mas então um carinha com um metro de altura, pelos dourados e uma camiseta roxa veio balançando escada abaixo. Levei um segundo para perceber que era um babuíno vestindo um moletom dos Lakers.
O babuíno deu um salto e aterrissou à nossa frente. Ele mostrou suas presas e fez um ruído que era meio rugido e meio arroto. Seu bafo cheirava a doritos sabor nacho.
Tudo o que eu pude pensar em dizer foi, “O Lakers é o time da minha cidade natal!”
O babuíno bateu na cabeça com as duas mãos e arrotou novamente.
“Ah, Khufu gosta de você,” disse Amos. “Vocês vão se dar esplendidamente bem.”
“Certo.” Sadie parecia atordoada. “Você tem um macaco mordomo. Por que não?”
Muffin ronronou nos braços de Sadie como se o babuíno não a incomodasse nem um pouco.
“Agh!” Khufu grunhiu pra mim.
Amos riu. “Ele quer um mano-a-mano com você, Carter. Para, ah, ver o seu jogo.”
Eu desloquei meu peso de um pé para o outro. “Hum, é. Claro. Talvez amanhã. Mas como você consegue entender –”
“Carter, temo que você terá muito com o que se acostumar,” disse Amos. “Mas se vocês querem sobreviver e salvar o pai de vocês, precisam de algum descanso.”
“Desculpe,” Sadie disse, “você disse ‘sobreviver e salvar nosso pai’? Você poderia desenvolver isso?”
“Amanhã,” disse Amos. “Começaremos sua orientação de manhã. Khufu, mostre a eles seus quartos, por favor.”
“Agh-uhh!” o babuíno grunhiu. Ele se virou e bamboleou escada acima. Infelizmente, o moletom do Lakers não cobria completamente seu traseiro multicolor.
Nós estávamos a ponto de segui-lo quando Amos disse, “Carter, a bolsa de ferramentas, por favor. É melhor que eu a tranque na biblioteca.”
Hesitei. Tinha quase esquecido a bolsa em meu ombro, mas era tudo que eu tinha do meu pai. Eu nem mesmo tinha nossa bagagem porque ela ainda estava trancada no Museu Britânico. Honestamente, eu tinha ficado surpreso por a polícia não ter pego a bolsa de ferramentas também, mas nenhum deles pareceu notá-la.
“Você vai tê-la de volta,” prometeu Amos. “No momento certo.”
Ele pediu com educação, mas algo em seus olhos me disse que eu realmente não tinha escolha.
Entreguei a maleta. Amos a tomou cautelosamente, como se estivesse cheia de explosivos.
“Vejo vocês de manhã.” Ele se virou e caminhou para as portas trancadas. Elas se auto-destravaram e abriram apenas o suficiente para que Amos passasse sem nos mostrar nada do outro lado. Então as correntes se fecharam novamente atrás dele.
Eu olhei para Sadie, incerto do que fazer. Ficarmos sozinhos no Grande Salão com a arrepiante estátua de Thoth não parecia muito divertido, então seguimos Khufu escada acima.
Sadie e eu recebemos quartos contíguos no terceiro andar, e eu tive que admitir, eles eram mais muito mais legais do que qualquer lugar em que eu estivera antes.

Eu tinha minha própria kitinete, completamente abastecida com meus lanches favoritos: ginger ale – [Não, Sadie. Não é refrigerante de gente velha! Fique quieta] – Twix, e Skittles. Parecia impossível. Como Amos sabia do que eu gostava? A TV, o computador e aparelho de som eram completamente high-tech. O banheiro estava abastecido com minhas marcas habituais de pasta de dente, desodorante, tudo. A cama king-size era incrível também, apesar do travesseiro ser um pouco estranho. Em vez de um travesseiro de tecido, era um encosto de cabeça de marfim como eu tinha visto em tumbas egípcias. Era decorado com leões e (é claro) mais hieróglifos.
O quarto tinha até mesmo um deque que dava para o Porto de Nova York, com vistas de Manhattan e da Estátua da Liberdade ao longe, mas as portas de vidro deslizantes estavam de algum modo trancadas. Aquele foi meu primeiro sinal de que havia algo errado.
Eu me virei para procurar por Khufu, mas ele se fora. A porta do meu quarto estava fechada. Tentei abrir, mas estava trancada.
Uma voz abafada veio do quarto ao lado. “Carter?”
“Sadie.” Tentei a porta para o seu quarto contíguo, mas também estava trancada.
“Nós somos prisioneiros,” ela disse. “Você acha que Amos... quero dizer, podemos confiar nele?”
Depois de tudo o que eu vira hoje, eu não confiava em nada, mas eu podia ouvir o medo na voz de Sadie. Isso desencadeou um sentimento desconhecido em mim, como se eu precisasse tranquilizá-la. A ideia pareceu ridícula. Sadie sempre pareceu muito mais corajosa do que eu – fazendo o que queria, nunca se importando com as consequências. Eu era o que ficava assustado. Mas agora, senti como se precisasse interpretar um papel que eu não interpretava há muito, muito tempo: o de irmão mais velho.
“Vai ficar tudo bem.” Tentei soar confiante. “Olhe, se Amos quisesse nos machucar, ele já poderia ter feito isso a essa altura. Tente dormir um pouco.”
“Carter?”
“Sim?”
“Foi mágica, não foi? O que aconteceu com papai no museu. O barco de Amos. Esta casa. Tudo isso é mágica.”

“Acho que sim.”
Eu pude ouvir seu suspiro. “Bom. Pelo menos não estou ficando louca.”
“Não deixe os percevejos te morderem,” falei. E percebi que eu não havia dito isso a Sadie desde que morávamos em Los Angeles juntos, quando mamãe ainda estava viva.
“Eu sinto falta do papai,” ela disse. “Eu quase nunca o via, eu sei, mas... sinto falta dele.”
Meus olhos ficaram um pouco marejados, mas respirei fundo. Eu não ia dar uma de fraco. Sadie precisava de mim. Nosso pai precisava de nós.
“Nós vamos encontrá-lo,” eu disse a ela. “Bons sonhos.”
Fiquei escutando, mas a única coisa que ouvi foi Muffin miando e correndo por ali, explorando seu novo espaço. Pelo menos ela não parecia infeliz.
Eu me preparei para dormir e subi na cama. Os cobertores eram quentes e confortáveis, mas o travesseiro era estranho demais. Ele me deu câibras no pescoço, então eu o coloquei no chão e fui dormir sem ele.
Meu primeiro grande erro.

CARTER

SEIS

CAFÉ DA MANHÃ COM UM CROCODILO

COMO DESCREVER ISSO? Não foi um pesadelo. Era muito mais real e assustador.
Enquanto eu adormecia, senti que estava ficando mais leve. Eu flutuei, virei, e vi minha própria forma adormecida abaixo.
Estou morrendo, pensei. Mas não era isso também. Eu não era um fantasma. Eu tinha uma nova forma dourada brilhante com asas no lugar de braços. Eu era uma espécie de pássaro. [Não, Sadie, não era uma galinha. Você vai me deixar contar a história, por favor?]
Eu sabia que não estava sonhando, porque eu não sonho colorido. Eu certamente não sonho em todos os cinco sentidos. O quarto cheirava levemente a jasmim. Eu podia ouvir as bolhas sibilando na lata de ginger ale que eu abrira na minha mesa de cabeceira. Podia sentir um vento frio através das minhas penas, e percebi que as janelas estavam abertas. Eu não queria sair, mas uma corrente forte me puxou para fora do quarto como uma folha em uma tempestade.
As luzes da mansão se extinguiram abaixo de mim. A linha do horizonte de Nova York ficou borrada e desapareceu. Eu disparei através da neblina e da escuridão, vozes estranhas sussurrando ao meu redor. Meu estômago formigou como anteriormente naquela noite na barca de Amos. Então a névoa clareou, e eu estava em um lugar diferente. Eu flutuei acima de uma montanha árida. Muito abaixo, uma grade de luzes da cidade se estendia por todo o vale. Definitivamente não era Nova York. Era noite, mas eu podia dizer que estava no deserto. O vento era tão seco que a pele do meu rosto estava como papel. E eu sei que não faz sentido, mas meu rosto parecia como meu rosto normal, como se essa parte de mim não tivesse se transformado em um pássaro. [Certo, Sadie. Pode me chamar de galinha com cabeça de Carter. Satisfeita?]
Abaixo de mim, em um cume, duas figuras estavam em pé. Eles não pareceram me notar, e percebi que não estava mais brilhando. Na verdade, eu estava bem invisível, flutuando na escuridão.
Eu não conseguia distinguir claramente as duas figuras, exceto para reconhecer que não eram humanas. Encarando com dificuldade, pude ver que um era pequeno, corcunda e calvo, com uma pele viscosa que brilhava à luz das estrelas – como um anfíbio em pé nas patas traseiras. O outro era alto e magro como um espantalho, com garras de galo no lugar de pés. Eu não podia ver seu rosto muito bem, mas ele parecia vermelho e purulento e... bem, vamos apenas dizer que fiquei contente por não poder vê-lo melhor.
"Onde ele está?" o que se parecia um sapo coaxou nervosamente.
"Não tomou um hospedeiro permanente ainda," o cara com pés de galo repreendeu. "Ele só pode aparecer por um curto período de tempo."
"Você está certo de que este é o lugar?"
"Sim, idiota! Ele estará aqui em breve –"
Uma forma flamejante apareceu no cume. As duas criaturas foram ao chão, rastejando na lama, e rezei como um louco pra que eu realmente estivesse invisível.
"Meu lorde!" disse o sapo.

Mesmo no escuro, o recém-chegado era difícil de ver – apenas a silhueta de um homem contornada por chamas.
“Como eles chamam este lugar?” perguntou o homem. E assim que ele falou, eu sabia com certeza que era o cara que tinha atacado o meu pai no Museu Britânico. Todo o medo que eu sentira no museu voltou correndo, me paralisando. Eu me lembrei de tentar pegar a pedra estúpida para jogar, mas eu não tinha sido capaz de fazer sequer isso. Eu tinha falhado completamente com meu pai.
“Meu lorde,” Pé de Galo disse. “A montanha é chamada Camelback. A cidade é chamada de Phoenix.”
O homem flamejante gargalhou – um som crescente como um trovão. “Phoenix. Que apropriado! E o deserto é como a nossa casa. Tudo o que precisa agora é ter toda vida expulsa. O deserto deve ser um lugar estéril, não acha?”
“Ah sim, meu lorde,” o sapo concordou. “Mas e quanto aos outros quatro?”
“Um já está enterrado,” disse o homem flamejante. “O segundo é fraco. Ela será facilmente manipulada. Isso deixa apenas dois. E lidarei com eles em breve.”
“Er... de que forma?” o sapo perguntou.
O homem flamejante resplandeceu ainda mais brilhante. “Você é um girino curioso, não é?” Ele apontou para o sapo e a pele da pobre criatura começou a fumegar.
“Não!” o sapo implorou. “Nããaoo!”
Eu mal consegui assistir. Eu não quero descrever. Mas se você ouviu o que acontece quando as crianças crueis derramam sal em lesmas, você terá uma boa ideia do que aconteceu com o sapo. Logo não havia mais nada.
Pé de Galo deu um nervoso passo para trás. Eu não podia culpá-lo.
“Vamos construir o meu templo aqui,” disse o homem flamejante, como se nada tivesse acontecido. “Esta montanha deve servir como meu lugar de adoração. Quando estiver completo, vou convocar a maior tempestade já vista. Eu vou purificar tudo. Tudo.”
“Sim, meu lorde,” Pé de Galo concordou rapidamente. “E, ah, se eu puder sugerir, meu lorde, para aumentar seu poder...” A criatura se curvou e rastejou se movendo para a frente, como se quisesse sussurrar no ouvido do homem flamejante.
Bem quando pensei que o Pé de Galo ia virar galinha frita com certeza, ele disse algo ao cara flamejante que eu não consegui ouvir, e o cara flamejante queimou mais brilhante.
“Excelente! Se você puder fazer isso, você será recompensado. Se não...”
“Eu compreendo, meu lorde.”
“Vá então,” disse o homem flamejante. “Liberte as nossas forças. Comece com os pescoços compridos. Isso deve amolecê-los. Recolha os jovens e os traga para mim. Eu os quero vivos, antes que tenham tempo para aprender os seus poderes. Não falhe.”
“Não, lorde.”
“Phoenix,” meditou o homem flamejante. “Eu gosto muito disso.” Ele varreu a mão pelo horizonte, como se estivesse imaginando a cidade em chamas. “Em breve irei ressurgir das suas cinzas. Será um presente de aniversário adorável.”
Acordei com meu coração batendo forte, de volta ao meu próprio corpo. Eu me sentia quente, como se o cara flamejante estivesse começando a me queimar. Então percebi que havia um gato no meu peito.
Muffin me encarou, os olhos semicerrados. “Row.”
“Como você entrou?” murmurei.
Eu me sentei, e por um segundo eu não tinha certeza de onde estava. Algum hotel em outra cidade? Quase chamei por meu pai... e então me lembrei.
Ontem. O museu. O sarcófago.
Tudo isso me esmagou com tanta força que eu mal podia respirar.

Pare, eu disse a mim mesmo. Você não tem tempo para tristeza. E isso vai soar estranho, mas a voz na minha cabeça quase soou como uma pessoa diferente – mais velho, mais forte. Ou isso era um bom sinal, ou eu estava enlouquecendo.
Lembre-se do que você viu, disse a voz. *Ele está atrás de você. Você tem que estar preparado.*
Estremeci. Eu queria acreditar que apenas tivera um sonho ruim, mas eu sabia melhor. Eu havia passado por muita coisa nos últimos dias para duvidar do que eu tinha visto. De alguma forma, eu realmente havia deixado meu corpo enquanto dormia. Eu estivera em Phoenix – a milhares de quilômetros de distância. O cara flamejante estava lá. Eu não tinha entendido muito o que ele dissera, mas ele falou sobre enviar suas forças para capturar os jovens. Puxa, imagina quem poderia ser?
Muffin pulou da cama e cheirou o encosto de cabeça feito de marfim, olhando para mim como se estivesse tentando me dizer algo.
“Você pode ficar com isso,” disse ela. “É desconfortável.”
Ela bateu a cabeça contra o encosto e me encarou acusadoramente. “Mrow.”
“Que seja, gata.”
Eu me levantei e tomei banho. Quando tentei me vestir, descobri que minhas roupas antigas tinham desaparecido durante a noite. Tudo no armário era do meu tamanho, mas muito diferente do que eu estava acostumado – calças largas de cordão e camisas soltas, tudo de linho claramente branco, e vestes para o tempo frio, do tipo que os fellahin, camponeses no Egito, usavam. Não era exatamente o meu estilo.
Sadie gosta de me dizer que eu não tenho um estilo. Ela reclama que me visto como um homem velho – camisa de botão, calças, sapatos sociais. Ok, talvez. Mas aqui é que está. Meu pai tinha sempre tentara por na minha cabeça que eu tinha de vestir o meu melhor.
Eu me lembro da primeira vez que ele me explicou isso. Eu tinha dez anos. Estávamos a caminho do aeroporto de Atenas, e era como 112 graus lá fora, e eu estava reclamando que queria vestir shorts e uma camiseta. Por que não posso ficar confortável? Nós não estávamos indo a lugar algum importante naquele dia – só viajando.
Meu pai pôs a mão no meu ombro. “Carter, você está ficando mais velho. Você é um homem afro-americano. Pessoas irão julgá-lo duramente, e por isso você deve sempre estar impecável.”
“Isso não é justo!” insisti.
“Justiça não significa que todos recebem o mesmo,” meu pai disse. “Justiça significa que todos recebem o que necessitam. E a única maneira de conseguir o que você precisa é você mesmo fazer com que isso aconteça. Você entende?”
Eu lhe disse que não. Mas ainda assim fiz o que ele pediu – como me importar com o Egito, e basquete, e música. Como viajar com apenas uma mala. Eu me vesti da forma como meu pai queria, porque meu pai estava sempre certo. Na verdade, eu nunca tinha visto ele estar errado... até a noite no Museu Britânico.
Enfim, coloquei as roupas de linho do armário. As sapatilhas eram confortáveis, embora eu duvidasse que seriam de alguma utilidade para correr.
A porta do quarto de Sadie estava aberta, mas ela não estava lá.
Felizmente a porta do meu quarto não estava mais fechada. Muffin se juntou a mim e descemos as escadas, passando por vários quartos desocupados no caminho. A mansão poderia facilmente ter uma centena de pessoas dormindo, mas em vez disso, parecia vazia e triste.
Abaixo, no Grande Salão, Khufu, o babuíno, estava sentado no sofá com uma bola de basquete entre as pernas e um pedaço de carne de aparência estranha em suas mãos.

Estava coberto de penas cor de rosa. A televisão estava na ESPN, e Khufu estava assistindo os destaques dos jogos da noite anterior.
“Ei,” eu disse, embora me sentisse um pouco estranho falando com ele. “Os Lakers ganharam?”
Khufu olhou pra mim e bateu na bola de basquete como se quisesse jogo. “Agh, agh.”
Ele tinha uma pena cor-de-rosa pendurada em seu queixo, e a visão fez meu estômago revirar.
“Hum, é,” falei. "Vamos jogar mais tarde, ok?"
Eu podia ver Sadie e Amos no terraço, tomando café da manha à beira da piscina. Devia estar congelamento lá fora, mas o poço do fogo ardia em chamas, e nem Amos nem Sadie pareciam estar com frio. Eu me encaminhei para eles, então hesitei na frente da estátua de Thoth. À luz do dia, o deus com cabeça de ave não parecia tão assustador. Ainda assim, eu poderia jurar que aqueles olhos lustrosos me observavam com expectativa.
O que o cara flamejante dissera ontem à noite? Algo sobre nos pegar antes de aprendermos nossos poderes. Isso soava ridículo, mas por um momento eu senti um surto de força – como na noite anterior, quando eu abri a porta da frente apenas erguendo minha mão. Senti como se pudesse erguer qualquer coisa, mesmo esta estátua de nove metros se eu quisesse. Numa espécie de transe, eu dei um passo a frente.
Muffin miou impaciente e bateu no meu pé. A sensação se dissolveu.
“Você está certa,” falei para gata. “Ideia estúpida.”
Além disso, eu podia sentir o cheiro do café da manhã agora – torrada, bacon, chocolate quente – e eu não podia culpar Muffin por estar com pressa. Eu a segui para o terraço.
“Ah, Carter,” disse Amos. “Feliz Natal, meu rapaz. Junte-se a nós.”
“Até que enfim,” Sadie resmungou. “Estou acordada há um tempão.”
Mas ela sustentou meu olhar por um momento, como se ela estivesse pensando a mesma coisa que eu: Natal. Nós não havíamos passado uma manhã de natal juntos desde que mamãe morreu. Imaginei se Sadie se lembrava de como costumávamos fazer as decorações do olho de deus com fios e palitos de picolé.
Amos se serviu de uma xícara de café. Suas roupas eram semelhantes às que ele usara na véspera, e eu tinha que admitir que o cara tinha estilo. Seu terno sob medida era feito de lã azul, ele usava um chapéu fedora combinando, e seu cabelo foi recentemente trançado com lapis lazuli azul escuro, uma das pedras que os egípcios costumam usar como jóia. Até seus óculos combinavam. As lentes redondas eram tingidas de azul. Um sax tenor repousava sobre uma bancada perto da fogueira, e eu podia perfeitamente imaginá-lo tocando aqui, fazendo serenata para o rio East.
Quanto a Sadie, ela estava vestida em um traje de linho branco tipo pijama como eu, mas de algum modo ela conseguira manter suas botas de combate. Ela provavelmente havia dormido com elas. Ela parecia bastante cômica com o cabelo listrado de vermelho e aquela roupa, mas como eu não estava vestido melhor, eu não poderia zombar dela.
“Hum... Amos?” perguntei. “Você não tem alguma ave de estimação, tem? Khufu está comendo alguma coisa com penas cor de rosa.”
“Mmm,” Amos sorveu um gole do seu café. “Lamento se isso incomodou você. Khufu é muito exigente. Ele só come alimentos que terminam em -o. Doritos, burritos, flamingos.”
Eu pisquei. “Você disse –“
“Carter,” Sadie advertiu. Ela parecia um pouco enjoada, como se já tivesse tido esta conversa. “Não pergunte.”
“Ok,” falei. “Não pergunto.”

“Por favor, Carter, sirva-se.” Amos acenou em direção a uma mesa de buffet com pilhas altas de comida. “Então poderemos começar com as explicações.”
Eu não vi nenhum flamingo na mesa do buffet, o que estava bom para mim, mas havia praticamente tudo mais. Eu peguei panquecas com manteiga e melado, um pouco de bacon, e um copo de suco de laranja.
Então notei movimento pelo canto do meu olho. Olhei de relance para a piscina. Algo longo e pálido estava deslizando sob a superfície da água.
Quase derrubei meu prato. “Aquilo é –“
“Um crocodilo,” Amos confirmou. “Para dar boa sorte. Ele é albino, mas, por favor, não mencione isso. Ele é sensível.”
“Seu nome é Felipe da Macedônia,” Sadie me informou.
Eu não tinha certeza de como Sadie estava levando isso com tanta calma, mas calculei que se ela não estava pirando, eu também não iria.
“É um nome comprido,” falei.
“Ele é um crocodilo comprido,” disse Sadie. “Ah, e ele gosta de bacon.”
Para provar seu ponto, ela jogou um pedaço de bacon por cima do ombro. Felipe pulou para fora d’água e abocanhou o regalo. Seu couro era todo branco e seus olhos eram cor de rosa. Sua boca era tão grande, que ele poderia ter abocanhado um porco inteiro.
“Ele é bem inofensivo com os meus amigos,” Amos me assegurou. “Nos tempos antigos, nenhum templo estaria completo sem um lago cheio de crocodilos. Eles são poderosas criaturas mágicas.”
“Certo,” eu disse. “Então, um babuíno, um crocodilo... mais algum animal de estimação que eu deveria saber?”
Amos pensou por um momento. “Visível? Não, acho que é isso.”
Eu me sentei em uma cadeira o mais distante possível da piscina. Muffin circulou meus pés e ronronou. Eu esperava que ela tivesse bom senso suficiente para ficar longe de crocodilos mágicos chamados Filipe.
“Então, Amos,” eu disse entre mordidas na panqueca. “Explicações.”
“Sim,” ele concordou. “Por onde começar...”
“Pelo nosso pai,” sugeriu Sadie. “O que aconteceu com ele?”
Amos respirou fundo. “Julius estava tentando convocar um deus. Infelizmente, funcionou.”
Foi meio difícil levar Amos a sério, falando sobre convocar deuses enquanto ele espalhava manteiga em um bagel.
“Algum deus em particular?” perguntei casualmente. “Ou ele apenas pediu por um deus genérico?”
Sadie me chutou por baixo da mesa. Ela estava carrancuda, como se realmente acreditasse no que Amos estava dizendo.
Amos deu uma mordida no bagel. “Há muitos deuses egípcios, Carter. Mas seu pai foi atrás de um em particular.”
Ele olhou pra mim significativamente.
“Osíris,” eu me lembrei. “Quando meu pai estava de pé em frente à Pedra de Roseta ele disse, ‘Osiris, venha.’ Mas Osíris é uma lenda. Ele é faz-de-conta.”
“Eu gostaria que isso fosse verdade.” Amos olhou através do rio East para a linha do horizonte de Manhattan, brilhando ao sol da manhã. “Os egípcios antigos não eram tolos, Carter. Eles construíram as pirâmides. Eles criaram o primeiro grande Estado-Nação. Sua civilização durou milhares de anos.”
“É,” falei. “E agora eles se foram.”
Amos sacudiu a cabeça. “Um legado tão poderoso não desaparece. Comparado aos egípcios, gregos e romanos eram bebês. Nossas nações modernas, como a Grã-Bretanha

e a América? Um piscar de olhos. A raiz mais antiga da civilização, pelo menos da civilização ocidental, é o Egito. Olhe para a pirâmide na nota de um dólar. Olhe para o Monumento de Washington – o maior obelisco egípcio do mundo. O Egito está muito vivo. E assim, infelizmente, estão seus deuses."

"Qual é?" argumentei. "Quero dizer... mesmo que eu acredite que há realmente algo chamado magia. Acreditar em deuses antigos é totalmente diferente. Você está brincando, não é?"

Mas enquanto eu dizia isso, pensei sobre o cara flamejante no museu, no modo como seu rosto havia mudado entre humano e animal. E a estátua de Thot – como seus olhos tinham me seguido.

"Carter," disse Amos, "os egípcios não teriam sido estúpidos o suficiente para acreditar em deuses imaginários. Os seres que eles descreveram em seus mitos são muito, muito reais. Nos velhos tempos, os sacerdotes do Egito podiam chamar esses deuses para canalizar o seu poder e realizar grandes feitos. Essa é a origem do que hoje chamamos de magia. Como muitas outras coisas, a magia foi inventada pelos egípcios. Cada templo tinha um ramo de magos chamado de Casa da Vida. Seus magos eram famosos por todo mundo antigo."

"E você é um mago egípcio."

Amos assentiu. "Assim como seu pai. Você mesmo viu isso noite passada."

Eu hesitei. Era difícil negar que meu pai tinha feito algumas coisas estranhas no museu – algumas coisas que pareciam mágica.

"Mas ele é um arqueólogo," eu disse teimosamente.

"Este era o seu disfarce. Você vai lembrar que ele se especializou em traduzir feitiços antigos, que são muito difíceis de entender a menos que você mesmo realize mágica. Nossa família, a família Kane, tem sido parte da Casa da vida quase desde o início. E a família da sua mãe é quase tão antiga."

"Os Faust?" Tentei imaginar vovô e vovó Faust fazendo mágica, mas a menos que assistir rugby na TV e queimar cookies seja mágico, eu não via como.

"Eles não tem praticado mágica por muitas gerações," Amos admitiu. "Não até a chegada da sua mãe. Mas sim, uma linhagem muito antiga."

Sadie balançou a cabeça em descrença. "Agora minha mãe era mágica, também. Você está brincando?"

"Sem brincadeiras," prometeu Amos. "Vocês dois... vocês combinam o sangue de duas famílias antigas, sendo que ambas têm uma história longa, complicada com os deuses. Vocês são as crianças Kane mais poderosas a nascer em muitos séculos."

Tentei absorver isso por um instante. No momento, eu não me sentia poderoso. Eu me sentia enjoado. "Você está me dizendo que nossos pais secretamente adoravam deuses com cabeças de animais?" perguntei.

"Não adoravam," Amos corrigiu. "Lá pelo fim dos tempos antigos, os egípcios tinham aprendido que seus deuses não eram para ser adorados. Eles são seres poderosos, forças primordiais, mas não são divinos no sentido de que se poderia pensar de Deus. Eles são criados entidades, como os mortais, só que muito mais poderosos. Nós podemos respeitá-los, temê-los, usar o seu poder, ou mesmo lutar contra eles para mantê-los sob controle –"

"Lutar contra deuses?" Sadie interrompeu.

"Constantemente," Amos lhe assegurou. "Mas não os adoramos. Thot nos ensinou isso."

Olhei para Sadie procurando por apoio. O velho tinha que ser louco. Mas a expressão de Sadie era a de quem acreditava em cada palavra.

"Então..." eu disse. "Por que meu pai quebrou a Pedra Roseta?

“Oh, tenho certeza que ele não queria quebrá-la,” disse Amos. “Isso o teria horrorizado. Na verdade, eu imagino que meus irmãos em Londres já tenham reparado o dano. Os curadores logo verificarão seus cofres e descobrirão que a pedra de Roseta milagrosamente sobreviveu à explosão.”
“Mas ela explodiu em um milhão de pedaços!” falei. “Como poderiam repará-la?”
Amos pegou um pires e o jogou no chão de pedra. O pires se despedaçou imediatamente.
“Isso foi para destruir,” disse Amos. “Eu poderia ter feito isso por mágica – ha-di – mas é mais simples apenas quebrá-lo. E agora...” Amos estendeu a mão. “Junte-se. Hi-nehm.”
Um símbolo azul hieroglífico queimou no ar acima da palma da sua mão.

Os pedaços do pires voaram para sua mão e se reagruparam como um quebra-cabeças, até os menores pedaços de poeira colando-se no devido lugar. Amos colocou o pires de volta perfeito sobre a mesa.
“Algum truque,” consegui falar. Tentei soar calmo sobre isso, mas eu estava pensando em todas as coisas estranhas que tinham acontecido com meu pai e comigo ao longo dos anos, como aqueles homens armados no hotel em Cairo que tinham acabado pendurados pelos pés em um candelabro. Seria possível que meu pai fizera isso acontecer com algum tipo de feitiço?
Amos colocou leite no pires, e o pôs no chão. Muffin veio correndo. “De qualquer forma, seu pai nunca danificaria intencionalmente uma relíquia. Ele simplesmente não percebeu o quanto de poder a Pedra de Roseta continha. Você vê, como o Egito desapareceu, a sua magia se reuniu e se concentrou em suas relíquias remanescentes. A maioria delas, é claro, ainda estão no Egito. Mas você pode encontrar algumas em quase todos os grandes museus. Um mago pode usar esses artefatos como pontos focais para trabalhar feitiços mais poderosos.”
“Não entendi,” falei.
Amos estendeu as mãos. “Sinto muito, Carter. É preciso anos de estudo para compreender a mágica, e estou tentando explicar a você em uma única manhã. O importante é que durante os últimos seis anos seu pai esteve procurando uma maneira de convocar Osíris, e ontem à noite ele pensou que tinha encontrado o artefato certo para fazer isso.”
“Espere, por que ele queria Osíris?”
Sadie me deu um olhar perturbado. “Carter, Osíris era o senhor dos mortos. Papai estava falando sobre consertar as coisas. Ele estava falando da mamãe.”
De repente a manhã parecia mais fria. A fogueira crepitou no vento vindo do rio.
“Ele queria trazer nossa mãe de volta dos mortos?” eu disse. “Mas isso é loucura!”
Amos hesitou. “Teria sido perigoso. Desaconselhável. Tolo. Mas não loucura. Seu pai é um mago poderoso. Se, de fato, era disso que ele estava atrás, poderia ter conseguido usando o poder de Osíris.”
Encarei Sadie. “Você está realmente acreditando nisso?”
“Você viu a magia no museu. O cara flamejante. Nosso pai convocou alguma coisa da pedra.”
“É,” eu disse, pensando no meu sonho. “Mas não foi Osíris, foi?”

“Não,” disse Amos. “Seu pai teve mais do que ele esperava. Ele libertou o espírito de Osíris. Na verdade, eu acho que ele se uniu ao deus com sucesso –”
“Se uniu?”
Amos ergueu sua mão. “Outra conversa longa. Por enquanto, vamos apenas dizer que ele extraiu o poder de Osíris para si. Mas ele nunca teve a chance de usá-lo porque, de acordo com o que Sadie me contou, parece que Julius libertou cinco deuses da Pedra de Roseta. Cinco deuses que foram presos juntos.”
Olhei para Sadie. “Você contou tudo a ele?”
“Ele vai nos ajudar, Carter.”
Eu não estava pronto para confiar nesse cara, mesmo se ele fosse nosso tio, mas decidi que não tinha muita escolha.
“Ok, certo,” eu disse. “O cara flamejante disse algo como ‘Você libertou todos os cinco.’ O que ele quis dizer?”
Amos bebeu um gole de café. O olhar distante em seu rosto me lembrou do meu pai.
“Eu não quero assustar vocês.”
“Tarde demais.”
“Os deuses do Egito são muito perigosos. Durante os últimos dois mil anos ou algo assim, nós, mágicos, gastamos muito do nosso tempo prendendo e banindo-os sempre que apareciam. Na verdade, a nossa lei mais importante, emitida pelo Chefe Lector Iskandar no tempo dos romanos, proíbe libertar os deuses ou usar o poder deles. Seu pai quebrou essa lei uma vez antes.”
O rosto de Sadie empalideceu. “Isso tem algo a ver com a morte da mamãe? Com a Agulha de Cleópatra em Londres?”
“Tem tudo a ver com isso, Sadie. Seus pais... bem, eles acharam que estavam fazendo algo bom. Eles assumiram um risco terrível, e isso custou a sua mãe a vida dela. Seu pai levou a culpa. Pode-se dizer que ele foi exilado. Banido. Ele foi forçado a se deslocar constantemente porque a Casa monitorava suas atividades. Eles temiam que ele continuasse com sua... pesquisa. Como de fato ele fez.”
Pensei nas vezes em que meu pai olhava sobre seu ombro enquanto copiava algumas inscrições antigas, ou me acordar às três ou quatro da manhã e insistir que era hora de mudar de hotel, ou me alertar para não olhar em sua bolsa de ferramentas ou copiar certas figuras de paredes de antigos templos – como se nossas vidas dependessem disso.
“É por isso que você nunca aparecia?” Sadie perguntou a Amos. “Porque nosso pai foi banido?”
“A Casa me proibiu de vê-lo. Eu amei Julius. Doeu em mim ficar longe do meu irmão, e de vocês, crianças. Mas eu não podia vê-los – até a noite passada, quando eu simplesmente não tive escolha salvo tentar ajudar. Julius tem sido obcecado por encontrar Osíris durante anos. Ele foi consumido pela tristeza por causa do que aconteceu com sua mãe. Quando eu soube que Julius estava prestes a quebrar a lei novamente, para tentar acertar as coisas, eu tive que impedi-lo. Uma segunda ofensa teria significado uma sentença de morte. Infelizmente, falhei. Eu deveria saber que ele era teimoso demais.”
Olhei para meu prato. Minha comida havia ficado fria. Muffin saltou para cima da mesa e se esfregou na minha mão. Quando eu não objetei, ela começou a comer o meu bacon.
“Ontem à noite no museu,” falei, “a menina com a faca, o homem com a barba bifurcada – eles eram mágicos também? Da Casa da Vida?”
“Sim,” disse Amos. “Mantendo um olho no seu pai. Vocês têm sorte que deixaram você ir.”
“A menina queria nos matar,” lembrei. “Mas o cara com a barba disse, ainda não.”

“Eles não matam a menos que seja absolutamente necessário,” disse Amos. “Eles vão esperar para ver se vocês são uma ameaça.”
“Por que seríamos uma ameaça?” Sadie exigiu. “Nós somos crianças! A convocação não foi ideia nossa.”
Amos afastou seu prato. “Há uma razão para que vocês fossem criados separadamente.”
“Porque os Fausts levaram nosso pai ao tribunal,” falei. “E ele perdeu.”
“Foi muito mais do que isso,” disse Amos. “A Casa insistiu para que vocês fossem separados. Seu pai queria ficar com os dois, mesmo sabendo o quão perigoso era.”
Sadie parecia que ela tinha sido acertada entre os olhos. “Ele sabia?”
“Claro que sim. Mas a Casa interveio e fez com que seus avôs tivessem a sua custódia, Sadie.”
“Se você e Carter fossem criados juntos, vocês poderiam ter se tornado muito poderosos. Talvez vocês já tenham percebido mudanças ao longo do dia anterior.”
Pensei sobre os picos de força que eu sentira, e na forma como Sadie de repente parecia saber ler Egípcio Antigo. Então pensei em algo ainda mais antigo.
“O seu sexto aniversário,” falei para Sadie.
“O bolo,” ela disse imediatamente, a memória passando entre nós como uma faísca de eletricidade.
Na festa de aniversário de seis anos de Sadie, a última que tínhamos partilhado como uma família, Sadie e eu tivemos uma grande discussão.
Eu não me lembro sobre o que era. Acho que quis soprar as velas pra ela. Começamos a gritar. Ela agarrou minha camisa. Eu a empurrei. Eu me lembro do meu pai correndo em nossa direção, tentando intervir, mas antes que ele pudesse, o bolo de aniversário de Sadie explodiu. Glacê respingou nas paredes, nos nossos pais, nos rostos dos amigos de seis anos de Sadie. Papai e mamãe nos separaram. Eles me mandaram para o meu quarto. Mais tarde, eles disseram que nós devíamos ter atingido o bolo por acidente enquanto estávamos lutando, mas eu sabia que não. Algo muito mais estranho tinha feito o bolo explodir, como se tivesse respondido a nossa raiva. Eu me lembrei de Sadie chorando com um pedaço de bolo na testa, uma vela de cabeça pra baixo presa ao teto com seu pavio ainda queimando, e um visitante adulto, um dos amigos dos meus pais, os óculos salpicados com glacê branco.
Eu me virei para Amos. “Era você. Você estava na festa de Sadie.”
“Glacê de baunilha,” ele se lembrou. “Muito saboroso. Mas mesmo naquela época ficou claro que seria difícil criar vocês dois na mesma casa.”
“Então...” hesitei. “O que acontece conosco agora?”
Eu não queria admitir, mas não podia suportar a ideia de ser separado de Sadie novamente. Ela não era muito, mas era tudo que eu tinha.
“Vocês devem ser treinados adequadamente,” disse Amos, “a Casa aprovando ou não.”
“Por que não iriam aprovar?” perguntei.
“Vou explicar tudo, não se preocupe. Mas temos que começar suas aulas se queremos ter qualquer chance de encontrar seu pai e consertar as coisas. Caso contrário, o mundo inteiro está em perigo. Se pelo menos soubéssemos onde –“
“Phoenix,” disparei.
Amos me encarou. “O quê?”
“Noite passada eu tive... bem, não um sonho, exatamente...” Eu me senti estúpido, mas contei a ele o que tinha acontecido enquanto eu dormia.
A julgar pela expressão de Amos, a notícia foi ainda pior do que eu pensava.
“Você tem certeza que ele disse ‘presente de aniversário’?” ele perguntou.
“É, mas o que isso significa?”
“E um hospedeiro permanente,” Amos disse. “Ele ainda não tem um?”

“Bem, foi isso que o cara com pé de galo falou –“
“Esse era um demônio,” disse Amos. “Um servo do caos. E se os demônios estão vindo através do mundo mortal, não temos muito tempo. Isto é ruim, muito ruim.”
“Se você mora em Phoenix,” falei.
“Carter, nosso inimigo não vai parar em Phoenix. Se ele ficou tão poderoso tão rapidamente assim... O que ele disse sobre a tempestade, exatamente?”
“Ele disse: ‘Vou convocar a maior tempestade já vista.’”
Amos franziu o cenho. “Da última vez que ele disse isso, ele criou o Saara. Uma tempestade daquele porte poderia destruir a América do Norte, gerando um caos energético suficiente para dar a ele uma forma quase invencível.”
“Do que você está falando? Quem é esse cara?”
Amos acenou a questão para longe. “O mais importante agora: por que você não dormiu com o apoio para cabeça?”
Dei de ombros. “Era desconfortável.” Olhei para Sadie em busca de apoio. “Você não usou, usou?”
Sadie revirou os olhos. “Bem, é claro que usei. Obviamente estava lá por uma razão.”
Às vezes eu realmente odeio minha irmã. [Ei! Esse é o meu pé!]
“Carter,” disse Amos, “dormir é perigoso. É uma porta aberta para o Duat.”
“Adorável,” Sadie resmungou. “Outra palavra estranha.”
“Ah... sim, me desculpe,” disse Amos. “O Duat é o mundo de espíritos e magia. Ele existe abaixo do mundo vigilante como um vasto oceano, com muitas camadas e regiões. Nós submergirmos bem sob a sua superfície noite passada para chegar a Nova York, porque viajar através do Duat é muito mais rápido.
Carter, a sua consciência também passou através das correntes mais rasas enquanto você dormia, e foi assim que você presenciou o que aconteceu em Phoenix. Felizmente, você sobreviveu a essa experiência. Mas quanto mais fundo você for no Duat, mais coisas horríveis você encontrar, mais difícil será retornar. Há reinos inteiros cheios de demônios, palácios onde os deuses existem em suas formas verdadeiras, tão poderosos que a mera presença queimaria um ser humano até as cinzas. Há prisões que contêm seres de uma perversidade indescritível, e alguns abismos tão profundos e caóticos que nem mesmo os deuses se atrevem a explorá-los. Agora que seus poderes estão se agitando, você não deve dormir sem proteção, ou você se deixa vulnerável a ataques do Duat ou... a viagens não intencionais através dele. O encosto de cabeça é encantado para manter sua consciência ancorada ao seu corpo.”
“Você quer dizer que eu realmente fiz...” minha boca tinha gosto de metal. “Ele poderia ter me matado?”
A expressão de Amos era grave. “O fato de que a sua alma pode viajar dessa forma significa que você está progredindo mais rápido do que eu pensava. Mais rápido do que deveria ser possível. Se o Lorde Vermelho tivesse notado você –”
“O Lorde Vermelho?” Sadie disse. “Esse é o cara flamejante?”
Amos se levantou. “Eu devo descobrir mais. Não podemos simplesmente esperar por ele para descobrir. E se ele liberar a tempestade no seu aniversário, no auge dos seus poderes –”
“Você quer dizer que está indo para Phoenix?” Eu mal consegui botar as palavras para fora. “Amos, aquele homem flamejante derrotou nosso pai como se a magia dele fosse uma piada! Agora ele tem demônios, e está ficando mais forte, e – você será morto!”
Amos me deu um sorriso seco, como se ele já tivesse pesado o perigo e não precisasse de um lembrete. Sua expressão me lembrou dolorosamente do meu pai. “Não conte com seu tio fora do jogo tão rapidamente, Carter. Eu tenho um pouco de magia minha. Além disso, eu preciso ver o que está acontecendo por mim mesmo se vamos ter alguma

chance de salvar seu pai e parar o Lorde Vermelho. Vou ser rápido e cuidadoso. Apenas fique aqui. Muffin vai protegê-los."
Pisquei. "A gata vai nos proteger? Você não pode simplesmente nos deixar aqui! E quanto ao nosso treinamento?"
"Quando eu retornar," Amos prometeu. "Não se preocupem, a mansão é protegida. Apenas não saiam. Não sejam enganados a abrir a porta para alguém. E, aconteça o que acontecer, não entrem na biblioteca. Eu proíbo absolutamente. Estarei de volta ao pôr do sol."
Antes que pudéssemos protestar, Amos andou calmamente até a borda do terraço e pulou.
"Não!" Sadie gritou. Corremos para o parapeito e olhamos para baixo. Era uma queda de trinta metros para dentro do rio East. Não havia nenhum sinal de Amos. Ele simplesmente desaparecera.
Filipe da Macedônia chapinhou em sua piscina. Muffin pulou na grade e insistiu que fizéssemos carinho nela.
Estávamos sozinhos em uma mansão estranha com um babuíno, um crocodilo e uma gata estranha. E aparentemente, o mundo inteiro estava em perigo.
Olhei para Sadie. "O que fazemos agora?"
Ela cruzou os braços. "Bem, isso é óbvio, não é? Nós exploramos a biblioteca."

SADIE

SETE

DERRUBO UM HOMENZINHO DE CABEÇA

HONESTAMENTE, CARTER É TÃO ESTÚPIDO às vezes que não consigo acreditar que somos irmãos. Quero dizer, quando alguém diz que proibiu algo, é um bom sinal de que vale a pena fazê-lo. Eu me dirigi à biblioteca imediatamente.
“Espere!” gritou Carter. “Você não pode simplesmente —”
“Irmão querido,” falei, “sua alma deixou o seu corpo de novo enquanto Amos estava falando, ou você realmente o ouviu? Deuses egípcios de verdade. O maligno Lorde Vermelho. O aniversário do Lorde Vermelho: muito em breve, muito ruim. Casa da Vida: velhos magos nervosinhos que odeiam a nossa família porque papai foi um pouco rebelde, de quem, à propósito, você poderia tirar uma lição. O que nos deixa — somente a nós — com nosso pai desaparecido, um deus maligno prestes a destruir o mundo, e um tio que acabou de pular de um prédio — e eu realmente não posso culpá-lo.” Tomei fôlego. [Sim, Carter, tenho que respirar de vez em quando.]
“Estou me esquecendo de alguma coisa? Ah, sim, também tenho um irmão que supostamente é muito poderoso graças à uma antiga linhagem sanguínea, blá, blá, blá etc, mas é medroso demais para visitar uma biblioteca. Agora, você vem ou não?”
Carter piscou como se eu tivesse acabado de bater nele, o que acho que fiz de algum modo.
“Apenas...” ele vacilou. “Apenas acho que devemos ser cuidadosos.”
Percebi que o pobre garoto estava bastante assustado, o que eu não podia usar contra ele, mas aquilo me sobressaltou. Carter era meu irmão mais velho, no fim das contas — mais velho, mais sofisticado, o que tinha viajado pelo mundo com nosso pai. Supõe-se que irmãos mais velhos são aqueles que devem aguentar o tranco. Irmãs caçulas — bem, supostamente nós podemos bater tão forte quanto desejarmos, não? Mas notei que possivelmente, apenas possivelmente, eu tivesse sido um pouco dura com ele.
“Olha,” eu disse. “Precisamos ajudar papai, sim? Deve haver algo poderoso naquela biblioteca, senão Amos não a manteria trancada. Você quer ajudar nosso pai?”
Carter deslocou seu peso desconfortavelmente. “Sim... claro.”
Bem, esse era um problema resolvido, então seguimos para a biblioteca. Mas assim que Khufu viu o que estávamos tramando, ele saiu atropelado do sofá e pulou à frente das portas da biblioteca. Quem diria que os babuínos eram tão velozes? Ele vociferou para nós, e tenho que dizer, babuínos possuem presas enormes. E elas não ficam nem um pouco mais bonitas depois de mastigarem exóticos pássaros cor de rosa.
Carter tentou argumentar com ele. “Khufu, não vamos roubar nada. Apenas queremos —”
“Agh!” Khufu driblou com sua bola de basquete raivosamente.
“Carter,” eu disse. “você não esta ajudando. Olhe aqui, Khufu. Eu tenho... tchã-ram!” Segurei no alto uma pequena caixa amarela de cereais que eu pegara na mesa de bufê.
“Cheerios! Termina com ‘o’. Deliciosos!”
“Aghhh!” grunhiu Khufu, agora mais animado do que bravo.
“Você quer?” persuadi. “Apenas leve isso para o sofá e finja que não nos viu, sim?”

Joguei o cereal na direção do sofá, e o babuíno se jogou para pegá-lo. Ele agarrou a caixa no ar e estava tão animado que correu parede acima e sentou-se no aparador da lareira, onde começou animadamente a pegar Cheerios e comê-los um de cada vez.
Carter olhou para mim com relutante admiração. “Como você —”
“Alguns de nós pensam além. Agora, vamos abrir estas portas.”
Aquilo não era tão fácil de ser feito. Elas eram feitas de madeira espessa, atadas por correntes gigantes de aço e fechadas com cadeado.
Completamente exagerado.
Carter deu um passo a frente. Tentou levantar as portas erguendo sua mão, o que foi bastante impressionante na noite passada, só que agora não conseguiu nada.
Ele sacudiu as correntes da maneira antiga, então puxou os cadeados.
“Nada bom,” ele disse.
Agulhas de gelo picavam a parte de trás do meu pescoço. Era quase como se alguém — ou algo — estivesse sussurrando uma ideia em minha cabeça.
“Qual foi aquela palavra que Amos usou no café da manhã com o pires?”
“Para ‘juntar’?” disse Carter. “Hi-nehm ou algo assim.”
“Não, a outra, para ‘destruir’.”
“Hum, ha-di. Mas você precisaria conhecer magia e hieróglifos, não? E mesmo assim —”
Ergui minha mão em direção a porta. Apontei com dois dedos e meu polegar — um gesto estranho que jamais fizera antes, como uma arma de mentira, exceto que o polegar estava paralelo ao chão.
“Ha-di!”
Hieróglifos dourados e brilhantes queimaram sobre o maior cadeado.

E as portas explodiram. Carter caiu ao chão quando correntes se quebraram e estilhaços voaram por todo Grande Salão. Quando a poeira baixou, Carter se levantou, coberto por lascas de madeira. Eu parecia estar bem. Muffin rodeava os meus pés, miando contente, como se tudo isto fosse muito normal.
Carter me fitou. “Como exatamente —”
“Não sei,” admiti. “Mas a biblioteca está aberta.”
“Não acha que exagerou um pouco? Nós vamos nos meter numa tremenda encrenca —”
“Nós só teremos que encontrar um jeito de reintegrar as portas, não?”
“Sem mais destruições, por favor,” disse Carter. “Aquela explosão poderia ter nos matado.”
“Oh, você acha que se você tentasse esse feitiço em uma pessoa —”
“Não!” ele deu um passo atrás nervosamente.
Fiquei satisfeita por poder fazê-lo se contorcer, mas tentei não sorrir. “Vamos apenas explorar a biblioteca, ok?”
A verdade era que eu não podia ter usado o ‘ha-di’ em ninguém. Assim que dei um passo à frente, eu me senti tão fraca que quase desmaiei.
Carter me segurou quando cambaleei. “Você está bem?”
“Ótima,” consegui dizer, apesar de não me sentir ótima. “Estou cansada” — meu estômago roncou — “e faminta.”
“Você acabou de comer um tremendo café da manhã.”

Era verdade, mas eu me sentia como se não comesse há semanas.
“Deixa pra lá,” disse a ele. “Eu vou ficar bem.”
Carter me estudou, cético. “Aqueles hieróglifos que você criou eram dourados. Papai e Amos, ambos usaram azuis. Por quê?”
“Talvez cada um tenha sua própria cor,” sugeri. “Talvez o seu seja rosa choque.”
“Muito engraçado.”
“Vamos lá, bruxo rosa,” disse. “Para dentro vamos nós.”

A biblioteca era tão maravilhosa, que quase esqueci minha tontura. Era maior do que eu imaginara, uma câmara redonda profundamente afundada em rocha sólida, como um poço gigante. Isso não fazia sentido, uma vez que a mansão ficava situada acima de um armazém, mas então nada sobre aquele lugar era exatamente normal.
Da plataforma onde estávamos uma escadaria descia três andares até o chão. As paredes, o piso, e o teto em forma de cúpula eram todos decorados com pinturas multicoloridas de pessoas, deuses e monstros. Já vira ilustrações como aquelas nos livros de papai (é, tudo bem, às vezes quando estava na livraria Piccadilly eu vagava pela seção egípcia e olhava sorrateiramente os livros dele , apenas para sentir alguma conexão com ele, não porque eu quisesse lê-los) mas as figuras nos livros eram sempre desbotadas e borradas. Essas na biblioteca pareciam recém-pintadas, fazendo do lugar inteiro uma obra de arte.
“É lindo,” eu disse.
Um céu azul estrelado cintilava no teto, mas não era um campo sólido de azul. Pelo contrário, o céu estava pintado em um estranho padrão em espiral. Percebi que tinha a forma de uma mulher. Ela estava deitada enroscada de lado — seu corpo, braços, e pernas eram azul-escuros e pontilhados de estrelas. Abaixo, o chão da biblioteca era feito de uma maneira similar, a terra verde-e-marrom no feitio de um corpo masculino, pontilhado com florestas, morros e cidades. Um rio serpenteava através de seu peito.
A biblioteca não tinha livros. Nem mesmo prateleiras. Em vez disso, as paredes eram furadas como uma colméia, com cubículos arredondados, cada um contendo uma espécie de cilindro plástico.
Em cada um dos pontos cardeais, uma estátua de cerâmica erguia-se em um pedestal. As estátuas eram metade humanas vestindo saiotes e sandálias, com lustrosos cabelos pretos em forma de cunha e delineador preto ao redor de seus olhos.
[Carter diz que o tal delineador se chama Kohl, como se isso importasse.]
De qualquer modo, uma estátua segurava um estilete e pergaminho. Outro segurava uma caixa. Outro segurava um pequeno bastão em forma de gancho. O último estava com as mãos vazias.
“Sadie.” Carter apontou para o centro do lugar. Sobre uma longa mesa de pedra estava a bolsa de ferramentas de papai.
Carter começou a descer as escadas, mas eu agarrei seu braço. “Calma aí. E as armadilhas?”
Ele franziu as sobrancelhas. “Armadilhas?”
“As tumbas egípcias não tinham armadilhas?”
“Bem... às vezes. Mas isto não é uma tumba. Além disso, era mais comum que tivessem maldições, como a maldição de fogo, a maldição do asno —”
“Ah, que adorável. Isto soa bem melhor.”
Ele trotou pelos degraus abaixo, o que me fez sentir um tanto quanto ridícula, já que sou eu a que costuma ir na frente. Mas supus que se alguém tivesse que ser amaldiçoado com erupções queimando a pele ou atacado por um jumento mágico, seria melhor Carter do que eu.

Fomos para o meio da biblioteca sem ânimo algum. Carter abriu a bolsa. Ainda sem armadilhas ou maldições. Ele tirou a caixa estranha que papai usara no Museu Britânico. Era feita de madeira, e do tamanho certo para guardar um pão francês. A tampa era decorada bem similar à biblioteca, com deuses e monstros e pessoas andando de lado.
"Como os egípcios se moviam assim?" abstrai. "Totalmente de lado com suas mãos e pés de fora. Parece bem idiota."
Carter me deu aquele seu olhar Deus, como você é idiota. "Eles não andavam assim na vida real, Sadie."
"Bem, por que eles são pintados assim, então?"
"Eles pensavam que pinturas eram como mágica. Se você pintasse a você mesmo, você tinha que mostrar todos os seus braços e pernas. Caso contrário, no além-vida você poderia renascer sem todos os seus pedaços."
"Então por que esses rostos de lado? Eles nunca olham diretamente pra você. Isso não significa que eles vão perder o outro lado do rosto?"
Carter hesitou. "Acho que eles tinham medo de que a pintura ficasse humana demais se estivesse olhando diretamente para você. Poderia tentar vir a ser você."
"Então há algo de que eles não tinham medo?"
"Irmãs mais novas," disse Carter. "Se elas falassem demais, os egípcios as jogavam para os crocodilos."
Ele me pegou por um segundo. Não estava acostumada com ele exibindo senso de humor. Então dei um soco nele.
"Apenas abra a porcaria da caixa."
A primeira coisa que ele tirou foi um bocado de gosma branca.
"Cera," declarou Carter.
"Fascinante." Peguei um estilete de madeira e uma paleta com pequenos entalhes em sua superfície para colocar tinta, então alguns frascos de vidro com tinta — azul, vermelha e dourada. "E um pré-histórico conjunto de pintura."
Carter tirou vários voltas de um comprido fio marrom, uma pequena estátua de gato feita de ébano, e um grosso rolo de papel.
Não, não papel. Papiro. Eu me lembrei de papai explicando como os egípcios o faziam de uma planta de rio porque eles jamais inventaram o papel. O negócio era tão grosso e áspero, que me fez imaginar se os coitados dos egípcios tiveram que usar um papiro higiênico. Se sim, não precisa imaginar o porquê de andarem de lado.
Finalmente tirei uma estatueta de cera.
"Uh," eu disse.
Era um homem minúsculo, grosseiramente moldado, como se quem o fizera estivesse com pressa. Seus braços estavam cruzados sobre seu peito, sua boca estava aberta, e suas pernas foram cortadas na altura do joelho. Um anel de cabelo humano envolvia sua cintura.
Muffin pulou sobre a mesa e farejou o homenzinho. Ela parecia achá-lo bem interessante.
"Não há nada aqui," disse Carter.
"O que você quer?" perguntei. "Nós temos cera, alguns papiros higiênicos, uma estatueta feia —"
"Algo que explique o que aconteceu com papai. Como conseguimos trazê-lo de volta? Quem era aquele homem flamejante que ele invocou?"
Eu ergui o homem de cera. "Você o ouviu, seu verrugoso sobrenatural. Diga-nos o que sabe."

Eu estava apenas brincando. Mas o homem de cera se tornou macio e quente como um corpo. Ele disse, “Eu respondo ao chamado.”
Eu gritei e o derrubei sobre sua cabeça minúscula. Bem, você pode me culpar?
“Ai!” disse ele.
Muffin se aproximou para farejar, e o homenzinho começou a amaldiçoar em outra língua, possivelmente egípcio antigo. Como aquilo não funcionou, ele guinchou em inglês: “Vá embora! Eu não sou um rato!”
Eu peguei Muffin e a pus no chão.
O rosto de Carter ficara tão macio e ceroso quanto a do homenzinho. “O que é você?” ele perguntou.
“Sou um shabti, é claro!” A estatueta esfregou sua cabeça denteada. Ele ainda parecia um amontoado, só que agora ele era uma massa viva. “O mestre me chama de Massinha garoto macilento, apesar de eu achar tal nome um insulto. Vocês podem me chamar de Suprema-Força-Que-Esmaga-Seus-Inimigos!”
“Ok, Massinha,” eu disse.
Ele franziu o cenho para mim, acho, era difícil dizer com sua cara deformada.
“Vocês não deveriam poder me ativar! Apenas o mestre faz isso.”
“O mestre, você quer dizer nosso pai,” adivinhei. “Er, Julius Kane?”
“É ele,” resmungou Massinha. “Já acabamos? Completei o meu serviço?”
Carter me fitou inexpressivamente, mas achei que estava começando a entender.
“Então, Massinha,” disse para a massa. “Você foi ativado quando eu te peguei e lhe dei uma ordem direta: nos dizer o que sabe. Isso está correto?”
Massinha cruzou seus braços atarracados. “Você só está brincando comigo agora. É claro que está correto. Somente o mestre poderia me ativar, a propósito. Não sei como você conseguiu, mas ele vai te explodir em pedacinhos quando descobrir.”
Carter pigarreou. “Massinha, o mestre é nosso pai, e ele está desaparecido. Ele foi magicamente mandado para longe de alguma forma e precisamos da sua ajuda—”
“O mestre se foi?” Massinha deu um sorriso tão largo que pensei que seu rosto de cera racharia. “Livre finalmente! Até mais, otários!”
Ele se lançou para a beira da mesa, mas esqueceu que não tinha pés. Ele caiu de cara no tampo, então começou a rastejar em direção à borda, arrastando-se com as mãos.
“Livre! Livre!”
Ele caiu da mesa e atingiu o chão com um baque, mas isso não pareceu desencorajá-lo.
“Livre! Livre!”
Ele continuou por mais um centímetro ou dois antes que eu o pegasse e jogasse dentro da caixa mágica do papai. Massinha tentou sair, mas a caixa era alta o suficiente para que ele não pudesse alcançar a borda. Imaginei se fora projetada para isso.
“Preso!” ele se lamuriou. “Preso!”
“Ah, cale a boca,” eu disse a ele. “Sou a mestra agora. E você responderá às minhas perguntas.”
Carter levantou uma sobrancelha. “Como foi que você ficou no comando?”
“Porque fui esperta o bastante para ativá-lo.”
“Você estava só brincando!”
Ignorei meu irmão, o que é um dos meus diversos talentos. “Agora, Massinha, em primeiro lugar, o que é um shabti?”
“Você me deixará sair da caixa se eu contar?”
“Você deve me contar,” apontei. “E não, não deixarei.”
Ele suspirou. “Shabti significa o que responde, como o escravo mais estúpido poderia lhe dizer.”

Carter estalou seus dedos. “Eu me lembro agora! Os egípcios faziam modelos de cera ou argila — serventes que fizessem todo tipo de serviço que pudessem imaginar na vida após a morte. Eles deveriam vir à vida quando seu mestre chamasse, então a pessoa morta poderia, assim, descontrair e relaxar, e deixar o shabti fazer todo o trabalho por toda eternidade.”
“Primeiro,” interrompeu Massinha, “isso é típico dos humanos! Relaxando por aí enquanto fazemos todo o serviço. Segundo, serviços na vida após a morte são apenas uma das funções de um shabti. Nós também somos usados por magos para inúmeras coisas nesta vida, porque os magos seriam totalmente incompetentes sem nós.Terceiro, se vocês sabem tanto, por que estão perguntando a mim?”
“Por que nosso pai cortou suas pernas fora,” questionei, “e o deixou com uma boca?”
“Eu—” Massinha cobriu sua boca com suas pequenas mãos. “Oh, muito engraçado.
Ameaçando a estátua de cera. Grande valentona! Ele cortou minhas pernas fora para que eu não fugisse ou viesse à vida em perfeita forma e tentasse matá-lo, naturalmente. Magos são muito malvados. Aleijam estátuas para controlá-las. Têm medo de nós!”
“Você viria à vida e tentaria matá-lo se ele o tivesse feito perfeitamente?”
“Provavelmente,” admitiu Massinha. “Terminamos aqui?”
“Não chegamos nem na metade,” falei. “O que aconteceu com nosso pai?”
Massinha deu de ombros. “Como eu vou saber? Mas vejo que sua varinha e bastão não estão na caixa.”
“Não,” disse Carter. “O bastão — a coisa que se transformou em uma serpente— foi incinerada. E a varinha... é aquela coisa que se parece um bumerangue?”
“Coisa que se parece com um bumerangue?” disse Massinha. “Deuses do Egito Eterno, você é estúpido. Claro que é a varinha dele.”
“Foi despedaçada,” falei.
“Conte-me como,” demandou Massinha.
Carter contou a história a ele. Não estava certa de que fosse a melhor ideia, mas presumi que uma estátua de dez centímetros não nos causaria muito dano.
“Isto é maravilhoso!” gritou Massinha.
“Por quê?” perguntei. “Papai ainda está vivo?”
“Não!” disse Massinha. “Ele provavelmente está morto. Os cinco deuses dos Dias Demoníacos? Libertos? Maravilha! E qualquer um que duelar com o Lorde Vermelho —”
“Espere,” falei. “Ordeno que você me diga o que aconteceu.”
“Rá!” disse Massinha. “Somente tenho que dizer a vocês o que sei. Dar palpites instrutivos é uma tarefa completamente diferente. Declaro meu serviço cumprido!”
Com isto, ele voltou a ser cera sem vida.
“Espere!” Eu o peguei de novo e o chacoalhei. “Me diga seus palpites instrutivos!”
Nada aconteceu.
“Talvez ele tenha um cronômetro,” disse Carter. “Como somente uma vez ao dia. Ou talvez você tenha quebrado ele.”
“Carter, faça uma sugestão útil! O que fazemos agora?”
Ele olhou para as quatro estátuas de cerâmica em seus pedestais. “Talvez—”
“Outro shabti?”
“Vale a pena tentar.”
Se as estátuas eram respondentes, elas não eram muito boas nisso. Tentamos segurá-las enquanto dávamos ordens, mesmo elas sendo bem pesadas. Tentamos apontar pra elas e gritar. Tentamos perguntando gentilmente. Elas não deram resposta alguma.

Fiquei tão frustrada que queria ‘ha-di’ as estátuas em um milhão de pedaços, mas eu ainda estava com tanta fome e cansada, que tive a sensação de que enfeitiçar não seria bom para minha saúde.
Finalmente decidimos checar os cubículos ao redor das paredes. Os cilindros plásticos eram do mesmo tipo que você encontraria em um drive-thru de banco — o tipo que disparava pra cima e pra baixo os tubos pneumáticos. Dentro de cada estojo havia um pergaminho de papiro. Alguns pareciam novos. Alguns pareciam ter milhares de anos. Cada recipiente era etiquetado em hieróglifos e (felizmente) em inglês.
“O Livro da Vaca Celestial,” Carter leu em um. “Que tipo de nome é esse? O que você tem aí, O Texugo Divino?”
“Não,” disse. “O Livro de Apophis.”
Muffin miou no canto. Quando olhei, sua cauda estava arrepiada.
“O que há de errado com ela?” perguntei.
“Apophis era um monstro-serpente gigantesco,” murmurou Carter. “Ele era má notícia.”
Muffin se virou e correu escada acima, de volta ao Grande Salão. Gatos. Não conte com eles.
Carter abriu outro pergaminho. “Sadie, olhe isto.”
Ele encontrou um pergaminho que era bem longo, e a maioria do texto ali parecia ser linhas de hieróglifos.
“Você consegue ler algum destes?” perguntou Carter.
Franzi a testa para a escrita, e o estranho foi que eu não conseguia ler aquilo — exceto pela linha no topo.
“Só esse pedaço onde deveria estar o título. Diz... Sangue da Grande Casa. O que isso significa?”
“Grande Casa,” Carter meditou. “Como soam essas palavras em egípcio?”
“Per-roh. Oh, é faraó, não é? Mas eu pensei que o faraó fosse um rei?”
“E é,” disse Carter. “A palavra significa literalmente ‘casa grande,’ como a mansão de um rei. Como se fizesse referência ao presidente como ‘a Casa Branca.’ Então aqui significa provavelmente algo como Sangue dos Faraós, de todos eles, a linhagem completa de todas as dinastias, não apenas de um cara.”
“Então por que me importaria sobre o sangue dos faraós, e por que não consigo ler o resto?”
Carter fitou as linhas. De repentes seus olhos se arregalaram. “São nomes. Olhe, estão todos escritos dentro de cártulas.”
“Como assim?” perguntei, porque cártula soou como uma palavra bem ofensiva, e eu me orgulho em conhecê-las.
“Os círculos,” explicou Carter. “Simbolizam cordas mágicas. Elas supostamente protegiam o detentor do nome contra magia maligna.” Ele me olhou. “E possivelmente também contra outros magos que quisessem ler os seus nomes.”
“Oh, você tem problemas,” eu disse. Mas percorri as linhas com os olhos e vi o que ele quis dizer. Todas as palavras eram protegidas por cártulas, e eu não conseguia ver sentido nelas.

“Sadie,” disse Carter, sua voz era urgente. Ele apontou para uma cártula bem no fim da lista — a última inscrição no que parecia ser um catálogo de milhares. Dentro do círculo havia dois símbolos simples, uma cesta e uma onda.
“KN,” declarou Carter. “Eu conheço este. É o nosso nome, KANE.”

“Faltam algumas letras, não?”
Carter balançou a cabeça. “Egípcios geralmente não escrevem vogais. Somente consoantes. Você tem que descobrir a vogal de acordo com o contexto.”
“Eles eram realmente pirados. Então poderia ser KON ou KNEE ou AKNE.”
“Poderia ser,” concordou Carter. “Mas é o nosso nome, Kane. Eu pedi para papai escrevê-los em hieróglifos pra mim uma vez, e foi assim que ele fez. Mas por que estamos nesta lista? E o que é o ‘sangue dos faraós’?”
Aquele formigamento gelado começou na minha nuca. Eu me lembrei do que Amos dissera, sobre os dois lados de nossa família serem muito antigos. Os olhos de Carter encontraram os meus, e julgando por sua expressão, ele estava tendo o mesmo pensamento.
“Não há como,” protestei.
“Deve ser algum tipo de piada,” concordou ele. “Ninguém possui um registro de família tão antigo assim.”
Engoli em seco, minha garganta estava muito seca. Tantas coisas estranhas aconteceram conosco no último dia, mas foi somente quando vi nosso nome naquele livro que me dei conta de que toda aquelas coisas do Egito eram reais. Deuses, magos, monstros... e nossa família estava metida naquilo.
Desde o café da manhã, quando me ocorreu que papai estivera tentando trazer nossa mãe de volta dos mortos, uma emoção horrível tentava tomar conta de mim.
E não era medo. Sim, a ideia toda era arrepiante, muito mais arrepiante do que o santuário que meus avôs mantinham no armário da sala para a minha falecida mãe. E, sim, eu disse que tento não viver no passado e que nada poderia mudar o fato de que minha mãe se foi. Mas eu sou uma mentirosa. A verdade era que tivera um sonho desde que tinha seis anos de idade: ver minha mãe de novo. Para realmente conhecê-la, conversar com ela, ir às compras, fazer qualquer coisa. Apenas estar com ela uma vez, para poder ter uma lembrança melhor à qual eu pudesse me agarrar. O sentimento que eu estava tentando espantar era esperança. Eu sabia que estava me candidatando a uma dor colossal. Mas se fosse realmente possível trazê-la de volta, então eu teria explodido inúmeras Pedras de Roseta para fazer com que isso acontecesse.
“Vamos continuar olhando,” eu disse.
Depois de mais alguns minutos, encontrei uma pintura de alguns deuses com cabeças de animais, cinco na sequência, com a figura de uma mulher, cintilante como uma estrela, formando um arco sobre eles, protegendo-os como um guarda-chuva. Papai tinha libertado cinco deuses. Humm.
“Carter,” chamei. “O que é isto, então?”
Ele veio dar uma olhada e seus olhos se acenderam.
“É isso!” ele anunciou. “Esses cinco... e aqui em cima, a mãe deles, Nut.”
Ri. “Uma deusa chamada Nut? O sobrenome dela é Case?”*
“Muito engraçado,” disse Carter. “Ela era a deusa do céu.”

Ele apontou para o teto pintado — a dama com a pele salpicada de estrelas, assim como no pergaminho.
"O que é que tem ela?" perguntei.
Carter uniu suas sobrancelhas. "Algo sobre os Dias Demôniacos. Tinha algo haver com o nascimento desses cinco deuses, mas já faz muito tempo desde que papai me contou a história. Este pergaminho inteiro está escrito em hierático, acho. É como hieróglifo cursivo. Você consegue ler isso?"
Balancei minha cabeça. Aparentemente, meu tipo particular de insanidade se aplicava somente a hieróglifos normais.
"Queria encontrar a história em inglês," disse Carter.
Bem aí houve um estalo atrás de nós. A estátua de argila com as mãos vazias saltou de seu pedestal e marchou em nossa direção. Carter e eu nos atropelamos para sair de seu caminho, mas ela passou direto por nós, agarrou um cilindro de seu cubículo e o trouxe para Carter.
"É um shabti de recuperação," disse. "Um bibliotecário de argila!"
Carter engoliu em seco nervosamente e pegou o cilindro. "Hã... obrigado."
A estátua marchou de volta para seu pedestal, pulou sobre ele, e enrijeceu-se novamente como uma argila normal.
"Será que..." encarei o shabti. "Sanduíche e batatas fritas, por favor!"
Tristemente, nenhuma das estátuas desceu para me servir. Talvez comida não fosse permitida na biblioteca. Carter destampou o cilindro e desenrolou o papiro. Ele suspirou de alívio. "Esta versão é em inglês."
Enquanto ele examinava o texto, suas sobrancelhas ficaram ainda mais franzidas.
"Você não parece feliz," notei.
"Porque me lembro da história agora. Os cinco deuses... se papai realmente os libertou, não são boas notícias."
"Peraí," eu disse. "Comece do início."
Carter tomou fôlego, trêmulo. "O.k.. A deusa do céu, Nut, era casada com o deus da terra, Geb."
"Que deve ser o companheiro aqui no chão?" Bati meu pé sobre o grande homem verde com rio e morros e florestas por todo seu corpo.
"Correto," disse Carter. "De qualquer maneira, Geb e Nut queriam ter filhos, mas o rei dos deuses, Rá — ele era o deus do sol — ouviu essa profecia ruim de que um filho de Nut —"
"Filho de Nut," ri em silêncio. "Desculpe, prossiga."
"— um filho de Geb e Nut um dia substituiria Rá como rei. Então quando ficou sabendo que Nut estava grávida, Rá se apavorou. Ele proibiu Nut de dar luz aos seus filhos em qualquer dia ou noite do ano."
Cruzei meus braços. "Então o quê, ela teve que ficar grávida para sempre? Isso é tremendamente cruel."
Carter balançou a cabeça. "Nut encontrou um jeito. Ela armou um jogo de dados com o deus da lua, Khons. Toda vez que Khons perdia, ele tinha que dar a Nut um pouco de luar. Ele perdeu tantas vezes, que Nut ganhou luar suficiente para criar cinco novos dias e acrescentá-los ao fim do ano."
"Oh, por favor," falei. "Pra começar, como se pode apostar luar? E se pudesse, como se pode fazer dias extras com eles?"
"É uma estória!" protestou Carter. "De qualquer jeito, o calendário egípcio tinha trezentos e sessenta dias no ano, justamente como os trezentos e sessenta graus em um círculo. Nut criou cinco dias e os adicionou ao fim do ano — dias que não faziam parte do calendário regular."

“Os Dias Demoníacos,” adivinhei. “Então o mito explica porque um ano tem trezentos e sessenta e cinco dias. E suponho que ela teve seus filhos—”
“Durante esses cinco dias,” concordou Carter. “Uma criança por dia.”
“Vamos lá: como você tem cinco filhos em seguida, cada um em um dia diferente?”
“Eles são deuses,” disse Carter. “Eles podem fazer coisas assim.”
“Faz tanto sentido quanto o nome Nut. Mas, por favor, continue.”
“Então quando Rá descobriu, ficou furioso, mas já era tarde demais. As crianças já haviam nascido. Seus nomes eram Osíris—”
“O que papai estava procurando.”
“Então Hórus, Set, Isis, e, hã...” Carter consultou seu pergaminho. “Néftis. Sempre me esqueço desse.”
“E o homem flamejante no museu disse: você libertou todos os cinco.”
“Exatamente. E se eles estavam aprisionados juntos e papai não percebeu isto? Eles nasceram juntos, então talvez eles tenham que ser invocados de volta ao mundo juntos. A questão é que um desses caras, Set, era um cara realmente mal. Tipo, o vilão da mitologia egípcia. O deus do mal, do caos e das tempestades no deserto.”
Tive um calafrio. “Ele por algum acaso tinha alguma coisa a ver com o fogo?”
Carter apontou para uma das figuras na pintura. O deus tinha uma cabeça de animal, mas eu não conseguia identificar que tipo de animal era: Cachorro? Tamanduá? Coelhinho maligno? Seja qual for, seus cabelos e suas roupas eram de um vermelho brilhante.
“O Lorde Vermelho,” falei.
“Sadie, tem mais,” disse Carter. “Aqueles cinco dias — os Dias Demoníacos —eram mau agouro no Antigo Egito. Você precisava ser cauteloso, usar amuletos de boa sorte, e não fazer nada importante ou perigoso durante esses dias. E no Museu Britânico, papai disse a Set: Eles irão detê-lo antes que os Dias Demoníacos terminem.”
“Com certeza você não acha que ele se referiu a nós,” falei. “Nós devemos impedir esse Set?”
Carter assentiu. “E se os últimos cinco dias de nosso calendário ainda contarem como os Dias Demoníacos egípcios — eles começarão no dia 27 de dezembro, o dia depois de amanhã.”
O shabti parecia estar me fitando com expectativa, mas eu não tinha a menor ideia do que fazer. Dias Demoníacos e deuses coelhinhos malvados — se ouvisse mais uma coisa impossível, minha cabeça explodiria. E o pior de tudo? A vozinha insistente no fundo da minha cabeça dizendo: Não é impossível. Para salvar papai, precisamos derrotar Set.
Como se estivesse em minha lista de afazeres para os feriados natalinos. Ver papai — certo. Desenvolver poderes estranhos — certo. Derrotar um deus maligno do caos — certo. A ideia toda era maluca!
De repente houve um estampido alto, como se algo tivesse quebrado no Grande Salão. Khufu começou a vociferar em alarme.
Carter e eu nos entreolhamos. Então corremos pelas escadas.

SADIE

OITO

MUFFIN BRINCA COM FACAS

NOSSO BABUÍNO ESTAVA completamente desvairado - o que quer dizer, louco.
Ele se balançou de coluna para coluna, saltando pelas varandas, derrubando vasos e estátuas. Então ele correu de volta para as janelas do terraço, olhou para fora por um momento, e voltou a ficar frenético.
Muffin também estava na janela. Ela se agachou nas quatro patas com seu rabo se contorcendo como se ela estivesse espreitando um pássaro.
"Talvez seja apenas um flamingo passando," sugeri esperançosamente, mas não tinha certeza de que Carter podia me ouvir acima da gritaria do babuíno.
Nós corremos para as portas de vidro. A princípio eu não vi problema algum. Então água explodiu da piscina, e meu coração quase pulou do meu peito. Duas enormes criaturas, definitivamente não flamingos, estavam batendo em nosso crocodilo, Filipe da Macedônia.
Eu não consegui decifrar o que eles eram, apenas que eles estavam lutando com Filipe a dois contra um. Eles desapareceram sob a água agitada, e Khufu correu gritando pelo Grande Salão novamente, batendo em sua própria cabeça com sua caixa vazia de Cheerios, o que eu devo dizer que não era muito prestativo.
"Pescoços-longos," Carter disse incrédulo. "Sadie, você viu aquelas coisas?"
Não pude encontrar uma resposta. Então uma das criaturas foi atirada da piscina. Ela bateu nas portas bem à nossa frente, e eu pulei para trás em alerta. Do outro lado do vidro estava o animal mais aterrorizante que eu já vira. Seu corpo era como o de um leopardo – esguio e forte, com pelo dourado e manchado – mas seu pescoço era completamente errado. Era verde e escamoso e no mínimo tão longo quanto o resto do corpo. Tinha uma cabeça de gato, mas não um gato normal. Quando ele virou seus brilhantes olhos vermelhos em nossa direção, ele rugiu, mostrando uma língua bifurcada e presas pingando veneno verde.
Percebi que minhas pernas estavam tremendo e eu estava fazendo um som de choro bem vergonhoso.
O gato-serpente pulou de volta para a piscina para unir-se ao seu companheiro para bater em Filipe, que girava e abocanhava, mas parecia incapaz de ferir seus atacantes.
"Nós temos que ajudar Filipe!" gritei. "Ele vai ser morto!"
Eu peguei a maçaneta, mas Muffin rosnou para mim.
Carter disse, "Sadie, não! Você ouviu Amos. Não podemos abrir as portas por nenhum motivo. A casa é protegida por mágica. Filipe vai ter que acabar com eles sozinho."
"Mas e se ele não conseguir? Filipe!"
O velho crocodilo se virou. Por um segundo seu reptiliano olho escarlate se focou em mim como se ele pudesse sentir minha preocupação. Então os gatos-serpente morderam seu baixo-ventre e Filipe se ergueu de forma que somente a ponta de sua cauda continuava tocando a água. Seu corpo começou a brilhar. Um zumbido baixo encheu o ar, como o motor de um avião decolando. Quando Filipe desceu, ele bateu no terraço com toda sua força.

A casa inteira sacudiu. Rachaduras apareceram no terraço de concreto lá fora, e a piscina se dividiu bem ao meio com o extremo se desintegrando no espaço vazio.
“Não!” gritei.
Mas a beirada do terraço se desprendeu, mergulhando Filipe e os monstros no rio East.
Meu corpo inteiro começou a tremer. “Ele se sacrificou. Ele matou os monstros.”
“Sadie...” a voz de Carter estava fraca. “E se ele não conseguiu? E se eles voltarem?”
“Não diga isso!”
“Eu – eu os reconheci, Sadie. Aquelas criaturas. Venha.”
“Onde?” demandei, mas ele correu diretamente de volta para biblioteca.
Carter marchou até o shabti que nos ajudara antes. “Me traga o...gah, como se chama?”
“O quê?” perguntei.
“Algo que papai me mostrou. É uma grande placa de pedra ou algo assim. Tinha a imagem do primeiro faraó, o cara que uniu o Alto e o Baixo Egito em um reino. Seu nome...” Seus olhos se iluminaram. “Narmer. Me traga a Placa de Narmer!”
Nada aconteceu.
“Não,” Carter decidiu. “Não uma placa. Era… uma daquelas coisas que contêm tinta. Uma paleta. Me traga a Paleta de Narmer.”
O shabti de mãos vazias não se moveu, mas do outro lado do cômodo, a estátua com a pequena foice veio à vida. Ele pulou de seu pedestal e desapareceu numa nuvem de poeira. Uma batida de coração depois, ele reapareceu na mesa. A seus pés havia um pedaço de pedra cinza plana, talhada na forma de escudo e tão longo quanto meu antebraço.
“Não!” Carter protestou. “Eu quis dizer uma foto dela! Ah, ótimo, eu acho que esse é o artefato verdadeiro. O shabti deve ter roubado isso do Museu de Cairo. Nós temos que devolver –”
“Espera aí,” eu disse. “Nós poderíamos muito bem dar uma olhada.”
A superfície da pedra era esculpida com a imagem de um homem acertando outro homem no rosto com o que parecia uma colher.

“É Narmer com a colher,” eu supus. “Bravo porque o outro sujeito roubou seu cereal matinal?”
Carter balançou a cabeça. “Ele está conquistando os seus inimigos e unificando o Egito. Vê seu chapéu? É a coroa do Baixo Egito, antes dos dois países se unirem.”
“O pedaço que se parece com um pino de boliche?”
“Você é impossível,” Carter resmungou.
“Ele se parece com o papai, não parece?”
“Sadie, fala sério!”
“Estou falando sério. Olhe o perfil dele.”
Carter decidiu me ignorar. Ele examinou a pedra como se estivesse com medo de tocá-la. “Eu preciso ver a parte de trás, mas não quero virá-la. Nós podemos danificar –”
Eu agarrei a pedra e virei.

“Sadie! Você poderia ter quebrado.”
“É para isso que feitiços para remendar servem, não é?”
Nós examinamos a parte de trás da pedra, e eu tive que admitir que estava impressionada com a memória de Carter. Dois gatos-serpente estavam em pé no centro da paleta, seus pescoços entrelaçados. No outro lado, homens egípcios com cordas tentavam capturar as criaturas.

“Eles são chamados serpopardos,” disse Carter. “Serpentes leopardo.”
“Fascinante,” falei. “Mas o que são serpopardos?”
“Ninguém sabe exatamente. Papai achava que eram criaturas do caos – notícias realmente ruins, e eles estão por aí desde sempre. Esta pedra é um dos artefatos mais antigos do Egito. Essas imagens foram esculpidas cinco mil anos atrás.”
“Então por que monstros de cinco mil anos de idade estão atacando nossa casa?”
“Noite passada, em Phoenix, o homem flamejante ordenou a seus servos que nos capturassem. Ele disse para mandarem os pescoços-longos primeiro.”
Eu estava com um gosto metálico na boca, e desejei não ter mascado o meu último chiclete. “Bem... é bom eles estarem no fundo do rio East.”
Bem aí Khufu se lançou para dentro da biblioteca, gritando e batendo em sua cabeça.
“Imagino que eu não deveria ter dito isso,” murmurei.
Carter disse para o shabti que devolvesse a Paleta de Narmer, e estátua e paleta desapareceram. Então nós seguimos o babuíno escada acima.
Os serpopardos estavam de volta, seu pelo molhado e viscoso por causa do rio, e eles não estavam felizes. Eles rodearam a borda quebrada do terraço, seus pescoços de cobra chicoteando enquanto eles farejavam as portas, procurando um jeito de entrar. Eles cuspiram veneno que fumegou e borbulhou no vidro. Suas línguas bifurcadas dardejavam para dentro e para fora.
“Agh, agh!” Khufu apanhou Muffin, que estava sentada no sofá, e me ofereceu a gata.
“Eu realmente não acho que isso vá ajudar,” eu disse a ele.
“AGH!” Khufu insistiu.
Nem Muffin nem gata terminavam em ‘o’, então presumi que Khufu não estava tentando me oferecer um lanche, mas eu não sabia o que era. Eu peguei a gata apenas para fazê-lo ficar quieto.
“Mrow?” Muffin olhou pra mim.
“Vai ficar tudo bem,” prometi, tentando não soar assustada. “A casa é protegida por mágica.”
“Sadie,” disse Carter. “Eles encontraram alguma coisa.”
Os serpopardos tinham convergido para a porta da esquerda e estavam farejando a maçaneta atentamente.
“Não está trancada?” perguntei.
Ambos os monstros esmagaram suas caras feias contra o vidro. A porta estremeceu. Hieróglifos azuis brilharam na moldura da porta, mas sua luz era pálida.

“Eu não gosto disso,” Carter murmurou.
Rezei para que os monstros desistissem. Ou que talvez Filipe da Macedônia escalasse de volta para o terraço (crocodilos escalam?) e retomasse a luta.
Em vez disso, os monstros bateram suas cabeças contra o vidro novamente. Desta vez uma teia de rachaduras apareceu. Os hieróglifos azuis piscaram e desapareceram.
“AGH!” Khufu gritou. Ele agitou sua mão vagamente para a gata.
“Talvez se eu tentar o encanto ha-di,” eu disse.
Carter balançou a cabeça. “Você quase desmaiou depois de explodir aquelas portas. Eu não quero você desmaiando, ou pior.”
Carter me surpreendeu mais uma vez. Ele puxou uma estranha espada de uma das exposições de Amos. A lâmina tinha uma curvatura em forma de lua crescente e parecia horrivelmente não prática.
“Você não pode estar falando sério,” eu disse.
“A não ser – a não ser que você tenha uma ideia melhor,” ele gaguejou, seu rosto gotejado de suor. “Somos eu, você e o babuíno contra aquelas coisas.”
Tenho certeza de que Carter estava tentando ser corajoso do seu próprio jeito extremamente não-corajoso, mas ele estava tremendo mais do que eu. Se alguém ia desmaiar, eu temia que fosse ele, e eu não gostaria que ele fizesse isso enquanto segurava um objeto afiado.
Então os serpopardos golpearam uma terceira vez, e a porta se despedaçou. Nós recuamos para o pé da estátua de Thoth enquanto as criaturas espreitaram para dentro do Grande Salão. Khufu atirou sua bola de basquete, que quicou inofensivamente na cabeça do primeiro monstro. Então ele se lançou para o serpopardo.
“Khufu, não!” Carter gritou.
Mas o babuíno afundou suas presas no pescoço do monstro. O serpopardo chicoteou ao redor, tentando mordê-lo. Khufu saltou, mas o monstro era rápido. Ele usou a cabeça como um bastão e atingiu Khufu no ar, mandando-o direto pela porta destruída, sobre o terraço quebrado, e para o vazio.
Eu quis soluçar, mas não havia tempo. Os serpopardos vieram na nossa direção. Nós não poderíamos correr mais depressa do que eles. Carter ergueu sua espada. Eu apontei minha mão para o primeiro monstro e tentei dizer o encanto ha-di, mas minha voz ficou presa na minha garganta.
“Mrow!” Muffin disse, mais insistentemente. Por que a gata continuava aninhada em meu braço e não fugindo de medo?
Então me lembrei de algo que Amos dissera: Muffin vai proteger vocês. Era isso que Khufu estava tentando me lembrar? Parecia impossível, mas eu gaguejei, “M-muffin, eu ordeno que nos proteja.”
Eu a lancei no chão. Apenas por um momento, o pingente prateado em seu colar pareceu brilhar. Então a gata arqueou suas costas vagarosamente, sentou, e começou a lamber uma de suas patas. Bem, realmente, o que eu estava esperando – atos heróicos?
Os dois monstros de olhos vermelhos arreganharam suas presas. Eles levantaram suas cabeças e se prepararam para atacar – e uma explosão de ar seco se espalhou pelo cômodo. Foi tão poderosa que arremessou Carter e a mim no chão. Os serpopardos cambalearam e recuaram.
Eu me levantei com dificuldade e percebi que o centro da explosão tinha sido Muffin. Minha gata não estava mais lá. Em seu lugar havia uma mulher – pequena e flexível como uma ginasta. Seu cabelo negro como azeviche estava preso em um rabo de cavalo. Ela usava um macacão colante de pele de leopardo e o pingente de Muffin em volta do pescoço.

Ela se virou e sorriu pra mim, e seus olhos ainda eram os de Muffin – amarelos com pupilas felinas pretas. “Já era hora,” ela repreendeu.
Os serpopardos se recuperaram do choque e investiram contra a mulher gato. Suas cabeças golpeavam na velocidade da luz. Eles deviam tê-la dilacerado ao meio, mas a dama-gato saltou para cima, girando três vezes, e aterrissou acima deles, empoleirada na parte de cima da lareira.
Ela flexionou seus punhos, e duas facas enormes dispararam de suas mangas para suas mãos. “A-a-ah, diversão!”
Os monstros atacaram. Ela se lançou entre eles, dançando e se esquivando com incrível graça, deixando-os chicoteando para ela inutilmente enquanto ela enroscava seus pescoços um no outro. Quando ela se afastou, os serpopardos estavam irremediavelmente entrelaçados. Quanto mais eles se debatiam, mais apertados os nós se tornavam. Eles andaram pesadamente para frente e para trás, derrubando mobília e rugindo de frustração.
“Pobres criaturas,” a mulher gato ronronou. “Deixem-me ajudar.”
Suas facas cintilaram, e as cabeças dos dois monstros bateram no chão estrondosamente aos pés dela. Seus corpos desmoronaram e se dissolveram em pilhas de areia.
“Tanto para os meus brinquedos,” disse a mulher tristemente. “Da areia vieram, e para a areia eles retornam.”
Ela se virou para nós, e as facas dispararam para dentro de suas mangas. “Carter, Sadie, nós devemos ir. Coisas piores virão.”
Carter fez um som asfixiado. “Piores? Quem – como – o quê –”
“Tudo a seu tempo.” A mulher esticou seus braços sobre sua cabeça com grande satisfação. “Tão bom estar na forma humana novamente! Agora, Sadie, você pode abrir uma porta para nós através do Duat, por favor?”
Eu pisquei. “Humm, não. Quero dizer – eu não sei como.”
A mulher estreitou os olhos, claramente desapontada. “Que vergonha. Nós vamos precisar de mais poder, então. Um obelisco.”
“Mas isso fica em Londres,” protestei. “Nós não podemos –”
“Há um mais próximo no Central Park. Eu tento evitar Manhattan, mas esta é uma emergência. Vamos só passar por lá e abrir um portal.”
“Um portal para onde?” demandei. “Quem é você, e por que você é minha gata?”
A mulher sorriu. “Por agora, nós queremos apenas um portal para longe do perigo. E com relação ao meu nome, não é Muffin, muito obrigada. É –”
“Bast,” Carter interrompeu. “Seu pingente – é o símbolo de Bast, deusa dos gatos. Eu achei que fosse apenas um enfeite, mas... é você, não é?”
“Muito bem, Carter,” disse Bast. “Agora venham, enquanto nós ainda podemos sair daqui vivos.”

CARTER

NOVE

NÓS FUGIMOS DE QUATRO CARAS DE SAIA

ENTÃO É ISSO. NOSSA GATA ERA UMA DEUSA. O que há de novo?
Ela não nos deu muito tempo para conversar sobre isso. Ela ordenou que eu fosse para biblioteca pegar o kit de mágica do meu pai, e quando voltei ela estava argumentando com Sadie sobre Khufu e Filipe.
"Nós precisamos procurá-los!" Sadie insistiu.
"Eles ficarão bem," disse Bast. "De qualquer modo, nós não ficaremos, a menos que partamos agora."
Levantei minha mão. "Hum, desculpe, Senhorita Lady Deusa? Amos nos disse que a casa era —"
"Segura?" Bast bufou. "Carter, as defesas foram facilmente violadas. Alguém as sabotou."
"O que você quer dizer? Quem —"
"Somente um mágico da Casa poderia ter feito aquilo."
"Outro mágico?" perguntei. "Por que outro mágico iria querer sabotar a casa de Amos?
"Oh, Carter," Bast suspirou. "Tão jovem, tão inocente. Mágicos são criaturas desleais. Pode ter milhões de motivos porque um iria sabotar outro, mas não temos tempo para discutir isso. Agora, vamos!"
Ela agarrou nossos braços e nos levou pela porta da frente. Ela embainhou suas facas, mas ela ainda tinha umas garras afiadas cruéis no lugar de unhas que feriam quando cavavam minha pele. Assim que pisamos do lado de fora, o vento frio picou meus olhos. Descemos por uma longa escadaria de metal até o pátio industrial que cercava a fábrica.
A bolsa de ferramentas do meu pai pesava no meu ombro. A espada curva que eu tinha amarrado nas minhas costas estava fria contra minha roupa de linho fina. Eu começara a suar durante o ataque dos serpopardos, e agora minha transpiração parecia estar se tornando gelo.
Procurei em volta por mais monstros, mas o pátio parecia abandonado. Equipamentos antigos de construção enferrujados foram deixados ali — uma escavadeira, um guindaste com uma bola de demolição, alguns misturadores de cimento. Pilhas de chapas de aço e muitos engradados formavam um labirinto de obstáculos entre a casa e a estrada a umas centenas de metros dali.
Estávamos a meio caminho do pátio quando um velho gato vira-lata cinza pisou em nosso caminho. Uma de suas orelhas estava rasgada. Seu olho esquerdo estava fechado e inchado. Julgando pelas suas cicatrizes, ele tinha gasto a maior parte da sua vida lutando.
Bast se abaixou e olhou para o gato. Ele olhou para ela calmamente.
"Obrigada," Bast disse.
O velho gato vira-lata se afastou na direção do rio.
"O que foi aquilo?" Sadie perguntou.
"Um dos meus vassalos, oferecendo ajuda. Ele vai espalhar a notícia sobre nosso predicamento. Em breve todos os gatos em Nova York estarão em alerta."

“Ele está tão maltratado,” Sadie disse. “Se ele é um vassalo seu, você não poderia curá-lo?”
“E retirar suas marcas de honra? As cicatrizes de batalha de um gato fazem parte de sua identidade. Eu não posso —” Repentinamente Bast enrijeceu. Ela nos arrastou para trás de uma pilha de engradados.
“O que foi?” sussurrei.
Ela flexionou os pulsos e as suas facas deslizaram para suas mãos. Ela espiou por sobre os engradados, todos os músculos do seu corpo tremendo. Tentei ver o que ela estava observando, mas não havia nada exceto o velho guindaste com a bola de demolição pendurada.
A boca de Bast se contorceu com excitação. Seus olhos estavam fixos na imensa bola de metal. Eu tinha visto gatinhos desse jeito quando eles espreitavam ratinhos de brinquedo, ou pedaços de corda, ou bolas de borracha... Bolas? Não. Bast era uma antiga deusa. Certamente ela não iria—
“Esse poderia ser ele.” Ela mudou seu peso. “Fiquem bem, bem quietos.”
“Não há ninguém lá,” Sadie chiou.
Eu comecei a dizer, “Hum...”
Bast pulou sobre os engradados. Ela voou nove metros no ar, facas faiscando, e aterrissou na grande bola de metal com tanta força que quebrou a corrente. A deusa-gato e a imensa esfera de metal caíram no chão e saíram rolando pelo pátio.
“Rowww!” Bast gemeu. A bola de demolição rolou diretamente sobre ela, mas ela não parecia ferida. Ela saltou e atacou novamente. Suas facas fatiaram por completo o metal como se fosse argila molhada. Em poucos segundos, a bola de demolição foi reduzida a um monte de sucata.
Bast embainhou suas lâminas. “Estão seguros agora!”
Sadie e eu olhamos um para o outro.
“Você nos salvou de uma bola de metal,” Sadie disse.
“Nunca se sabe,” Bast falou. “Aquilo poderia ter sido hostil.”
Bem aí um grande “BOOM!” fez o chão tremer. Olhei de volta para a mansão. Fogo azul ondulava das janelas superiores.
“Vamos,” Bast disse. “Nosso tempo é curto!”
Eu pensei que talvez ela fosse nos tirar de lá com mágica, ou ao menos chamar um táxi. Em vez disso, Bast pegou um Lexus conversível prata emprestado.
“Oh, sim,” ela ronronou. “Gostei desse! Entrem, crianças.”
“Mas esse carro não é seu,” observei.
“Meu querido, eu sou uma gata. Tudo que vejo é meu.” Ela tocou a ignição, que faiscou. O motor começou a ronronar. [Não, Sadie. Não como um gato, como um motor.]
“Bast,” eu disse, “você não pode simplesmente —”
Sadie meu deu uma cotovelada. “Vamos pensar em como devolvê-lo depois, Carter. Agora temos uma emergência.”
Ela apontou para trás em direção à mansão. Chamas azuis e fumaça agora surgiam de todas as janelas. Mas aquela não era a parte mais assustadora — descendo as escadas estavam quatro homens carregando uma caixa larga, como um caixão de tamanho fora do normal com longas alças fincadas em ambas as extremidades. A caixa estava coberta por uma mortalha preta e parecia grande o suficiente para dois corpos. Os quatro homens vestiam somente kilts e sandálias.
A pele cor de bronze deles brilhava no sol como se fosse feita de metal.
“Oh, isso é mau,” Bast disse. “No carro, por favor.”

Decidi não fazer perguntas. Sadie chegou antes de mim no banco do passageiro então tive que ir atrás. Os quatro caras metálicos com a caixa estavam correndo pelo pátio, vindo direto na nossa direção numa velocidade inacreditável. Antes que eu sequer conseguisse colocar o cinto, Bast acelerou.
Nós rasgamos pelas ruas do Brooklyn, trançando insanamente pelo tráfego, subindo calçadas, por pouco deixando de acertar pedestres.
Bast dirigia com reflexos que eram... bem, felinos. Qualquer ser humano que tentasse dirigir tão rápido já teria batido uma dúzia de vezes, mas ela conseguiu nos levar em segurança até a Ponte Williamsburg.
Tive certeza que havíamos despistado nossos perseguidores, mas quando olhei para trás, os quatro homens acobreados com a caixa preta estavam trançando para dentro e para fora do tráfego. Eles pareciam estar correndo com uma passada regular, mas eles passavam carros que estavam a 80km/h. Os seus corpos estavam desfocados como imagens agitadas num filme antigo, como se eles estivessem fora de sincronia com o fluxo regular de tempo.
"O que são eles?" perguntei. "Shabti?"
"Não, carregadores." Bast olhou pelo retrovisor. "Convocados direto do Duat. Eles não vão parar por nada até capturar suas vítimas, jogá-las no *sedan*—"
"No quê?" Sadie interrompeu.
"A caixa grande," Bast explicou. "É um tipo de carruagem. Os carregadores te capturam, te deixam desacordado, te jogam dentro do *sedan*, e te transportam até o mestre deles. Eles nunca perdem sua vítima, e eles nunca desistem."
"Mas para que eles nos querem?
"Acredite em mim," Bast resmungou, "você não quer saber."
Pensei no homem flamejante ontem à noite em Phoenix — como ele tinha fritado um dos seus servos até virar uma mancha de graxa. Eu estava certo que não queria encontrá-lo cara a cara novamente.
"Bast," eu disse, "se você é uma deusa, você não pode simplesmente estalar os dedos e desintegrar aqueles caras? Ou acenar e nos teletransportar para longe daqui?"
"Isso não seria maravilhoso? Mas meu poder neste hospedeiro é limitado."
"Você quer dizer Muffin?" Sadie perguntou. "Mas você não é mais um gato."
"Ela ainda é minha hospedeira, Sadie, minha âncora deste lado do Duat — uma muito imperfeita. Seu pedido de ajuda me permitiu assumir a forma humana, mas só isso já exige uma grande quantidade de poder. Além disso, mesmo quando estou em um hospedeiro poderoso, a magia de Set é mais forte que a minha."
"Você poderia dizer algo que eu consiga entender?" implorei.
"Carter, não temos tempo para uma discussão completa sobre deuses e hospedeiros e os limites da magia! Nós temos que deixar vocês em segurança."
Bast pisou no acelerador e disparou no meio da ponte. Os quatro carregadores com o *sedan* correram atrás de nós, obscurecendo o ar enquanto se moviam, mas nenhum carro se desviou para evitá-los. Ninguém se apavorou ou ao menos olhou para eles.
"Como as pessoas não os veem?" falei. "Elas não percebem quatro homens de cobre usando saias correndo ponte acima com uma caixa preta estranha?"
Bast deu de ombros. "Gatos podem ouvir vários sons que vocês não podem. Alguns animais veem coisas no espectro ultravioleta que são invisíveis para os humanos. Magia é similar. Você notou a mansão de primeira?"
"Bem... não."
"E você nasceu da magia," Bast falou. "Imagine o quão difícil seria para um mortal normal."

"Nascido da magia?" Então me lembrei do que Amos dissera sobre nossa família estar na Casa da Vida há um longo tempo. "Se a magia, tipo, corre na família, por que nunca pude fazer isso antes?"
Bast sorriu no espelho. "Sua irmã entende."
As orelhas de Sadie ficaram vermelhas. "Não, eu não entendo! Eu ainda não consigo acreditar que você é uma deusa. Todos esses anos, você vem comendo iscas crocantes, dormindo na minha cabeceira —"
"Eu fiz um acordo com seu pai," Bast disse. "Ele me deixou permanecer no mundo desde que eu assumisse uma forma secundária, um gato doméstico normal, assim eu poderia proteger e vigiar você. Era o mínimo que eu podia fazer depois de —" Ela parou abruptamente.
Um pensamento horrível me ocorreu. Meu estômago se agitou, e não tinha nada a ver com a velocidade que estávamos indo. "Depois da morte de nossa mãe?" Supus. Bast olhou fixamente para a frente através do pára brisa.
"É isso, não é?" insisti. "Papai e mamãe fizeram algum tipo de ritual mágico na Agulha de Cleópatra. Algo deu errado. Nossa mãe morreu e... e eles libertaram você?"
"Isso não tem importância agora," Bast disse. "O ponto é que eu concordei em cuidar de Sadie. E farei isso."
Ela estava escondendo alguma coisa. Eu estava certo disso, mas o tom dela deixou claro que a discussão estava encerrada.
"Se vocês deuses são tão poderosos e dispostos a ajudar," falei, "por que a Casa da Vida proíbe os magos de convocar vocês?
Bast se desviou para a pista rápida. "Magos são paranóicos. Sua melhor esperança é ficar comigo. Vamos o mais longe possível de Nova York. Depois vamos conseguir ajuda e desafiar Set."
"Que ajuda?" Sadie perguntou.
Bast arqueou uma sobrancelha. "Ora, vamos convocar mais deuses, é claro."

CARTER

DEZ

BAST FICA VERDE

[Sadie, pare! Sim, já estou chegando naquela parte.] Desculpe, ela continua tentando me distrair colocando fogo na minha — não tem importância. Onde eu estava?

Nós saímos da ponte Williamsburg em Manhattan e seguimos para o norte na rua Clinton.

“Eles ainda estão nos seguindo,” Sadie advertiu.

Certamente os carregadores estavam apenas um quarteirão atrás de nós, trançando em volta dos carros e atropelando barracas nas calçadas com porcarias para turistas.

“Vamos ganhar algum tempo.” Bast rosnou no fundo da garganta — um som tão baixo e poderoso que fez meus dentes zumbirem. Ela guinou a direção e desviou à direita para East Houston.

Olhei para trás. Assim que os carregadores viraram a esquina, uma horda de gatos se materializou ao redor deles. Alguns pularam de janelas. Outros saíram de calçadas e becos. Alguns saíram de bueiros. Todos pularam nos carregadores numa onda de pelos e garras — subindo as pernas de cobre, arranhando suas costas, agarrando as suas faces e tentando derrubar a caixa *sedan*. Os carregadores tropeçaram, derrubando a caixa. Eles começaram a golpear os gatos cegamente. Dois carros se desviaram para evitar os animais e bateram, bloqueando completamente a rua, e os carregadores caíram sob a massa irritada de felinos. Viramos na direção da FDR Drive, e a cena desapareceu de vista.

“Legal,” admiti.

“Aquilo não vai segurá-los por muito tempo,” Bast disse. “Agora — Central Park!”

Bast deixou o Lexus no Museu Metropolitano de Arte.

“Vamos correr daqui,” ela disse. “É bem atrás do museu.”

Quando ela disse *correr*, ela pretendia isso mesmo. Sadie e eu tívemos que correr a toda velocidade, mas Bast não estava nem suando. Ela não parou por coisinhas como barracas de cachorro-quente ou carros estacionados. Qualquer coisa abaixo de três metros ela pulava por cima facilmente, deixando que a gente se atropelasse em volta dos obstáculos do melhor jeito que pudéssemos.

Nós corremos até o parque no East Drive. Assim que viramos para o norte, o obelisco apareceu acima de nós. Com pouco mais de vinte metros de altura, parecia uma cópia exata da agulha em Londres. Foi colocado em cima de uma colina coberta de grama, passando a sensação de isolamento, o que é difícil de conseguir no centro de Nova York. Não havia ninguém em volta, exceto um par de corredores mais pra baixo da trilha. Eu podia ouvir o tráfego atrás de nós na Quinta Avenida, mas mesmo aquilo parecia bem distante.

Paramos na base do obelisco. Bast aspirou o ar como se estivesse farejando problemas. Uma vez que eu estava parado, percebi o quão frio eu estava. O sol estava a pino, mas o vento rasgava através da minha roupa de linho emprestada.

“Eu gostaria de ter vestido algo mais quente,” murmurei. “Um casaco de lã seria bom.”

“Não, não seria,” Bast disse, observando o horizonte. “Você está vestido para magia.”

Sadie tremeu. “Temos que congelar para sermos mágicos?”

“Mágicos evitam produtos de animais,” Bast disse distraída. “Pelo, couro, lã, qualquer coisa assim. A aura de vida residual pode interferir com feitiços.”
“Minhas botas parecem bem,” Sadie notou.
“Couro,” Bast disse com repugnância. “Você pode ter uma maior tolerância, então um pouco de couro não vai atrapalhar sua magia. Eu não sei. Mas roupas de linho são sempre melhores, ou algodão — material vegetal. De qualquer modo, Sadie, parece que estamos livres no momento. Há uma janela de tempo favorável começando agora, às onze e meia, mas não vai durar muito. Comece.”
Sadie pestanejou. “Eu? Por que eu? Você é a deusa!”
“Eu não sou boa com portais,” Bast disse. “Gatos são protetores. Basta você controlar suas emoções. Pânico ou medo matam um encanto. Precisamos sair daqui antes que Set convoque os outros deuses para a sua causa.”
Franzi o cenho. “Você quer dizer que Set tem, tipo, outros deuses do mal na discagem rápida?”
Bast olhou de relance nervosamente na direção das árvores. “Bem e mal talvez não seja a melhor forma para se colocar isso, Carter. Como um mágico, você precisa pensar em caos e ordem. Essas são as duas forças que controlam o universo. Set é totalmente caos.”
“Mas e quanto aos outros deuses que o meu pai libertou?” persisti. “Eles não são do bem? Ísis, Osíris, Hórus, Néftis — onde eles estão?”
Bast fixou seus olhos em mim. “Essa é uma boa pergunta, Carter.”
Um gato siamês rompeu por entre os arbustos e correu para Bast. Eles se entreolharam por um momento. Então o siamês correu e desapareceu.
“Os carregadores estão perto,” Bast anunciou. “E algo mais... algo muito mais forte, se aproximando pelo leste. Parece que o mestre dos carregadores ficou impaciente.”
Meu coração deu um pulo. “Set está vindo?”
“Não,” Bast disse. “Possivelmente um servo. Ou um aliado. Meus gatos estão com dificuldade para descrever o que eles estão vendo, e eu não quero descobrir. Sadie, a hora é agora. Apenas se concentre em abrir um portal para o Duat. Vou manter os agressores afastados. Combate mágico é minha especialidade.”
“Como o que você fez na mansão?” perguntei.
Bast mostrou seus dentes pontudos. “Não, aquilo era apenas combate.”
A floresta zuniu, e os carregadores surgiram. A capa da cadeira do *sedan* tinha sido rasgada pelas garras dos gatos. Os próprios carregadores foram arranhados e mordidos. Um andava mancando, a sua perna torcida para trás na altura do joelho. Outro tinha um pára-choque de carro enrolado no pescoço.
Os quatro homens de metal cuidadosamente desceram o *sedan*. Eles olharam para nós e tiraram porretes dourados dos seus cintos.
“Sadie, comece a trabalhar,” Bast ordenou. “Carter, você é bem vindo a me ajudar.”
A deusa gato sacou suas facas. Seu corpo começou a brilhar numa tonalidade verde. Uma aura a envolveu, crescendo cada vez mais, como uma bolha de energia, e a erguendo do chão. A aura tomou forma até Bast ficar numa projeção holográfica cerca de quatro vezes o seu tamanho normal. Era uma imagem da deusa em sua forma antiga — uma mulher de seis metros de altura com uma cabeça de gato. Flutuando em pleno ar no centro do holograma, Bast deu um passo à frente. A gigante deusa gato se moveu com ela. Não parecia possível que uma imagem translúcida pudesse ter substância, mas o seu pé sacudiu o chão. Bast levantou sua mão. A guerreira verde-brilhante fez o mesmo, mostrando suas garras mais compridas e afiadas que uma espada. Bast bateu na calçada a sua frente e despedaçou o pavimento em tiras de concreto. Ela se virou e

sorriu para mim. A grande cabeça de gato fez o mesmo, mostrando presas horríveis que podiam me abocanhar pela metade.
“Isto,” Bast disse, “é combate mágico.”
No começo eu estava atordoado demais para fazer qualquer coisa que não fosse assistir quando Bast lançou a sua máquina de guerra verde no meio dos carregadores.
Ela cortou um carregador em pedaços com um único golpe, depois foi para outro e o achatou em uma panqueca de metal. Os outros dois carregadores atacaram suas pernas holográficas, mas seus porretes de metal bateram sem causar danos na luz fantasmagórica em uma chuva de faíscas.
Enquanto isso Sadie estava em pé em frente ao obelisco com seus braços levantados, gritando: “Abra, seu pedaço de pedra estúpido!”
Eu finalmente saquei minha espada. Minhas mãos estavam tremendo. Eu não queria entrar na batalha, mas sentia que devia ajudar. E se eu tinha que lutar, imaginei que ter uma gata guerreira brilhante de seis metros de altura do meu lado era a maneira de fazer isso.
“Sadie, eu — eu vou ajudar Bast. Continue tentando!”
“Eu estou tentando!”
Corri para frente na hora em que Bast retalhou os outros dois carregadores restantes como fatias de pão. Aliviado, pensei: Bem, é isso.
Então todos os quatro carregadores começaram a se reformar. O que fora amassado se desgrudou do pavimento. Os pedaços dos fatiados se uniram como ímãs, e os carregadores se levantaram melhores do que nunca.
“Carter, me ajude a retalhá-los!” Bast gritou. “Eles precisam ficar em pedaços menores!”
Tentei ficar fora do caminho de Bast enquanto ela cortava e pisoteava. Então assim que ela mutilava um carregador, eu ia e cortava os destroços em pedaços menores. Eles pareciam mais com *Play-Doh* do que com metal, porque minha lâmina os triturava com bastante facilidade.
Mais alguns minutos depois e eu estava rodeado por pilhas de cobre fatiado. Bast fez um punho brilhante e reduziu o *sedan* a gravetos.
“Aquilo não foi tão difícil,” eu disse. “Do que estávamos fugindo mesmo?”
Dentro de sua casca brilhante, a face de Bast estava coberta de suor. Não havia me ocorrido que uma deusa poderia ficar cansada, mas o seu avatar mágico deve ter exigido muito esforço.
“Não estamos seguros ainda,” ela alertou. “Sadie, como está indo?”
“Não está,” Sadie reclamou. “Não tem outro jeito?”
Antes que Bast pudesse responder, os arbustos zuniram com um novo som — como chuva, só que mais rastejante.
Um calafrio subiu pelas minhas costas. “O quê... o que é isso?”
“Não,” Bast murmurou. “Não pode ser. Não ela.”
Então os arbustos explodiram. Centenas de rastejadores-assustadores surgiram da floresta num tapete nojento — todo pinças e ferrões.
Eu queria gritar, “Escorpiões!” Mas minha voz não saia. Minhas pernas começaram a tremer. Eu odeio escorpiões. Eles estão por toda parte no Egito. Muitas vezes eu os havia encontrado na cama ou no chuveiro do hotel. Uma vez eu tinha até achado um na minha meia.
“Sadie!” Bast gritou com urgência.
“Nada!” Sadie gemeu.
Os escorpiões continuaram vindo — milhares sobre milhares. Fora da floresta uma mulher apareceu, andando destemidamente entre os aracnídeos. Ela usava vestes

marrons com jóias de ouro brilhando ao redor do seu pescoço e braços. O seu grande cabelo preto estava arrumado como no Antigo Egito — elegante, com uma coroa estranha no topo. Então percebi que não era uma coroa — ela tinha um escorpião vivo e grande aninhado em sua cabeça. Milhões dos pequenos repugnantes giravam ao seu redor como se ela fosse o centro daquela tempestade.
"Serqet," Bast rosnou.
"A deusa dos escorpiões," adivinhei. Talvez aquilo devesse ter me amedrontado, mas eu já estava bem no meu máximo. "Você pode com ela?"
A expressão de Bast não me tranquilizou.
"Carter, Sadie," ela disse, "isso vai ficar feio. Vão para o museu. Achem o templo. Isso pode protegê-los."
"Qual templo?" perguntei.
"E quanto a você?" Sadie adicionou.
"Eu vou ficar bem. Alcanço vocês depois." Mas quando Bast olhou para mim, pude ver que ela não tinha certeza. Ela apenas estava ganhando tempo para nós.
"Vão!" ela ordenou. Ela virou o seu grande guerreiro gato para encarar a massa de escorpiões.
Verdade vergonhosa? Em frente àqueles escorpiões, eu sequer pretendia ser corajoso. Agarrei o braço de Sadie e nós corremos.

SADIE

ONZE

NÓS CONHECEMOS O LANÇA-CHAMAS HUMANO

CERTO, ESTOU TOMANDO O MICROFONE. Sem chance do Carter contar essa parte direito, já que é sobre Zia. [Cala boca, Carter. Você sabe que é verdade.]

Oh, quem é Zia? Desculpem, estou me antecipando.
Nós corremos para a entrada do Museu, e eu não tinha ideia do porquê, exceto que uma mulher-gato gigante e reluzente nos disse para fazer. Agora, você deve ter em mente que eu já estava arrasada com tudo que acontecera. Primeiro, eu havia perdido meu pai. Segundo, meus amados avôs me chutaram pra fora de casa. Então descobri que eu era, aparentemente, "sangue dos faraós", nascida em uma família mágica, e toda sorte de baboseira que parece muito impressionante, mas que só me trouxe toneladas de problemas. E logo que achei um novo lar – uma mansão com café da manhã decente e animais de estimação amigáveis e um quarto legal pra mim, aliás – tio Amos desapareceu, meus queridos novos crocodilo e babuíno foram jogados em um rio, e a mansão foi incendiada. E como se não fosse o bastante, minha leal gata Muffin decidira entrar numa batalha perdida com um enxame de escorpiões.

Se fala "enxame" de escorpiões? Uma manada? Uma gangue? Ah, deixa pra lá.
A questão é que eu não podia acreditar que me pediram pra abrir um portal mágico quando, claramente, eu não possuía tal habilidade, e agora meu irmão estava me arrastando pra longe. Eu me senti como uma absoluta fracassada. [E sem comentários seus, Carter. Pelo que eu me lembro, você também não foi de grande ajuda na hora.]
"Não podemos simplesmente deixar Bast!" gritei. "Olhe!"
Carter continuou correndo, me arrastando pra longe, mas eu podia ver claramente o que estava acontecendo lá no obelisco. Uma massa de escorpiões tinha escalado as pernas verdes e brilhantes de Bast e estavam penetrando no holograma como se fosse gelatina. Bast esmagou centenas deles com seus pés e punhos, mas eles simplesmente eram muitos. Logo eles chegaram à cintura dela, e sua couraça fantasmagórica começou a tremeluzir. Enquanto isso, a deusa de túnica marrom avançava devagar, e eu tinha a sensação de que ela seria pior que qualquer número de escorpiões.
Carter me puxou através de um arbusto e eu perdi Bast de vista. Nós entramos na Quinta Avenida, a qual parecia ridiculamente normal depois da batalha mágica. Nós descemos correndo pela calçada, empurrando através de um amontoado de pedestres, e subimos os degraus do Met.
Uma faixa sobre a entrada anunciava algum tipo de evento especial de natal, suponho que era por isso que o museu estava aberto em um feriado, mas não me interessei em ler os detalhes. Nós nos lançamos direto pra dentro.
Como era o interior? Bom, era um museu: hall de entrada enorme, inúmeras colunas e assim vai. Não posso dizer que passei a maior parte do tempo admirando a decoração. Eu me lembro que tinham filas para as janelas de ticket, porque nós corremos bem através delas. Havia também guardas de segurança, porque eles gritaram conosco

enquanto entrávamos nas exposições. Por sorte, nós acabamos na seção Egípcia, de frente para um tipo de tumba reconstruída com corredores estreitos. Carter provavelmente poderia ter dito a vocês o que a estrutura era, mas, honestamente, eu não me importava.
“Vamos,” eu disse.
Nós deslizamos para dentro da galeria, o que se provou suficiente para despistar os guardas, ou talvez eles tivessem coisas melhores pra fazer do que perseguir crianças desobedientes.
Quando nós aparecemos de novo, nós nos esgueiramos ao redor até termos certeza que não estávamos sendo seguidos. A área Egípcia não estava lotada – só uns poucos velhinhos e um grupo de estrangeiros com um guia explicando um sarcófago em Francês. “Et voici la momie!”
Estranhamente, ninguém pareceu notar a espada enorme nas costas de Carter, que certamente teria sido uma questão de segurança (e muito mais interessante que as exposições). Alguns idosos deram uma olhada curiosa em nós, mas suspeitei que fosse porque estávamos vestidos em pijamas de linho, encharcados de suor, e cobertos de grama e folhas. Meu cabelo também devia estar um pesadelo.
Eu achei uma sala vazia e empurrei Carter pra dentro. Os jarros de vidro estavam cheios de shabtis. Alguns dias antes eu não teria dado atenção. Agora, fiquei encarando as estátuas, certa de que elas viriam a vida a qualquer minuto e tentariam me bater na cabeça.
“O que foi agora?” perguntei a Carter. “Você viu algum templo?”
“Não.” Ele juntou suas sobrancelhas como se estivesse tentando se lembrar. “Eu acho que há um templo reconstruído lá embaixo, no hall... ou isso é no Museu do Brooklin? Talvez aquele em Munique? Desculpe, eu estive em tantos museus com papai que eles acabam se misturando.”
Eu suspirei exasperada. “Pobre garoto, forçado a viajar pelo mundo, escapar da escola, e passar o tempo com papai enquanto eu tinha dois dias inteiros no ano com ele!”
“Ei!” Carter me segurou com uma força surpreendente. “Você tinha um lar! Você tinha amigos e uma vida normal e não acordava cada manhã imaginando em que país você estava! Você não –”
O jarro de vidro perto de nós se despedaçou, espalhando vidro aos nossos pés.

Carter olhou para mim, alarmado. “Será que nós –”
“Como meu bolo de aniversário explosivo,” resmunguei, tentando não mostrar o quanto eu estava assustada. “Você precisa controlar seu temperamento.”
“Eu?”
Alarmes começaram a soar. Luzes vermelhas pulsaram ao longo do corredor. Uma voz deturpada surgiu dos auto-falantes e disse alguma coisa sobre ir calmamente para as saídas. O grupo de turismo francês passou correndo por nós, gritando de pânico, seguido por uma multidão de velhinhos incrivelmente rápidos com bengalas e andadores.
“Vamos terminar de discutir mais tarde, certo?” eu disse a Carter. “Vamos!”
Nós corremos por outro corredor, e as sirenes morreram tão subitamente quanto começaram. As luzes vermelho-sangue continuaram a pulsar em um silêncio estranho. Então eu ouvi: o rastejante, ritmado som de escorpiões.
“E quanto a Bast?” Minha voz engasgou. “Ela está –”
“Não pense nisso,” Carter disse, mas, a julgar pelo rosto dele, era exatamente no que ele estava pensando. “Continue andando!”

Logo nós estávamos perdidos. Até onde eu conseguia dizer, a parte egípcia do museu fora desenhada para ser a mais confusa possível, com becos sem saídas e corredores que saíam neles mesmos. Nós passamos por pergaminhos com hieróglifos, jóias douradas, sarcófagos, estátuas de faraós, e enormes pedras calcárias. Por que alguém exibiria uma pedra? Já não existe o suficiente delas no mundo?
Não vimos ninguém, mas o som rastejante foi ficando mais alto não importando para onde corrêssemos. Finalmente eu dobrei em um canto e me choquei direto com alguém.
Eu gritei e tropecei para trás, apenas para topar com Carter. Nós dois caímos sentados de bunda de um jeito nada bonito. Foi um milagre Carter não ter se empalado com a própria espada.
A princípio eu não reconheci a garota parada na nossa frente, o que parece estranho, refletindo sobre isso. Talvez ela estivesse usando algum tipo de aura mágica, ou talvez eu só não quisesse acreditar que era ela.
Ela parecia ser um pouco mais alta que eu. Provavelmente mais velha, também, mas não muito. Seu cabelo negro era aparado na altura do queixo e mais longo na frente então ele caia sobre seus olhos. Ela tinha uma pele cor de caramelo e bonitos, vagos traços árabes. Seus olhos – delineados de kohl preto, no melhor estilo egípcio – de uma cor âmbar estranha, eram muito bonitos e ao mesmo tempo um pouco assustadores; eu não conseguia decidir qual. Ela tinha uma mochila nas costas, e usava sandálias e roupas de linho soltas como as nossas. Ela passava a impressão de que estivera a caminho de uma aula de artes marciais. Deus, agora que eu estou pensando nisso, nós provavelmente passávamos a mesma impressão. Que constrangedor.
Lentamente comecei a perceber que eu já a havia visto antes. Ela era a garota com a faca no Museu Britânico. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Carter ficou de pé. Ele se pôs na minha frente e brandiu sua espada como se tentasse me proteger. Dá pra acreditar nisso?
“Para – para trás!” ele gaguejou.
A garota procurou dentro da manga e produziu um pedaço curvo e branco de marfim — uma varinha Egípcia.
Ela sacudiu para um lado, e a espada de Carter voou de suas mãos e retiniu no chão.
“Não se envergonhe,” a garota disse severamente. “Onde está Amos?”
Carter parecia muito atordoado para falar. A garota se virou para mim. Seus olhos dourados eram bonitos e assustadores, decidi, e não gostei dela nem um pouco.
“Então?” ela insistiu.
Eu não via por que eu precisava dizer qualquer coisa a ela, mas uma inconfortável pressão começou a surgir no meu peito, como um arroto tentando sair. Eu me ouvi dizer, “Amos se foi. Ele partiu hoje de manhã.”
“E o gato demônio?”
“É a minha gata,” falei. “E ela é uma deusa, não um demônio. Ela nos salvou dos escorpiões!”
Carter descongelou. Ele apanhou sua espada e apontou para a garota de novo. Todos os créditos por persistência, suponho.
“Quem é você?” ele exigiu. “O que você quer?”
“Meu nome é Zia Rashid.” Ela inclinou a cabeça como se tentando escutar.
Bem na deixa, o prédio inteiro tremeu. Poeira caiu do teto, e o som rastejante dos escorpiões dobrou de volume atrás de nós.
“E agora,” Zia continuou, soando um pouco desapontada, “eu devo salvar suas vidas miseráveis. Vamos logo.”
Suponho que nós poderíamos ter recusado, mas nossas escolhas pareciam ser Zia ou os escorpiões, então corremos atrás dela.

Ela passou por uma sala cheia de estátuas e casualmente bateu no vidro com sua varinha. Pequenos faraós de granito e deuses de calcário despertaram ao seu comando. Eles deixaram seus pedestais e quebraram o vidro, passando por ele. Alguns empunhavam armas. Outros simplesmente estralavam suas juntas de pedra. Eles nos deixaram passar, mas ficaram à espreita no corredor atrás de nós como se esperassem pelo inimigo.
“Rápido,” Zia nos disse. “Eles vão apenas –”
“Conseguir algum tempo pra nós,” adivinhei. “Pois é, nós ouvimos isso antes.”
“Você fala demais,” Zia disse sem parar.
Eu estava para dar uma resposta à altura. Sério, eu a teria colocado no lugar dela rapidinho. Mas bem aí nós entramos num enorme salão e minha voz me abandonou.
“Uau,” Carter disse.
Eu não pude deixar de concordar com ele. O lugar era extremamente uau.
O salão era do tamanho de um estádio de futebol. Uma parede era completamente feita de vidro e tinha vista para o parque. No meio do salão, numa plataforma alta, um prédio antigo tinha sido reconstruído. Havia um portão de pedra independente de uns oito metros de altura, e atrás dele um pátio aberto e uma estrutura quadrangular feita de blocos de pedra desiguais totalmente esculpidas com imagens de deuses e faraós e hieróglifos. Flanqueando a entrada do prédio havia duas colunas banhadas por uma luz estranha.
“Um templo Egípcio,” adivinhei
“O Templo de Dendur,” disse Zia, “Na verdade, foi construído pelos romanos –”
“Quando eles ocuparam o Egito,” Carter falou, como se esta fosse uma informação encantadora. “Augustus autorizou sua construção.”
“Sim,” disse Zia.
“Fascinante,” murmurei. “Vocês gostariam de serem deixados sozinhos com um livro de história?”
Zia me encarou. “De qualquer forma, o templo foi dedicado a Ísis, então terá poder suficiente para abrir um portal.”
“Para invocar mais deuses?” perguntei.
Os olhos de Zia faiscaram de raiva. “Acuse-me disso outra vez, e eu cortarei fora sua língua. Eu quis dizer um portal para tirar vocês daqui.”
Eu me senti completamente perdida, mas já estava me acostumando com isso. Nós seguimos Zia degraus acima e através da entrada de pedra do templo.
O pátio estava vazio, abandonado pelos visitantes fugitivos do museu, o que o fez parecer bem assustador. Deuses gigantes esculpidos me encaravam do alto. Inscrições hieroglíficas estavam por todo lado, e eu temia que, se me concentrasse bastante, eu talvez fosse capaz de lê-las.
Zia parou nos degraus da frente do templo. Ela ergueu sua varinha e escreveu no ar. Um hieróglifo familiar queimou entre as colunas.

Abra – o mesmo símbolo que papai usara na pedra de Roseta. Esperei que alguma coisa surgisse, mas o hieróglifo simplesmente desapareceu.

Zia abriu sua mochila. “Nós vamos fixar nossa posição aqui até que o portal possa ser aberto.”

“Por que simplesmente não o abre agora?” Carter perguntou.

“Portais só podem aparecer em momentos propícios,” disse Zia. “Nascer do sol, pôr do sol, meia-noite, eclipses, alinhamentos planetários, o momento exato do nascimento de um deus –”
“Ah, qual é,” falei. “Como é possível que você saiba disso tudo?”
“Leva anos para memorizar o calendário completo,” Zia disse. “Mas o próximo momento propício é fácil: meio-dia. Dez minutos e meio contando de agora.”
Ela não consultou nenhum relógio. Fiquei pensando em como ela poderia saber as horas com tanta precisão, mas decidi que essa não era a pergunta mais importante.
“Por que deveríamos confiar em você?” perguntei. “Até onde me lembro, no Museu Britânico, você queria nos esfolar com uma faca.”
“Isso teria sido mais simples,” Zia sibilou, “infelizmente, meus superiores acham que vocês podem ser inocentes. Então, por enquanto, não posso matá-los. Mas também não posso deixar vocês caírem nas mãos do Lorde Vermelho. E por isso... vocês podem confiar em mim.”
“Ah, estou convencida,” falei. “Eu me sinto animadíssima.”
Zia mexeu na mochila e pegou quatro pequenas estátuas – homens com cabeças de animais, cada um com cerca de cinco centímetros de altura. Ela os passou para mim.
“Coloque os Filhos de Hórus ao nosso redor nos pontos cardeais.”
“Como é?”
“Norte, sul, leste, oeste.” Ela falou devagar, como se eu fosse uma idiota.
“Eu sei as direções da bússola! Mas –”
“Aquele é o norte.” Zia apontou para a parede de vidro. “Descubra o resto.”
Fiz o que ela pediu, mesmo não sabendo como os pequenos homenzinhos poderiam ajudar. Enquanto isso, Zia deu a Carter um pedaço de giz e disse para ele desenhar um círculo ao nosso redor, conectando as estátuas.
“Proteção mágica,” Carter disse. “Como a que papai fez no Museu Britânico.”
“Sim,” resmunguei. “E nós vimos como aquilo funcionou super bem.”
Carter me ignorou. Mais alguma novidade? Ele estava tão ansioso para agradar Zia que correu logo para cumprir sua tarefa e desenhar sua arte de calçada.
Então Zia tirou mais alguma coisa de sua mochila – uma haste de madeira plana como a que nosso pai tinha usado em Londres. Ela sussurrou uma palavra, e a vara se expandiu num longo cajado preto de dois metros com uma cabeça de leão talhada no topo. Ela o girou com uma mão como um bastão – apenas se exibindo, aposto – enquanto segurava a varinha na outra mão.
Carter terminou de rabiscar o círculo assim que os primeiros escorpiões apareceram na entrada da galeria.
“Quando mais para o portal?” perguntei, esperando não parecer tão aterrorizada quanto me sentia.
“Fiquem dentro do círculo não importa o que aconteça,” disse Zia. “Quando o portal abrir, pulem nele. E fiquem atrás de mim!”
Ela tocou a varinha no círculo de giz, falou outra palavra, e o círculo começou a brilhar vermelho escuro.
Centenas de escorpiões pulularam na direção do templo, transformando o chão numa massa viva de garras e ferrões. Então a mulher de marrom, Serqet, entrou na galeria. Ela sorriu para nós friamente.
“Zia,” eu disse, “aquilo é uma deusa. Ela derrotou Bast. Que chances você tem?”

Zia levantou seu cajado e a cabeça esculpida de leão explodiu em chamas – uma pequena bola de fogo tão brilhante, que iluminou todo o salão. “Eu sou uma escriba da Casa da Vida, Sadie Kane. Eu sou treinada para lutar contra deuses.”

SADIE

DOZE

UM PULO ATRAVÉS DA AMPULHETA

BEM, FOI TUDO MUITO IMPRESSIONANTE, eu suponho. Você devia ter visto a cara do Carter — ele parecia um cachorrinho animado. [Oh, pare de me cutucar. Você parecia!]

Mas eu não botei muita fé na Srta. Zia "eu-sou-tão-mágica" Rashid quando o exército de escorpiões correu na nossa direção. Eu não teria pensando que fosse possível tantos escorpiões existirem no mundo, muito menos em Manhattan. O círculo brilhante que nos rodeava parecia uma proteção insignificante contra os milhões de aracnídeos rastejando uns sobre os outros, várias camadas profundas, e a mulher em marrom, que era ainda mais horrível.

De longe ela parecia normal, mas enquanto ela se aproximava, vi que a pele pálida de Serqet brilhava como uma couraça de inseto. Seus olhos eram negros lustrosos. Seu longo, escuro cabelo era artificialmente espesso, como se fosse feito de milhões de antenas eriçadas de percevejos. E quando ela abriu a boca, mandíbulas laterais estalaram e se retraíram para fora de seus dentes humanos.

A deusa parou a vinte metros de distância, nos estudando. Seus detestáveis olhos negros fixos em Zia.

"Entregue-me os jovens."

Sua voz era áspera e grossa, como se ele não falasse há séculos.

Zia cruzou sua varinha e seu bastão. "Eu sou mestra dos elementos, Escriba do Primeiro Nome. Parta ou será destruída."

Serqet estalou suas mandíbulas num horrível e espumante sorriso. Alguns de seus escorpiões avançaram, mas quando o primeiro tocou nas linhas brilhantes do nosso círculo de proteção, ele queimou e se transformou em cinzas. Guarde minhas palavras, nada cheira pior que escorpião queimado.

O resto das coisas medonhas recuou, rodeando a deusa e subindo em suas pernas. Com um arrepio, percebi que eles estavam se contorcendo para dentro do vestido da deusa. Depois de alguns segundos, todos os escorpiões tinham desaparecido nas dobras marrons das suas roupas.

O ar parecia escurecer atrás de Serqet, como se ela estivesse lançando uma sombra enorme. Então a escuridão se ergueu e formou um enorme rabo de escorpião, fazendo um arco acima da cabeça de Serqet. Aquilo chicoteou na nossa direção a uma velocidade inflamante, mas Zia levantou sua varinha e o ferrão caiu com um som de assobio. Vapor saiu da varinha de Zia, cheirando a enxofre.

Zia apontou seu bastão para a deusa, engolfando seu corpo em fogo. Serqet gritou e cambaleou para trás, mas o fogo morreu quase que instantaneamente. Aquilo deixou as roupas de Serqet queimadas e soltando fumaça, mas a deusa parecia mais enfurecida do que ferida.

"Seus dias são passado, feiticeira. A Casa está fraca. Lorde Set vai assolar esta terra."

Zia jogou sua varinha como um bumerangue. Ela bateu na cauda sombria do escorpião e explodiu em um cegante clarão de luz. Serqet se lançou para trás e desviou o olhar, e

quando ela fez isso, Zia pegou algo de sua manga, algo pequeno — algo apertado dentro de seu punho.
A varinha foi uma distração, pensei. Um truque mágico.
Então Zia fez algo imprudente: ela saiu do círculo mágico — bem o que ela nos alertou para não fazer.
“Zia!” Carter chamou. “O portal!”
Eu olhei atrás de mim, e meu coração quase parou. O espaço entre as duas colunas da entrada do templo era agora um túnel de areia vertical, como se eu estivesse olhando para o funil de uma enorme ampulheta de lado. Eu pude sentir aquilo me arrastando, me puxando com uma gravidade mágica.
“Eu não vou entrar aí,” insisti, mas outro clarão levou minha atenção a Zia.
Ela e a deusa estavam envolvidas numa dança perigosa. Zia rodopiou e girou com seu bastão flamejante, e em todo o lugar que ela passava, ela deixava um rastro de chamas queimando no ar. Eu tive que admitir: Zia era quase tão graciosa e impressionante quanto Bast.
Tive a mais estranha vontade de ajudar. Eu queria — muito mesmo, na verdade — sair do círculo e entrar no combate. Era um desejo completamente louco, é claro. O que eu poderia ter feito? Mas ainda assim eu sentia que não deveria — ou não podia — pular através do portal sem ajudar Zia.
“Sadie!” Carter me agarrou e me puxou de volta. Sem que eu sequer percebesse, meu pé havia quase pisado fora da linha de giz. “O que você está pensando?”
Eu não tinha uma resposta, mas olhei para Zia e murmurei numa espécie de transe, “Ela vai usar as fitas. Elas não vão funcionar.”
“O quê?” Carter perguntou. “Vamos, nós temos que passar pelo portal!”
Bem aí Zia abriu seu punho e pequenos pedaços de pano vermelho flutuaram no ar. Fitas. Como eu soube? Elas flutuavam como se fossem seres vivos — como enguias na água — e começaram a ficar mais largas.
Serqet ainda estava concentrada no fogo, tentando evitar que Zia a enjaulasse. No início ela pareceu não perceber as fitas, as quais cresceram até estarem com vários metros de comprimento.
Eu contei cinco, seis, sete delas no total. Elas flutuaram, orbitando ao redor de Serqet, rasgando sua sombra de escorpião como se fosse uma ilusão inofensiva. Finalmente elas se enroscaram em volta do corpo de Serqet, prendendo seus braços e pernas. Ela gritou como se as fitas a queimassem. Ela caiu de joelhos, e a sombra de escorpião se desintegrou numa névoa escura. Zia rodopiou e parou. Ela apontou seu bastão para a face da deusa. As fitas começaram a brilhar, e a deusa sibilou de dor, amaldiçoando numa língua que eu não conhecia.
“Eu te prendo às Sete Fitas de Hathor,” Zia disse. “Liberte seu hospedeiro ou sua essência queimará para sempre.”
“Sua morte vai durar para sempre!” Serqet rosnou. “Você se tornou uma inimiga de Set!”
Zia torceu seu bastão, e Serqet caiu de lado, contorcendo-se e soltando fumaça.
“Eu não... vou...” a deusa sibilou. Mas então seus olhos negros se tornaram brancos e leitosos, e ela se deitou.
“O portal!” Carter alertou. “Zia, venha! Parece que ele está fechando!”
Ele estava certo. O túnel de areia parecia estar se movendo mais devagar. O puxão da sua magia não parecia mais tão forte.
Zia se aproximou da deusa caída. Ela tocou a testa de Serqet, e fumaça negra ondeou da boca da deusa. Serqet se transformou e encolheu até que estávamos olhando para uma mulher completamente diferente envolta em fitas vermelhas. Ela tinha pele pálida e

cabelo preto, mas, entretanto ela não se parecia nada com Serqet. Ela parecia, bem, humana.
"Quem é ela?" perguntei.
"A hospedeira," Zia disse. "Alguma pobre mortal que —"
Ela olhou para cima com um sobressalto. A névoa negra já não estava se dissipando. Foi ficando mais escura e grossa novamente, rodopiando para uma forma mais sólida.
"Impossível," Zia disse. "As fitas são poderosas demais. Serqet não pode se reformar a menos que —"
"Bem, ela está se reformando," Carter gritou, "e nossa saída está se fechando! Vamos!"
Eu não podia acreditar que ele estava disposto a pular em uma parede de areia que se agitava, mas, enquanto eu olhava, a nuvem negra tomou a forma de um escorpião de dois andares de altura — um escorpião muito zangado — e eu tomei minha decisão.
"Tô indo!" gritei.
"Zia!" Carter berrou. "Agora!"
"Talvez você esteja certo," a feiticeira decidiu. Ela se virou, e juntos corremos e mergulhamos direto para dentro do rodopiante vórtice.

CARTER

TREZE

EU ENCARO O PERU ASSASSINO

MINHA VEZ.

Em primeiro lugar, o comentário da Sadie sobre “cachorrinho” foi totalmente desnecessário. Eu não estava com os olhos brilhando por Zia. É só que eu não conheço muitas pessoas que podem atirar bolas de fogo e lutar contra deuses. [Pare de fazer caretas pra mim, Sadie. Você parece o Khufu.]

Em todo caso, nós mergulhamos no túnel de areia.

Tudo ficou escuro. Meu estômago formigou com aquela leveza de topo-da-montanha-russa quando fui arremessado para frente. Ventos quentes açoitaram ao meu redor, e minha pele ardia. Então eu cai em um chão frio e azulejado, e Sadie e Zia caíram em cima de mim.

“Ai!” resmunguei.

A primeira coisa que notei foi a fina camada de areia cobrindo meu corpo como açúcar polvilhado. Então meus olhos se adaptaram à luz forte. Nós estávamos em um grande edifício como um shopping, com uma multidão se movimentando ao nosso redor.

Não... não um shopping. Era o saguão de um aeroporto de dois andares, com lojas, um monte de janelas, e colunas de aço polido. Lá fora estava escuro, então eu sabia que estávamos em um fuso horário diferente. Anúncios ecoavam pelo alto-falante em uma língua que soava como árabe.

Sadie cuspiu areia. “Eca!”

“Venham,” disse Zia. “Não podemos ficar aqui.”

Eu me esforcei para ficar de pé. Pessoas fluíam rapidamente – algumas em roupas ocidentais, outras em burcas e véus. Uma família discutindo em alemão passou apressadamente e quase me atropelou com suas malas.

Então eu me virei e vi algo que reconheci. No meio do saguão estava uma réplica em tamanho natural de um antigo barco egípcio feito de brilhantes caixas de exposição – um balcão de um vendedor de perfumes e joias.

“Este é o aeroporto de Cairo,” falei.

“Sim,” disse Zia. “Agora, vamos!”

“Por que a pressa? Serqet pode... ela pode nos seguir pelo portal de areia?”

Zia sacudiu a cabeça. “Um artefato superaquece sempre que cria um portal. É necessário esperar doze horas para que ele esfrie e possa ser usado novamente. Mas ainda temos que nos preocupar com a segurança do aeroporto. A não ser que vocês queiram conhecer a polícia egípcia, vocês vão vir comigo agora.”

Ela agarrou nossos braços e nos guiou pela multidão. Nós devíamos parecer mendigos com nossas roupas antiquadas, cobertos dos pés à cabeça com areia. As pessoas se mantiveram afastadas, mas ninguém tentou nos parar.

“Por que estamos aqui?” Sadie exigiu.

“Para ver as ruínas de Heliópolis,” disse Zia.

“Dentro de um aeroporto?” perguntou Sadie.

Eu me lembrei de algo que papai me contara anos atrás, e minha nuca se arrepiou.

“Sadie, as ruínas estão abaixo de nós.” Eu olhei para Zia. “É isso, não é?”
Ela assentiu. “A antiga cidade foi pilhada séculos atrás. Alguns de seus monumentos foram levados, como as duas agulhas de Cleópatra. A maioria dos templos foi destruída para a construção de novos edifícios. O que sobrou desapareceu sob as periferias do Cairo. A maior seção está embaixo deste aeroporto.”
“E como isso nos ajuda?” Sadie perguntou.
Zia abriu uma porta de manutenção com um chute. Do outro lado havia um armário de vassouras. Zia murmurou um comando – *Sahad* – e a imagem do armário tremulou e desapareceu, revelando uma série de degraus de pedra que conduziam para baixo.
“Por que nem toda Heliópolis está em ruínas,” disse Zia. “Sigam-me de perto. E não toquem em nada.”
A escada deve ter nos levado para baixo por uns doze milhões de quilômetros, porque nós descemos por uma eternidade. A passagem fora feita para pessoas em miniatura, também. Nós tivemos que nos agachar e engatinhar na maior parte do caminho, e, mesmo assim, eu bati minha cabeça no teto várias vezes. A única luz vinha de uma bola de fogo na mão de Zia, que fazia com que sombras dançassem nas paredes.
Eu já estivera em lugares como este antes – túneis dentro de pirâmides, tumbas que meu pai escavara – mas eu nunca havia gostado deles. Milhões de toneladas de pedra acima de mim pareciam forçar o ar para fora de meus pulmões.
Finalmente nós chegamos ao fundo. O túnel se abriu, e Zia parou abruptamente. Depois que meus olhos se adaptaram, eu vi por quê. Nós estávamos na beira de um abismo.
Uma única prancha de madeira se estendia pelo vazio. Do outro lado, dois guerreiros de granito com cabeças de chacal flanqueavam uma porta, suas lanças cruzadas acima da entrada.
Sadie suspirou. “Por favor, sem mais estátuas psicóticas.”
“Não brinque,” Zia avisou. “Esta é uma entrada para o Primeiro Nome, a mais antiga ramificação da Casa da Vida, sede de todos os mágicos. Meu trabalho era trazer vocês aqui em segurança, mas não posso ajudá-los a atravessar. Cada mágico deve abrir o caminho por si mesmo, e o desafio é diferente para cada suplicante.”
Ela olhou para Sadie com expectativa, o que me incomodou. Primeiro Bast, agora Zia – as duas trataram Sadie como se ela tivesse algum tipo de superpoder. Quero dizer, ok, então ela fora capaz de explodir as portas da biblioteca, mas por que ninguém olhava pra mim esperando truques legais?
Além do mais, eu ainda estava aborrecido com Sadie por causa dos comentários que ela tinha feito no Museu de Nova York – como eu tinha me dado bem viajando ao redor do mundo com nosso pai. Ela não tinha ideia de quantas vezes eu quis reclamar das constantes viagens, de quantos dias eu desejei não ter que entrar em um avião e poder ser somente um garoto normal indo pra escola e fazendo amigos. Mas eu não podia reclamar. Você tem que sempre aparentar estar impecável, papai me dissera. E ele não queria dizer apenas nas roupas. Ele quis dizer na minha atitude. Desde que mamãe se fora, eu era tudo que ele tinha. Ele precisava que eu fosse forte. Na maioria dos dias, eu não me importava. Eu amava meu pai. Mas também era difícil.
Sadie não entendia isso. Pra ela foi fácil. E agora ela parecia estar ganhando toda a atenção, como se ela fosse a especial. Não era justo. Então eu ouvi a voz de meu pai em minha cabeça: “Justiça significa todos ganharem o que precisam. E o único meio de conseguir o que precisa é fazer acontecer você mesmo.”
Eu não sei o que deu em mim, mas eu desembainhei minha espada e marchei pela prancha. Era como se as minhas pernas estivessem funcionando sozinhas, sem esperar pelo meu cérebro. Parte de mim pensou: Esta é uma péssima ideia. Mas parte de mim respondeu: Não, nós não temos medo disso. E a voz não soava como a minha.

“Carter!” Sadie gritou.
Eu continuei andando. Tentei não olhar para o cavernoso vazio abaixo dos meus pés, mas o simples tamanho do abismo me deixou tonto. Eu me senti como um desses giroscópios de brinquedo, girando e cambaleando enquanto eu atravessava a estreita prancha.
Quando cheguei mais perto do lado oposto, a porta entre as duas estátuas começou a brilhar, como uma cortina de luz vermelha.
Eu inspirei profundamente. Talvez a luz vermelha fosse um portal, como a passagem de areia. Se eu apenas investisse através dela rápido o suficiente...
Então o primeiro punhal foi lançado do túnel.
Minha espada estava em movimento antes que eu percebesse. O punhal deveria ter me cravado no peito, mas de algum modo eu o desviei com minha lâmina e o mandei direto para o precipício. Mais dois punhais vieram do túnel. Eu nunca tivera os melhores reflexos, mas agora eles aceleraram. Eu evitei um punhal e enganchei o outro com a lâmina curva da minha espada, virei o punhal e arremessei-o de volta para o túnel. Como foi que eu fiz aquilo?
Avancei para o fim da prancha e golpeei a luz vermelha, a qual tremeluziu e se apagou. Esperei que as estátuas acordassem, mas nada aconteceu. O único som foi o do punhal se chocando contra as rochas no abismo muito abaixo.
A porta começou a brilhar novamente. A luz vermelha se fundiu em uma estranha forma: um pássaro com um metro e meio de altura e cabeça do homem. Ergui minha espada, mas Zia gritou, “Carter, não!”
A criatura pássaro dobrou suas asas. Seus olhos, delineados com kohl, se estreitaram enquanto ele me estudava. Uma peruca ornamental preta reluziu em sua cabeça, e seu rosto ficou marcado por rugas. Uma dessas barbas falsas de faraó trançadas estava presa em seu queixo como um rabo de cavalo ao contrário. Ele não parecia hostil, exceto pela luz vermelha tremeluzindo ao seu redor, e o fato de, do seu pescoço pra baixo, ele ser o maior peru assassino do mundo.
Então um pensamento enregelante me ocorreu: Este era um pássaro com cabeça humana, a mesma forma que eu imaginara ter quando dormi na casa de Amos, quando minha alma deixou meu corpo e voou para Phoenix. Eu não fazia ideia do que isso significava, mas me assustou.
A criatura-pássaro arranhou o chão de pedra. Então, inesperadamente, ele sorriu.
“Pari, niswa nafeer,” ele me disse, ou pelo menos foi o que me pareceu.
Zia arfou. Ela e Sadie estavam bem atrás de mim agora, seus rostos pálidos. Aparentemente elas haviam dado um jeito de cruzar o abismo sem que eu percebesse.
Finalmente Zia pareceu se recuperar. Ela se curvou para a criatura-pássaro. Sadie seguiu seu exemplo.
A criatura piscou pra mim, como se nós tivéssemos acabado de compartilhar uma piada. Então ela desapareceu. A luz vermelha se extinguiu. As estátuas recolheram seus braços, descruzando as lanças da entrada.
“É isso?” perguntei. “O que o peru disse?”
Zia olhou para mim com algo como medo. “Não era um peru, Carter. Era um ba.”
Eu já ouvira meu pai usar aquela palavra antes, mas não conseguia situá-la. “Outro monstro?”
“Uma alma humana,” disse Zia. “Neste caso, o espírito de um morto. Um mágico dos tempos antigos, que volta para servir de guardião. Eles vigiam as entradas da Casa.”
Ela estudou meu rosto como se eu tivesse acabado de desenvolver uma terrível brotoeja.
“O quê?” demandei. “Por que você está olhando pra mim desse jeito?”
“Nada,” ela disse. “Nós devemos nos apressar.”

Ela me espremeu na saliência e desapareceu dentro do túnel. Sadie também estava me encarando.
“Tudo bem,” eu disse. “O que o cara pássaro disse? Você entendeu?”
Ela assentiu desconfortavelmente. “Ele confundiu você com outra pessoa. Ele deve ter uma péssima visão.”
“Por quê?”
“Porque ele disse, ‘Vá adiante, bom rei.’”
Eu fiquei em torpor daí em diante. Nós passamos pelo túnel e entramos em uma vasta cidade subterrânea de corredores e câmaras, mas eu só me lembro de pedaços e trechos dela.
O teto subia a seis ou nove metros, então eu não me sentia como se estivéssemos no subterrâneo. Cada câmara era alinhada com colunas de pedra maciça, como aquelas que eu vira nas ruínas egípcias, mas essas estavam em perfeita condição, pintadas com cores vivas para se parecerem com palmeiras, com folhas verdes esculpidas no topo, então eu me senti como se estivesse andando por uma floresta petrificada. Fogueiras queimavam em braseiros de cobre. Eles não pareciam produzir nenhuma fumaça, mas o ar cheirava bem, como uma loja de especiarias – canela, cravo, noz moscada, e outras que eu não consegui identificar. A cidade cheirava como Zia. Eu percebi que aquele era o seu lar.
Nós vimos algumas outras pessoas – a maioria homens e mulheres mais velhos. Algumas vestiam túnicas de linho, algumas roupas modernas. Um cara em um terno de executivo passou com um leopardo negro em uma coleira, como se isso fosse completamente normal. Outro cara berrava ordens para um pequeno exército de vassouras, esfregões e baldes que se apressavam por ali, limpando a cidade.
“Como aquele desenho animado,” Sadie disse. “Onde o Mickey Mouse tenta fazer mágica e as vassouras ficam se dividindo e jogando água em tudo.”
“O Aprendiz de Feiticeiro,” disse Zia. “Você sabe que foi baseada em uma história egípcia, não sabe?”
Sadie apenas retribuiu o olhar. Eu sabia como ela se sentia. Era muito para se processar.
Nós andamos por um corredor de estátuas com cabeça de chacal, e eu podia jurar que seus olhos nos vigiaram enquanto passávamos. Alguns minutos depois, Zia nos guiou por um mercado a céu aberto – se você pode chamar qualquer coisa de “a céu aberto” no subterrâneo – com dúzias de barracas vendendo coisas estranhas como varinhas bumerangue, bonecos de barro animados, papagaios, cobras, rolos de papiro, e centenas de amuletos reluzentes diferentes.
Depois nós cruzamos um caminho de pedras sobre um rio negro cheio de peixes. Eu pensei que eram percas até ver seus dentes afiados.
“Essas são piranhas?” perguntei.
“Peixes-tigre do Nilo,” disse Zia. “Como piranhas, exceto pelo fato de que estes podem pesar acima de oito quilos.”
Eu prestei mais atenção onde pisava depois daquilo.
Nós viramos uma esquina e passamos por um ornamentado edifício esculpido em pedra preta. Faraós sentados estavam gravados nas paredes, e a porta tinha o formato de uma serpente enrolada.
“O que tem ali?” Sadie perguntou.
Nós espreitamos lá dentro e vimos filas de crianças – talvez duas dúzias ao todo, entre seis e dez anos de idade ou algo assim – sentadas com as pernas cruzadas em almofadas. Elas estavam debruçadas sobre bacias de bronze, examinando atentamente algum tipo de líquido e murmurando. Primeiro eu pensei que fosse uma sala de aula, mas não havia sinal de um professor, e a sala era iluminada por apenas algumas velas. Julgando pelo número de lugares vazios, o aposento poderia conter o dobro de crianças.

“Nossos iniciantes,” disse Zia, “aprendendo a vidência. O Primeiro Nome deve manter contato com nossos irmãos ao redor do mundo. Nós usamos nossos mais jovens como... operadores, pode-se dizer.”
“Então vocês tem bases como esta ao redor do mundo todo?”
“A maioria é muito menor, mas sim.”
Eu me lembrei do que Amos nos contara sobre os nomes. “O Egito é o Primeiro Nome. Nova York é o Vigésimo Primeiro. Qual é o último, o Tricentésimo Sexagésimo?”
“Seria a Antártica,” disse Zia. “Uma nomeação punitiva. Não há nada lá além de alguns magos gelados e pinguins mágicos.”
“Pinguins mágicos?”
“Não pergunte.”
Sadie apontou para as crianças lá dentro. “Como funciona? Elas veem imagens na água?”
“É óleo,” Zia disse. “Mas sim.”
“Tão poucos,” disse Sadie.” Esses são os únicos iniciantes na cidade toda?”
“No mundo todo,” Zia corrigiu. “Havia mais antes –” Ela se interrompeu.
“Antes do quê?” perguntei.
“Nada,” respondeu Zia sombriamente. “Iniciantes fazem nossa vidência porque mentes jovens são mais receptivas. Mágicos começam o treinamento com não mais do que dez anos... com algumas perigosas exceções.”
“Você quer dizer nós,” falei.
Ela olhou pra mim apreensivamente, e eu sabia que ela ainda pensava no que o espírito pássaro havia me chamado: um bom rei. Parecia tão irreal, como o nosso sobrenome naquele pergaminho do Sangue dos Faraós. Como eu poderia ser parente de reis antigos? E mesmo que eu fosse, eu certamente não era um rei. Eu não tinha um reino. Eu nem tinha mais a minha única maleta.
“Eles estarão esperando por vocês,” disse Zia. “Venham.”
Nós andamos tanto que meus pés começaram a doer.
Finalmente chegamos a um cruzamento. À direita havia um conjunto maciço de portas de bronze com chamas queimando em cada um dos lados; à esquerda, uma esfinge com seis metros de altura esculpida na parede. Uma porta estava abrigada entre suas patas, mas ela estava fechada com tijolos e coberta de teias de aranha.
“Aquela parece a Esfinge de Gizé,” eu disse.
“É porque estamos exatamente abaixo da Esfinge real,” disse Zia. “Aquele túnel leva diretamente para ela. Ou costumava levar, antes de ser lacrado.”
“Mas...” eu fiz alguns cálculos na minha cabeça. “A Esfinge fica, mais ou menos, a trinta e dois quilômetros do Aeroporto do Cairo.”
“Aproximadamente.”
“De jeito nenhum nós andamos tanto.”
Zia chegou a sorrir, e eu não pude deixar de notar como seus olhos eram bonitos. “A distância muda em lugares mágicos, Carter. Certamente você aprendeu isso a esta altura.”
Sadie pigarreou. “Então por que o túnel está fechado?”
“A Esfinge era muito popular entre os arqueologistas,” disse Zia. “Eles ficavam cavando por lá. Finalmente, na década de 80, eles descobriram a primeira parte do túnel sob a Esfinge.”
“Papai me falou sobre isso!” eu disse. “Mas ele disse que o túnel terminava em um beco sem saída.”
“Foi quando nós intervimos. Não podíamos deixar que os arqueologistas soubessem o quanto eles estavam deixando escapar. Os principais arqueologistas do Egito

recentemente especularam que eles haviam descoberto apenas trinta por cento das ruínas antigas no Egito. Na verdade, eles apenas descobriram dez por cento, e nem ao menos os dez por cento interessantes."
"E a tumba do Rei Tut?" protestei.
"O rei menino?" Zia rolou os olhos. "Chata. Você devia ver algumas das tumbas boas."
Eu me senti um pouco magoado. Papai me nomeara em homenagem à Howard Carter, o cara que tinha descoberto a tumba do Rei Tut, então eu sempre sentira uma ligação pessoal com isso. Se aquela não era uma "boa" tumba, me perguntei qual seria.
Zia se virou para as portas de bronze.
"Este é o Hall das Eras." Ela colocou a palma da mão contra o selo, que fora soldado com o símbolo da Casa da Vida.

Os hieróglifos começaram a brilhar, e as portas se abriram.
Zia se virou para nós, sua expressão mortalmente séria. "Vocês estão prestes a conhecer o Chefe Lector. Comportem-se, a não ser que queiram ser transformados em insetos."

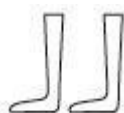
CARTER

CATORZE

UM FRANCÊS QUASE NOS MATA

NOS ÚLTIMOS DIAS eu havia visto muitas coisas loucas, mas o Hall das Eras levou o prêmio.

Fileiras duplas de pilares de pedra apoiavam um teto tão alto, que você poderia estacionar um dirigível embaixo dele sem nenhum problema. Um brilhante tapete azul que parecia água corria pelo centro do corredor, que de tão longo eu não conseguia ver o final, apesar de estar tão iluminado. Bolas de fogo flutuavam em volta como bolas de basquete com hélio, mudando de cor sempre que esbarravam umas nas outras. Milhões de minúsculos símbolos hieroglíficos também flutuavam pelo ar combinando-se aleatoriamente em palavras, e depois se desfaziam.

Eu peguei um par de brilhantes pernas vermelhas.

Elas andaram pela palma de minha mão antes de saltarem e se dissolverem.

Mas as coisas mais estranhas eram as exposições. Eu não sei do que mais chamá-las. Entre as colunas, em ambos os lados, imagens mudavam, entrando em foco e depois borrando novamente como hologramas em uma tempestade de areia.

“Vamos,” disse Zia para nós. “E não fiquem olhando por muito tempo.”

Era impossível não olhar. Nos primeiros seis metros ou mais, as cenas mágicas lançavam uma luz dourada através do corredor. Um sol escaldante se erguia sobre um oceano. Uma montanha emergia da água, e eu tive a sensação de que assistia ao começo do mundo. Gigantes caminhavam através do vale do Nilo: Um homem com pele negra e a cabeça de um chacal, uma leoa com presas ensanguentadas, uma linda mulher com asas de luz.

Sadie saiu do tapete. Em um transe, ela foi em direção às imagens.

“Fique no tapete!” Zia pegou a mão de Sadie e a puxou de volta para o centro do corredor.

“Vocês estão vendo a Era dos Deuses. Nenhum mortal deve demorar nessas imagens.”

“Mas...” Sadie piscou. “Elas são apenas imagens, não são?”

“Memórias,” disse Zia, “tão poderosas que poderiam destruir sua mente.”

“Oh,” Sadie disse em voz baixa.

Nós continuamos andando. As imagens mudaram para prateado. Vi exércitos lutando entre si – egípcios em saiotes e sandálias e armaduras de couro, lutando com lanças. Um homem alto e de pele escura em uma armadura vermelha e branca colocava uma coroa dupla em sua cabeça: Narmer, o rei que o uniu o Alto e o Baixo Egito. Sadie estava certa: ele realmente parecia um pouco com o papai.

“Esse é o Antigo Reino,” adivinhei. “A primeira grande era do Egito.”

Zia assentiu. Conforme andávamos pelo corredor, vimos trabalhadores construindo a primeira pirâmide de pedra. Mais alguns passos, e a maior pirâmide de todas se ergueu

do deserto em Giza. Sua camada de pedras de revestimento liso e branco brilhava à luz do sol. Dez mil trabalhadores reuniam-se em sua base e se ajoelhavam perante o faraó, o qual levantou suas mãos para o sol, consagrando sua própria tumba.
“Khufu,” falei.
“O babuíno?” Perguntou Sadie, de repente interessada.
“Não, o faraó que construiu a Grande Pirâmide,” falei. “Essa foi a estrutura mais alta do mundo por quase quatro mil anos”
Mais alguns passos, e imagens se transformaram de prata para cobre.
“O Médio Reino,” Zia anunciou. “Uma época sangrenta e caótica. Mas mesmo assim foi quando a Casa da Vida alcançou a plenitude.”
As cenas mudavam com mais rapidez. Vimos exércitos lutando, templos sendo construídos, navios navegando no Nilo, magos lançando fogo. Cada passo cobria centenas de anos, e ainda assim o corredor não acabava nunca. Pela primeira vez eu entendi o quanto o Egito era antigo.
Nós atravessamos outro limiar, e a luz se tornou bronze
“O Novo Reino,” adivinhei. “A última vez que o Egito foi governado por egípcios.”
Zia não disse nada, mas eu assisti cenas passando que meu pai havia descrito pra mim: Hatshepsut, a maior faraó mulher da história, colocando uma barba falsa e governando o Egito como um homem; Ramsés, o Grande, liderando suas carruagens para a batalha.
Vi magos duelando em um palácio. Um homem em roupas esfarrapadas, com uma barba preta desgrenhada e olhos selvagens, jogava seu cajado, que se transformou em uma serpente e devorou uma dúzia de outras cobras.
Senti um nó em minha garganta. “Esse é –”
“Musa,” Zia disse. “Ou Moshe, como seu próprio povo o conhecia. Vocês o chamam de Moisés. O único forasteiro que já derrotou a Casa em um duelo mágico.”
Eu olhei para ela. “Você está brincando, né?”
“Nós não brincaríamos a respeito de algo assim.”
A cena mudou novamente. Eu vi um homem olhando sobre uma mesa de estratégias de batalha: navios de brinquedo feitos de madeira, soldados e carruagens. O homem estava vestido como um faraó, mas seu rosto parecia estranhamente familiar. Ele olhou para cima e pareceu sorrir direto pra mim. Com um calafrio, percebi que ele tinha o mesmo rosto do ba, o espírito com cara de pássaro que havia me desafiado na ponte.
“Quem é aquele?” perguntei.
“Nectanebo II,” disse Zia. “O último rei egípcio nativo, e o último faraó feiticeiro. Ele podia mover exércitos inteiros, criar ou destruir esquadras só movendo as peças em seu tabuleiro, mas no final, isso não foi suficiente.”
Nós passamos por outra linha e as imagens brilharam em azul. “Esses são os tempos Ptolomaicos,” Zia falou. “Alexandre, o Grande, conquistou o mundo conhecido, incluindo o Egito. Ele nomeou seu general Ptolomeu como novo faraó, e encontrou uma linhagem de reis gregos para governar o Egito.”
A sessão Ptolomaica do Hall era a mais curta, e parecia triste comparada às outras. Os templos eram menores. Os reis e rainhas pareciam desesperados, ou preguiçosos, ou simplesmente apáticos. Não havia grandes batalhas... exceto no final. Eu vi romanos marchando para a cidade de Alexandria. Vi uma mulher com cabelo preto e vestido branco deixar cair uma cobra em sua blusa.
“Cleópatra,” Zia falou, “a sétima rainha com esse nome. Ela tentou resistir contra o poder de Roma, e perdeu. Quando ela se matou, a última linhagem de faraós acabou. Egito, a grande nação, desvaneceu. Nosso idioma foi esquecido. Os antigos ritos foram suprimidos. A Casa da Vida sobreviveu, mas fomos forçados a nos esconder.”

Nós passamos por uma área de luz vermelha, e a história começou a parecer familiar. Eu vi exércitos árabes invadindo o Egito, e depois os turcos. Napoleão marchava com seu exército sob as sombras das pirâmides. Os Britânicos vieram e construíram o Canal de Suez. Pouco a pouco Cairo foi se transformando em uma cidade moderna. E as antigas ruínas foram desaparecendo mais e mais sob a areia do deserto.
"A cada ano," disse Zia, "o Hall das Eras cresce, ficando mais longo para englobar nossa história. Até chegar ao presente."
Eu estava tão atordoado que nem mesmo reparei que tínhamos chegado ao fim do Hall, até que Sadie agarrou meu braço.
Na nossa frente estava um estrado e sobre ele um trono vazio, uma cadeira de madeira dourada com um malho e um cajado de pastor esculpido atrás – o antigo símbolo do faraó.
No degrau abaixo do trono sentava-se o homem mais velho que eu já tinha visto. Sua pele era como papel de saco de pão – marrom, fina e enrugada. Vestes de linho branco pendiam de seu corpo frágil. Uma pele de leopardo cobria seus ombros, e sua mão segurava tremulamente um grande cajado de madeira, que eu tinha certeza que ele deixaria cair a qualquer minuto. Mas o mais estranho de tudo, os hieróglifos brilhantes no ar pareciam estar vindo dele. Símbolos multicoloridos surgiam em torno dele e flutuavam para longe como se ele fosse uma espécie de máquina mágica de bolhas.
No começo não tive certeza se ele estava mesmo vivo. Seus olhos leitosos encaravam o espaço. Então ele focou em mim, e eletricidade correu pelo meu corpo. Ele não estava apenas olhando para mim. Ele estava me escaneando – lendo todo o meu ser.
Esconda, algo disse dentro de mim.
Eu não sabia de onde vinha a voz, mas meu estômago se firmou. Todo o meu corpo ficou tenso como se eu estivesse esperando por uma pancada, e a sensação de eletricidade diminuiu.
O velho homem levantou uma sobrancelha como se eu o tivesse surpreendido. Ele olhou para trás e disse algo em uma língua que não reconheci.
Um segundo homem saiu das sombras. Eu quis gritar. Ele era o cara que estivera com Zia no Museu Britânico – aquele com roupas cor de creme e barba bifurcada.
O homem barbudo encarou Sadie e a mim.
"Eu sou Desjardins," ele disse com um sotaque francês. "Meu mestre, Chefe Lector Iskandar, lhes dá as boas-vindas à Casa da Vida."
Eu não conseguia pensar no que dizer em resposta, então, é claro, fiz uma pergunta estúpida. "Ele é bem velho. Por que ele não está sentado no trono?"
As narinas de Desjardins chamejaram, mas o velho homem, Iskandar, apenas riu, e disse alguma outra coisa naquela outra língua.
Desjardins traduziu duramente: "O mestre diz obrigado por você ter notado: ele é de fato muito velho. Mas o trono é para o faraó. Está vago desde a queda do Egito para Roma. Ele é... *comment diton*? Simbólico. O dever do Chefe Lector é servir e proteger o faraó. Sendo assim ele se senta aos pés do trono."
Olhei para Iskandar um pouco nervoso. Eu me perguntei há quantos anos ele estava sentado naquele degrau. "Se você... se ele pode entender inglês... que idioma ele está falando?"
Desjardins bufou. "O Chefe Lector entende muitas coisas. Mas ele prefere falar grego alexandrino, sua língua de nascença."
Sadie limpou sua garganta. "Desculpa, língua de nascença? Não estava Alexandre, o Grande, bem lá trás na sessão azul, milhares de anos atrás? Você faz parecer como se Lorde Salamandra fosse –"
"Lorde Iskandar," Desjardins sibilou. "Demonstre respeito!"

Algo disparou em minha mente: no Brooklyn, Amos falara sobre a lei dos mágicos contra a invocação de deuses – uma lei feita nos tempos romanos pelo Chefe Lector... Iskandar. Com certeza tinha que ser um cara diferente. Talvez estivéssemos falando com Iskandar XXVII ou algo do tipo. O velho homem me olhou nos olhos. Ele sorriu, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. Ele disse algo mais em grego, e Desjardins traduziu.
"O mestre disse para não se preocuparem. Vocês não serão responsabilizados pelos crimes passados de sua família. Pelo menos, não até nós os investigarmos mais a fundo.
"Nossa... obrigado," falei.
"Não zombe de nossa generosidade, garoto," Desjardins avisou. "Seu pai quebrou nossa lei mais importante duas vezes: uma na Agulha de Cleópatra, quando ele tentou invocar os deuses e sua mãe morreu ajudando-o. E novamente no Museu Britânico, quando seu pai foi tolo o suficiente para usar a própria Pedra de Roseta. Agora seu tio também está desaparecido –"
"Você sabe o aconteceu com Amos?" disparou Sadie.
Desjardins franziu a testa. "Não ainda," ele admitiu.
"Vocês têm que encontrá-lo," Sadie gritou. "Vocês não têm algum tipo de GPS mágico ou –"
"Nós estamos procurando," disse Desjardins. "Mas vocês não podem se preocupar com Amos. Devem ficar aqui. Devem ser... treinados."
Eu tive a impressão de que ele ia dizer uma palavra diferente, algo que não soava tão bem quanto treinar.
Iskandar falou diretamente comigo. Seu tom soou gentil.
"O mestre avisa que o os Dias demoníacos começam amanhã ao pôr-do-sol," Desjardins traduziu. "Vocês devem ser mantidos a salvo."
"Mas nós temos que encontrar nosso pai!" falei. "Deuses perigosos estão à solta. Nós vimos Serqet. E Set!"
Ao ouvir esses nomes, a expressão de Iskandar endureceu. Ele se virou e deu a Desjardins o que parecia ser uma ordem. Desjardins protestou. Iskandar repetiu sua afirmação. Desjardins claramente não gostou disso, mas ele se curvou para o seu mestre. Então ele se virou para mim. "O Chefe Lector deseja ouvir sua história."
Então contei a ele, com Sadie me ajudando toda vez que eu parava para respirar. O engraçado foi que, nós dois deixamos certas partes de fora sem combinar fazer isso. Nós não mencionamos as habilidades mágicas de Sadie, ou o encontro com o ba que tinha me chamado de rei. Era como se eu literalmente não pudesse mencionar esses fatos. Toda vez que eu tentava, a voz dentro de minha cabeça sussurrava, *Essa parte não. Fique em silêncio*. Quando terminei, olhei de relance para Zia. Ela não disse nada, mas estava me estudando com uma expressão preocupada.
Iskandar traçou um círculo no degrau com a extremidade de seu cajado. Mais hieróglifos apareceram no ar e flutuaram para longe. Depois de vários segundos, Desjardins parecia estar ficando impaciente. Ele deu um passo a frente e nos encarou.
"Vocês estão mentindo. Aquele não poderia ser Set. Ele precisaria de um hospedeiro poderoso para permanecer neste mundo. Muito poderoso."
"Olha aqui, você," disse Sadie. "Eu não sei o que é toda essa baboseira sobre hospedeiros, mas eu vi Set com meus próprios olhos. Você estava no Museu Britânico – você deve ter visto também. E se Carter o viu em Phoenix, Arizona, então..." Ela olhou para mim com incerteza. "Então ele provavelmente não está louco."
"Obrigado, mana," murmurei, mas Sadie estava apenas começando.
"E quanto a Serqet, ela é real também! Nossa amiga, minha gata, Bast, morreu nos protegendo!"

“Então,” Desjardins disse friamente, “você admite ter ligação com os deuses. Isso torna nossa investigação muito mais fácil. Bast não é sua amiga. Os deuses causaram a queda do Egito. É proibido invocar seus poderes. Mágicos fazem juramento de impedirem os deuses de interferir no mundo mortal. Nós devemos usar todo o nosso poder para lutar contra eles.”
“Bast disse que você era paranóico,” Sadie acrescentou.
O mago cerrou seus punhos, e o ar vibrou com o estranho cheiro de ozônio, como durante uma tempestade de raios. Os cabelos em minha nuca se arrepiaram. Antes que qualquer coisa ruim pudesse acontecer, Zia entrou na nossa frente.
“Lorde Desjardins,” ela pediu, “havia algo estranho. Quando enredei a deusa escorpião, ela se reformou quase imediatamente. Eu não pude mandá-la de volta para o Duat, mesmo com as Sete Faixas. Eu pude apenas quebrar seu controle sobre seu hospedeiro por um momento. Talvez os rumores de outras fugas – ”
“Que outras fugas?” perguntei.
Ela olhou pra mim com relutância. “Outros deuses, muitos deles, se libertaram na última noite de artefatos espalhados pelo mundo todo. Como uma reação em cadeia – ”
“Zia!” Desjardins cortou. “Esta informação não é para ser compartilhada.”
“Olha,” falei, “lorde, senhor, ou o que quer que seja – Bast nos avisou que isso iria acontecer. Ela disse que Set libertaria mais deuses.”
“Mestre,” Zia pediu, “se Ma’at está enfraquecendo, e Set está aumentando o caos, talvez seja por isso que eu não consegui banir Serqet.”
“Ridículo,” disse Desjardins. “Você é habilidosa, Zia, mas talvez não fosse habilidosa o bastante para esse encontro. E quanto a esses dois, a contaminação deve ser contida.”
Zia corou. Ela virou sua atenção para Iskandar. “Mestre, por favor. Dê-me uma chance com eles.”
“Você se esquece do seu lugar,” cortou Desjardins. “Estes dois são culpados e devem ser destruídos.”
Minha garganta começou a se fechar. Eu olhei para Sadie. Se tivéssemos que fugir por aquele longo corredor, eu não gostava de nossas chances...
O velho homem finalmente olhou para cima. Ele sorriu para Zia com uma verdadeira afeição. Por um momento me perguntei se ela era sua tatara-tatara-tatara-neta ou algo assim. Ele falou em grego, e Zia se curvou profundamente.
Desjardins parecia pronto para explodir. Ele varreu suas vestes pra longe de seus pés e marchou para trás do trono.
“O Chefe Lector permitirá que Zia teste vocês,” ele resmungou. “Enquanto isso, irei procurar a verdade – ou as mentiras – em sua história. Vocês serão punidos pelas mentiras.”
Eu me virei para Iskandar e copiei o gesto de Zia. Sadie fez o mesmo.
“Obrigado, mestre,” falei.
O velho homem me estudou por um bom tempo. Novamente senti como se ele estivesse tentando atingir a minha alma – não de um jeito ameaçador. Mais para preocupado. Então ele murmurou alguma coisa, e eu entendi duas palavras: Nectanebo e ba.
Ele abriu sua mão e um fluxo de hieróglifos brilhantes brotou, rodopiando ao redor do estrado. Houve um flash de luz cegante, e quando pude ver novamente, o estrado estava vazio. Os dois homens haviam sumido.
Zia se virou para nós, sua expressão severa. “Vou mostrar a vocês seus alojamentos. Seus testes começam pela manhã. Nós veremos que mágica vocês sabem, e como vocês sabem.”
Eu não estava certo do que ela quis dizer com isso, mas troquei um olhar preocupado com Sadie.

“Parece divertido,” Sadie se aventurou. “E se falharmos nesse teste?”
Zia a encarou friamente. “Este não é o tipo de teste em que se falha, Sadie Kane. Ou você passa, ou morre.”

SADIE

QUINZE

UMA FESTA DE ANIVERSÁRIO DOS DEUSES

ELES LEVARAM CARTER PARA UM DORMITÓRIO diferente, então não sei como ele dormiu. Mas eu não pude fechar o olho.

Já teria sido bem difícil com os comentários de Zia sobre passar em nossos testes ou morrer, mas o dormitório das meninas não era tão elegante quanto a mansão de Amos. As paredes de pedra transpiravam umidade. Figuras sombrias de monstros egípcios dançavam pelo teto na luz da tocha. Eu fiquei em um chalé flutuante para dormir, e as outras garotas em treinamento — iniciantes, Zia dissera — eram muito mais novas que eu, então quando a supervisora do dormitório as mandou direto pra cama, elas realmente obedeceram. A supervisora acenou com a mão e as tochas se apagaram. Ela fechou a porta, e eu pude ouvir o som de cadeados sendo trancados.

Adorável. Presa no quarto de crianças/masmorra de uma escola.

Eu olhei para o escuro até que ouvi as outras garotas roncando. Um pensamento continuou me incomodando: uma urgência que eu não pude deixar de lado. Finalmente me arrastei para fora da cama e calcei minhas botas.

Tateei meu caminho até a porta. Tentei a maçaneta. Trancada, como suspeitei. Estava tentada a chutá-la até que me lembrei do que Zia fizera no armário de vassouras no Aeroporto do Cairo.

Pressionei minha palma contra a porta e sussurrei, “Sahad.”

Os cadeados estalaram. A porta se abriu. Truque útil.

Do lado de fora, os corredores estavam escuros e vazios. Aparentemente, não havia muita vida noturna no Primeiro Nome. Eu me esgueirei pela cidade de volta pelo caminho que tínhamos vindo e não vi nada, salvo uma cobra casual rastejando pelo chão. Depois dos últimos dias, aquilo sequer me perturbou. Pensei em tentar achar Carter, mas não tinha certeza para onde ele fora levado, e honestamente, eu queria fazer isso sozinha.

Depois de nossa última discussão em Nova York, eu não tinha certeza de como me sentia sobre meu irmão. A ideia de que ele podia sentir ciúmes da minha vida enquanto viajava pelo mundo com papai — por favor! E ele teve a coragem de chamar minha vida de normal? Tudo bem, eu tinha algumas amigas na escola, como Liz e Emma, mas minha vida dificilmente era fácil. Se Carter cometesse uma gafe social ou conhecesse pessoas que ele não gostasse, bastaria seguir em frente! Eu tinha que ficar lá. Eu não podia responder perguntas simples como “Onde estão seus pais?” ou “O que sua família faz?” ou mesmo “Você é de onde?” sem expor o quão estranha era a minha situação.

Eu sempre era a menina diferente. A garota mestiça, a americana que não era americana, a menina cuja mãe morrera, a menina com o pai ausente, a menina que causou problema em classe, a garota que não se concentrava nas aulas. Depois de um tempo a gente percebe que se misturar simplesmente não funciona. Se as pessoas vão me destacar, eu podia muito bem dar algo para elas olharem. Faixas vermelhas no meu cabelo? Por que não! Botas de combate com o uniforme escolar? Absolutamente. A

diretora diz, “Terei que chamar seus pais, mocinha.” Eu digo, “Boa sorte.” Carter não sabia nada sobre a minha vida.

Mas chega disso. O ponto era, eu decidi fazer aquela exploração sozinha, e depois de alguns contornos errados, eu achei meu caminho de volta ao Hall das Eras.

O que eu estava aprontando, você pode se perguntar? Eu certamente não queria encontrar o Monsieur Maligno novamente ou o velho assustador Lorde Salamandra.

Mas eu queria ver aquelas imagens — memórias, Zia as havia chamado. Abri as portas de bronze. Dentro, o corredor parecia deserto. Sem bolas de fogo flutuando no teto. Sem hieróglifos brilhantes. Mas as imagens ainda tremeluziam entre as colunas, iluminando o corredor com uma luz estranha e multicolorida.

Eu dei alguns passos nervosos.

Eu queria dar outra olhada na Era dos Deuses. Na nossa primeira viagem pelo corredor, algo naquelas imagens tinha me abalado. Eu sabia que Carter pensara que eu estava em um perigoso transe, e Zia tinha alertado que as cenas iam dissolver meu cérebro; mas eu sentia que ela só estava tentando me assustar. Eu senti uma conexão com aquelas imagens, como se tivesse uma resposta nelas — um pedaço vital de informação que eu precisava.

Pisei fora do tapete e me aproximei da cortina de luz dourada. Eu vi dunas de areia deslocando-se no vento, nuvens de tempestade se formando, crocodilos deslizando pelo Nilo. Vi um corredor cheio de foliões. Eu toquei a imagem.

E eu estava no palácio dos deuses.

Seres enormes giravam ao meu redor, mudando a forma de humano para animal e para pura energia. Num trono no centro da sala estava um homem africano musculoso em roupas negras. Ele tinha um rosto bonito e olhos castanhos calorosos. Suas mãos pareciam fortes o suficiente para esmagar pedras.

Os outros deuses celebravam ao redor dele. Música tocava — um som tão poderoso que o ar queimava. Ao lado do homem havia uma linda mulher vestida de branco, sua barriga inchada como se estivesse grávida de alguns meses. Sua forma tremeluzia; às vezes ela parecia ter asas multicoloridas. Então ela virou na minha direção e eu ofeguei. Ela tinha a face da minha mãe.

Ela não pareceu me notar. Na verdade, nenhum dos deuses notou, até que uma voz atrás de mim disse, “Você é um fantasma?”

Eu me virei e vi um menino bonito, com aproximadamente dezesseis anos, vestindo túnicas pretas. Sua pele era pálida, mas ele tinha lindos olhos castanhos como o homem no trono. Seu cabelo preto era longo e desgrenhado — um pouco selvagem, mas funcionava pra mim. Ele inclinou a cabeça, e finalmente percebi que ele tinha me feito uma pergunta.

Tentei pensar em algo para falar. Desculpe? Olá? Casa comigo? Qualquer coisa teria servido. Mas tudo que consegui fazer foi balançar a cabeça.

“Não é um fantasma, hein?” ele meditou. “Um *ba* então?” Ele gesticulou para o trono. “Assista, mas não interfira.”

De alguma forma eu não estava interessada em assistir o trono tanto assim, mas o menino de preto se dissolveu em uma sombra e desapareceu, não me deixando nenhuma distração.

“Ísis,” disse o homem no trono.

A mulher grávida se virou para ele e sorriu. “Meu lorde Osíris. Feliz aniversário.”

“Obrigado, meu amor. E em breve vamos marcar o nascimento do nosso filho — Hórus, o grande! Sua nova encarnação será sua maior até então. Ele trará paz e prosperidade para o mundo.”

Ísis pegou a mão do marido. Música continuou tocando ao redor deles, deuses celebrando, o próprio ar girando numa dança de criação.
Repentinamente os portões do palácio abriram com estrondo. Um vento quente fez as tochas crepitarem.
Um homem entrou na sala. Ele era alto e forte, quase um gêmeo de Osíris, mas com a pele vermelha escura, vestes cor de sangue, e uma barba pontiaguda. Ele parecia humano, exceto quando sorria. Então seus dentes se transformavam em presas. Sua face tremeluzia — às vezes humano, às vezes estranhamente como um lobo. Eu tive que abafar um grito, pois eu já tinha visto aquela cara de lobo antes.
A dança parou. A música morreu.
Osíris levantou de seu trono. "Set," ele disse num tom perigoso. "Por que você veio?"
Set riu, e a tensão na sala se esvaiu. Apesar dos olhos cruéis, ele tinha uma risada maravilhosa — nada como o guincho que ele produzira no Museu Britânico. Era despreocupada e amigável, como se ele não pudesse fazer nenhum mal.
"Eu vim para celebrar o aniversário do meu irmão, é claro!" ele exclamou. "E eu trago entretenimento!"
Ele gesticulou para trás dele. Quatro grandalhões com cabeça de lobo marcharam para dentro da sala, carregando um caixão de ouro incrustado com pedras preciosas.
Meu coração começou a acelerar. Era a mesma caixa que Set usou para aprisionar meu pai no Museu Britânico.
Não! Eu quis gritar. Não confie nele!
Mas os deuses reunidos deliraram, admirando a caixa, que fora pintada com hieróglifos dourados e vermelhos, enfeitada com opalas e jade. Os homens-lobo desceram a caixa, e vi que ela não tinha tampa. O interior era forrado com linho preto.
"Esse caixão de dormir," Set anunciou, "foi feito pelos meus melhores artesãos, usando os materiais mais caros. Seu valor é incalculável. O deus que dormir nele, mesmo que por uma noite, verá seus poderes aumentarem dez vezes! Sua sabedoria nunca hesitará. Sua força nunca falhará. É um presente" — ele sorriu maliciosamente para Osíris — "para o único deus que se encaixe dentro perfeitamente!"
Eu não teria entrado na fila primeiro, mas os deuses se lançaram para frente. Eles se empurraram para ver o caixão dourado. Alguns subiram, mas eram muito pequenos. Outros eram demasiado grandes. Mesmo quando eles tentaram mudar suas formas, os deuses não tiveram sorte, como se a magia da caixa os estivesse impedindo. Nenhum se encaixou perfeitamente. Deuses resmungaram e se queixaram enquanto outros, ansiosos para experimentar, empurraram-nos para o chão.
Set se virou para Osíris com uma risada natural. "Bem, irmão, não temos um vencedor ainda. Você vai tentar? Somente o melhor dos deuses terá êxito."
Os olhos de Osíris brilharam. Aparentemente, ele não era o deus dos cérebros, porque ele parecia completamente tomado pela beleza da caixa. Todos os outros deuses olharam para ele com expectativa, e eu pude ver o que ele estava pensando: se ele se encaixasse na caixa, que brilhante presente de aniversário! Mesmo Set, o seu irmão maligno, teria que admitir que ele era o legítimo rei dos deuses.
Apenas Ísis parecia incomodada. Ela colocou sua mão no ombro do marido. "Meu lorde, não. Set não traz presentes."
"Estou ofendido!" Set pareceu genuinamente ferido. "Eu não posso celebrar o aniversário do meu irmão? Será que estamos tão afastados que eu não posso sequer me desculpar com o rei?"
Osíris sorriu para Ísis. "Minha querida, é só uma brincadeira. Não tenha medo."
Ele levantou do seu trono. Os deuses aplaudiram quando ele se aproximou do caixão.
"Todos salvem Osíris!" Set exclamou.

O rei dos deuses se abaixou no caixão, e quando ele olhou para mim, por um momento, ele tinha o rosto do meu pai.
Não! Eu pensei novamente. Não faça isso!
Mas Osíris se deitou. Ele cabia exatamente.
Vivas vieram dos deuses, mas antes que Osíris pudesse se levantar, Set bateu palmas. Uma tampa dourada se materializou acima da caixa e bateu nela com força.
Osíris gritou de raiva, mas seus berros foram abafados.
Trincos dourados se fixaram ao redor da tampa. Os deuses se lançaram à frente para intervir — até mesmo o menino de preto que eu tinha visto mais cedo reapareceu — mas Set foi mais rápido. Ele bateu o pé tão forte, que o chão de pedra tremeu. Os deuses caíram uns sobre os outros como dominós. Os homens-lobo sacaram suas lanças, e os deuses se atropelaram fugindo aterrorizados.
Set disse uma palavra mágica, e um caldeirão fervente apareceu no ar rarefeito. Ele virou seu conteúdo sobre o caixão — chumbo fundido, cobrindo a caixa, lacrando-a, provavelmente aquecendo o interior a mil graus.
"Seu desprezível!" Ísis gemeu. Ela avançou em Set e começou a falar um feitiço, mas Set levantou sua mão. Ísis se ergueu do chão, arranhando sua boca, seus lábios pressionados como se uma força invisível a estivesse sufocando.
"Não hoje, adorável Ísis," Set ronronou. "Hoje, eu sou rei. E sua criança nunca nascerá!"
Repentinamente, outra deusa — uma mulher esbelta num vestido azul — investiu da multidão. "Marido, não!"
Ela se atracou com Set, que momentaneamente perdeu a concentração. Ísis caiu no chão, ofegando. A outra deusa gritou, "Fuja!"
Ísis se virou e correu.
Set se levantou. Achei que ele ia golpear a deusa de azul, mas ele só rosnou. "Esposa insensata! De que lado você está?"
Ele bateu o pé novamente, e o caixão dourado afundou no chão.
Set correu atrás de Ísis. No fim do palácio, Ísis se transformou num pequeno pássaro e disparou no ar. Set fez crescer asas de demônio e se lançou à perseguição.
Então, de repente eu era o pássaro. Eu era Ísis, voando desesperada ao longo do Nilo. Eu podia sentir Set atrás de mim — mais perto. Mais perto.
Você precisa escapar, a voz de Ísis disse na minha mente. *Vingue Osíris. Coroe Hórus rei!*
Bem quando pensei que meu coração ia explodir, senti uma mão no meu ombro.
As imagens evaporaram. O velho mestre, Iskandar, estava em pé ao meu lado, sua face comprimida com preocupação. Hieróglifos brilhantes rodopiavam ao seu redor.
"Perdoe a interrupção," ele disse num inglês perfeito. "Mas você estava quase morta."
Foi aí que meus joelhos viraram água, e eu perdi a consciência.
Quando acordei, eu estava enrolada aos pés de Iskandar sobre os degraus abaixo do trono vazio. Estávamos sozinhos no corredor, que estava quase escuro, exceto pela luz dos hieróglifos que sempre pareciam brilhar ao redor dele.
"Bem-vinda de volta," ele disse. "Você tem sorte por ter sobrevivido."
Eu não tinha certeza. Minha cabeça parecia ter sido fervida em óleo.
"Me desculpe," falei. "Eu não queria —"
"Ver as imagens? E mesmo assim você o fez. Seu ba deixou o seu corpo e foi para o passado. Você não foi alertada?"
"Sim," admiti. "Mas... eu fui atraída pelas imagens."
"Mmm." Iskandar olhou para o espaço, como se estivesse lembrando algo de muito tempo atrás. "Elas são difíceis de resistir."

“Você fala um inglês perfeito,” notei.
Iskandar sorriu. “Como você sabe que estou falando inglês? Talvez você esteja falando grego.”
Eu esperava que ele estivesse brincando, mas eu não podia dizer. Ele parecia tão frágil e caloroso, e mesmo assim... era como sentar ao lado de um reator nuclear. Eu tinha a sensação que ele mais perigoso do que eu queria saber.
“Você não é realmente tão velho, é?” perguntei. “Quero dizer, velho o suficiente para lembrar dos tempos de Ptolomeu?”
“Eu sou exatamente velho assim, minha querida. Eu nasci no reino de Cleópatra VII.”
“Oh, por favor.”
“Eu lhe asseguro, é verdade. Foi minha tristeza testemunhar os últimos dias do Egito, antes daquela imprudente rainha perder seu reino para os romanos. Eu fui o último mágico a ser treinado antes da Casa vir para o subterrâneo. Vários dos nossos mais poderosos segredos foram perdidos, incluindo os encantos que meu mestre usava para estender minha vida. Os mágicos de hoje ainda vivem muito — às vezes séculos — mas eu estou vivo há dois milênios.”
“Então você é imortal?”
Sua risada se transformou numa tosse seca. Ele se dobrou e colocou suas mãos em concha sobre sua boca. Quis ajudar, mas não sabia como. Os hieróglifos brilhantes tremeluziram e obscureceram ao redor dele.
Finalmente a tosse parou.
Ele respirou tremulamente. “Dificilmente imortal, minha querida. Na verdade...” A sua voz morreu. “Mas não se preocupe. O que você viu na sua visão?”
Eu provavelmente deveria ter ficado quieta. Eu não queria ser transformada num inseto por quebrar qualquer regra, e a visão tinha me aterrorizado — especialmente quando me transformei no pequeno pássaro. Mas a expressão gentil de Iskandar tornou difícil não falar. Acabei contando tudo. Bem, quase tudo. Deixei de fora a parte sobre o garoto bonito, e sim, eu sei que foi bobo, mas eu estava embaraçada. Conclui que aquela parte podia ter sido minha imaginação maluca funcionando, como se antigos deuses egípcios não pudessem ter sido tão lindos.
Iskandar sentou por um momento, batendo levemente seu cajado contra os degraus. “Você viu um evento muito antigo, Sadie — Set tomando o trono do Egito pela força. Ele escondeu o caixão de Osíris, você sabe, e Ísis procurou pelo mundo todo para achá-lo.”
“Então no fim ela o encontrou?”
“Não exatamente. Osíris foi ressuscitado — mas só no Mundo Inferior. Ele se tornou o rei dos mortos. Quando o filho deles, Hórus, cresceu, Hórus desafiou Set pelo trono do Egito e ganhou depois de várias batalhas árduas. É por isso que Hórus é chamado de Vingador. Como eu disse — uma história antiga, mas que os deuses têm repetido muitas vezes em nossa história.”
“Repetido?”
“Os deuses seguem padrões. Em alguns aspectos eles são bastante previsíveis: atuando nas mesmas disputas, a mesma inveja através das eras. Só as circunstâncias mudam, e os hospedeiros.”
Lá estava aquela palavra de novo: hospedeiros. Eu pensei sobre a pobre mulher no Museu de Nova York que se transformara na deusa Serqet.
“Na minha visão,” falei, “Ísis e Osíris eram casados. Hórus estava para nascer como o filho deles. Mas em outra história que Carter me contou, os três eram irmãos, filhos da deusa do céu.”

“Sim,” Iskandar concordou. “Isso pode ser confuso para aqueles que não conhecem a natureza dos deuses. Eles não podem andar pela terra na sua forma pura — pelo menos, não por mais que alguns momentos. Eles precisam ter hospedeiros.”
“Humanos, você quer dizer.”
“Ou objetos poderosos, como estátuas, amuletos, monumentos, certos modelos de carro. Mas eles preferem a forma humana. Veja, os deuses têm grande poder, mas só os humanos têm criatividade, o poder de mudar a história em vez de simplesmente repeti-la. Humanos podem... como vocês modernos dizem... pensar fora da xícara.”
“Da caixa,” sugeri.
“Sim. A combinação da criatividade humana e do poder dos deuses pode ser formidável. De qualquer maneira, quando Osíris e Ísis andaram pela terra pela primeira vez, seus hospedeiros eram irmão e irmã. Mas hospedeiros mortais não são permanentes. Eles morrem, eles se esgotam. Posteriormente, Osíris e Ísis tomaram novas formas — humanos que eram marido e mulher. Hórus, que em uma vida anterior era irmão deles, nasceu em uma nova vida como filho deles.”
“É confuso,” eu disse. “E um pouco nojento.”
Iskandar encolheu os ombros. “Os deuses não pensam em relacionamentos do jeito que nós humanos fazemos. Seus hospedeiros são meramente como uma mudança de roupa. É por isso que as histórias antigas parecem ser tão confusas. Às vezes os deuses são descritos como casados, ou irmãos, ou pai e filho, dependendo dos seus hospedeiros. O próprio faraó era chamado de deus vivo, sabe. Egiptólogos acreditam que isso era só propaganda, mas na verdade era frequentemente verdade. Os maiores faraós se tornavam hospedeiros para deuses, geralmente Hórus. Ele lhes dava poder e sabedoria, e os deixava construir o Egito como poderoso império.”
“Mas isso é bom, não é? Por que é contra a lei hospedar um deus?”
A face de Iskandar obscureceu. “Deuses têm agendas diferentes dos humanos, Sadie. Eles podem dominar seus hospedeiros, literalmente queimá-los. É por isso que tantos hospedeiros morrem jovens. Tutancâmon, pobre garoto, morreu com dezenove anos. Cleópatra VII foi ainda pior. Ele tentou hospedar o espírito de Ísis sem saber o que estava fazendo, e isso despedaçou sua mente. Nos dias antigos, a Casa da Vida ensinou o uso da magia divina. Iniciantes podiam estudar o caminho de Hórus, ou Ísis, ou Sekhmet, ou qualquer número de deuses, aprendendo a canalizar seus poderes. Nós tínhamos muito mais iniciantes naquela época.”
Iskandar olhou em volta para o corredor vazio, como se o imaginando cheio de magos. “Alguns adeptos podiam convocar os deuses apenas de tempos em tempos. Outros tentavam hospedar seus espíritos... com graus variados de sucesso. O objetivo final era tornar-se o ‘olho’ do deus — uma união perfeita de duas almas, mortal e imortal. Muito poucos conseguiram isso, mesmo entre os faraós, que nasceram para a missão. Muitos se destruíram tentando.” Ele virou sua palma para cima, a qual tinha a linha da vida mais profundamente gravada que eu já vira. “Quando o Egito finalmente foi derrotado pelos romanos, tornou-se claro para nós — para mim — que a humanidade, os nossos governantes, mesmo os mais fortes magos, já não tinham a força de vontade para dominar o poder de um deus. Os únicos que podiam...” Sua voz vacilou.
“O quê?”
“Nada, minha querida. Eu falo demais. A fraqueza de um homem velho.”
“É o sangue dos faraós, não é?”
Ele me olhou fixamente. Seus olhos já não pareciam leitosos. Eles queimavam com intensidade. “Você é uma jovem garota notável. Você me lembra sua mãe.”
Meu queixo caiu. “Você a conheceu?”

“É claro. Ela treinou aqui, assim como seu pai. Sua mãe... bem, além de ser uma cientista brilhante, ela tinha o dom da adivinhação. Uma das mais difíceis formas de magia, e ela foi a primeira em séculos a possuir isso.”
“Adivinhação?”
“Ver o futuro. Trabalho complicado, nunca perfeito, mas ela viu coisas que a fizeram procurar o conselho de... lugares não convencionais, coisas que fizeram até este velho homem questionar algumas crenças antigas...”
Ele viajou para Memorialândia novamente, o que já era bastante irritante quando meus avôs faziam, mas quando é um mágico todo-poderoso que tem informações valiosas, é o suficiente para deixar qualquer um louco.
“Iskandar?”
Ele olhou para mim levemente surpreso, como se tivesse esquecido que eu estava ali. “Desculpe-me, Sadie. Eu deveria ter ido logo ao ponto: você tem um caminho difícil pela frente, mas estou convencido agora que é um caminho que você deve trilhar, pelo bem de todos nós. Seu irmão precisará da sua orientação.”
Eu estava tentada a rir. “Carter, precisar da minha orientação? Para quê? Que caminho você quer dizer?”
“Tudo a seu tempo. As coisas devem seguir o seu curso.”
Típica resposta de adultos. Tentei engolir a minha frustração. “E se eu precisar de orientação?”
“Zia,” ele disse, sem hesitação. “Ela é minha melhor pupila, e é sábia. Quando chegar a hora, ela saberá como ajudar você.”
“Certo,” eu disse um pouco desapontada. “Zia.”
“Por agora você deveria descansar, minha querida. E parece que eu, também, posso descansar finalmente.” Ele parecia triste, mas aliviado. Eu não sabia do que ele estava falando, mas ele não me deu a chance de perguntar.
“Lamento que nosso tempo juntos tenha sido tão breve,” ele disse. “Durma bem, Sadie Kane.”
“Mas —”
Iskandar tocou minha testa. E eu cai num sono profundo, sem sonhos.

SADIE

DEZESSEIS

COMO ZIA PERDEU SUAS SOMBRANCELHAS

EU ACORDEI COM UM BALDE DE ÁGUA FRIA NA CARA.
“Sadie! Levante-se,” Zia disse.
“Deus!” gritei. “Isso foi necessário?”
“Não,” Zia admitiu.
Eu queria estrangulá-la, exceto que eu estava muito molhada, tremendo, e ainda desorientada. Por quanto tempo eu dormi? Parecia que foram apenas alguns minutos, mas o dormitório estava vazio. Todos os outros beliches estavam feitos. As garotas já deviam ter ido para as lições matutinas.
Zia me jogou uma toalha e roupas secas de linho. “Vamos encontrar Carter na sala de limpeza.”
“Eu acabei de tomar banho, muito obrigada. O que eu preciso é de um café da manhã decente.”
“A limpeza te prepara para a magia.” Zia jogou seu saco de truques sobre o ombro e desdobrou o longo cajado preto que usara em Nova York. “Se você sobreviver, nós veremos sobre a comida.”
Eu estava cansada de ser lembrada que eu talvez pudesse morrer, mas me vesti e a segui. Após mais uma série sem fim de túneis, nós chegamos a uma câmera com uma barulhenta cachoeira. Não havia teto, apenas um vão que parecia subir para sempre. Água caia da escuridão para uma fonte, espalhando sobre uma estátua de cinco metros de um deus com uma cabeça de pássaro. Qual era o nome dele? Tooth? Não, Thoth. A água cascateava sobre sua cabeça, acumulando em suas palmas, então se espalhava para a piscina.
Carter estava parado ao lado da fonte. Ele estava vestido com roupas de linho, com a bolsa de ferramentas do papai sobre um ombro e com sua espada amarrada nas costas. Seu cabelo estava despenteado, como se ele não tivesse dormido bem. Pelo menos ele não recebeu um balde de água fria. Vendo-o, tive uma estranha sensação de alívio. Pensei nas palavras de Iskandar na noite passada: Seu irmão precisará da sua orientação.
“Que foi?” Carter perguntou. “Você está me encarando de um jeito engraçado.”
“Nada,” respondi rapidamente. “Como você dormiu?”
“Mal. Eu... eu te conto mais tarde.”
Era minha imaginação, ou ele estava olhando na direção da Zia? Hmm, possível problema romântico entre Sta. Magia e meu irmão? Fiz uma anotação mental para interrogá-lo na próxima vez que estivéssemos sozinhos.
Zia foi para um armário próximo. Ela trouxe duas canecas de cerâmica, mergulhou-as na fonte, depois as ofereceu para nós. “Bebam.”
Eu olhei para Carter. “Depois de você.”
“É apenas água,” Zia me garantiu, “mas purificada pelo contato com Thoth. Isso aguçará suas mentes.”
Eu não via como uma estátua podia purificar água. Depois me lembrei do que Iskandar dissera, como deuses conseguiam habitar qualquer coisa.

Tomei um gole. Imediatamente senti como se tivesse tomado uma forte caneca do chá da vovó. Meu cérebro zunia. Minha visão ficou mais afiada. Eu me senti tão hiperativa, que quase não senti falta da minha goma de mascar — quase.
Carter bebericou sua caneca. “Nossa.”
“Agora as tatuagens,” Zia anunciou.
“Brilhante!” eu disse.
“Na sua língua,” ela acrescentou.
“Perdão?”
Zia mostrou sua língua. Bem no meio havia um hieróglifo azul.
“Nith ith Naat.” Ela tentou dizer com a língua pra fora. Então ela percebeu seu erro e pôs a língua pra dentro. “Quero dizer, isso é Ma’at, o símbolo da ordem e harmonia. Isso ajudará vocês a falar mágica corretamente. Um erro com um feitiço —”
“Deixe-me adivinhar,” falei. “A gente morre.”
Do seu armário de horrores, Zia produziu um pincel de bico fino e uma tigela com corante azul. “Isso não machuca. E não é permanente.”
“Qual é o gosto disso?” Carter quis saber.
Zia sorriu. “Estique sua língua.”
Para responder a pergunta de Carter, a tatuagem tinha gosto de pneus de carro queimados.
“Ugh.” Cuspi um bocado de ‘ordem e harmonia’ azul dentro da fonte. “Esquece o café da manhã. Perdi meu apetite.”
Zia puxou um saquinho de couro de dentro do armário. “Carter terá permissão para manter os utensílios mágicos de seu pai, mais um novo cajado e uma varinha. Resumindo, a varinha é para defesa, o cajado é para ataque, contudo, Carter, você talvez prefira usar seu khopesh.”
“Khopesh?”
“A espada curva,” Zia disse. “A arma preferida da guarda do faraó. Pode ser usada em combate mágico. Quanto a Sadie, você precisará de um kit completo.”
“Por que ele ficou com o kit do papai?” reclamei.
“Ele é o mais velho,” ela disse, como se isso explicasse tudo. Típico.
Zia jogou uma bolsa de couro. Dentro havia uma varinha de marfim, uma vara que supus viraria um cajado, alguns papéis, tinta, um pouco de corda e um adorável pedaço de cera. Eu estava super animada.
“Que tal um pequeno homem de cera?” perguntei. “Eu quero um Massinha.”
“Se você quer dizer uma estatueta, você mesma deve fazer uma. Você será ensinada como, se tiver habilidade. Determinaremos sua especialidade depois.”
“Especialidade?” Carter perguntou. “Você quer dizer como Nectanebo especializado em estátuas?”
Zia assentiu. “Nectanebo era extremamente habilidoso em magia do estatuário. Ele podia fazer um shabti natural, que eles poderiam passar por humanos. Ninguém nunca foi melhor em estatuário... exceto talvez Iskandar. Mas existem muitas outras disciplinas: curandeiro, fazedor de amuletos, encantador de animais, elementalista, combate mágico. Necromante.”
“Adivinhado?” perguntei.
Zia me olhou com curiosidade. “Sim, mas é bem raro. Por que você —”
Pigarreei. “Então como sabemos nossa especialidade?”
“Ficará claro em breve,” Zia prometeu, “mas um bom mágico conhece um pouco de tudo, que é o porquê de começarmos com um teste básico. Vamos para biblioteca.”
A livraria do Primeiro Nome era como a de Amos, mas cem vezes maior, com quartos circulares forrados com prateleiras em forma de favos de mel que pareciam não ter fim,

como a maior colméia do mundo. As estátuas shabtis de argila pipocavam entrando e saindo, retirando caixas com pergaminhos e desaparecendo, mas não vimos outras pessoas.
Zia nos levou a uma mesa de madeira e desenrolou um longo rolo de papiro em branco. Ela pegou uma pena e a mergulhou na tinta.
“A palavra egípcia *shesh* quer dizer escriba ou escritor, porém pode também significar mágico. Isso porque magia, na sua forma mais básica, transforma palavras em realidade. Vocês criarão um pergaminho. Usando sua própria magia, vocês enviarão poder para as palavras no papel. Quando ditas, as palavras irão liberar a magia.”
Ela passou a pena a Carter.
“Eu não entendi,” ele protestou.
“Uma simples palavra,” ela sugeriu. “Pode ser qualquer coisa.”
“Em inglês?”
Zia curvou seus lábios. “Se você precisa. Qualquer língua funciona, mas hieróglifos são melhores. Eles são a língua da criação, da magia, do Ma’at. Entretanto, você deve ser cuidadoso.”
Antes que ela pudesse explicar, Carter desenhou um simples hieróglifo de um pássaro.
A figura se moveu, saiu do papiro e voou para longe. Respingou na cabeça de Carter com alguns pingos de hieróglifos em seu caminho para fora. Não consegui evitar rir da expressão de Carter.
“Um erro de principiante,” Zia disse, fechando a cara pra mim para que eu ficasse quieta. “Se você usa um símbolo que quer dizer alguma coisa viva, seria melhor escrever apenas parcialmente — deixe de fora uma asa, ou as pernas. De outra forma a mágica que você canalizar pode torná-lo um ser vivo.
“E fazer cocô no seu criador.” Carter suspirou, esfregando seu cabelo com um pedaço de papiro. “É por isso que a estátua de cera do nosso pai, Massinha, não tinha pernas, certo?”
“O mesmo princípio,” Zia concordou. “Agora, tente de novo.”
Carter encarou o cajado de Zia, que estava coberto de hieróglifos. Ele pegou o mais obvio e copiou no papiro — o símbolo do fogo.
Uh-oh, pensei. Mas a palavra não ganhou vida, o que seria bem excitante. Ela simplesmente se dissolveu.
“Continue tentando,” Zia insistiu.
“Por que estou tão cansado?” Carter quis saber.
Ele realmente parecia exausto. Sua face estava coberta de suor.
“Você está canalizando mágica do seu interior,” Zia falou. “Para mim, fogo é fácil. Mas talvez não seja a magia mais natural para você. Tente outra coisa. Convoque... convoque uma espada.”
Zia mostrou a ele como formar o hieróglifo, e Carter escreveu no papiro. Nada aconteceu.
“Fale,” Zia disse.
“Espada,” Carter falou. A palavra brilhou e desapareceu, e uma faca de manteiga apareceu sobre o papiro.
Eu ri. “Assustador!”
Carter parecia que ia desmaiar, mas ele conseguiu sorrir. Ele pegou a faca e ameaçou me espetar com ela.
“Muito bom para uma primeira vez,” Zia disse. “Lembre-se, você não está criando a faca. Você a está convocando do Ma’at — a força criadora do universo. Hieróglifos são o código que usamos. Por isso são chamados Palavras Divinas. Quanto mais poderoso o mago, mais fácil fica controlar a língua.”

Eu prendi minha respiração. “Esses hieróglifos estavam flutuando no Hall das Eras. Eles pareciam se agrupar em volta de Iskandar. Ele os estava invocando?”
“Não exatamente,” Zia disse. “Sua presença é tão forte, que ele faz a língua do universo ficar visível simplesmente por estar no aposento. Não importa nossa especialidade, a maior esperança de cada mágico é se tornar um orador das Palavras Divinas — saber a língua da criação tão bem que podemos moldar a realidade simplesmente falando, sem sequer usar um pergaminho.”
“Como dizer *shatter*,” eu me aventurei. “E fazer uma porta explodir.”
Zia franziu o cenho. “Sim, mas tal coisa levaria anos de prática.”
“Sério? Bem —”
Pelo canto do olho, eu vi Carter balançar a cabeça, me avisando silenciosamente para calar a boca.
“Um...” gaguejei. “Um dia, eu vou aprender como fazer isso.”
Zia levantou uma sobrancelha. “Primeiro, domine o pergaminho.”
Eu estava ficando cansada da atitude dela, então pequei a pena e escrevi Fogo em inglês.
Zia inclinou-se para frente e franziu a testa. “Você não deveria —”
Antes que ela pudesse terminar, uma coluna de chamas atingiu seu rosto. Eu gritei, certa que havia feito algo horrível, mas quando o fogo acabou, Zia ainda estava ali, parecendo atordoada, suas sobrancelhas estavam chamuscadas e sua franja queimada.
“Oh, Deus,” falei. “Desculpa, desculpa. Eu morro agora?”
Por três batidas de coração, Zia me encarou.
“Agora,” ela anunciou. “Eu acho que vocês estão preparados para duelar.”
Nós usamos outro portal mágico, o qual Zia convocou bem na entrada da biblioteca. Pisamos em um círculo de areia em espiral e aparecemos do outro lado, cobertos em areia e poeira, na frente de algumas ruínas. A forte luz do sol quase me cegou.
“Odeio portais,” Carter murmurou, tirando a areia do cabelo.
Então ele olhou em volta e seus olhos se arregalaram. “Isto é o Luxor! Isso é, como, centenas de milhas ao sul do Cairo.”
Suspirei. “E isso te surpreende depois de ter sido teletransportado de Nova York ?”
Ele estava muito ocupado checando os arredores para responder.
Suponho que as ruínas eram legais, apesar de, uma vez que você tenha visto uma pilha dessas coisas egípcias quebradas, você já viu todas, na minha opinião. Nós ficamos numa avenida larga flanqueada por humanos com cabeças de bestas, a maior parte deles quebrado. A estrada ia atrás da gente até onde eu conseguia enxergar, mas na nossa frente ela acabava num templo muito maior que o do museu de Nova York.
As paredes tinham pelo menos seis andares de altura. Grandes faraós de pedra guardavam cada lado da entrada, e um único obelisco se erguia no lado esquerdo. Parecia que um costumava ficar na direita também, mas agora tinha desaparecido.
“Luxor é um nome moderno,” Zia disse. “Esta já foi a cidade de Thebes. Este templo era um dos mais importantes no Egito. É o melhor lugar para nós praticarmos.”
“Por que já está todo destruído?” perguntei.
Zia me deu um de seus famosos olhares fuzilantes. “Não, Sadie — porque está cheio de magia. E é sagrado para sua família.”
“Nossa família?” Carter perguntou.
Zia não explicou, pra variar. Ela só gesticulou para nós a seguirmos.
“Eu não gosto dessas esfinges feias,” murmurei enquanto caminhávamos pelo trajeto.
“Essas feias esfinges são criaturas da justiça e da ordem,” Zia disse. “Protetores do Egito. Estão do nosso lado.”
“Se você diz.”

Carter me cutucou enquanto passávamos pelo obelisco. “Você sabe que o faltante está em Paris.”
Eu revirei meus olhos. ”Obrigada, senhor Wikipédia. Eu pensei que estavam em Nova York e em Londres.”
“Aquele é um par diferente,” Carter disse, como se eu me importasse. “O outro obelisco de Luxor está em Paris.”
“Queria estar em Paris,” falei. “Bem melhor do que este lugar.”
Nós entramos em um poeirento pátio cercado por pilares em ruínas e estátuas com várias partes do corpo faltando. Ainda assim, eu podia dizer que o lugar já fora bem impressionante.
“Onde estão as pessoas?” perguntei. “Meio do dia, férias de inverno. Não deveria ter um monte de turistas?”
A expressão de Zia ficou desagradável. “Normalmente, sim. Eu os encorajei a ficarem fora por algumas horas”
“Como?”
“Mentes comuns são fáceis de manipular.” Ela me olhou mordazmente, e eu me lembrei de como ela me forçara a falar no museu de Nova York. Ah sim, ela estava apenas implorando por mais sobrancelhas chamuscadas.
“Agora, o duelo.” Ela convocou seu cajado e desenhou dois círculos na areia com dez metros entre eles. Ela me dirigiu para um e depois Carter para o outro.
“Eu preciso duelar com ele?” perguntei.
Eu achei a idéia ridícula. A única coisa em que Carter mostrou aptidão foi em invocar facas de manteiga e pássaros. Bem, ok, e aquele episódio na ponte sobre o abismo, desviando os punhais, mas mesmo assim — e se eu o machucar? Por mais irritante que Carter fosse, eu não queria invocar acidentalmente aquele hieróglifo que eu fizera na casa de Amos e explodi-lo em pedacinhos.
Talvez Carter estivesse pensando a mesma coisa, porque ele começou a suar.
“E se a gente fizer algo errado?” ele perguntou.
“Eu vou supervisionar o duelo,” Zia prometeu. “Nós vamos começar devagar. O primeiro mágico que derrubar o outro para fora de seu círculo ganha.”
“Mas nós não fomos treinados!” protestei.
“Se aprende fazendo,” Zia disse. “Isto não é a escola, Sadie. Você não consegue aprender mágica sentada em uma mesa tomando notas. Você só consegue aprender mágica fazendo mágica.”
“Mas —”
“Invoque qualquer poder que conseguir,” Zia disse. “Use qualquer coisa que tenha disponível. Comecem!”
Olhei cautelosamente para Carter. Usar qualquer coisa que eu tenha? Abri o saquinho de couro e olhei dentro. Um pedaço de cera? Provavelmente não. Saquei a varinha e a vara. Imediatamente a vara expandiu-se até eu estar segurando um cajado branco de dois metros.
Carter sacou sua espada, mas não consegui imaginar o que ele faria com ela. Seria bem difícil me atingir a dez metros de distância.
Eu queria isso acabado, então levantei meu cajado como eu vira Zia fazendo. Eu pensei na palavra ‘fogo’.
Uma pequena chama ganhou vida na ponta do cajado. Eu desejei que ela ficasse maior. O fogo ficou mais brilhante por um momento, mas então minha visão ficou turva. A chama apagou. Cai sobre meus joelhos, sentindo como se tivesse corrido uma maratona.
“Você está bem?” Carter perguntou.
“Não,” reclamei.

“Se ela se derrubar sozinha, eu ganho?” ele perguntou.
“Cala a boca!” falei.
“Sadie, você precisa ser cuidadosa,” Zia disse. “Você usou suas próprias reservas, não a do cajado. Você pode esgotar rapidamente sua magia.”
Eu fiquei de pé tremendo. “E isso quer dizer?”
“Um mágico começa um duelo cheio de magia, do jeito que você deve ficar cheia após uma boa refeição —”
“Que eu não tive,” lembrei a ela.
“Cada vez que você faz mágica,” Zia continuou, “você gasta energia. Você pode drenar energia de si mesma, mas precisa conhecer seus limites. De outra forma você pode ficar exausta, ou pior.”
Engoli em seco, e olhei para o meu cajado fumegante. “Quanto pior?”
“Você pode literalmente pegar fogo.”
Eu hesitei, pensando em como fazer minha próxima pergunta sem falar demais. “Mas eu já fiz mágica antes. Ás vezes eu não fico exausta. Por quê?”
Do pescoço, Zia soltou um amuleto. Ela o jogou no ar, e com um flash ele se transformou em um abutre gigante. O pássaro preto maciço disparou por sobre as ruínas. Logo que estava fora de vista, Zia estendeu sua mão e o amuleto reapareceu na sua palma.
“Mágica pode ser retirada de várias fontes,” ela disse. “Pode ser armazenada em pergaminhos, varinhas ou cajados. Amuletos são especialmente poderosos. Mágica também pode ser invocada diretamente do Ma’at, usando as Palavras Divinas, mas isso é difícil. Ou” — ela me olhou nos olhos — “pode ser convocada dos deuses.”
“Por que você está olhando pra mim?” demandei. “Eu não convoquei nenhum deus. Eles parecem simplesmente me encontrar!”
Ela recolocou seu amuleto, mas sem dizer nada.
“Espera aí,” Carter disse. “Você falou que esse lugar foi sagrado para nossa família.”
“E foi,” Zia concordou.
“Mas aqui não era...” Carter franziu a testa. “Os faraós não tinham um festival anual aqui ou alguma coisa do tipo?”
“Realmente,” ela disse. “O faraó devia andar pelo caminho processional de Karnak para Luxor. Ele devia entrar no templo e se tornar um com os deuses. Algumas vezes, isso era puramente cerimonial. Algumas vezes, com os grandes faraós, como Ramesses, aqui —” Zia apontou para uma das enormes estátuas em ruínas.
“Eles realmente hospedavam os deuses,” interrompi, lembrando-me do que Iskandar disse.
Zia estreitou seus olhos. “E mesmo assim você continua dizendo que não sabe nada sobre o passado de sua família.”
“Espere um segundo,” Carter protestou. “Você está dizendo que nós estamos relacionados aos —”
“Os deuses escolhem seu hospedeiros cuidadosamente,” Zia disse. “Eles sempre preferem o sangue dos faraós. Quando um mágico tem o sangue de duas famílias reais...”
Eu troquei um olhar com Carter. Algo que Bast dissera me voltou à mente: “Sua família nasceu para a magia.” E Amos nos contara que os dois lados de nossa família tinham uma complicada história com o deuses, e que Carter e eu éramos as mais poderosas crianças a nascer em séculos. Um pressentimento ruim se apoderou de mim, como um cobertor pinicando minha pele.
“Nossos pais são de diferentes famílias reais,” falei. “Papai... ele deve descender de Narmer, o primeiro faraó. Eu disse a você que ele se parecia com aquela figura!”

“Isso não é possível,” Carter disse. “Isso foi a cinco mil anos atrás.” Mas eu podia ver sua mente acelerando. “Então, os Fausts...” Ele se virou para Zia. “Ramesses, o grande, construiu este pátio. Você está me dizendo que a família da nossa mãe descende dele?”
Zia suspirou. “Não me diga que seus pais esconderam isso de vocês. Por que você acha que vocês são tão perigosos para nós?”
“Você acha que estamos abrigando deuses,” falei, completamente surpresa. “É com isso que vocês estão preocupados — só por causa de algo que nossos tataravôs de milênios atrás fizeram? Isso é uma loucura completa.”
“Então prove!” Zia disse. “Duelem, e mostrem quão fraca sua mágica é!”
Ela deu as costas pra nós, como se fôssemos completamente sem importância.
Alguma coisa dentro de mim estalou. Eu tivera os dois piores dias da minha vida. Eu havia perdido meu pai, meu lar, minha gata, fora atacada por monstros e tive água gelada jogada na minha cara. Agora essa bruxa estava dando as costas pra mim. Ela não queria nos treinar. Ela queria ver quão perigosos nós éramos.
Tá, tudo bem.
“Hum... Sadie?” Carter chamou. Ele devia ter visto pela minha expressão que eu estava perdendo a cabeça.
Eu me concentrei no cajado. Talvez não fogo. Gatos sempre gostaram de mim. Talvez...
Joguei meu cajado diretamente em Zia. Ele bateu no chão perto de seus calcanhares e imediatamente se transformou em uma leoa rosnando. Ela girou surpresa, mas tudo deu errado. A leoa se virou e rugiu para Carter, como se soubesse que eu deveria estar duelando com ele.
Tive um centésimo de segundo para pensar: O que foi que eu fiz?
Então a leoa atacou... e a forma de Carter tremulou. Ele se ergueu do chão, cercado por uma couraça holográfica dourada como a que Bast tinha usado, exceto que sua imagem gigante era de um guerreiro com cabeça de falcão. Carter balançou sua espada, e o guerreiro falcão fez o mesmo, golpeando a leoa com uma lâmina de energia cintilante. A gata se dissolveu em pleno ar, e meu cajado bateu no chão, cortado quase no meio.
O avatar do Carter tremeluziu, e então desapareceu. Ele voltou para o chão e sorriu. “Divertido.”
Ele nem ao menos parecia cansado. Quando me recuperei do alívio por não tê-lo matado, percebi que também não me sentia cansada. Aliás, eu tinha mais energia.
Eu me virei desafiadora para Zia. “Então? Melhor, certo?”
Seu rosto estava pálido. “O falcão. Ele — ele convocou —”
Antes que ela pudesse terminar, passos soaram nas pedras. Um jovem iniciante veio correndo para o pátio, parecendo em pânico. Lágrimas riscavam seu rosto empoeirado. Ele disse algo a Zia em um árabe apressado. Quando Zia entendeu a mensagem, ela se deixou cair pesadamente na areia. Ela cobriu seu rosto e começou a tremer.
Carter e eu deixamos nossos círculos de duelo e corremos até ela.
“Zia?” Carter disse. “O que aconteceu?”
Ela respirou profundamente, tentando retomar sua compostura. Quando ela olhou pra cima, seus olhos estavam vermelhos. Ela disse algo ao iniciante, que assentiu e correu de volta pelo caminho que viera.
“Novidades no Primeiro Nome,” ela falou tremulamente. “Iskandar...” Sua voz quebrou.
Senti como se um punho gigante tivesse me socado no estômago. Pensei nas palavras estranhas de Iskandar na noite passada: parece que eu, também, poderei descansar. “Ele está morto, não está? Era isso que ele queria dizer.”
Zia me encarou. “O que você quer dizer com: ‘Era isso que ele queria dizer’?”

“Eu...” Eu estava para falar que havia conversado com Iskandar na noite passada. Então percebi que isso poderia não ser uma boa coisa para se dizer. “Nada. Como isso aconteceu?”
“Enquanto ele dormia,” Zia disse. “Ele — ele esteve doente por anos, claro. Mas mesmo assim...”
“Está tudo bem,” Carter disse. “Eu sei que ele era importante pra você.”
Ela secou suas lágrimas, em seguida se levantou cambaleando. “Você não entende. Desjardins é o próximo na sucessão. Assim que ele for nomeado Chefe Lector, ele irá ordenar sua execução.”
“Mas nós não fizemos nada!” falei.
Os olhos de Zia brilharam com raiva. “Vocês ainda não perceberam quão perigosos vocês são? Vocês estão hospedando deuses.”
“Ridículo,” insisti, mas uma sensação desagradável estava crescendo dentro de mim. Se fosse verdade... não, não podia ser! Além disso, como alguém, até mesmo um babaca como Desjardins, realmente executaria crianças por algo que elas nem sabiam que estava acontecendo?
“Ele me ordenará que leve vocês,” Zia avisou, “e eu terei que obedecer.”
“Você não pode!” Carter gritou. “Você viu o que aconteceu no museu. Nós não somos o problema. Set é. E se Desjardins não está levando isso a sério... bem, talvez ele faça parte do problema também.”
Zia apertou seu cajado. Eu tinha certeza que ela iria nos fritar com uma bola de fogo, mas ela hesitou.
“Zia.” Decidi arriscar. “Iskandar conversou comigo ontem à noite. Ele me pegou andando pelo Hall das Eras.”
Ela me olhou em choque. Eu percebi que tinha apenas alguns segundos antes daquele choque se transformar em raiva.
“Ele disse que você era sua melhor pupila,” eu me lembrei. “Ele disse que você era sábia. Ele também disse que Carter e eu temos um caminho difícil pela frente, e que você saberia como nos ajudar quando a hora chegasse.”
O cajado dela começou a fumegar. Seus olhos me lembraram vidro a ponto de estilhaçar.
“Desjardins vai matar a gente,” persisti. “Você acha que era isso o que Iskandar tinha em mente?”
Eu contei até cinco, seis, sete. Bem quando eu tinha certeza que ela iria nos explodir, ela abaixou seu cajado.
“Use o obelisco.”
“O quê?” perguntei.
“O obelisco na entrada, tola! Vocês têm cinco minutos, talvez menos, antes que Desjardins envie ordens para sua execução. Fujam, e destruam Set. Os Dias Demôniacos começam ao pôr-do-sol. Todos os portais vão parar de funcionar. Vocês precisam chegar o mais perto possível de Set antes disso acontecer.”
“Espera aí,” falei. “Eu quis dizer que você deveria vir conosco e nos ajudar! Nós nem sabemos como usar um obelisco, muito menos destruir Set!”
“Eu não posso trair a Casa,” ela disse. “Vocês têm quatro minutos agora. Se não conseguirem usar o obelisco, vocês morrerão.”
Isso foi incentivo suficiente pra mim. Eu comecei a arrastar Carter pra fora, mas Zia me chamou: “Sadie?”
Quando olhei de volta, os olhos de Zia estavam cheios de amargura.
“Desjardins vai ordenar que eu cace vocês,” ela avisou. “Você entendeu?”
Infelizmente, eu entendi. Na próxima vez que nos encontrássemos, seríamos inimigos.

Agarrei a mão do Carter e corri.

CARTER

DEZESSETE

UMA VIAGEM RUIM A PARIS

OK, ANTES DE CHEGAR AOS morcegos frutíferos demôniacos, eu tenho que voltar um pouco.

Na noite antes de fugirmos do Luxor, eu não consegui dormir muito – primeiro por causa de uma experiência fora-do-corpo, depois um passeio com Zia. [Pare com esse sorrisinho afetado, Sadie. Não foi um bom passeio.]

Depois das luzes apagarem, eu tentei dormir. Honestamente. Eu até usei aquele estúpido encosto que eles me deram em vez de um travesseiro, mas não ajudou. Logo que eu consegui fechar meus olhos, meu *ba* decidiu fazer uma pequena viagem. Exatamente como antes, eu me senti flutuando sobre meu corpo, tomando uma força alada. Então a corrente do Duat me levou para fora a uma velocidade ofuscante. Quando minha visão clareou, eu me encontrei numa caverna escura.

Tio Amos estava espionando por lá, achando seu caminho com uma luz azul fraca que tremeluzia no topo de seu cajado. Eu queria chamá-lo, mas minha voz não funcionava. Eu não tenho certeza como ele não poderia não me notar, flutuando pouco acima dele na forma brilhante de uma galinha, mas aparentemente eu era invisível pra ele.

Ele caminhou adiante e o piso a seus pés de repente resplandeceu ganhando vida com um hieróglifo vermelho. Amos gritou, mas sua boca congelou metade aberta. Espirais de luz se enrolaram em volta de suas pernas como vinhas. Logo gavinhas vermelhas se entrelaçaram completamente nele, e Amos ficou petrificado, seus olhos olhando firmemente para frente sem piscar.

Tentei voar até ele, mas eu estava empacado no lugar, flutuando sem poder ajudar, então eu só poderia observar.

Risadas ecoaram através da caverna. Um bando de coisas emergiu da escuridão – criaturas repulsivas, animais com cabeça de demônios, e até mesmo monstros mais estranhos meio escondidos nas sombras. Eles estiveram esperando em uma tocaia, percebi – esperando por Amos. Na frente deles apareceu uma silhueta flamejante – Set, mas sua forma estava bem mais clara agora, e desta vez não era humana. seu corpo estava mais emaciado, viscoso, e preto, e sua cabeça era a de uma besta selvagem.

"*Bon soir*, Amos," Set disse. "Que bom que você veio. Nós vamos nos divertir muito!"

Eu me sentei na cama num salto, de volta ao meu corpo, com meu coração acelerado.

Amos havia sido capturado. Eu tinha certeza disso.E ainda pior... Set soube de algum modo que Amos estava chegando.Eu voltei a pensar em alguma coisa que Bast disse,sobre como os serpopards tinha sido derrotados na mansão.Ela disse que as defesas tinha sido sabotadas e a só um mágico da casa poderia ter feito isso.Um horrível suspeita começou a crescer dentro de mim.Eu olhei para a escuridão por um longo tempo,escutando a criançinha junto de mim resmungando feitiços em seu sonho.Quando eu não podia mais ficar lá,eu abri a porta comum empurrão da minha cabeça,caminhei pela mansão de Amos me esgueirando.

Eu estava vagando através do mercado vazio,pensando sobre meu Pai e tio Amos,repassando os eventos de novo e de novo,tentando entender o que eu poderia ter feito diferente para salva-los,foi quando eu reconheci Zia.

Ela estava passando com pressa através do quintal como se ela estivesse sendo perseguida,mas o que realmente chamou minha atenção foi a nevoa preta brilhante ao redor dela,como se alguém tivesse coberto ela com uma sombra brilhante.Ela vinha de uma seção de paredes em branco e gesticulando com sua Mao.De repente uma porta apareceu.Zia olhou nervosamente para trás e entrou.
É claro que eu a segui.
Eu me movi cautelosamente para a porta, Eu podia ouvir a voz de Zia lá dentro, mas eu não conseguia entender o que ela estava dizendo.então a porta começou a solidificar,voltando a ser uma parede e eu numa fração de segundo tomei uma decisão.Eu pulei para o outro lado.
Lá dentro ,Zia estava sozinha virada de costas para mim.Ela estava ajoelhada sobre um altar de pedra,salmodiando alguma coisa debaixo da sua respiração.as paredes estavam decoradas com antigos desenhos egípcios e fotos modernas.A sombra brilhante depressa rodopiou Zia,mas alguma coisa mais estranha estava acontecendo.Eu estava planejando falar com Zia sobre meu pesadelo,mas aquilo ficou completamente fora dos meus planos quando eu vi o que ela estava fazendo.Ela cupped suas palmas,o modo que você possivelmente seguraria um pássaro e uma esfera de um azul brilhante apareceu,do tamanho de uma bola de golfe.Ainda salmodiando,ela ergueu suas mãos.e a esfera voou ,retamente em direção ao teto e desapareceu.
Algum instinto me avisou que supostamente não era para eu ter visto aquilo.
Eu pensei em voltar.só um problema:a porta se fora.sem outras saídas.foi só um problema antes do tempo –Uh-oh.
Talvez eu tenha feito algum barulho.talvez os sentidos mágicos me denunciaram.mas o mais rápido que eu poderia fazer era reagir,Zia puxou sua varinha e se virou para mim,chamas salpicaram para as extremidades como um boomerang.
“Oi” eu disse nervosamente
Sua expressão mudou de raiva para surpresa e então para raiva de novo “Carter,o que você está fazendo aqui?”
“Só passeando.Eu vi você no pátio,então –”
“O que você quer dizer você me viu?”
“Bem...você estava correndo e você tinha essa coisa preta brilhante ao seu redor,e – “
“Você viu isso?Impossível.”
“Por que?O que é isso?”
Ela colocou sua varinha sobre o fogo e ele cessou. “Eu não gosto de ser seguida,Carter”
“Desculpe.Eu pensei que você estava com problemas.”
Ela começou a disser alguma coisa,mas aparentemente mudou de idéia.”Em problema... isto é verdade o suficiente.”
Ela sentou pesadamente e suspirou.Na luz da vela,seus olhos amarelo-âmbar pareciam escuros e tristes.Ela olhou para as fotos atrás do altar,e eu percebi que ela estava em algumas delas.lá estava ela como uma garotinha,aparentemente descalça em frente de uma casa de barro,rancorosa para a câmera como se ela não quisesse sua foto tirada.Próximo a isso,uma wider foto mostrava uma vila intera no Nilo – o tipo de lugar que meu pai me falara algumas vezes,onde nada tinha mudado muito nos últimos duzentos anos.Uma multidão de habitantes do vilarejo sorrindo e acenando para a câmera como se eles estivessem celebrando e sobre eles a pequena Zia estava montada nos ombros de um homem que deveria ser seu pai.outra foto estava uma pequena família:Zia segurando as mãos de seu pai e sua mãe.eles deveriam ser alguma fellahin família de algum lugar do Egito,mas seu pai tinha uma bondade particular,olhos cintilantes – Eu pensei que ele deveria ter um bom senso de humor.O rosto de sua mãe estava descoberto e ela sorria como se seu marido tivesse acabado de contar uma piada.

“Seus parentes parecem ser legais” Eu disse “Essa é sua casa?”
Zia parecia como se ela quisesse ficar zangada mas ela manteve suas emoções sobre controle.ou talvez ela só não tinha a energia suficiente. “Essa era minha casa.A vila não existe mais.”
Eu esperei, não tinha certeza se eu ousaria perguntar.Nos trocamos olhares,eu posso dizer que ela estava decidindo o quanto deveria me dizer.
“Meu pai era um fazendeiro” Ela disse, “mas ele também trabalhou como arquiologista Em seu tempo livre ele percorria o deserto atrás de artefatos e novas áreas onde eles possivelmente queriam escavar.”
Eu assenti.O que Zia descreveu era muito comum.Egípcios faziam trabalho extras como aquele a séculos.
“Uma noite quando eu tinha oito anos,meu pai encontrou uma estatua”, Ela disse. “Pequena porem muito rara:uma estatua de um monstro,cravada em uma pedra vermelha.Ela estava com carrapichos em uma fossa com outras estatuas que estavam todas quebradas.mas de algum modo esta sobreviveu.ele trouxe para casa.Ele não sabia... ele não percebeu os monstros e espíritos mágicos presos de algum jeito dentro da estatua.Meu pai trouxe a estatua não-quebrada para o vilarejo,e...e acidentalmente liberou...”
Sua voz falhou.ela olhava para a foto de seu pai sorrindo segurando a sua mão.
“Zia,Eu sinto muito”
Ela juntou suas sobrancelhas.”Iskandar me encontrou.ele e outros mágicos destruíram o monstro...mas não há tempo.Eles me encontraram enrolada num buraco de fogo debaixo de algumas plantas onde minha mãe tinha me escondido.Eu fui a única sobrevivente.”
Eu tentei imaginar como Zia teria aparentado quando Iskandar encontrou ela – uma garotinha que tinha perdido tudo,sozinha nas ruínas de seu vilarejo.Foi duro imagina-lá assim.
“Entao essa sala é um santuário para a sua família” Eu deduzi “Você vem aqui para lembrar deles.”
Zia olhou para mim sem expressão “Esse é o problema,Carter.Eu não consigo lembrar.Iskandar me contou sobre meu passado.Ele me deu estas fotos,me explicou o que aconteceu.Mas ... Eu não memorizei isso”
Eu estava prestes a falar “Voce só tinha oito anos” Então eu percebi que eu tinha a mesma idade quando minha mãe morreu,quando Sadie e eu estávamos slipt up.Eu lembrei de tudo tão claramente.Eu podia ainda ver nossa casa em Los Angeles e o jeito que as estrelas pareciam de noite de trás da nossa varanda contemplando o oceano.meu pai contava para nos historias sobre as constelações.então toda a noite antes de dormir,sadie e eu ficávamos abraçados com nossa mãe no sofá,lutando pela atenção dela e ela falava para nos não acreditar nas palavras das historias do papai.ela explicava a ciência por trás das estrela,falava sobre física e química como se nos fossemos seus alunos da faculdade.Pensando agora,eu me pergunto se ela estava tentando nos alertar:Não acredite nesses deuses e mitos.Eles são muito perigosos.Eu me lembrei da nossa ultima viagem pra Londres em família,quão nervosos papai e mamãe pareceram naquele avião.eu lembrei do nosso pai voltando para o flat de nossos avos depois da morte de mamãe,e falando para nos sobre o acidente.Até mesmo antes dele explicar,eu sabia que era ruim,porque eu nunca tinha visto meu pai chorando antes.
Os pequenos detalhes que me fizeram ficar louco – como o cheiro do perfume da mamãe,ou o modo que sua voz era.Quanto mais velho eu ficava,mais firmemente eu segurava essas coisas.eu não conseguia me imaginar lembrando de nada.Como Zia conseguia?
“Talvez...” Eu vacilei tentando achar as palavras certas. “Talvez você só –”

Ela levantou sua Mao. “Carter acredite em mim.Eu tentei lembrar.mais não tem sido útil.Iskandar é a única família que eu tive”
“E os amigos?”
Zia olhou para mim como seu eu tivesse usado um termo estrangeiro.Eu percebi que não tinha ninguém perto da nossa idade no Primeiro Nome.Todo mundo era muito novo ou muito velho.
“Eu não tenho tempo para amigos” Ela disse. “ Além disso,quando iniciantes fazem treze anos,eles são admitidos em outros nomes mundo afora.Eu sou a única que fica aqui.eu gosto de ser só.É bom”.
Os cabelos detrás do meu pescoço se arrepiaram.Eu costumava dizer quase a mesma coisa,muitas vezes,quando as pessoas perguntavam para mim como foi ser colocado num internato pelo meu pai. Eu não sentia falta de ter amigos?Eu não queria ter uma vida normal? “Eu gosto de ser sozinho.É bom”
Eu tentei imaginar Zia indo para uma escola publica,aprendendo uma combinação de problemas de matemática,passeando pela cantina.Eu não conseguia imaginar isso.Eu imaginava que ela ficaria tão perdida quanto eu fiquei.
“Te digo que” Eu falei. “Depois do teste,depois dos dias com demônios,quando as coisas se acalmarem-“
“As coisas nunca se acalmam.”
“- Eu vou levar você para o shopping”
Ela piscou “O shopping?por que motivo?”
“para passear”Eu disse. “Nos vamos comer hamburguês.ver um filme.”
Zia hesitou “não é isso que vocês chamam de *encontro*?
Minha expressão deve ter ficado divertido,porque Zia caiu na risada de verdade.”Voce parece uma vaca batida com uma pá.
“Eu não quis dizer...Eu só queria dizer...”
Ela gargalhou e de repente ficou mais fácil imaginá-la como uma aluna normal no colégio.
“Eu vou pensar nesse *Shopping*,Carter,” Ela disse. “você é uma pessoa muito interessante... ou uma muito perigosa”
“Vamos ficar com o interessante”
Ela balançou sua mão e a porta reapareceu.”Vá,agora.e tome cuidado.da próxima vez que você ficar me espiando,possivelmente você não terá tanta sorte.”
Na porta,eu me virei”Zia,o que era aquela coisa preta brilhante?”
Seu sorriso se foi. “Um feitiço de invisibilidade.Só mágicos poderosos são capazes de ver através dele.você não deveria ter visto.”
Ela olhou para mim esperando por respostas mas eu não tinha nenhuma.
“Talvez estava... mal vestida ou algo assim” eu soltei “E,posso perguntar,a esfera azul?
Ela franziu”O que?”
“A coisa que você solto para o teto”
Ela olhou confusa “Eu...Eu não sei o que você esta falando.talvez a luz da vela pregou uma peça nos seus olhos.”
Um silencio embaraçoso.Talvez ela estava mentindo para mim,ou eu estava ficando louco ou... Eu não sei o que.Eu percebi que eu não tinha falado para ela sobre minha visão do tia Amos e Set mas eu sentei que eu já tinha pressionado ela o máximo que eu podia por uma noite.
“Ok,” Eu disse “Boa noite”
Eu andei meu caminho de volta para o dormitório mas eu não consegui dormir de novo por um bom tempo.

Fast-foward to Luxor.Talvez agora você entenda porque eu não queria lá trás ter deixado Zia e por que eu não acredito que zia teria nos machucado.
Por outro lado,eu sabia que ela não estava mentindo sobre Desjardins.Aquele cara não pensaria duas vezes e nos transformar em escargots.e o fato que Set falou em Frances no meu sonho – "Bom soir,Amos"
Foi só uma coincidência... ou era alguma coisa pior?
De todo jeito,quando Sadie me puxou pelo braço,eu segui.
Nos corremos para fora do templo e passamos pela a obelisk.mas naturalmente,não foi tão simples.nos éramos a família Kane.Nada era simples.
Assim que nos pegamos a obelisk,eu escutei um som slish-ing de um portal mágico.aproximadamente cem jardas caíram do caminho,um mágico careca em roupas brancas caminhou para fora de um redemoinho de areia rodopiando.
"Cuidado" Eu avisei a Sadie.Eu agarrei o bastão da minha mochila e arremessei para ela. "Porque que eu cortei o seu no meio..Eu irei ficar com a espada."
"Mas eu não sei o que fazer com isso!"Ela protestou,procurando pela base da obelisk com se ela esperasse encontrar um interruptor secreto.
O mágico equilibrou novamente e cuspiu a areia para fora de sua boca.Então ele spotted nos. "Stop!"
"Yeah" eu murmurei "isso vai acontecer"
"Paris" Sadie voltou-se para mim "Voce disse que a outra obelisk esta em Paris,certo?"
"Certo.Um,não para apressar você,mas.."
O mágico ergueu seu bastão e começou a salmodiar.
Eu me atrapalhei com o cabo da minha espada.Minhas pernas estavam como se fossem virar manteiga.Eu me perguntei se eu poderia fazer a coisa do guerreiro de águia de novo.Aquilo tinha sido legal,mas aquilo também foi só um duelo.e o teste da ponte do abismo,quando eu desviei aqueles símbolos – aquilo não pareciam comigo.
Da outra vez que eu saquei essa espada,eu não tinha ajudado:Zia ainda estava lá,or Bast.Eu nunca estive completamente só.desta vez,só tinha eu.eu estava louco em pensar que eu poderia derrotar um mágico full-fledged.Eu não era um guerreiro.tudo que eu sabia sobre espadas vinha de leituras de livros – a historia de Alexandre o Grande,Os três Mosqueteiros – como se isso pudesse ajudar! Com Sadie ocupada na obelisk,eu estava por conta própria.
Não você não é,disse uma voz dentro de mim.
Ótimo,eu pensei.eu estou por contra própria e enlouquecendo.
No final da avenida,o mágico me chamou "Sirva a casa da vida!"
Mas eu tive a impressão que ela não estava falando comigo
O ar entre nos começou a tremeluzir.ondas de calor escorreram das duas linhas de esfinges,fazendo eles parecerem com se eles estivessem se mexendo.então eu percebi que eles estavam se mexendo.cada um rachou-se no meio,e fantasmas apareceram da pedra como gafanhotos quebrando suas cascas.nem todos deles estavam em boa forma.as criaturas espíritos das estatuas quebradas sumiram cabeças ou pés.algumas maçaram de três pernas só.mas no mínimo uma dúzia atacaram esfinges que estavam em perfeito estado,e todos eles vieram em nossa direção – cada uma do tamanho de um doberman,fazendo fumaça de leite branco e vapor quente.alguns das esfinges vieram para nossa direção.
"Logo" Eu avisei a Sadie
"Paris!" ela falou,e ergueu seu bastão e a varinha. "Eu quero ir para lá agora.duas entradas.primeira classe seria legal!."

As esfinges avançaram.o mais próximo se lançou em direção a mim e com um desvio sortudo eu me ataquei e fatiei ele no meio.o monstro evaporou em fumaça,mas ele explodiu num calor tão intenso que eu pensei que meu rosto iria imediatamente derreter.
Mais dois fantasmas de esfinge trotaram na minha direção.mais uma dúzia estava apenas a poucos passos de mim.eu podia sentir minha pulsação batendo em meu pescoço.De repente o chão sacudiu.o céu escureceu,e Sadie gritou "Yeah!"
A obelisk brilhou com uma luz roxa,zunindo com poder.Sadie tocou a pedra e gritou.
Ela estava sendo sugada para dentro e desapareceu.
"Sadie!" Eu gritei.
No meu momento de distração,duas das esfinges me empurraram,me jogando no chão.minha espada voou para fora.minha costela foi quebrada!e meu tórax estourou em dor.e o calor vindo das criaturas era insuportável – era como se fosse ser esmagado por um forno quente.
Eu estiquei meus dedos em direção a obelisk.apenas uma polegada de distancia.eu podia ouvir as outras esfinges chegando,o mágico cantou, "Pegue ele! Pegue ele!"
Com minha ultima partícula de resistência,eu guinei em direção a obelisk,cada nervo do meu corpo gritando de dor.o topo dos meu =s dedos tocaram a base e o mundo ficou preto.
De repente eu estava deitado no frio,uma pedra úmida.eu estava no meio de uma enorme praça publica.a chuva estava forte e o ar frio me falou que eu não estava muito longe do Egito.Sadie estava em algum lugar perto daqui,gritando em alarme.
Mas noticias:Eu trouxe duas esfinges comigo.uma pulou na minha direção e amarrou sadie atrás de mim.a outra estava ainda no meu peito,ofuscante embaixo de mim,suas costas vaporizando na chuva,seus olhos de fumaça branca a polegadas da meu rosto.
Eu tentei lembrar a palavra egipicia para fogo.talvez se eu conseguisse fazer o monstro incandescer.. mas minha mente estava cheia de pânico.eu escutei uma explosão vindo da minha direita,na direção que Sadie tinha corrido.eu esperei que ela tivesse longe do caminho,mas eu não tinha certeza.
A esfinge abriu sua boca e formou um dente canino de fumaça que não serviria em um antigo Rei egípcio.ele estava perto de mastigar minha face quando uma forma escura se aproximou atrás dele e berrou "coma muffins"
Pedaço!
A esfinge se dissolveu em fumaça.
Eu tentei me erguer mais não conseguia.Sadie tropeçou perto de mim. "Carter!Oh céus,você esta bem?"
Eu pisquei na direção da outra pessoa – a que me salvou:Alta,magra,vestida de preto,com uma capa de chuva.
O que ela gritou:Coma muffins?que tipo de grito de batalha foi esse?
Ela tirou sua capa de chuva e a mulher na pele de num terno de pele de leopardo sorriu largamente para mim,mostrando seus caninos e sua lamplike olhos amarelos.
Sentiu minha falta? Perguntou Bast.

CARTER

DEZOITO

QUANDO MORCEGOS FRUGÍVEROS VÃO MAL

Nós ficamos encolhidos no beiral de um grande prédio governamental branco e assistimos a chuva torrencial caindo na Place de La Concorde. Era um dia miserável para estar em Paris. O céu de inverno era pesado e baixo, e frio, o ar úmido parecia penetrar nos meus ossos. Não tinham turistas, nenhum tráfego a pé. Todo mundo que não era louco estava dentro de casa, perto do fogo e aproveitando uma boa bebida quente.

A nossa direita, o rio Sena cortava lentamente a cidade. Através do enorme Plaza, dos jardins dos Tulieries estavam envoltos numa névoa empapada.

O obelisco egípcio levantou lentamente e escuro no meio da avenida. Esperamos muito para pularmos fora dali, mas nada veio. Eu lembrei o que Zia disse sobre artefatos que precisavam de 12 horas descansando antes que pudessem ser usados novamente. Desejei que ela estivesse certa.

“Agüente ainda.” Bast me disse.

Eu recuei à medida que ela apertava meu tórax com sua mão. Ela sussurrou algo em egípcio, e a dor acalmou lentamente.

“Costela quebrada,” ela anunciou. “Melhor agora, mas você deveria descansar alguns minutos.”

“Sobre os mágicos?”

“Eu não me preocuparia com eles ainda. A Casa assumira que você se tele transportou num outro lugar qualquer.”

“Por quê?”

“Paris é a quadragésima Nome- quartel-general de Desjardin. Você seria louco se tentasse se esconder no território que ele domina.”

“Ótimo.” Eu suspirei.

“E os seus amuletos te protegem,” Bast acrescentou. “Eu poderia achar Sadie em qualquer lugar por causa da minha promessa de protegê-la. Mas os amuletos te manterão protegidos do olhar de Set e de outros mágicos.”

Eu pensei sobre o quarto escuro da First Nome com todas aquelas crianças olhando para tigelas de óleo. Eles nos olhavam agora? Esse pensamento era degradante.

Eu tentei sentar e recuei novamente.

“Fique quieto,” Bast ordenou. “Sinceramente, Carter, você deveria aprender como cair que nem um gato.”

“Vou trabalhar nisso.” Eu prometi. “Como ainda está vivo? É aquele negócio de nove vidas?”

“Oh, isso é apenas uma lenda boba. Eu sou imortal.”

“Mas os escorpiões!” Sadie chegou mais perto,tremendo e desenhando o casaco de chuva de Bast sobre os ombros dela. “Nós os vimos subjugando você!”

Bast fez um som puxado. “Querida Sadie,vocês se importam mesmo! Eu devo dizer que já trabalhei com muitas crianças de faraós,mas vocês dois...” Ela olhou compadecida.

“Bem,sinto muito se os apressei. É verdade que os escorpiões reduziram meu poder a quase nada. Eu os segurei o máximo que pude. Então eu tive energia suficiente para reverter para a forma de Muffin e deslizar para Duat.”
"Achei que você não fosse boa com portais.” Eu disse.
“Bem,primeiro de tudo,Carter,tem muitos jeitos para entrar e sair de Duat. Tem diversas regiões e sub- regiões. O Abyss,o rio da Noite, a Terra dos Mortos,a Terra dos Demônios...”
“Soa adorável.” Sadie murmurou.
“Enfim, portais são como portas. Eles passam pelo Duat para conectarem uma parte do mundo mortal com outra. E sim,sou boa neles. Mas sou uma criatura de Duat. Se estou na minha,dormindo na sub-região mais próxima isso é relativamente fácil.”
“E se eles a tivessem matado?” Eu perguntei. “Quer dizer, matado Muffin?”
“Isso teria me rebaixado para o fundo do Duat. Teriam levado anos, talvez séculos, antes que eu estivesse forte o suficiente para retornar ao mundo mortal. Felizmente isso não aconteceu. Eu voltei num caminho longo,mas no tempo em que fui ao museu,os mágicos já haviam capturado vocês.”
“Nós não fomos exatamente capturados.” Eu disse.
“Mesmo, Carter? Quanto tempo você ficou na First Nome antes de decidirem te matar?”
“Hum,eu acho que umas 24 horas.”
Bast assoviou. “Eles nem ao menos ficaram mais amigáveis. Eles costumavam usar explosões de Godlings nos primeiros minutos.”
“Nós não somos, pera aí, do que você nos chamou?”
Sadie respondeu,soando como se estivesse num transe: “ ‘Godlings’ Isso é o que somos,não somos? É por isso que Zia estava tão aterrorizada conosco, o porquê de Desjardins querer nos matar.”
Bast deu um tapinha no joelho de Sadie. “Você sempre foi brilhante, querida.”
“Pera um pouco” Eu disse. “Você quer dizer hospedeiros para os deuses? Isso é impossível. Eu acho que saberia se...”
Então pensei sobre a voz na minha cabeça,me alertando a esconder-me quando encontrei Iskandar. Eu pensei em todas as coisas eu de repente era capaz de fazer-como lutar com uma espada e chamar uma armadura de concha. Isso não são coisas que eu teria aprendido na escola.
“Carter.” Sadie disse. “ Quando a pedra de Roseta foi desbloqueada,ela liberou cinco deuses,certo? Papai ficou com Osíris.Amos nos contou isso. Set... Eu não sei.Ele saiu de alguma forma.Mas você e eu...”
“Os amuletos nos protegeram” Eu segurei o Olho de Hórus envolta do meu pescoço. “Papai disse que eles iriam.”
“Se nós tivéssemos ficado na sala,como papai nos mandou,” Sadie retomou “Mas nós estávamos lá,vendo. Nós queríamos ajudá-lo. Nós praticamente pedimos por poder,Carter.”
Bast percebeu. “Isso faz toda a diferença. Um convite.”
“E desde então...” Sadie me olhou tentativamente, quase me pedindo para zoar dela. “Eu tive esse sentimento. A voz na minha cabeça.”
Por hora a fria chuva socava as minhas roupas. Se Sadie não tivesse dito algo,talvez eu pudesse mentir sobre o que estava acontecendo por um tempo maior. Mas pensei no que Amos disse sobre a minha família ter uma longa história com os deuses. Pensei no que Zia nos disse sobre nossa linhagem: “Os deuses escolhem seus hospedeiros com cuidado. Eles sempre preferem o sangue dos faraós.”
“Okay,” Eu admiti. “Eu estive ouvindo uma voz também. Então ou nós dois estamos ficando malucos...”

“O amuleto.” Sadie puxou da sua blusa um colar e segurou para mostrar a Bast. “É o símbolo de uma deusa, não é?”
Eu não tinha vista o amuleto dela por um longo tempo. Era diferente do meu. Eu me lembrei de um ankh ou talvez algum tipo de gravata chique.

“Isso é um tyet,” Bast disse. “Um nó mágico. E sim, e normalmente chamado de...”
“O Nó de Isis,” Sadie disse. Eu não entendia como ela poderia saber sobre isso, mas ela parecia absolutamente certa.
“No Hall das Eras, eu vi a imagem de Isis, e depois eu era Isis, tentando fugir de Set, e... oh meu Deus. É isso não é? Eu sou ela.”
Ela agarrou sua camisa como se mentalmente quisesse puxar a deusa para fora dela. Tudo que eu podia fazer era encarar. Minha irmã, com seu cabelo ruivo vivo, pijamas de linho e suas botas de combate... como era possível ela se preocupar por estar possuída por uma deusa? Que deusa iria querer ela, exceto talvez a deusa da goma de mascar?
Mas também... eu estive ouvindo uma voz dentro de mim também. Uma voz que definitivamente na era minha. Eu olhei para meu amuleto, o Olho de Horus. Eu pensei sobre os mitos que eu conhecia... como Horus, o filho de Osíris, tinha vingado seu pai derrotando Set. E em Luxor eu invoquei um avatar com cabeça de falcão.
Eu estava com medo de tentar, mas eu pensei: Horus?
Bem, era uma questão de tempo, a outra voz dentro de mim disse. ‘Olá Carter.’
“Ah não” eu disse em pânico levantando meu tórax. “Não, não, não. Alguém pegue um abridor de lata. Eu tenho um deus preso na minha cabeça.
Os olhos de Bast estreitaram. “Você se comunicou com Horus diretamente? Isso é um ótimo progresso!”
‘Fique calmo’ Horus disse.
“Não me diga para ficar calmo!”
Bast franziu a testa. “Eu não disse.”
“Eu estou falando com ele!” Eu apontei para minha testa.
“Isso é horrível.” Sadie choramingou. “Como eu me livro dela?”
Bast fungou. “Primeiro, Sadie, ela não está inteiramente em você. Deuses são muito poderosos. Nós podemos existir em vários em vários lugares de uma vez. Mas sim, parte do espírito de Isis agora está em você. Assim como Carter agora tem parte do espírito de Horus com ele. E francamente, vocês dois deviam se sentir honrados.”
“Certo, muito honrados,” Eu disse. “Eu sempre quis ser possuído!”
Bast revirou os olhos. “Por favor, Carter, isso não é possessão. Aliás, você e Horus querem a mesma coisa... derrotar Set, assim com Horus fez a milênios atrás, quando foi a primeira vez que Set matou Osíris. Se você não fizer, seu pai é amaldiçoado e Set vai ser o rei da terra.”
Eu olhei nos olhos de Sadie, mas neles não haviam ajuda. Ela tirou o amuleto do pescoço e jogou no chão.
“Isis entrou dentro de mim pelo amuleto, não foi? Então, eu só preciso...”
“Eu realmente não faria isso.” Bast avisou.
Mas Sadie pegou sua varinha e esmagou o amuleto. Faíscas azuis subiram do bumerangue de marfim. Sadie ganiu e deixou cair sua varinha, que agora estava

soltando fumaça. Suas mãos estavam com marcas de queimaduras pretas. O amuleto estava bem. “Nossa!” ela disse.
Bast fungou. Ela botou sua mão em Sadie, e as queimaduras sararam.
“Eu lhe avisei. Isis canalizou seu poder pelo amuleto, sim, mas ela não está nele agora. Ela está em você. E têm mais, amuletos mágicos são praticamente indestrutíveis.”
“Então, o que nós devemos fazer?” Sadie disse.
“Bem para iniciantes,” Bast falou, “Carter deveria usar o poder de Hórus para derrotar Set.”
“Oh, isso é tudo?” Eu disse. “Por minha conta?”
“Não, não. Sadie pode ajudar.”
“Oh, que demais.”
“Eu os guiarei o máximo que puder,” Bast prometeu, “mas no fim,vocês dois deveram lutar. Apenas Hórus e Ísis podem defender Set e impedir a morte de Osíris. É assim que deve ser agora.”
“Daí teremos nosso pai de volta?” Eu perguntei.
Bast sorriu timidamente. “Se tudo der certo.”
Ela não estava nos contando tudo. Nenhuma surpresa. Mas meu cérebro estava muito confuso para descobrir o que estava faltando.
Olhei para as minhas mãos. Elas não pareciam nada diferentes- não estavam mais fortes, não eram de um hospedeiro de deus. “Se eu consegui os poderes de um deus, então por que eu estou tão...”
“Aleijado?” Sadie sugeriu.
“Cala a boca,” Eu disse. “Por que não posso usar melhor meus poderes?”
“Precisa de prática,” Bast disse. “A não ser que você queira dar todo o seu controle para Horus. Assim ele poderia usar sua forma, e você não precisaria se preocupar com nada.”
‘Eu poderia’ a voz disse na minha mente. ‘Deixe-me lutar com Set. Você pode confiar em mim. ’
‘É, tudo bem’ eu disse para ele. ‘Como eu teria certeza de que você não seria morto e simplesmente mova para outro hospedeiro? Como eu teria certeza de que você não está influenciando meus pensamentos agora?’
‘Eu não faria isso’ a voz disse. ‘Eu lhe escolhi por causa de seu potencial, Carter, e porque nos temos o mesmo objetivo. Lhe dou palavra minha palavra de honra, se você me deixar controlá-lo...
“Não” Eu disse.
Eu percebi que falei auto, porque Sadie e Bast estavam me olhando.
“Quero dizer, não o deixarei me controlar.” Eu disse. “Essa é a nossa luta. Nosso pai está preso em um caixão. Nosso tio foi capturado.”
“Capturado?” Sadie perguntou. Eu percebi com um choque que eu ainda não a tinha contado sobre minha última péssima viagem. Simplesmente não tive tempo.
Quando eu lhe contei os detalhes. Ela parecia abatida.
“Deus, não.”
“É” eu concordei. “E Set falou em Frances ‘Bom soir. ’ Sadie, o que você disse sobre Set estar se afastando... talvez ele não esteja. E se ele estiver procurando alguém poderoso para se hospedar...”
“Desjardins.” Sadie terminou.
Bast limpou sua garganta.
“Desjardins estava em Londres na noite em que seu pai quebrou a Pedra da Roseta, não estava? Desjardins sempre estava cheio de raiva, de ambição. Em vários jeitos, ele seria um hospedeiro perfeito para Set. Se Set conseguiu possuir Desjardins... pelo trono de Rá, Carter, eu espero que você esteja errado. Vocês dois vão precisar aprender

rapidamente como usar os poderes dos deuses. O que seja que Set esteja planejando, ele fará em seu aniversário, quando é mais poderoso. Esse dia é o terceiro dia dos Dias do Demônio... três dias a partir de hoje.
“Mas eu já usei o poder de Isis, não usei?” Sadie perguntou. “Eu invoquei hieróglifos. Eu ativei o obelisco em Luxor. Isso foi ela ou eu?”
“Foram os dois.” Bast disse. “Você e Carter têm grandes habilidades sozinhos, mas o poder dos deuses acelerou os seus desenvolvimentos, e deram uma reserva extra para utilizarem. O que levaria anos para aprender, vocês realizaram em dias. Quanto mais canalizarem os poderes dos deuses, mais fortes vocês serão.”
“E mais perigoso fica” eu adivinhei. “os mágicos nos disseram que hospedar deuses pode fazer você pegar fogo, te matar, e te deixar louco.”
Bast fixou seus olhos em mim. Por um segundo eles eram os olhos de um predador... velho, poderoso e perigoso.
“Não é qualquer um que pode hospedar um deus, Carter. Isso é verdade. Mas vocês dois tem o sangue de faraós. Vocês combinam duas linhas antigas. Isso é muito raro, muito poderoso. E se vocês acham que podem sobrevirem sem os poderes dos deuses, pensem de novo. Não repitam o que sua mãe...”
“O que?” Sadie exigiu. “O que você estava dizendo sobre a nossa mãe?”
“Eu não deveria ter dito isso.”
“Conte-nos, gato!” Sadie disse.
Eu estava com medo de Bast desembainhar suas facas. Ao contrário, ela se se encostou à parede e olhou para a chuva.
“Quando seus pais me liberaram da Agulha da Cleópatra... tinha muito mais energia do que eles esperavam. O seu pai falou o atual encantamento, e a explosão teria matado ele instantaneamente, mas sua mãe jogou um escudo. Naquele exato segundo, eu ofereci minha ajuda. Eu ofereci que juntássemos nossos espíritos e ajudar a protegê-lo. Mas ela não aceitou minha ajuda. Ela escolheu usar sua própria reserva...”
“Sua própria mágica.” Sadie murmurou.
Bast acenou triste.
“Quando um mágico faz um feitiço, não a volta. Se ela sobrepujar seu poder... bem, sua mãe usou o resto de energia para proteger seu pai. Para salvá-lo, ela se sacrificou. Ela literalmente...”
“Pegou fogo.” Eu disse. “Isso foi o que Zia nos avisou.”
A chuva continuou a cair. Percebi que eu estava tremendo.
Sadie enxugou uma lágrima de seu rosto. Ela pegou o amuleto e olhou para ela com raiva.
“Nós precisamos salvar o papai. Se ele realmente tem o espírito de Osíris...”
Ela não terminou, mas eu sabia no que ela estava pensando. Eu pensei sobre a mamãe quando eu era pequeno, os braços dela sobre os meus ombros enquanto estávamos em pé no deck de trás da nossa casa em L.A. Ela apontou as estrelas para mim: Polares, Cinturão de Órion, Sirius. Depois ela sorriu para mim, e eu me senti mais importante do que qualquer constelação no céu. Minha mãe se sacrificou para salvar o papai. Ela usou muita magia, ela literalmente pegou fogo. Como eu poderia ser corajoso como ela? Sim, eu tenho que salvar o papai. Senão, me sentia como se o sacrifício da mamãe teria sido em vão. E talvez, ele poderia arrumar as coisas, e até trazer a mamãe de volta.
‘Isso era possível?’ Eu perguntei a Horus, mas sua voz estava silenciosa.
“Tudo bem,” eu decidi. “Então, como detemos Set?”
Bast pensou por um momento, depois sorriu. Eu tinha o pressentimento de qualquer coisa que ela dissesse, eu não iria gostar.

“Talvez tenha um jeito de se fazer sem dar completamente você mesmo aos deuses. Tem um livro feito por Thoth... um dos raros livros de feitiço escritos pelo próprio deus da sabedoria. Aquele que estou pensando em detalhes para derrotar Set. É valorizado pela possessão de certo mágico. Tudo que precisamos fazer é penetrar na sua fortaleza, roubá-lo, e sair antes do pôr-do-sol, e fazer isso enquanto ainda podemos criar um portal para os Estados Unidos.
“Perfeito.” Sadie disse.
“Espera aí,” eu disse. “Qual mágico? E aonde é a fortaleza?”
Bast me encarou como se eu não tivesse entendido.
“Eu acho que já discutimos sobre ele. Desjardins. A casa dele é bem aqui, em Paris.”
Uma vez eu vi a casa de Desjardins, eu o odiei ainda mais. Era uma enorme mansão, no outro lado das Tuleries, na rua Des Pyramides.
“Rua des Pyramides?” Sadie disse. “Óbvio, não acha?”
“Talvez ele não tenha achado um lugar na Rua do Mágico Estúpido e Mau.” Eu sugeri.
A casa era espetacular. Os pontos em cima de sua grade de ferro eram dourados. Mesmo com a chuva de inverno, o jardim da frente estava repleto de flores. Cinco andares de paredes de mármore branco e janelas de preto-tapado apareceram diante de nós, tudo com um jardim no terraço. Eu tinha visto palácios reais menores que este lugar.
Eu apontei para a porta da frente, que estava pintada em um vermelho brilhante.
“O vermelho não é uma cor ruim no Egito? A cor de Set?”
“Eu pensei que preto era a cor ruim.” Sadie disse.
“Não querida. Como usual, o povo moderno está atrasado. Preto é a cor do deus do solo, como o solo do Nilo. Você consegue plantar no solo preto. Comida é bom. Assim, preto é bom. Vermelho é a cor das areias do deserto. Assim, vermelho não é bom.” Ela franziu a testa. “É estranho que Desjardins tenha uma porta vermelha.”
“Bem, eu estou excitada,” Sadie resmungou. “Vamos bater na porta.”
“Lá terá guardas,” Bast disse. “E armadilhas. E alarmes. Você pode apostar que a casa é fortemente encantada para manter os deuses de fora.”
“Mágicos podem fazer isso?” Eu perguntei. Eu imaginei uma grande lata de pesticida da marca deuses-fora.
“Alas, sim.” Bast disse. “Eu não conseguirei cruzar a cerca sem ser convidado. Vocês, entretanto...”
“Eu pensei que éramos deuses também.” Sadie disse.
“Essa é a beleza da coisa.” Bast disse. “Como hospedeiros, vocês ainda são um pouco humanos. Eu possui inteiramente Muffin, então, eu sou muito eu... uma deusa. Mas vocês ainda são... vocês mesmo. Está claro?”
“Não.” Eu disse.
“Eu sugiro que vocês se transformem em pássaros,” Bast disse. “Vocês podem voar até o jardim no terraço e entrarem. E, eu gosto de pássaros.”
“Primeiro problema,” Eu disse. “Nós não sabemos como virar pássaros.”
“Fácil de resolver! E um bom teste de canalizar o poder dos deuses. Ambos Isis e Horus têm formas de pássaros. Simplesmente imaginem que são pássaros, e pássaros serão.”
“Somente isso.” Sadie disse. “Você não vai nos comer?”
Bast pareceu ofendido. “Elimine esse pensamento!”
Eu queria que ela não tivesse usado a palavra ‘elimine’.
“Tudo bem.” Eu disse. “Aí vai.”
Eu pensei: ‘Você está aí Horus?’
‘O quê?’ ele disse impacientemente.
‘Forma de pássaro, por favor. ’
‘Ah, entendo. Você não confia em mim. Mas agora precisa da minha ajuda. ’

‘Cara, sai dessa. Só faça a coisa do falcão. ’
‘Você se contentaria com uma ema?’
Eu decidi que falar não iria ajudar, então fechei meus olhos e imaginei que era um falcão. Neste instante, minha pele começou a queimar. Eu tive problema para respirar. Eu abri meus olhos e arfei.
Eu era muito, muito pequeno – meus olhos batiam nas pernas de Bast. Eu estava coberto de penas e meus pés viraram garras, como se fosse minha forma antiga,mas essas eram reais,rápidas e com sangue correndo nelas. Minhas roupas e minha mochila haviam sumido,como se elas tivessem derretido em minhas penas. A linha dos meus olhos tinham mudado completamente,também. Eu podia ver tudo numa linha de 180 graus,e os detalhes eram incríveis. Cada folha de cada árvore balançou para fora. Eu parei uma barata a 100 jardas de distância, correndo na saída de um esgoto. Eu pude ver cada poro na cara de Bast, que agora sorria para mim.
“Melhor atrasado do que nunca chegar.” Ela disse. “Tomou-te uns dez minutos.”
O que? A mudança pareceu instantânea. Então olhei para o lado e vi um belo pássaro de rezar cinza, um pouco menor que eu, com asas pretas e olhos dourados. Eu não estou certo como, mas sabia que era um papagaio, como asa de pássaro, não do tipo com um cordão.
O papagaio fez um som puxado... “Ha, ha, ha.” Sadie estava rindo de mim.
Eu abri meu próprio bico, mas nenhum som veio dele.
“Vocês dois parecem deliciosos,” Bast disse limpando os beiços. “Não, não... aham eu quero dizer maravilhosos. Agora vamos lá.”
Eu espalhei minhas majestosas asas. Eu realmente fiz isso! Eu era um nobre falcão, senhor dos céus. Eu lancei-me para fora da calçada e voei na estreita da cerca.
“Ha, ha, ha.” Sadie gorjeou atrás de mim.
Bast encolheu-se e começou a fazer gruído estranho. A bem, ela estava imitando pássaros. Já vi muitos gatos fazerem isso quando estão se preparando para a caçada. Então meu próprio obituário passou pela minha cabeça: Carter Kane, 14, morreu tragicamente em Paris quando foi devorado pelo gato de sua irmã, Muffin.
Eu espalhei bem minhas asas,quiquei com os meus pés e com três claps fortes eu alçava vôo na chuva. Sadie estava logo atrás de mim. Juntos nós fizemos uma espiral no céu para cima.
Eu tenho de admitir: eu me senti ótimo. Desde que eu era criança,eu tenho sonhos em que eu voava,e eu sempre odiava acordar. Agora não era um sonho, ou mesmo uma viagem ruim. Era 100 por cento real. Eu naveguei pelas correntes de ar acima de Paris. Eu pode ver o rio,o Museu do Luvre,os jardins e palácios. E um rato, yumi.
Agüente firme,Carter,pensei. Não cace o rato. Eu zanzei na mansão do Desjardins,dobrei minhas asas e atirei-me para baixo.
Eu vi o topo do telhado dos jardins,as duas portas de vidro por dentro,e a voz na minha mente disse: ‘ Não pare.É uma ilusão. Você tem de passar pelas barreiras mágicas deles.’
Eu era louco,pensei. Eu viajava tão rápido que eu me chocaria com o vidro e viraria uma panqueca de falcão,mas eu não o fiz,diminui a velocidade. Eu passei pelas portas como se elas não estivessem lá. Ergui minhas asas e pousei sobre a mesa. Sadie navegou logo atrás de mim.
Nós estávamos sozinhos no meio de uma biblioteca. Tão longe,tão bom.
Eu fechei meus olhos e pensei em voltar a minha forma normal. Quando abri meus olhos novamente,eu era o velho Carter regular,sentado sobre a mesa vestido nas minhas roupas habituais,minha mochila no ombro.
Sadie ainda era um gatinho.

“Você pode voltar ao normal agora.” Contei a ela.
Ela inclinou a cabeça e me deu olhar intrigante. Ela fez um som frustrado.
Eu dei um sorriso torto. “Você não consegue, não é? Você está presa?”
Ela bicou minha mão seu extremamente afiado bico.
“Ei!” eu reclamei. “Não é minha culpa. Continue tentando.”
Ela fechou seus e amarrotou suas penas até que parecia que ia explodir, mas ela continuou como um papagaio.
“Não se preocupe.” Eu disse, tentando manter uma expressão neutra. “Bast vai te ajudar quando sairmos daqui.”
“Há, há, há.”
“Apenas fique atenta. Eu vou olhar em volta.”
O quarto era enorme... mais parecido com uma biblioteca tradicional do que com um covil de mágico. A mobília era de mogno preto. Toda parede estava coberta com estantes que vão do chão ao teto. Livros inundavam o chão. Alguns estavam amontoados em mesas outros enfiados em pequenas prateleiras. Uma grande cadeira perto da janela parecia o lugar que Sherlock Holmes sentaria fumando um cachimbo.
Cada passo que eu dava, o piso rangia, o que me fez recuar. Eu não conseguia ouvir ninguém na casa, mas eu não queria me arriscar.
Além das portas de vidro para o telhado, a outra única saída era uma porta de madeira sólida que estava trancada por dentro. Eu virei a fechadura. Então eu firmei uma cadeira embaixo da alça. Eu duvidei que iria manter mágicos fora por muito tempo, mas poderia me dar alguns segundos, se as coisas correram mal.
Eu procurei nas prateleiras de livros que pareciam ter séculos. Todos tipos diferentes de livros espremidos juntos... nada alfabetizado, nada enumerado. A maioria dos livros não estava em inglês. Nenhum estava em hieróglifos. Eu estava esperando algo intitulado em letra de ouro que diziam O Livro de Thoth, mas não tive tanta sorte.
“Como o Livro de Thoth pareceria?” eu quis saber.
Sadie virou sua cabeça e me encarou. Eu tinha certeza que ela estava me dizendo para me apressar.
Eu desejei que houvesse um shabti para buscar coisas, como os da biblioteca de Amos, mas eu não vi nenhum. Ou talvez...
Eu tirei a mochila do papai do meu ombro. Eu botei sua caixa mágica na mesa e deslizei a tampa de cima. A pequena figura de cera ainda estava lá, bem onde eu o deixei. Eu o peguei e disse.
“Doughboy, me ajude a achar O Livro de Thoth nessa biblioteca.”
Seus olhos de cera abriram imediatamente.
“E por que eu o deveria ajudar?”
“Porque você não tem escolha.”
“Eu odeio esse argumento! Tudo bem... me levante. Eu não consigo ver as prateleiras.”
Eu andei com ele pelo quarto. Eu me senti um idiota dando ao boneco de cera um tour, mas provavelmente não tão idiota quanto Sadie se sentia. Ela ainda estava na forma de pássaro, correndo para frente e para trás na mesa e batendo bico em frustração enquanto ela tentava voltar para a forma normal.
“Espera aí.” Doughboy anunciou. “Esse daqui é velho... bem aqui.”
Eu puxei um volume fino amarrado em linho. Era tão fino, que eu não teria visto, tinha certeza, a capa estava escrita hieróglifos. Eu o levei a mesa e o abri cuidadosamente. Era mais como um mapa do que um livro, aberto em quatro partes até que eu estava vendo um largo e longo rolo de papiro com uma escrita tão velha que eu mal conseguia ler os caracteres.
Eu encarei Sadie. “Eu aposto que você leria isso para mim se não fosse um pássaro.”

Ela tentou me bicar de novo, mas eu desviei minha mão.
“Doughboy,” eu disse. “O que tem nesse rolo?”
“Um feitiço perdido no temo!” ele pronunciou. “Palavras antigas de tremendo poder!”
“Bem?” eu exigi. “Ele fala como derrotar Ser?”
“Melhor! O título diz: O Livro para Encantar Morcegos Frugíveros!”
Eu encarei ele. “Você está de brincadeira?”
“Eu brincara sobre isso?”
“Quem iria querer encantar morcegos frugíveros?”
“Há, há, há.” Sadie grasnou.
Eu empurrei o rolo e nós voltamos a busaca.
Depois de um dez minutos, Doughboy exclamou em deleite.
“Oh, olhe! Eu me lembro dessa pintura.”
Era uma pintura a óleo pequena em uma moldura dourada, em pé no final da prateleira. Devia ser importante, porque era cercada por pequenas cortinas de seda. Uma luz brilhou sobre retrato da face do homem que parecia prestes a contar uma história de fantasmas.
“Não é aquele cara que interpreta Wolverine?” Eu perguntei, porque tinha um cabelo seriamente levantado.
“Você me enoja!” Doughboy disse. “Esse é Jean-François Champollion.”
Me levou um segundo, mas eu me lembrei do nome.
“O cara que decifrou os hieróglifos da Pedra da Rosetta.”
“É claro. O tio-avô de Desjardins...”
“Cerca de duzentos anos de idade.” Doughboy confirmou. “Ainda jovem. Você sabia que quando Champollion decifrou primeiramente os hieróglifos, ele cai em como por cinco dias? Ele se tornou o primeiro homem fora da Casa da Vida a usar magia, e isso quase o matou. Naturalmente, atraiu a atenção do First Nome. Champollion morreu antes de poder aproveitar a Casa da Vida, mas Chefe Lector aceitou seus descendentes para treinarem. Desjardins tem muito orgulho de sua família... mas um pouco sensível também, porque ele é muito recém-chegado.”
"É por isso que ele não se dava bem com a nossa família", eu imaginei. "Nós somos como ... antiga"
Doughboy gargalhou. "E seu pai quebrou a pedra de Roseta? Desjardins teria visto isso como um insulto à honra de sua família! Oh, você deveria ter visto os argumentos de Mestre Júlio e Desjardins teveram nesta sala. "
" Você já esteve aqui antes?”
"Muitas vezes! Eu estive em todos os lugares. Eu sou todo-saber. "
Tentei imaginar o pai e Desjardins tendo uma discussão aqui. Não foi difícil. Se Desjardins odiava nossa família, e se os deuses tendem a encontrar anfitriões, que partilham as suas metas, então faz sentido que Set se junte a ele. Ambos queriam o poder, ambos são ressentidos e zangados, ambos queriam esmagar Sadie e me a uma polpa. E agora Set controla secretamente o Chefe Lector... Uma gota de suor escorreu pela lateral do meu rosto. Eu queria sair dessa mansão. De repente, houve um som batendo abaixo de nós, como alguém fechar a porta de baixo.
"Mostre-me onde está o Livro de Thoth," eu pedi Doughboy. "Rápido!"
Enquanto nós nos abaixamos para ver as prateleiras, Doughboy cresceu tão quente em minhas mãos, eu tinha medo que ele iria derreter. Continuava falando comentários sobre os livros.
"Ah, Domínio dos Cinco Elementos!"
“É esse que queremos?” Eu perguntei.

“Não, mas é um livro bom. Como domar os cinco elementos essenciais do universo... terra, ar, água, fogo e queijo!”
“Queijo?”
Ele arranhou sua cabeça de cera.
“Eu tenho certeza que esse é o quinto. Mas continuemos!”
Nós viramos para a próxima prateleira.
“Não.” Ele anunciou. “Não. Chato. Chato. Oh, Clive Cussler! Não. Não.”
Eu estava quase desistindo quando ele disse. “Ali.”
Eu congelei. “Aonde... aqui?”
“O livro azul com enfeite dourado,” ele disse. “Aquele que tem uma...”
Eu o puxei, e o quarto inteiro começou a tremer.
“...Armadilha.” Doughboy continuou.
Sadie grasnou urgentemente. Eu virei e a vi levantar vôo. Alguma coisa pequena e preta caiu do teto. Sadie colidiu com ele no meio do ar, e a coisa preta desapareceu na sua garganta.
Antes de eu poder registrar quão perigoso isso era, alarmes soaram lá em baixo. Mais formas pretas caíram do teto e pareciam se multiplicar no ar, transformando em uma nuvem de pêlos e asas.
“Essa é a sua resposta,” Doughboy me contou. “Para que Desjardins iria querer enfeitiçar morcegos frugíveros. Você fez bagunça com os livros errados, você acionou uma praga de morcegos frugíveros. Essa é a armadilha!”
As coisas estavam em mim como se eu fosse manga madura... mergulhando na minha cara, arranhando meus braços. Eu agarrei o livro e corri para a mesa, mas eu mal conseguia ver.
“Sadie, saia daqui!” Eu gritei.
“SAW!” ela chorou, o que eu esperava dizer um sim.
Eu achei a maleta de trabalho do papai e enfiei o livro e Doughboy dentro. A porta da biblioteca escancarou-se. Vozes Berraram em Frances.
‘Horus, hora do pássaro!’ eu pensei desesperado. ‘E nada de emas, por favor!’
Eu corri para a porta de vidro. No ultimo segundo, eu me achei voando... de novo um falcão, acelerando na chuva fria. Eu sabia pelos sentidos do predador que estava sendo seguido por aproximadamente quatrocentos raivosos morcegos frugíveros.
Mas falcões eram bem mais rápidos. Uma vez fora eu corri para o norte, esperando afastar os morcegos de Sadie e Bast. Eu me afastei dos morcegos rapidamente mas deixei-os perto o suficiente para não desistirem. Então, com um surto de velocidade, em me virei numa curva acentuada e me dirigi de volta a Sadie e Bast a cem milhas por hora.
Bast pareceu surpreso quando eu posei na calçada, tropeçando sobre mim mesmo enquanto me transformava em um humano. Sadie agarrou meu braço, e aí eu percebi que ela tinha voltado ao normal.
“Isso foi horrível.” Ela anunciou.
“Saída estratégica, rápido!” eu apontei para o céu, onde um nuvem preta e raivosa de morcegos frugíveros estavam ficando cada vez mais perto.
“O Louvre.” Bast agarrou nossas mãos. “É o portal mais próximo.”
Três quarteirões de distância. Nós nunca conseguiríamos.
Então a porta vermelha da casa de Desjardins abriu explodindo, mas nós não esperamos para ver o que viria dela.
Nós corremos pela rua Des Pyramides.

SADIE

DEZENOVE

UM PIQUENIQUE NO CÉU

[Certo, Carter. Dê-me o microfone.]
Eu já estive no Louvre uma vez num feriado, mas eu não tinha sido perseguida por perversos morcegos frutíferos. Eu até ficaria aterrorizada, exceto que eu estava muito ocupada ficando com raiva de Carter. Eu não podia acreditar na maneira com que ele tratou meu problema de pássaro. Honestamente, eu pensei que seria um papagaio para sempre, sufocando dentro de uma pequena prisão de penas. E ele teve coragem de fazer piadas!
Eu prometi a mim mesmo que me vingaria, mas por enquanto nós tínhamos preocupações suficientes no mantendo vivo.
Nós corremos na chuva fria. Era tudo que eu podia fazer para evitar cair no calçamento escorregadio. Eu olhei para trás e vi duas figuras nos perseguindo--- homem com cabeça raspada e cavanhaque e capa de chuva preta. Eles podiam se passar por mortais normais exceto que cada um carregava um cajado brilhante. Péssimo sinal.
Os morcegos estavam literalmente nos nossos calcanhares. Um beliscou minha perna. Outro passou perto do meu cabelo. Tive que me forçar para continuar correndo. Meu estômago ainda estava reclamando porque eu havia comido uma das pequenas pragas quando era um papagaio--- e não, não foi idéia minha. Um instinto defensivo, apenas!
“Sadie,” Bast chamou enquanto corríamos. “Você vai ter apenas alguns segundos para abrir o portal.”
“Onde é que tá?” Eu gritei;
Nós contornamos pela rue de Rivoli para uma praça ampla protegida pelas asas do Louvre. Bast foi direto para a pirâmide de vidro na entrada, refletindo a luz do por do sol.
“Você não pode estar falando sério,” eu disse. “Aquilo não é nem mesmo uma pirâmide.”
“Claro que é real,” disse Bast. “A forma dá poder a pirâmide. É uma rampa para os céus.”
Os morcegos estavam todos à nossa volta agora--- mordendo nossos braços, voando ao redor nos nossos pés. A medida que o seu número aumentava, ficava difícil ver ou se mover.
Carter procurou pela espada, e de repente lembrou que ela não estava mais lá. Ela à havia perdido no Luxor. Ele amaldiçoou e remexeu na bolsa.
“Não diminuam!” Bast alertou.
Carter sacou seu bastão. Com frustração total, ele a atirou em um morcego. Eu achei que era um gesto inútil, mas o bastão brilhou branco e bateu solidamente na cabeça do morcego, derrubando-o do ar. O bastão ricocheteou pelo enxame, derrubando seis, sete, oito dos pequenos monstros antes de voltar para a mão de Carter.
“Nada mal,” eu disse. “Fica esperto!”
Nós chegamos à base da pirâmide. A praça estava vazia, ainda bem. A última coisa que eu queria era minha morte por morcegos frutíferos postada no YouTube.

“Um minuto até o pôr do sol,” Bast avisou.
Ela pegou suas facas e começou a despedaçar os morcegos no ar, tentando mantê-los longe de mim. O bastão de Carter voou selvagem, nocauteando morcegos por todo lado. Eu encarei a pirâmide e tentei pensar no portal, do jeito que tinha feito no Luxor, mas era quase impossível me concentrar.
Onde você deseja ir? Isis disse na minha mente.
Deus, não me importa! America!
Eu percebi que estava chorando. Eu odeio, mas choque e medo estavam começando a me dominar. Onde eu queria ir? Pra casa, é claro! De volta ao meu apartamento em Londres--- de volta ao meu velho quarto, meus avós, meus encontros na escola e minha antiga vida. Mas eu não podia, eu tinha que pensar no meu pai e em nossa missão. Nós tínhamos que chegar até Set.
America, eu pensei. Agora!
Minha explosão de emoção deve ter feito algum efeito. A pirâmide tremeu. As paredes de vidro reluziram e o topo da estrutura começou a brilhar.
Um vórtice de areia apareceu tudo certo. Só um problema: ele estava flutuando sobre o topo da pirâmide.
“Suba!” disse Bast. Fácil para ela--- era uma gata.
“O lado é muito íngreme!” Carter falou.
Ele havia feito um bom trabalho com os morcegos. Atordoados e empilhados, literalmente, no pavimento, mas outros ainda rodavam ao nosso redor, mordendo cada pedaço de pele amostra, e os magos estavam se aproximando.
“Eu vou arremessar vocês,” Bast disse.
“Como é?” Carter protestou, mas ela o pegou pelo colarinho e pelas calças e o arremessou pela lateral da pirâmide. Ele sobrevoou a lateral da pirâmide de uma maneira nada digna, atravessando o portal.
“Agora você, Sadie,” disse Bast. “Vamos!”
Antes que eu pudesse me mover, a voz de um homem gritou, “Pare!”
Estupidamente, congelei. A voz era poderosa, foi difícil não fazer.
Os dois magos se aproximaram. O mais alto falou em perfeito inglês: “Se entregue, Senhorita Kane, e retorne à propriedade do nosso Mestre.”
“Sadie, não ouça,” Bast alertou. “Venha aqui.”
“A deusa gata engana você,” o mago disse. “Ela abandonou o posto. Ela pôs todos nós em perigo. Ela te levará à ruína.”
Eu podia dizer que ele disse certo. Ele estava absolutamente convicto do que falava.
Olhei para Bast. A expressão dela havia mudado. Ela parecia ferida, até mesmo aflita.
“O que isso significa?” eu disse. “O que você fez de errado?”
“Nós temos que ir,” ela avisou. “Ou eles vão nos matar.”
Eu olhei para o portal. Carter já havia passado. Aquilo decidia. Eu não ia me separar dele. Por mais chato que ele fosse, Carter era a única pessoa que havia me restado. (Como isso é deprimente)
“Jogue-me.” Eu disse.
Bast me agarrou. “Vejo-te na America.” Então ela me balançou pelo lado da pirâmide.
Eu ouvi o mago rosnar, “Se renda!” E uma explosão rachou o vidro perto da minha cabeça. Então eu entrei no vórtice de arei.
Acordei num pequeno quarto com carpete industrial, paredes cinza, e janelas com moldura de meta. Sentia como se estivesse em um refrigerador high-tech. Eu me sentei grogue e descobri que estava em cima de fria e molhada areia.
“Ugh,” eu disse. “Onde nós estamos?”

Carter e Bast olharam pela janela. Aparentemente eles estavam conscientes a um tempo, porque eles haviam se limpado.
“Você precisa se ligar nessa vista.” Carter disse.
Eu fiquei fracamente sobre meus pés e logo caí de novo quando vi o quão alto nós estávamos.
Uma cidade inteira se espalhava abaixo de nós--- Eu digo, muito longe, uns quilômetros. Eu quase podia acreditar que nós ainda estávamos em Paris, por causa do rio a nossa esquerda e a terra era mais plana. Havia prédios brancos do governo todos cercados por parque e ruas circulares, todos espalhados sob um céu de inverno. Mas a luz estava errada. Ainda era de tarde aqui, então devemos ter viajado para oeste. E quando meus olhos fizeram um caminho para o outro lado de um grande espaço ver e retangular, eu me descobri encarando uma mansão que pareia vagamente familiar.
“Aquilo é... aquela é a Casa Branca?”
Carter concordou. “Você nos trouxe para a America, tudo bem. Washington, D.C.”
“Mas nós estamos num arranha céu!”
Bast riu. “Você não especificou nenhuma cidade americana específica, não é?”
“Bem... não.”
“Então você nos trouxe para o marco zero para os Estados Unidos--- a maior força do poder Egípcio na America do Norte.”
Eu olhei para ela incompreensiva.
“O maior obelisco já construído,” ela disse. “O Monumento a Washington.”
Tive outro momento de vertigem e sai de perto da janela. Carter agarrou meu ombro e me ajudou a sentar.
“Você devia descansar,” ele disse. “você apagou por... quanto tempo, Bast?”
“Duas horas e trinta minutos,” ela disse. “Desculpe-me, Sadie. Abrir mais de um portal num dia é extremamente desgastante, mesmo com Isis ajudando.”
Carter franziu a testa. “Mas nós precisamos dela para fazer de novo, certo? Ainda não é pôr do sol aqui. Nós ainda podemos usar portais. Vamos abrir um e ir pro Arizona. É onde Set está.”
Bast curvou os lábios. “Sadie não pode invocar outro portal. Irá extinguir os poderes dela. Eu não tenho o poder. E você, Carter... bom, suas habilidades estão em outro lugar. Sem querer ofender.”
“Ah, não,” ele resmungou. “Tenho certeza que você vai me chamar da próxima vez que precisar derrotar alguns morcegos.”
“Por outro lado,” disse Bast. “Quando um portal é usado, é preciso tempo para ele desaparecer. Ninguém vai poder usar o Monumento---“
“Por outras doze horas.” Carter amaldiçoou. “Tinha me esquecido disso.”
Bast concordou. “E até lá, os Dias do Demônio já terão começado.”
“Então nós precisamos de outro jeito para chegar a Arizona.” Carter disse.
Eu suponho que ele não queria me fazer sentir culpada, mas eu me senti. Eu não tinha pensado nas coisas para fazer, e agora nós estávamos presos em Washington.
Eu espiei Bast pelo canto do olho. Queria perguntar a ela o que o homem no Louvre queria dizer com ela nos guiando para a ruína, mas eu estava com medo. Eu queria acreditar que ela estava do nosso lado. Talvez se eu desse a ela uma chance, ela daria a informação voluntariamente.
“Ao menos aqueles magos não podem nos seguir.” Eu disparei.
Bast hesitou. “Não pelo portal, não. Mas há outros magos na America. E pior... Súditos de Set.”

Meu coração subiu para minha garganta. A Casa da Vida foi assustadora o suficiente, mas quando eu me lembro de Set, e o que seus súditos haviam feito com a casa de Amos...
“E o livro de magia de Thoth?” eu disse. “Nós achamos pelo menos um jeito de lutar com Set?”
Carter apontou para o canto da sala. Sobre a capa de chuva de Bast estava à caixa mágica de papai e o livro azul que nós roubamos de Desjardins.
“Talvez você possa fazer isso ter sentido,” Carter disse. “Bast e eu não conseguimos ler. Até Doughboy ficou perdido.”
Eu peguei o livro, que era na verdade um pergaminho separado em seções. O papiro era tão fino, estava com medo de pegar. Hieróglifos e ilustrações marcavam a página, mas eu não tinha idéia do que eles eram. Minha habilidade de ler a língua parecia ter sido desligada.
Fechei o livro frustrada. “Todo aquele trabalho pra nada.”
“Agora, agora,” Bast disse. “Não é tão ruim assim.”
“Certo,” eu disse. “Estamos presos em Washington, D.C. Temos dois dias para chegar a Arizona e para um deus que não sabemos como parar. E se não conseguirmos, nunca mais veremos papai e Amos novamente, e o mundo pode acabar.”
“Esse é o espírito!” Bast disse radiante. “Agora, vamos fazer um piquenique.”
Ela estalou os dedos. O ar sibilou e uma pila de potes com biscoitos e duas jarras de leite apareceram no carpete.
“Um.” Carter disse. “você pode conjurar comida de qualquer lugar?”
Bast piscou. “Bem, não garanto o gosto.”
O ar tremulou novamente. Um prato de sanduíches de queijo grelhados e batatas fritas surgiram, com um pacote de seis cocas-cola.
“Yum.” Eu disse.
Carter murmurou alguma coisa sob seu sanduíche. Suponho que queijo grelhado não era seu favorito, mas ele pegou um sanduíche.
“Nós devemos partir logo.” Ele disse entre mordidas. “Quero dizer... turistas e tudo mais.”
Bast balançou a cabeça. “O Monumento Washington fecha as seis. Os turistas já foram agora. Nós devemos passar a noite. Se nós temos que viajar durante os Dias do Demônio, melhor que o façamos a luz do dia.”
Todos nós devíamos estar exaustos, porque não falamos novamente até termos terminado de comer. Eu comi três sanduíches e bebi duas Cocas. Bast fez todo o lugar cheirar a petiscos de gato, então começou a lamber a pata como preparando para um banho de gato.
“Você podia não fazer isso?” perguntei. “É perturbador.”
“Ah,” ela sorriu. “Desculpe.”
Eu fechei meus olhos e me encostei contra a parede. Parecia bom para descansar, mas eu me dei conta de que o quarto não estava exatamente quieto. Todo o prédio parecia estar balançando lentamente, mandando um tremor pelos meus ossos que fizeram meus dentes baterem. Abri os olhos e me sentei. Eu ainda podia sentir.
“O que é isso?” eu perguntei. “O vento?”
“Energia mágica,” Bast explicou. “Eu disse a você, esse é um monumento poderoso.”
“Mas é moderna. Como a pirâmide do Louvre. Por que ela é mágica?”
“Os Antigos Egípcios eram excelentes construtores, Sadie. Eles pegaram formas--- obeliscos, pirâmides--- que eram carregadas com mágica simbólica. Um obelisco representa um raio de sol congelado na pedra--- um raio de vida dado pelo rei dos deuses original, Ra. Não importa quando a estrutura foi construída: ainda é Egípcia. Isso

é o porquê de qualquer obelisco poder ser utilizado para abrir portais para o Duat, ou libertar grandes princípios de poder---"
"Ou prendê-los," eu disse. "Do jeito que você estava no Obelisco de Cleópatra."
Sua expressão escureceu. "Eu não estava realmente presa no obelisco. Minha prisão era um abismo mágico criado no fundo do Duat, e o obelisco era a porta que seus pais usaram para me libertar. Mas, sim. Todos os símbolos do Egito concentram grandes quantidades de poder mágico. Então um obelisco definitivamente pode ser usado para aprisionar deuses."
Uma idéia estava latejando na minha cabeça, mas eu não podia simples mente cuspi-la. Alguma coisa sobre minha mãe, e o Obelisco de Cleópatra, e a última promessa do meu pai no Museu Britânico: Eu vou fazer as coisas se acertarem.
Então eu pensei de volta no Louvre, e o comentaria que o mago fez. Bast parecia tão atravessada no momento que eu estava quase com medo de pergunta, mas era o único meio de conseguir uma resposta. "O mago disse que você abandonou seu posto. O que ele quis dizer?"
Carter franziu a testa. "Quando foi isso?"
Eu disse a ele o que aconteceu depois de Bast o arremessar através do portal.
Bast largou o pote de biscoitos vazio. Ela não parecia ansiosa para responder.
"Quando eu fui aprisionada." Ela finalmente disse. "Eu--- eu não estava sozinha. Eu fui trancada com uma... criatura do caos."
"Isso é ruim?" perguntei.
A julgar pela cara de Bast, a resposta era sim. "Os magos depois de fazerem isso--- trancar um deus com um monstro então não tínhamos tempo para tentar escapar da prisão. Por tempos, eu lutei contra ele. Quando seus pais me libertaram---"
"O monstro saiu?"
Bast hesitou demais para o meu gosto.
"Não. Meu inimigo não pôde escapar." Ela respirou fundo. "O último ato mágico da sua mãe selou o portal. O inimigo continua dentro. Mas isso era o que o mago queria dizer. Enquanto ele estiver preso meu 'posto' é combatê-lo para sempre."
Aquilo tinha um som da verdade, como se ela estivesse compartilhando uma memória dolorosa, mas aquilo não explicou a outra parte que o mago disse: Ela pôs todos nós em perigo. Eu estava tomando coragem para perguntar exatamente o que era o monstro, quando Bast levantou.
"Eu devia fazer a ronda." Ela disse abruptamente. "Já volto."
Nós escutamos os passos dela ecoarem pela escadaria.
"Ela está escondendo alguma coisa." Carter disse.
"Descobriu isso sozinho, foi?" eu perguntei.
Ele olhou pra longe e imediatamente eu me senti mal.
"Desculpa," eu disse. "É só que... o que vamos fazer?"
"Resgatar papai. O que mais podemos fazer?" Ele pegou o seu bastão e o girou nos dedos. "Você acha que ele realmente queria dizer... você sabe trazer mamãe de volta?"
Eu queria dizer sim. Mais que qualquer coisa, eu queria acreditar nessa possibilidade. Mas me surpreendi balançando a cabeça. Alguma coisa sobre isso não parecia certo. "Iskandar me disse alguma coisa sobre mamãe." Eu disse. "Ela era uma vidente. Podia ver o futuro. Ele disse que ela o fez repensar antigas idéias."
Foi minha primeira chance para contar a Carter sobre minha conversa com o antigo mago, então eu dei para ele os detalhes.
Carter pestanejou seus olhos marrons. "Você acha que isso tem alguma coisa a ver com a causa da morte de nossa mãe--- ela viu alguma coisa no futuro?"

“Não sei.” Eu tentei lembrar quando eu tinha seis anos, mas minha memória esta confusa. “Quando eles nos levaram para a Inglaterra na última vez, ela e papai pareciam estar apresados--- como se estivessem fazendo alguma coisa realmente importante?”
“Definitivamente.”
“Você diria que libertar Bast era realmente importante? Eu digo--- eu a amo, claro--- mas vale a pena morrer por importantes?”
Carter hesitou. “Provavelmente não.”
“Bom, ai está. Eu acho que papai e mamãe estavam atrás de algo maior, uma coisa que eles não haviam completado. Possivelmente era disso que papai estava atrás no Museu Britânico--- completando a pesquisa, não importa o que fosse. Acertando as coisas. E todo esse negócio de nossa família voltar bilhões de anos atrás para um tipo de faraó deus-hospedeiro--- por que ninguém nos contou? Por que papai não o fez?”
Carter não respondeu por um longo tempo.
“Talvez papai estivesse nos protegendo.” Ele disse. “A Casa da Vida não confiava na nossa família, especialmente depois do que papai e mamãe fizeram. Amos disse que a gente nós fomos criados separados por uma razão, então nós não, tipo, acionaríamos a mágica um do outro.”
“Maldito motivo para nos manter separados.” Eu murmurei.
Carter olhou para mim estranhamente, e eu percebi que o que eu disse podia ter soado como uma complicação.
“Eu só quis dizer que eles deviam ter sido honestos,” eu disparei. “Não que eu queria mais tempo com meu irmão insuportável, é claro.”
Ele concordou serio. “É claro.”
Sentamos-nos escutando o tremor mágico do obelisco. Eu tentei lembrar a última vez em que Carter e eu passamos um tempo assim juntos, conversando.
“O seu amigo, é...” eu bati no lado da minha cabeça. “Seu amigo está sendo de alguma ajuda?”
“Não muito.” Ele admitiu. “E o seu?”
Balancei minha cabeça. “Carter, você tá com medo?”
“Um pouco.” Ele enfiou o bastão no carpete. “Não, muito.”
Eu olhei para o livro azul que nós roubamos--- páginas cheias de grandes segredos que eu não podia ler. “E se nós não pudermos fazer isso?”
“Não sei,” disse ele. “Aquele livro sobre dominar o elemento queijo teria sido mais útil.”
“Ou invocar morcegos.”
“Por favor, não os morcegos.”
Nós compartilhamos um sorriso fraco, e me pareceu bom. Mas não mudou nada. Nós continuávamos com sérios problemas e sem planos.
“Por que você não dorme um pouco?” ele sugeriu. “Você usou muita energia hoje. Eu fico vigiando até Bast voltar.”
Ele realmente parecia preocupado comigo. Que lindo.
Eu não queria dormir. Eu não queria perder nada. Mas eu percebi que minhas pálpebras estavam incrivelmente pesadas.
“Tudo bem então.” Eu disse. “Não deixe os percevejos morderem.”
Eu me deitei muito devagar, mas minha alma tinha outros planos.

SADIE

VINTE

VISITO A DEUSA COBERTA DE ESTRELAS

NÃO TINHA PERCEBIDO QUE seria tão perturbador. Carter me explicara como seu ba deixou seu corpo enquanto ele dormia, mas, quando aconteceu comigo, foi completamente outra história. Era muito pior do que minha visão no Saguão das Eras.

Lá estava eu, flutuando no ar como um espírito brilhante que se assemelhava a um pássaro. E lá estava meu corpo abaixo de mim, dormindo feito uma pedra. Apenas tentar descrevê-lo já me dá dor de cabeça.

Meu primeiro pensamento, assim que fitei abaixo meu corpo adormecido: Deus, pareço horrível. Ruim demais para se olhar no espelho ou ver fotos minhas nas páginas da Web de meus amigos. Ver eu mesma em pessoa era simplesmente errado. Meu cabelo era um ninho de rato, o pijama de linho não era, no mínimo, elogiável, e a pinta em meu queixo era enorme.

Meu segundo pensamento, quando examinei a forma brilhante de meu ba: Aquilo realmente não daria. Não me importava se eu fosse invisível para os olhos mortais ou não. Depois de minha má experiência como uma pipa, simplesmente me recusava a andar por aí como uma galinha com cabeça de Sadie. Seria bom para Carter, entretanto, tenho meus padrões.

Podia sentir as correntes do Duat me puxando, tentando levar meu ba para onde quer que as almas vão quando têm visões, mas não estava pronta. Concentrei-me bastante, e imaginei minha aparência normal (ok, tudo bem, talvez minha aparência da maneira que gostaria que fosse, um pouco melhor do que a normal). E, *voilà*, meu ba tomou uma forma humana, ainda transparente e brilhante, imaginem, contudo, mais para um fantasma adequado.

Bem, pelo menos isso se podia escolher, pensei. E permiti que as correntes me arrastassem para longe. O mundo derreteu-se em preto.

A princípio, eu estava em lugar nenhum — apenas um vazio negro. Então, um jovem rapaz deu um passo das sombras.

“Você outra vez,” disse.

Gaguejei. “Hã…”

Honestamente,

Honestamente, vocês me conhecem suficientemente bem agora. Aquela não era eu. Mas aquele era o garoto que vira em minha visão do Saguão das Eras — o rapaz muito lindo com as vestes pretas e os cabelos desgrenhados. Seus olhos castanho-escuros causavam o mais irritante efeito em mim, e eu estava bastante grata por ter me livrado da minha forma de galinha reluzente.

Tentei novamente, e consegui quarto palavras inteiras. “O que você está...”

“Fazendo aqui?” disse ele, encerrando minha frase imponentemente. “Viagens espirituais e morte são bastante similares”

“Não estou certa do que isso queira dizer”, disse. “Deveria me preocupar?”

Ele inclinou a cabeça como se estivesse considerando a questão. “Não nesta viagem. Ela somente quer bater um papo com você. Siga em frente.”

O garoto acenou com a mão e uma soleira abriu-se na escuridão. Eu era puxada em direção a ela.
“Vejo você outra vez?” perguntei.
Mas o garoto já tinha ido.
Descobri-me dentro de um luxuoso *flat* no meio do céu. Não havia paredes, nem teto, e um chão transparente em que se via logo abaixo as luzes da cidade à altura de um avião. Nuvens acumulavam-se sob meus pés. O ar deveria estar congelante e rarefeito demais para respirar, no entanto, me sentia quente e confortável.
Sofás de couro preto formavam um U ao redor de uma mesa de café sobre um carpete vermelho-sangue. Um fogo ardia numa lareira feita de ardósia. Estantes de livros e pinturas pairavam no ar onde deveriam estar as paredes. Uma barra de granito preto situava-se no canto, e, nas sombras por detrás dela, uma mulher fazia um chá.
“Olá, minha criança,” disse ela.
Ele deu um passo à luz, e arquejei. Ela vestia um saiote egípcio da cintura para baixo. Da cintura para cima, ela usava somente um top de biquíni, e sua pele… sua pele era azul-escura, coberto de estrelas. Não quero dizer estrelas pintadas. Ela tinha o cosmo inteiro vivendo sobre sua pele: constelações vislumbrantes, galáxias muito brilhantes para serem vistas, nebulosas incandescentes em poeira azul e rosa. Suas feições pareciam desaparecer-se nas estrelas que se deslocavam por seu rosto. Seus cabelos eram longos e negros como a meia-noite.
“Você é a tal Nut”, disse. Então notei que talvez saiu errado. “Quero dizer… a deusa do céu.”
A deusa sorriu. Seus dentes alvos e brilhantes eram como uma nova galáxia explodindo-se em existência. “Nut está bom. E acredite, já ouvi todas as piadas a respeito de meu nome.”
Ela serviu um segundo copo da bebida em seu bule. “Vamos sentar e conversar. Gosta de sahlab?”
“Hã, não é chá?”
“Não, é uma bebida egípcia. Já ouviu falar de chocolate quente? É como baunilha quente.”
Eu preferia um chá, como se eu não tivesse bebido uma generosa xícara há anos. Mas achei que uma não iria aborrecer uma deusa. “Hã... sim. Obrigada.”
Sentamos juntas ao sofá. Para minha surpresa, minhas mãos fantasmagóricas e brilhantes não tinham problema algum em segurar uma xícara, e pude beber facilmente. O sahlab era doce e saboroso, com apenas uma pitada de canela e coco. Aquilo me aqueceu bem e preencheu o ar com o cheiro de baunilha. Pela primeira vez, em dias, senti-me segura. Então lembrei que estava aqui apenas em espírito.
Nut desceu o copo. “Suponho que você esteja se perguntando o porquê de eu ter trazido você aqui?”
“Onde é exatamente *aqui*? E, ah, quem é seu porteiro?”
Esperava que ela deixasse escapar alguma informação sobre o garoto de preto, mas ela apenas sorriu. “Preciso manter meus segredos, querida. Não posso ter a Casa da Vida tentando me procurando. Vamos apenas dizer que construí esse lar como uma bela vista da cidade.”
“Isso é...” Fiz um gesto para sua pele azul estrelada. “Hã... você está dentro de um corpo humano?”
“Não, querida. O seu em si é o meu corpo. Isto é apenas uma manifestação.”
“Mas pensei que—”
“Deuses precisavam de um corpo físico fora do Duat? É algo um tanto mais fácil para mim, sendo um espírito do ar. Eu era um dos poucos deuses que nunca foram

aprisionados, porque a Casa da Vida jamais conseguiriam me capturar. Estou acostumada a ser... uma forma livre." De repente, Nut e o apartamento inteiro tremeluziram. Senti-me como se eu fosse cair do chão. Então o sofá tornou-se estável novamente.
"Por favor, não faça isso de novo," implorei.

"Minhas desculpas," disse Nut. "A questão é, cada deus é diferente. Mas todos meus irmãos estão libertos agora, todos procurando lugares nesse seu mundo moderno. Não serão aprisionados outra vez."
"Os magos não gostarão disso."
"Não," assentiu Nut. "Essa é a primeira razão de você estar aqui. Uma batalha entre os deuses e a Casa da Vida tragaria apenas o caos. Você precisa fazer os magos compreenderem isto."
"Eles não me darão ouvidos. Pensam que sou uma deusa menor."
"Você é uma deusa menor, querida." Ela tocou meus cabelos gentilmente, e senti Isis agitando-se dentro de mim, esforçando-se para para falar usando minha voz.
"Sou Sadie Kane," disse. "Não pedi para que Isis pegasse uma carona."
"Os deuses têm conhecido sua família por gerações, Sadie. Em tempos remotos, trabalhávamos juntos em benefício ao Egito."
"Os magos disseram que os deuses causaram a queda do império."
"Essa é uma discussão longa e inútil," disse Nut, e pude sentir uma ponta de raiva em sua voz. "Todos os impérios caem. Mas a idéia do Egito é eterna — o triunfo da civilização, as forças do Ma'at superando as forças do caos. Essa batalha é travada geração após geração. Agora é sua vez."
"Sei, sei," disse. "Temos que derrotar Set."
"Mas é assim tão simples, Sadie? Set é meu filho. Nos tempos antigos, ele era o mais forte tenente de Rá. Ele protegia a barca do deus do sol da serpente Apófis. Desde que havia o mal. Apófis era a personificação do caos. Ele odiou a Criação desde o momento em que a primeira montanha surgiu do mar. Odiava os deuses, mortais e tudo que eles construíram. E ainda, Set lutou contra ele. Set era um de nós."
"Então ele tornou-se mal?"
Nut deu de ombros. "Set tem sempre sido Set, para melhor ou para pior. Mas ele ainda é parte de nossa família. É difícil perder um membro de sua família... não é?"
Minha garganta apertou-se. "É um mal justo"
"Não me fale de justiça," disse Nut. "Por cinco mil anos, tenho sido afastada de meu marido, Geb."
Lembrei-me vagamente de Carter dizendo algo sobre isto, mas parecia diferente escutando dela agora, ouvindo a dor em sua voz.
"O que aconteceu?" perguntei.
"Punição por ter dado a luz aos meus filhos," disse ela amargamente. "Desobedecia aos desejos de Rá, e então ele ordenou ao meu próprio pai, Shu—"
"Calma aí," disse. "Shoe? Sapato em inglês?"
"S-h-u," disse ela. "O deus do vento."
"Oh." Queria que os deuses tivessem nomes que não fosse objetos comuns de casa. "Prossiga, por favor."
"Rá ordenou ao meu pai, Shu, para que nos mantivesse afastados, para sempre. Estou exilada ao céu, enquanto meu amado Geb não pode deixar o chão."
"O que acontece se você tentasse?"
Nut fechou seus olhos e estendeu as mãos. Um buraco abriu-se onde ela estava sentada, e ela caiu pelo ar. Imediatamente, as nuvens sob nós cintilaram com relâmpagos. Ventos

assolaram todo o apartamento, jogando livros para fora das prateleiras, rasgando fora os livros e lançando-os no vazio. Minha xícara pulou de minha mão. Agarrei-me ao sofá para evitar que fosse assoprada para longe.

CARTER

VINTE E UM

TIA KITTY AO RESGATE

EU JÁ TINHA VISTO FOTOS DA CRIATURA ANTES, mas fotos não chegavam nem perto de como era horrível na vida real.
“O animal de Set,” Bast disse, confirmando meu receio.
Abaixo, a criatura perambulava pela base do monumento, deixando marcas na neve recém-caída. Tive problema em julgar seu tamanho, mas devia pelo menos ser maior que um cavalo, com pernas um pouco maiores também. Tinha um anormal corpo magro e musculoso com pele brilhante e a cor era cinza-avermelhada. Você quase poderia confundi-lo com um grande cachorro galgo — exceto pela calda e a cabeça. A cauda era réptil, bifurcada no fim com pontas triangulares, como os tentáculos de uma lula. Ela chicoteava como se pensasse por si própria.
A cabeça da criatura era a parte mais estranha. Suas orelhas de tamanho fora do comum espetavam-se para cima como orelhas de coelho, mas elas pareciam mais como casquinhas de sorvete, enroladas para dentro e maiores na parte superior do que na inferior. Elas podiam rodar quase 360°, então poderiam ouvir qualquer coisa. O focinho da criatura era grande e curvado como o de um tamanduá — porém tamanduás não têm dentes afiados.
“Os olhos estão brilhando,” eu disse. “Não deve ser bom.”
“Como você pode ver de tão longe?” Sadie perguntou.
Ela olhou perto de mim, apertando os olhos para a figura fina na neve, e percebi que ela tinha razão. O animal estava a, pelo menos, quinhentos metros abaixo de nós. Como eu poderia ver os olhos?
“Você ainda tem a visão do falcão,” Bast supôs. “E você está certo, Carter. Os olhos brilhantes significavam que a criatura sentiu o nosso cheiro.”
Eu olhei para ela e quase pulei para fora do meu corpo. O cabelo dela estava em pé sobre a cabeça, como se tivesse posto o dedo numa tomada elétrica.
“Hã, Bast?” perguntei.
“Sim?”
Sadie e eu trocamos olhares. Ela formou com os lábios a palavra ‘assustador’. Então lembrei como o rabo de Muffin de arrepiava quando algo a assustava.
“Nada,” eu disse, contudo se o animal de Set fosse tão perigoso que desse à nossa deusa um choque elétrico no cabelo, aquilo era um mau sinal. “Como vamos sair daqui?”
“Você não entendeu,” Bast disse. “O animal de Set é o caçador perfeito. Se ele tem nosso cheiro, nada vai pará-lo.”
“Por que chama de ‘Animal de Set’?” Sadie perguntou, nervosa. “Não tem um nome?”
“Se tivesse,” Bast disse, “você não iria querer pronunciá-lo. É unicamente conhecido como o animal de Set — a criatura simbólica do Lorde Vermelho. Compartilham a força, habilidades... e a natureza má.”
“Adorável,” Sadie disse.
O animal farejou o monumento e recuou, rosnando.
“Ele não parece gostar do obelisco,” notei.

“Não,” Bast disse. “Muita energia de Ma’at. Mas isso não vai segurá-lo por muito tempo.”
Como se num palpite, o animal de Set saltou num dos lados do monumento. Começou a subir como um leão escalando uma árvore, enterrando as garras na pedra.
“Isso está confuso,” eu disse. “Elevador ou escadas?”
“São muito lentos,” Bast disse. “Recuem para a janela.”
Ela desembainhou as facas começou a cortar o vidro. Ela perfurou a janela, acionando os alarmes. Ar frio explodiu na sala de observação.
“Vocês precisarão voar,” Bast gritou sobre a ventania. “É o único jeito.”
“Não!” A face de Sadie ficou pálida. “O milhano de novo não.”
“Sadie, tudo bem,” eu disse.
Ela balançou a cabeça, aterrorizada.
Peguei a mão dela. “Vou ficar com você. Vou ter certeza que você voltará.”
“O animal de Set já está na metade do caminho,” Bast alertou. “Estamos correndo contra o tempo.”
Sadie olhou para Bast. “E você? Você não pode voar.”
“Eu vou pular,” ela disse. “Gatos sempre caem em pé.”
“É mais de cem metros!” Sadie gritou.
“Cento e setenta,” Bast falou. “Distrairei o animal de Set, vai lhes dar algum tempo.”
“Você será morta.” A voz de Sadie pareceu perto de quebrar. “Por favor, não posso lhe perder também.”
Bast pareceu um pouco surpresa. Então ela sorriu e colocou as mãos nos ombros de Sadie. “Ficarei bem, querida. Me encontrem no Reagan National, terminal A. Preparem-se para correr.”
Antes que pudesse argumentar, Bast pulou para fora da janela. Meu coração estava prestes a parar. Ela disparou em linha reta à calçada. Estava certo de que ela ia morrer, mas enquanto ela caia ela esticou os braços e pernas e pareceu relaxar.
Ela caiu em cima do animal de Set, que soltou um grito horrível como um homem ferido num campo de batalha, então virou e pulou atrás dela.
Bast atingiu o chão em pé e saiu correndo. Ela devia estar a 100 km/h, fácil. O animal de Set não era muito ágil. Ele colidiu tão duro, a calçada quebrou. Ele cambaleou por alguns metros mas não pareceu machucado. Então disparou atrás de Bast e estava logo ganhando dela.
“Ela não vai conseguir,” Sadie agitou-se.
“Nunca aposte contra um gato,” eu disse. “Temos que fazer nossa parte. Pronta?”
Ela tomou fôlego. “Tudo bem. Antes que eu mude de ideia.”
Num instante, um milhano de asas negras apareceu na minha frente, batendo asas para manter o equilíbrio na ventania intensa. Desejei-me virar um falcão. Foi ainda mais fácil do que antes.
Um momento depois, subimos no ar da manhã fria sobre Washington, D.C.
Achar o aeroporto era fácil. Reagan National era tão perto que eu podia ver os aviões pousando além do Potomac.
A parte difícil era lembrar o que eu estava fazendo. Todas as vezes que eu via um rato ou um esquilo, eu instintivamente desviava-me para ele. Várias vezes me peguei mergulhando, e eu tinha de lutar contra o impulso.
Uma vez eu olhei para cima e percebi que estava alguns quilômetros de Sadie, que estava fazendo sua própria caça.
Tive que me forçar a voar perto dela e chamar a atenção.
É preciso força de vontade para ficar humano, a voz de Hórus avisou. Mais tempo que você fica como uma ave de rapina, mais você pensa como uma.

Agora que você me diz, pensei.
Eu poderia ajudar, ele argumentou. Me dê o controle.
Não hoje, cabeça-de-pássaro.
Finalmente, conduzi Sadie ao aeroporto, e começamos a procurar um lugar para transformarmos de volta à forma humana. Pousamos acima de uma garagem de estacionamento.
Desejei virar humano. Nada aconteceu.
Pânico começou a crescer na minha garganta. Fechei meus olhos e pensei no rosto do meu pai. Pensei como eu sentia falta dele, como eu precisava encontrá-lo.
Quando abri os olhos, voltei ao normal. Infelizmente, Sadie ainda era um milhano. Ela voou ao meu redor e crocitou freneticamente. "Ha — ha — ha!" Havia um brilho selvagem nos olhos, e dessa vez entendi como ela estava assustada. A forma de pássaro havia sido difícil demais para quebrar da primeira vez. Se a segunda vez pegasse mais energia ainda, ela poderia estar em sérios problemas.
"Está tudo bem." Agachei-me, tomando cuidado para me mover lentamente. "Sadie, não force. Você tem que relaxar."
"Ha!" Ela escondeu as asas. Sua respiração estava intensa.
"Ouça, me ajudou focar no papai. Lembre o que é importante para você. Feche seus olhos e pense sobre sua vida humana."
Ela fechou os olhos, mas quase que instantaneamento chorou em frustração e bateu as asas.
"Pare," eu disse. "Não voe!"
Ela inclinou a cabeça e gorgolejou de um jeito suplicante. Comecei a falar para ele o jeito que eu ia a um animal assustado. Não estava realmente prestando atenção nas palavras. Só estava tentando manter um tom calmo. Mas depois de um minuto percebi que estava contando sobre minhas viagens com papai, e as memórias que me ajudaram a sair da forma de pássaro. Contei para ela sobre a vez que papai e eu ficamos presos no aeroporto de Veneza e comi tanto cannoli que fiquei doente. Contei para ela sobre a vez no Egito quando eu encontrei um escorpião na minha meia, e papai preparou-se para matá-lo com um controle remoto. Contei para ele como nos separamos uma vez no Metrô de Londres e como fiquei apavorado até papai finalmente me encontrar. Contei para ela algumas histórias embaraçosas que nunca compartilhei com ninguém, porque quem eu poderia compartilhar? E pareceu para mim que Sadie ouviu. Pelo menos ela parou de bater as asas. Sua respiração aliviou-se. Ela ficou em silêncio, e seus olhos não pareceram mais em pânico.
"Tudo bem, Sadie," eu disse por fim. "Tive uma ideia. Aqui está o vamos fazer."
Peguei a bolsa de mágica do papai de dentro da sua bolsa de couro. Cobri a bolsa com o meu antebraço e amarrei as cintas no melhor que pude. "Venha."
Sadie voou e pousou no meu pulso. Mesmo com minha proteção improvisada, suas garras afiadas penetraram minha pele.
"Vamos tirar você disso," eu disse. "Continue tentando. Relaxe, e foque na sua forma humana. Você vai conseguir, Sadie. Eu sei que vai. Vou te levar até conseguir."
"Ha."
"Vamos lá," disse. "Vamos achar Bast."
Com minha irmã no meu braço, andei até o elevador. Um empresário com uma mala de rodas estava esperando nas portas. Arregalou os olhos quando me viu. Eu devia estar parecendo muito estranho — uma criança negra e alta suja, vestindo farrapos egípcios, com uma bolsa estranha num braço e uma ave de rapina no outro.
"Como está indo?" eu disse.
"Vou usar as escadas." Ele saiu com pressa.

O elevador me levou ao térreo. Sadie e eu atravessamos à ponte de partidas. Procurei desesperadamente por Bast, esperando ver Bast, mas ao invés disso chamei a atenção de um policial. O sujeito franziu o cenho e começou a se arrastar em minha direção.
“Fique calma,” disse para Sadie. Resistindo á vontade de correr, virei-me e fui em direção ás portas giratórias.
Aí está o problema — eu sempre fico um pouco nervoso com a polícia. Me lembro quando tinha aproximadamente sete ou oito anos e ainda era uma pequena e bonita criança, isso não era um problemas; mas assim que atingi os onze anos, comecei a chamar Atenção, como O que aquele menino está fazendo? Ele vai roubar alguma coisa? É claro, isso é ridículo, mas é um fato. Não estou dizendo que acontece com todos os oficiais de polícia, mas quando não acontece — vamos só dizer que é uma surpresa agradável.
Essa não era uma das vezes em que há surpresas. Sabia que o policial iria me seguir, e sabia que tinha de ficar calmo e andar como se tivesse um propósito... o que não é fácil com um milhano no seu braço.
Era férias de Natal, então o aeroporto estava bastante cheio — sobretudo famílias nas filas dos balcões, crianças discutindo e pais registrando bagagens. Eu queria saber o que aquilo seria: uma normal viagem em família, nenhum problema mágico ou monstros perseguindo você.
Pare, falei para mim mesmo. Você tem trabalho a fazer.
Mas eu não sabia aonde ir. Bast estaria em segurança? Ou não? A multidão ia abrindo passagem enquanto eu andava pelo terminal. As pessoas olharam para Sadie. Sabia que eu não podia andar parecendo perdido. Era só questão de tempo antes dos policiais...
“Mocinho.”
Me virei. Era o oficial de polícia. Sadie grasnou, e o policial recuou, mantendo a mão no cassetete.
“Você não pode ficar com pássaros aqui,” ele me disse.
“Eu tenho passagens...” Tentei alcançar meus bolsos. Então lembrei que Bast estava com nossas passagens.
O policial franziu a testa. “Seria melhor você vir comigo.”
De repente a voz de uma mulher chamou: “Aí está você, Carter!”
Bast estava se apressando, empurrando pela multidão. Nunca estive tão feliz em ver uma deusa egípcia na minha vida.
De algum jeito, ela mudou as roupas. Ela usava uma calça e um casaco cor-de-rosa e várias jóias douradas, que a fez parecer uma rica empresária. Ignorando o policial, ela avaliou minha aparência e enrugou o nariz. “Carter, eu lhe disse para não usar essas roupas de falcão. Honestamente, você parece alguém que dormiu no meio da selva!”
Ela tirou um lenço e fez uma grande produção de limpeza no meu rosto, enquanto o oficial da polícia olhava.
“Hã, madame,” ele finalmente disse. “Esse é seu...”
“Sobrinho,” Bast mentiu. “Desculpe, oficial. Estamos indo a Memphis para para uma competição de falcões. Espero que ele tenha causado problema nenhum. Vamos perder nosso voo!”
“Hã, o falcão não pode voar...”
Bast riu. “Bem, naturalmente ele pode voar, oficial. É um pássaro!”
A face dele corou. “Digo, no avião.”
“Ah! Nós temos a papelada.” Para o meu espanto, ela puxou um envelope e deu ao policial com as nossas passagens.
“Estou vendo,” o policial disse. Ele examinou nossas passagens. “Você comprou... uma passagem da primeira classe para o seu falcão.

“É um milhano preto, na verdade,” Bast disse. “Mas sim, é um pássaro muito temperamental. Um premiado, você sabe. Dê-lhe uma carruagem e tente oferecer pretzels, e não serei responsabilizada pelas consequências. Não, nós sempre voamos na primeira class, não voamos, Carter?”
“Hã, sim... Tia Kitty.”
Ela me mandou um olhar que dizia: você vai pagar por isso. Então ela virou e sorriu para o policial, que devolveu nossas passagens e a “papelada” de Sadie.
“Bem, se nos der licença, oficial. É uma farda bem bonito, aliás. Você gosta?”
Antes que pudesse responder, Bast pegou meu braço e me puxou ao ponto de inspeção de segurança.
“Não olhe para trás,” ela disse, respirando duro.
Assim que viramos num canto, Bast me puxou de lado nas máquinas.
“O animal de Set está próximo,” ela disse. “Temos poucos minutos, se pensarmos positivo. Qual é o problema de Sadie?”
“Ela não pode...” gaguejei. “Não sei exatamente.”
“Bem, vamos ter que descobrir no avião.”
“Como você mudou de roupa?” perguntei. “E o documento do pássaro...”
Ela acenou a mão desconsideravelmente. “Ah, mentes mortais são simplórias. Aquele ‘documento’ é um bilhete vazio. E minhas roupas não foram mudadas. É só um encantamento.
Olhei para ela mais de perto, e vi que ela estava certa. Suas novas roupas cintilavam como uma miragem sobre sua pele de leopardo. Assim que ela disse, a magia parecia fina e óbvia.
“Vamos tentar chegar ao portão antes do animal de Set,” ela disse. “Vai ser mais fácil se você guardar suas coisas no Duat.”
“O quê?”
“Você realmente não quer levar essa bolsa no seu braço, quer? Use o Duat como um cofre.”
“Como?”
Bast suspirou. “Honestamente, o que lhe ensinaram sobre magia nesses dias?”
“Tínhamos vinte segundos de treino!”
“Basta imaginar um espaço no ar, como uma prateleira ou bolsa do tesouro...”
“Um armário?” perguntei. “Nunca tive um armário na escola.”
“Muito bem. Dê para ele uma combinação — qualquer coisa que queira. Imagine abrir o armário com sua combinação. Então ponha a bolsa dentro. Quando precisar de novo, basta chamar pela mente, e irá aparecer.”
Eu estava incrédulo, mas imaginei um armário. Dei uma combinação: 13/32/33 — números retirados dos Lakers, obviamente: Chamberlain, Johnson, Abdul-Jabbar. Tirei a bolsa de magia do meu pai e deixei-a ir, com certeza que ela iria cair no chão. Ao invés disso, a bolsa desapareceu.
“Legal,” eu disse. “Você tem certeza que eu posso pegá-la novamente?”
“Não,” Bast disse. “Agora, vamos!”

CARTER

VINTE E DOIS

LEROY CONHECE O ARMÁRIO DA PERDIÇÃO

EU NUNCA HAVIA PASSADO PELA SEGURANÇA com um pássaro de caça vivo antes. Eu pensei que causaria um pequeno atraso, mas invés disso, os guardas no colocaram em uma fila especial. Eles chegaram papelada. Bast sorriu um bocado, flertou com os guardas e disse que eles deviam estar trabalhando muito, e eles nos liberaram. As espadas de Bast não acionaram o alarme, então talvez ela tenha as guardado no Duat. Os guardas nem mesmo tentaram passar Sadie pelo raio-X.

Eu estava recuperando meus sapatos quando escutei um grito do outro lado da segurança.

Bast amaldiçoou em egípcio. “Nós fomos devagar demais.”

Eu olhei para trás e vi o animal de Set correndo pelo terminal, empurrando os passageiros para fora do seu caminho. As estranhas orelhas de coelho balançando para frente e para trás. Espuma escorrendo de seu curvo, dentado focinho, e seu rabo bifurcado balançando, procurando por alguma coisa para espetar.

“Alce!” uma senhora gritou. “Alce enfurecido!”

Todo mundo começou a gritar, correndo em diferentes direções e bloqueando a passagem do animal de Set.

“Alce?” Eu questionei.

Bast deu de ombros. “Nem idéia do que os mortais percebem. Agora a idéia vai se espalhar pelo poder da sugestão.”

Certeira demais. Mais passageiros começaram a gritar “Alce!” e correr pelo lugar enquanto o animal de Set empurrava as filas e se enroscava nos fueiros. Funcionários da Administração de Segurança dos Transportes apareceram à frente, mas o animal jogou-os de lado como bonecas de pano.

“Vamos lá!” Bast me disse.

“Eu não posso deixar que ele machuque essas pessoas.”

“Não podemos pará-lo!”

Mas eu não me movi. Eu queria acreditar que Horus estava me dando coragem, ou que talvez os últimos dias houvessem finalmente despertado um gene guerreiro adormecido que eu teria herdado dos meus pais. Mas a verdade era assustadora. Dessa vez, ninguém estava me fazendo tomar essa iniciativa. Eu queria fazer aquilo.

As pessoas estavam em problemas por nossa causa. Eu tinha que consertar isso. Eu senti o mesmo tipo de instinto que senti quando Sadie precisava da minha ajuda, como se fosse a hora para eu me impor. E sim, eu estava com medo. Mas também sentia que era o certo.

“Vá para o portão,” eu disse a Bast. “Pegue Sadie. Eu encontro com vocês lá.”

“O que?! Carter---“

“Vão!” eu me imaginei abrindo meu armário invisível: 12/32/33. Eu estiquei minha mão, mas não para a caixa mágica de papai. Me concentrei em algo que havia perdido no Luxor. Tinha que estar ali. Por um momento, senti alguma coisa. Então minha mão se fechou ao redor de um punho de couro, e eu puxei minha espada de dentro do nada.

Os olhos de Bast se arregalaram. “Impressionante.”

“Vão andando.” Eu disse. “É minha vez de fazer uma interferência.”
“Você sabe que aquilo vai te matar.”
“Obrigado pelos votos de confiança. Agora, circulando!”
Bast saiu em disparada, Sadie se debatendo para continuar de pé segurada nela.
Um tiro foi disparado. Eu me virei e o animal de Set espancou um policial que tinha acabado de atirar na cabeça dele sem efeito algum. O pobre policial cambaleou para trás e derrubou o portão detector de metais.
“Ei, alce!” eu gritei.
O animal de Set pôs seus olhos sedentos em mim.
Muito bem! Horus disse. Vamos morrer com honra!
Cala a boca, eu pensei.
Eu olhei para trás para ter certeza que Bast e Sadie estavam fora de visão. Então me aproximei da criatura.
“Então... você não tem nome?” eu perguntei. “Eles não puderam pensar num feio o suficiente?”
A criatura grunhiu, pisando sobre o policial inconsciente.
“Animal de Set é difícil de dizer,” eu decidi. “Vou te chamar de Leroy.”
Aparentemente, Leroy não gostou desse nome. Ele se atirou.
Eu rebati as garras dele e eu dei um jeito de golpeá-lo no focinho com a lateral da minha espada, mas isso quase não o abalou. Leroy se apoiou e investiu de novo, babando, agitando as garras. Eu ataquei o joelho dele, mas Leroy era muito esperto. Ele esquivou para a esquerda e cravou os dentes no meu braço livre. Se não fosse pela minha proteção de couro para o braço, eu poderia ter um braço a menos. As mandíbulas do animal abriram tão rápido que isso me ajudou a soltar o braço. Mesmo assim, as pressas de Leroy continuaram mordendo atravessando o couro. Dor vermelha e quente passou pelo meu braço.
Eu gritei, e uma injeção de poder passou pelo meu corpo. Eu senti ressurgindo do chão e a aura dourada do guerreiro águia se formando ao meu redor. A mandíbula do animal se abriu tão rápido que ele ganiu e largou meu braço. Eu me mantive agora cercado por uma barreira mágica duas vezes o meu tamanho normal, e chutei Leroy na parede.
Boa! Disse Horus. Agora despacha essa besta para o mundo inferior!
Quieto, cara. Eu estou fazendo todo o trabalho.
Eu estava vagamente ligado nos seguranças tentando reagrupar, gritando nos seus walkie-talkies e chamando ajuda. Viajantes ainda estavam gritando e correndo por todo lugar. Eu ouvi uma garotinha gritar: “Homem-galinha, pegue o alce!”
Você sabe o quão difícil é se sentir uma máquina de combate falcão de cabeça branca quando alguém te chama de “homem-galinha”?
Eu levantei minha espada, que agora estava no centro de uma espada de energia de uns dez metros.
Leroy balançou a areia das suas orelhas em forma de cone, e veio até mim de novo. Minha forma armada podia ser poderosa, mas também era desajeitada e devagar; se mover era como passar por uma geléia. Leroy rebateu o ataque da minha espada e pousou no meu peito, me derrubando. Ele era muito mais pesado do que parecia. Seu rabo e suas garras se chocaram contra minha armadura. Eu peguei seu pescoço com meu punho brilhante e tentei manter suas garras longe da minha cara, mas em todo lugar que ele babava, meu escudo mágico assobiava e fumegava. Eu podia sentir meu braço ferido ficando dormente.
Alarmes soaram. Mais passageiros se juntaram na frente da entrada para ver o que estava acontecendo. Eu tinha que terminar isso logo--- antes que eu desmaie de dor ou mais mortais fiquem machucado.

Eu senti minhas forças se esvaindo, meu escudo oscilando. As garras de Leroy estavam a uma polegada da minha cara, e Horus não estava oferecendo palavras de encorajamento.
Então eu pensei no meu armário invisível no Duat. Imaginei se outras coisas podiam ser postas lá, também... grandes, coisas más.
Eu fechei minhas mãos ao redor da garganta de Leroy e encaixei meu joelho contra o quadril dele. Então eu imaginei uma aberta no Duat--- no ar sobre mim: 13/32/33. Imaginei meu armário abrindo o mais largo que podia.
"Pra onde é que foi?" alguém gritou.
"Ei, garoto!" outro cara chamou. "Você está bem?"
Meu escudo de energia se foi. Eu queria desmaiar, mas eu tinha que ir antes que os caras da segurança chegassem para me prender por ter lutado contra o alce. Eu fiquei de pé e joguei minha espada no teto. Ela desapareceu no Duat. Então eu amarrei a proteção de couro em volta do meu braço sangrando o melhor que pude e corri para os portões.
Eu alcancei nosso voou no momento em que eles fechavam o portão.
Aparentemente, coisas sobre o incidente do homem-galinha não tinha se espalhado ainda. A agente do portão gesticulou para além do balcão de entrada enquanto pegava meu tíquete. "O que é todo aquele barulho lá em cima?"
"Um alce passou pela segurança," eu disse. "Está sob controle agora." Antes que ela pudesse fazer alguma pergunta, eu corri para o avião.
Eu colidi com o meu assento do lado de Bast no corredor. Sadie, ainda em forma de papagaio, estava descansando na poltrona perto de mim.
Bast deixou um grande sinal de alívio. "Carter, você conseguiu! Mas você está ferido. O que houve?"
Eu contei para ela.
Os olhos de Bast se espantaram. "Você colocou o animal de Set no seu armário? Você sabe quanta força é preciso para isso?"
"Sim," eu disse. "eu estava lá."
A atendente de voou começou a fazer os anúncios. Aparentemente, o incidente de segurança não afetou nosso voou. O avião se separou do portão a tempo.
Eu me dobrei de dor, e só então Bast percebeu o quanto meu braço estava ruim. Sua expressão ficou severa.
"Segura ai." Ela sussurrou alguma coisa em egípcio, e meus olhos começaram a ficar pesados.
"Você vai precisar descansar para curar esse ferimento." Ela disse.
"Mas se Leroy voltar---"
"Quem?"
"Nada."
Bast me estudou como se estivesse me vendo pela primeira vez. "Isso foi extraordinariamente bravo, Carter. Enfrentando o monstro de Set--- você tem mais jeito do que imagina."
"hmn... obrigado?"
Ela sorriu e tocou minha testa. "Nós vamos estar no ar em breve, me guerreiro. Durma."
Eu não pude me opor. Exaustão me tomou e eu fechei meus olhos.
Naturalmente minha alma decidiu fazer uma viajem.
Eu estava na forma ba, circulando sobre Phoenix. Era uma manhã de inverno brilhante. A brisa do deserto passava legal sob minhas asas. A cidade parecia diferente à luz do dia--- uma vasta rede de praças bege e verde dotadas com palmeiras e piscinas. Montanhas altas se viam ali e aqui como crateras na lua. A montanha mais proeminente

estava logo a minha frente--- uma longa serra com dois picos distantes. O que o minion de Set invocou na minha primeira visita astral? Montanha Camelback.
Seu sopé estava repleto de casas luxuosas, mas o topo era estéril. Alguma coisa capturou minha atenção: uma abertura entre dois grandes pedregulhos e uma fagulha de calor vindo do fundo da montanha--- coisa que olho humano nenhum poderia perceber.
Eu dobrei minhas asas e mergulhei para a fenda.
Ar quente soprou com tanta força que eu tive que me forçar para passar. Por volta de cinqüenta metros para baixo, a abertura abriu, e eu me vi num lugar que simplesmente não podia existir.
Todo o interior da montanha havia sido cavado. No meio da caverna, uma pirâmide estava sob construção. O ar estava preenchido com o som de picaretas. Vários demônios cortando calcário vermelho-sangue em blocos e rebocando-os no meio da caverna, onde mais demônios usaram cordas e rampas para colocar os blocos no lugar, do jeito que meu pai disse que as pirâmides de Gize foram construídas. Mas as de Gize levaram tipo, vinte anos cada para serem terminadas. Essa pirâmide já estava metade construída.
Havia alguma coisa estranha sobre isso, também---e não só a cor vermelha-sangue. Quando eu olhei para ela, senti um formigamento familiar, como se toda a estrutura estivesse sussurrando num tom... não, numa voz que eu quase reconheci.
Eu percebi uma pequena forma flutuando sobre a pirâmide--- uma barcaça de junco como a canoa de Unde Amos. Na sua proa, duas figuras. Uma era um demônio grande em armadura de couro. A outra era um homem corpulento em uma roupa de combate vermelha.
Eu circulei mais perto, tentando ficar nas sombras porque eu não tinha certeza se eu era realmente invisível. Eu pousei no topo do mastro. Era uma manobra arriscada, porém nenhum dos ocupantes do barco olhou para cima.
“Quanto tempo ainda?” perguntou o homem de vermelho.
Ele tinha a voz de Set, mas parecia completamente diferente do que estava na minha última visão. Ele não era uma coisinha preta qualquer, e nem estava pegando fogo--- exceto pela mistura assustadora de ódio e diversão queimando em seus olhos. Ele tinha um grande corpo como um linebacker, com mãos carnudas e um rosto brutal. Seu cabelo curto ouriçado e a barba aparada eram tão vermelhos quanto seus trajes de combate. Eu nunca vi camuflagem daquela cor antes. Talvez ele estivesse planejando se esconder num vulcão.
Próximo a ele, o demônio se curvou em reverência. Era o cara pé-de-galo mais estranho que eu já tinha visto. Ele tinha pelo menos sete pés de altura e magro como um espantalho, com poleiro por pés. E infelizmente, dessa vez eu pude ver seu rosto. Era quase horrível demais para descrever. Você sabe aquelas exibições de anatomia onde eles mostram corpos mortos sem pele? Imagine uma dessas caras... viva. Apenas com sólidos olhos negros e mandíbulas.
“Estamos fazendo um excelente progresso, mestre!” o demônio prometeu. “Nós conjuramos mais uns sem demônios hoje. Com sorte, teremos terminado ao pôr-do-sol do seu aniversário!”
“Isto é inadmissível, Face do Horror.” Set disse calmamente.
O servo vacilou. Eu adivinhei que seu nome fosse Face do Horror. Fiquei imaginando quanto tempo a mãe dele levou pensando nisso. Bob? Não. Sam? Não. Que tal Face do Horror?
“M---mas, mestre,” Face gaguejou. “Eu pensei---“
“Não pense, demônio. Nossos inimigos são mais engenhosos do que eu havia previsto. Ele desabilitaram, temporariamente, meu filhote favorito e agora aceleram atrás de nós. Devemos terminar antes de eles chegarem. Nascer do sol do meu aniversário, Face do

Horror. Não mais que isso. Será o amanhecer do meu novo reino. Eu vou escorraçar toda vida desse continente, e essa pirâmide deve permanecer como um monumento ao meu poder--- a última e eterna tumba de Osíris!"
Meu coração quase parou. Eu olhei para baixo a pirâmide de novo, e percebe porque parecia familiar. Havia uma energia nela, a energia do meu pai. Eu não sei explicar como, mas eu sabia que seu sarcófago estava escondido em algum lugar dentro daquela pirâmide.
Set sorriu cruelmente, como se ele fosse ficar feliz em ter Face o obedecendo ou retalhando Face em pedaços. "Você entendeu minha ordem?"
"Sim, senhor!" Face do Horror deslocou se pé de ave, como se estivesse construindo sua coragem. "Mas posso perguntar, lord... por que parar lá?"
As narinas de Set inflaram. "Você está a um passo da destruição, Face do Horror. Escolha suas próximas palavras com cuidado."
O demônio correu sua língua preta pelos dentes. "Bem, meu senhor, a aniquilação de apenas um deus digno de seu glorioso poder? E se nós pudemos criar ainda mais energia do caos--- para alimentar sua pirâmide por todo tempo e fazer de você o senhor de todos os mundos?"
Uma luz faminta dançou nos olhos de Set. "Senhor de todos os mundos'... isso soa muito bem. E como você faria isso, débil demônio?"
"Os, não eu, meu senhor. Eu sou um verme insignificante. Mas se nós capturássemos os outros: Nefertide---"
Set chutou Face no peito, e o demônio caiu, chiando. "Eu disse para você nunca falar o nome dela."
"Sim, mestre," Face ofegou. "Desculpa mestre. Mas se nós a capturarmos, e os outros... pense no poder que você poderia consumir. Com o plano certo."
Set começou a concordar, de acordo com a idéia. "Eu acho que está na hora de colocar Amos Kane em uso."
Eu retesei. Amos estava aqui?
"Brilhante, mestre. Um plano brilhante."
"Sim, fico feliz em ter pensado nisso. Em breve, Face do Horror, muito em breve, Horus, Isis, e minha preciosa esposa se curvarão perante mim--- e Amos vai ajudar. Nós teremos uma pequena reunião de família."
Set olhou para cima--- direto para mim, como se ele soubesse que eu estava lá o tempo todo, e me deu o sorriso te-faço-em-pedaços. "Não é isso, garoto?"
Eu queria abrir minhas asas e voar. Eu tinha que sair da caverna e alertar Sadie. Mas minhas asas não funcionavam. Eu fiquei lá paralisado enquanto Set escalava para me pegar.

SADIE

VINTE E TRÊS

O EXAME FINAL DO PROFESSOR THOTH

SADIE AQUI. DESCULPEM PELO DELAY, embora eu suponha que não dê pra notar numa gravação. Meu super-ágil irmão deixou cai o microfone num pote cheio de... oh, deixa pra lá. De volta à história.

Carter acordou com um grande começo, ele bateu os joelhos na bandeja com bebidas, o que foi divertido.

“Dormiu bem?” perguntei.

Ele piscou para mim em confusão. “Você é humana.”

“Que gentileza sua notar.”

Eu peguei outro pedaço de pizza. Eu nunca havia comido pizza de um prato chinês ou bebido Coca num copo de vidro (com gelo ao menos--- Americanos são antiquados), mas eu estava aproveitando a primeira classe.

“Eu mudei de volta há uma hora.” Limpei minha garganta. “foi... ah... de ajuda, o que você disse sobre focar no que é importante.”

Estranho dizer tudo isso, pelo que eu me lembro tudo que ele disse quando eu estava em forma de papagaio sobre as viagens com papai--- como ele ficou perdido no subsolo, ficou preso em Veneza, gritou como um bebê quando ele achou um escorpião na meia. Tanta munição para importuná-lo, mas estranhamente eu não estava afim. A maneira como ele pôs pra fora a alma... Talvez ele achasse que eu não o entendia em forma de papagaio--- mas ele foi tão honesto, tão desarmado, e ele fez tudo só para me acalmar. Se ele não tivesse me dado alguma coisa para se concentrar, eu ainda estaria, provavelmente, caçando ratos do campo sobre o Potomac.

Carter havia falado sobre papai como se eles tiverem viajado juntos tivesse sido uma grande coisa, sim, mas também um pouco chato, com Carter sempre lutando para agradar e estar em seu melhor comportamento, sem ninguém para relaxar, ou conversar. Papai era eu tinha que admitir uma presença. Você dificilmente não iria querer sua aprovação. (Sem dúvida foi assim que eu peguei minha própria deslumbrante personalidade carismática.) Eu o via apenas duas vezes num ano, e mesmo assim eu tinha que me preparar mentalmente para a experiência. Pela primeira vez, eu comecei a analisar se Carter realmente tinha a melhor moeda de barganha. Será que eu iria querer trocar minha vida pela dele?

Eu também decidi não contar a ele o que me transformou de volta em humano. Eu não me concentrei totalmente em papai. Imaginei mamãe viva, nos imaginei juntas andando Rua Oxford abaixo, admirando as vitrines e conversando e rindo--- o tipo de dia normal que nunca partilhamos. Um desejo impossível, eu sei. Mas foi poderoso suficiente para me lembrar quem eu era.

Não disse nada disso, mas Carter estudou meu rosto, e eu senti que ele pegou meus pensamentos bem demais.

Tomei um gole de Coca. “Você perdeu o lanche, por sinal”

“Você não tentou me acordar?”

Do outro lado do corredor, Bast arrotou. Ela tinha acabado o prato de salmão e parecia bastante satisfeita. “Eu podia invocar mais Friskies” ela ofereceu. “Ou sanduíches de queijo.”
“Não obrigado.” Carter murmurou. Ele parecia arrasado.
“Deus, Carter.” Eu disse. “Se é tão importante assim pra você, eu tenho um pouco de pizza sobran---“
“Não é isso.” Ele falou. E nos contou como seu ba quase foi capturado por Set.
As novidades me deram problemas pra respirar. Senti como se estivesse presa em forma de papagaio de novo, incapaz de pensar claramente. Papai preso em uma pirâmide vermelha? Pobre Amos usado como um tipo de peão? Olhei para Bast procurando por alguma garantia. “Tem alguma coisa que a gente possa fazer?”
Sua expressão era cruel. “Sadie, eu não sei. Set será mais poderoso no dia de seu nascimento, e o nascer do sol é o melhor momento para mágica. Se ele puder gerar uma grande explosão de energia ao pôr do sol nesse dia--- usando não só sua mágica, mas combinando a com o poder de outros deuses que ele escravizou... a quantidade de caos que ele pode liberar é quase inimaginável.” Ela tremeu. “Carter, você diz que um simples demônio deu essa idéia para ele?”
“Soou assim,” disse Carter. “Ou ele tomou o plano original, de todo jeito.”
Ela balançou a cabeça. “Não se parece com Set.”
Eu tossi. “O que você quer dizer? É exatamente como ele.”
“Não,” ela insistiu. “Isso é horrendo, até mesmo para ele. Set deseja ser rei, mas tal explosão não deve deixar nada para ele mandar. É quase como se...” Ela parou a si mesma, o pensamento pareceu muito perturbador. “Eu não entendo, mas nós vamos aterrissar em breve. Vocês devem perguntar a Thoth.”
“Você fala como se você não viesse.” Eu falei.
“Thoth e eu não nos damos muito bem. Suas chances de sobreviver devem ser melhor---“
A luz do cinto de segurança acendeu. O capitão anunciou que nós começamos a nossa descida para Memphis. Eu espie pela janela e vi um longo rio marrom cortando a vista--- um rio mais largo que qualquer outro que eu tenha visto. Aquilo me lembrou infelizmente de uma cobra gigante.
A atendente de voou apareceu e apontou para o meu prato. “Acabou querida?”
“Parece que sim.” Eu contei para ela sombriamente.
Memphis não deve ter ouvido que era inverno. As árvores eram verdes e o céu azul brilhante.
Nós insistimos para Bast não “pegar emprestado” um carro dessa vez, então ela concordou em alugar um desde que ela pegasse um conversível. Eu não perguntei onde ela conseguiu o dinheiro, mas logo nós estávamos cruzando através da mais deserta rua de Memphis com nosso BMW top de linha.
Eu lembro só de poucas imagens da cidade. Nós passamos por um bairro que devia ser um set de E o Vento Levou--- grandes mansões brancas com os gramados sombreados por árvores ciprestes, apesar de o Papai Noel de plástico, não estragou o visual. Na outra quadra, quase fomos mortos por uma velhinha que dirigindo um Cadillac pra fora do estacionamento de uma Igreja. Bast desviou e buzinou, e a mulher apenas sorriu e acenou. Hospitalidade sulista, eu suponho.
Depois de mais algumas quadras, as casas se tornaram barracos. Eu vi dois garotos afro-americanos usando jeans e camisetas, sentados na varanda, tocando violão e cantando. Era tão bonito o som que eu fiquei tentada a parar.
Na próxima esquina ficava um restaurante de alvenaria com uma placa pintada a mão onde se lia galinha & waffles. Havia uma fila de vinte pessoas do lado de fora.

“Vocês Americanos tem os gostos mais estranhos. Que planeta é esse?” eu perguntei.
Carter apenas balançou a cabeça. “E onde estaria Thoth?”
Bast farejou o ar e virou a esquerda numa rua chamada Poplar. “Estamos chegando perto. Se eu conheço Thoth, ele vai achar um centro de aprendizado. Uma livraria, talvez, ou um esconderijo de livros numa tumba de mago.”
“Não tem muitos desses no Tennessee” Carter adivinhou.
Então eu vi uma placa e falei brilhante. “A Universidade de Memphis, talvez?”
“Muito bem, Sadie!” Bast ronronou.
Carter fez cara pra mim. O pobre garoto ficou com ciúmes, sabe.
Poucos minutos depois, nós estávamos passeando pelo campus de um pequeno colégio: prédios de tijolos vermelhos e gramados amplos. Estava estranhamente quieto, exceto pelo som de uma bola ecoando no concreto.
Assim que Carter ouviu, ele se animou. “Basquete!”
“Oh, por favor.” Eu disse. “Nós temos que achar Thoth.”
Mas Carter seguiu o som da bola e nós o seguimos. Ele virou a esquina de um prédio e parou. “Vamos perguntar a eles.”
Não entendi o que ele queria. Até que virei à esquina e congelei. Na quadra, cinco jogadores estavam no meio de um jogo intenso. Eles usavam camisetas de diferentes times da America, e todos pareciam desesperados para ganhar--- rosnando e grunhindo uns para os outros, roubando a bola e socando.
Oh... e todos os jogadores eram babuínos.
“O animal sagrado de Thoth.” Bast disse. “Nós devemos estar no lugar certo.”
Um dos babuínos tinha cabelos dourados, mais lustrosos que os outros, e, er, um traseiro mais colorido. Ele usava uma camisa roxa estranhamente familiar.
“Aquilo é... uma camiseta do Lakers?” perguntei, hesitando até mesmo nomear a obsessão infantil de Carter.
Ele concordou e nós dois sorrimos.
“Khufu!” gritamos.
Verdade, nós mal conhecíamos o babuíno. Passamos menos de um dia com ele, e nossa estadia na mansão de Amos parecia como anos atrás, mas eu ainda sentia que nós reencontramos um amigo de longa data.
Khufu pulou para os braços e latiu pra mim. “Agh! Agh!” Ele mexeu no meu cabelo, procurando por insetos, eu acho [Nenhum comentário seu, Carter!], e desceu para o chão, batendo no piso pra mostrar o quão contente ele estava.
Bast riu. “Ele diz que você cheira como flamingos.”
“Você fala babuíno?” Carter perguntou.
A deusa concordou. “Ele também quer saber por onde vocês andaram.”
“Onde nós estávamos?” eu disse. “Bom, primeiro, diga a ela que eu passei a maior parte do dia como papagaio, que não é um flamingo e não termina em –o **(DESCULPA, MAS ESSA PARTE VAI TER QUE FICAR PRA QUEM REVISA)** portanto não se encaixa na dieta dele. Segundo---“
“Espera ai.” Bast se virou para Khufu e disse. “Agh!” Então ela olhou de volta pra mim. “Muito bem, vá em frente.”
Eu pisquei. “Okay... hmn, e segundo, onde ele esteve?”
Ela relatou isso em um único grunhido.
Khufu aspirou e agarrou a bola de basquete, o que pôs seus amigos babuínos em um frenesi de latidos e arranhões e rosnados.
“Ele mergulhou no rio e nadou de volta.” Bast traduziu, “mas quando retornou, a casa estava destruída e nós tínhamos ido. Ele esperou um dia Amos voltar, mas ele nunca o fez. Então Khufu foi até Thoth. Os babuínos estão sob sua proteção desde então.”

“Por que isso?” Carter perguntou. “Quero dizer, sem ofensa, mas Thoth é o deus do conhecimento, certo?”
“Babuínos são animais muito sábio.” Disse Bast.
“Agh!” Khufu pegou seu nariz, então virou seu bumbum Multicolorido em nossa direção. Ele jogou a bola para seus amigos. Eles começaram a brigar por ela, mostrando uns aos outros suas garras e estapeando suas cabeças.
“Espertos?” perguntei.
“Bem, eles não são gatos, imagina.” Bast acrescentou. “Mas, sim, espertos. Khufu disse que assim que Carter cumprir sua promessa, ele os levará ao professor.”
Eu pisquei. “O prof--- oh, você quer dizer... certo.”
“Que promessa?” Perguntou Carter.
O canto da boca de Bast virou. “Aparentemente, você prometeu mostrar a Khufu suas habilidades no basquete.”
Os olhos de Carter se abriram em espanto. “Nós não temos tempo!”
“Oh, tudo bem.” Bast prometeu. “É melhor eu ir agora.”
“Mas pra onde, Bast?” perguntei, já que eu não estava ansiosa para ser separada dela novamente. “Como nós vamos achá-la?”
O olhar dela mudou para uma coisa como culpa, como se ela tivesse causado um terrível acidente. “Eu acharei você quando você sair, se você sair...”
“O que você quer dizer?” Carter perguntou, mas Bast já havia se transformado em Muffin e correu.
Khufu latiu para Carter insistentemente. Ele pegou a mão dele, puxando o para a quadra. Os babuínos imediatamente se dividiram em dois times. Metade tirou suas camisetas, metade ficou com elas. Carter, infelizmente, estava no time sem camiseta, e Khufu ajudou o a tirar sua camisa expondo o peito ossudo. Os times começaram a jogar.
Agora, eu não sei nada de basquete. Mas certamente um não devia subir no ombro do outro, ou pegar um passe com a testa de outro, ou driblar (é essa a palavra?) com ambas as mãos como se acariciasse um possível cão raivoso. Mas esse era exatamente o jeito que Carter jogou. Os babuínos simplesmente o baniram, literalmente. Eles marcaram cesta após cesta enquanto Carter ia e vinha, sendo atingido pela bola sempre que ela chegava para ele, tropeçando nos babuínos até estar tão tonto que agarrou os joelhos e caiu. Os babuínos pararam e assistiram em descrença. Carter deitou no meio da quadra, coberto de suor e ofegando. Os outros babuínos olharam para Khufu. Era óbvio que eles estavam pensando: Quem convidou esse humano? Khufu cobriu os olhos em vergonha.
“Carter” eu disse com alegria, “toda aquela conversa sobre basquete e os Lakers, e você é absolutamente um lixo! Derrotado pelos macacos!”
Ele gemeu miserável. “Era... era o jogo favorito de papai.”
Eu o encarei. O jogo favorito de papai. Deus, por que isso não me ocorreu antes?
Aparentemente ele pegou minha expressão abobalhada como crítica.
“Eu... eu posso dizer pra você qualquer estatística da NBA que você quiser.” Ele disse um pouco desesperado. “Rebotes, assistências, porcentagem de lances livres.”
Os outros babuínos voltaram para seu jogo, ignorando tanto Carter quanto Khufu. Khufu deixou escapar um som de desgosto, meio brincadeira, meio chateado.
Eu entendi o sentimento, mas eu fui para frente e ofereci minha mão para Carter. “Vamos lá. Não importa.”
“Se eu tivesse tênis melhores” ele suspirou. “Ou se eu não estivesse tão cansado---“
“Carter,” eu disse com um sorriso. “Não importa. E eu não vou pronunciar uma palavra para Papai quando o salvarmos.”
Ele olhou pra mim com óbvia gratidão. (Bom, eu sou mais linda, depois de tudo.) Ai ele pegou minha mão e eu o levantei.

“Agora, pelo amor de Deus, coloque a camiseta.” Eu disse. “E Khufu, tá na hora de você nos levar para o professor.”
Khufu nos levou para um prédio de ciências deserto. O ar nos corredores cheirava a vinagre, e os laboratórios vazios pareciam com um colegial Americano, não o tipo de lugar que um deus passaria o tempo. Subimos as escadas e achamos uma fileira de escritórios de professores. Maior parte das portas estava fechada. Uma havia sido deixada aberta, revelando um espaço tão grande quanto um armário de vassouras cheio de livros, uma mesinha e uma cadeira. Fiquei imaginando se aquele professor tinha feito alguma coisa ruim pra merecer um escritório tão pequeno.
“Agh!” Khufu parou em frente a uma porta de mogno polida, mais legal que as outras. Um novo nome estampado brilhava no vidro: Dr.Thoth.
Sem bater, Khufu abriu a porta e entrou.
“Depois de você, homem galinha.” Eu disse para Carter. (E sim, tenho que ele estava arrependido de ter me contado aquele incidente em particular. Depois de tudo, eu não podia parar de importuná-lo completamente. Tinha uma reputação a zelar.)
Eu esperava outro armário de vassouras. Invés disso, o escritório era impossivelmente grande.
O teto subia pelo menos dez metros, com um lado do escritório todas as janelas deixavam ver o horizonte de Memphis. Escadas de metal levavam para um sótão dominado por um enorme telescópio, e de algum lugar de lá veio um som de uma guitarra sendo toca bem ruinzinha. As outras paredes do escritório estavam repletas de prateleiras. Mesas de trabalho cheias de bugigangas--- conjuntos de química, computadores semi-montados, animais empalhados com fios elétricos saindo de suas cabeças. A sala cheirava a carne assada, mas com um cheiro de fumaça que eu nunca havia sentido.
Mais estranho de tudo, bem na nossa frente, meia dúzia de aves de pescoço grande--- ibises--- sentados atrás das mesas como recepcionistas, digitando em laptops com seus bicos.
Carter e eu olhamos um para o outro. Pela primeira vez eu estava sem palavras.
“Agh!” Khufu chamou.
A cima, no sótão, a guitarra parou. Um homem magro com seus vinte parou com a guitarra na mão. Ele tinha uma juba rebelde de cabelo louro, como Khufu, e ele usava um jaleco branco de laboratório, jeans e uma camiseta preta. A princípio achei que sangue estava escorrendo no canto da boca dele. Então percebi que era um tipo de molho de carne.
“Fascinante.” Ele falou em um sorriso largo. “Eu descobri uma coisa, Khufu. Esta não é Memphis, Egito.”
Khufu me deu uma olhada de lado, e eu podia jurar que sua expressão significava: Duh.
“Também descobri uma nova forma de mágica chamada Blues.” O homem continuou. “E costelas. Sim, você deve experimentar as costelas.”
Khufu pareceu nada impressionado. Ele subiu no topo de uma estante, pegou uma caixa de Cheerios, e começou a mastigar.
O guitarrista deslizou pelo balaustre com perfeição e pousou a nossa frente. “Isis e Horus.” Ele disse. “Vejo que vocês conseguiram novos corpos.”
Seus olhos eram de uma dúzia de cores, mudando como um caleidoscópio, com efeito hipnótico.
Eu consegui balbuciar. “Hmn, nós não somos---“
“Oh, entendo.” Ele disse. “Tentando partilhar o corpo, não é? Não pense que eu fui enganado por um minuto, Isis. Eu sei que você está no comando.”
“Mas ela não está!” eu protestei. “Meu nome é Sadie Kane. Presumo que seja Thoth?”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você diz não me conhecer? Claro que eu sou Thoth. Também chamado de Djehuti. Também chamado---“
Eu segurei uma risada. “Ja-hooty?”
Thoth pareceu ofendido. “Em Egípcio Antigo, é um nome perfeito. Os gregos me chamaram de Thoth. Então depois me confundiram com seu deus Hermes. Tiveram até a audácia de re-nomear minha cidade sagrada de Hermopolis, mesmo que nós não sejamos nada parecidos. Acredite, se você algum dia conhecer Hermes---“
“Agh!” Khufu gritou através de uma boca cheia de Cheerios.
“Tem razão,” Thoth concordou. “Estou perdendo o foco. Então você diz ser Sadie Kane. E...” ele balançou um dedo para Carter, que estava vendo os Ibises teclarem nos seus laptops. “Suponho que você não é Horus.”
“Carter Kane.” Disse Carter, ainda distraído pelas telas dos Ibises. “O que é aquilo?”
Thoth brilhou. “Sim, eles são chamados computadores. Maravilhosos, não são? Aparentemente---“
“Não, eu quero dizer o que os pássaros estão digitando?” Carter se aproximou e leu de uma tela. “’Um breve Tratado sobre a Evolução dos Yaks’?”
“Meus textos acadêmicos.” Thoth explicou. “Eu tento manter vários projetos ao mesmo tempo. Por exemplo, você sabia que essa Universidade não tem mestre em Astrologia ou Medicina? Chocante! Minha intenção é mudar isso. Estou renovando novas matrizes agora, mais embaixo no rio. Logo Memphis será um verdadeiro centro de aprendizado!”
“Isso é brilhante,” eu disse meio tocada. “Precisamos de ajuda para derrotar Set.”
Os Ibises pararam de digitar e me encararam.
Thoth limpou o molho de costela da boca. “Você tem o despeito de pedir isso depois da última vez?”
“Última vez?” eu repeti.
“Eu tenho o contrato aqui em algum lugar...” Thoth deu umas palmadinhas no jaleco. Ele puxou um pedaço velho de papel e leu. “Não, lista do supermecado.”
Ele a jogou por sobre o ombro. Assim que o papel tocou o chão se transformou em pão de trigo, uma jarra de leite, e um pacote com seis Mountain Dew.
Thoth olhou suas mangas. Percebi que as manchas no jaleco eram palavras manchadas, impressas em todas as línguas. As manchas mudavam e moviam, formando hieróglifos, letras em inglês, símbolos demóticos. Ele limpou uma mancha da lapela e sete letras flutuaram para o chão, formando uma palavra: crawdad. A palavra se transformou em um crustáceo pegajoso, como um camarão, que agitou as pernas por um momento apenas antes de um Ibis varrê-lo.
“Ah, esqueçam.” Thoth disse. “Vou só contar a versão curta: Para vingar seu pai, Osíris, Horus desafiou Set para um duelo. O ganhador se tornaria rei dos deuses.”
“Horus ganhou.” Carter disse.
“Você se lembra!”
“Não, eu li sobre isso.”
“E você se lembra que sem minha ajuda, Isis e você teriam morrido? Oh, eu tentei mediar uma solução para prevenir a batalha. Esse é um dos meus deveres, você sabe: manter balanceados a ordem e o caos. Mas nããão, Isis me convenceu a ajudar o seu lado porque Set estava ficando muito poderoso. E a batalha quase destruiu o mundo.”
Ele aumenta demais, Isis disse dentro da minha cabeça. Não foi tão ruim assim.
“Não?” Ele gritou, e eu tive a sensação de que ele podia ouvir a voz tão bem quanto eu. “Set arrancou os olhos de Horus.”
“Ai” Carter piscou.

“Sim, e eu os recoloquei com novos olhos feitos da lua cheia. O Olho de Horus--- seu símbolo famoso. Aquilo foi eu, muito obrigado. E quando você arrancou a cabeça de Isis---“
“Espera ai.” Carter olhou para mim. “Eu cortei a cabeça dela?”
Eu fiquei melhor, Isis me assegurou.
“Apenas porque eu curei você, Isis!” Thoth disse. “E sim, Carter, Horus, seja lá o que for, você foi imprudente, cortou a cabeça dela fora. Você foi negligente, vê--- sobre atacar Set enquanto você ainda estava muito fraco, e Isis tentou te para. Aquilo te deixou tão irado que você pegou sua espada--- bom, a questão é que vocês quase se destruíram antes mesmo de poder derrotar Set. Se vocês começaram outra briga com o Lord Vermelho, cuidado. Ele usará caos para jogar vocês um contra o outro.”
Nós o derrotaremos de novo, Isis prometeu. Thoth só está com ciúmes.
“Cale a boca.” Thoth e eu dissemos ao mesmo tempo.
Ele olhou pra mim, surpreso. “Então, Sadie... você está tentando ficar no controle. Não vai durar. Você pode ser sangue dos faraós, mas Isis é uma enganadora, fome de poder---“
“Eu posso contê-la” eu disse, e eu tive que usar toda minha força de vontade para Isis não explodir vários insultos.
Thoth mexeu nos trastes da guitarra. “Não tenha tanta certeza. Isis provavelmente te disse que ela ajudou a derrotar Set. Ela também contou que foi a razão para Set ficar fora de controle a princípio? Ela exilou nosso primeiro rei.”
“Você diz Ra?” Carter disse. “Ele não ficou velho e decidiu deixar a terra?”
Thoth suspirou. “Ele estava velho, mas foi forçado a partir. Isis ficou cansada de esperar por ele se aposentar. Ela queria que seu marido, Osíris, se tornasse rei. Ela também queria mais poder. Então um dia, enquanto Ra estava tirando um cochilo, Isis secretamente coletou um pouco da baba do deus sol.”
“Eww,” eu disse. “Desde quando baba te torna poderoso?”
Thoth fez careta para acusadoramente. “Você misturou argila e cuspe para fazer uma cobra venenosa. Aquela noite, a serpente entrou no quarto de Ra e o mordeu no tornozelo. Nenhum tipo de mágica podia salvá-lo, nem mesmo a minha. Ele teria morrido---“
“Deuses podem morrer?” Carter perguntou.
“Oh, sim.” Thoth disse. “Claro que na maioria das vezes nós ressurgimos do Duat. Mas esse veneno foi no fundo do ser de Ra. Isis, é claro, agiu inocentemente. Ela chorou ao ver Ra com dor. Tentou até ajudar com sua mágica. Finalmente ela contou a Ra que só havia um jeito de salvá-lo: Ra devia contar a ela o seu nome secreto.”
“Nome secreto?” perguntei. “Tipo Bruce Wayne?”
“Tudo na criação tem um nome secreto.” Thoth disse. “Até os deuses. Saber o nome secreto de um ser é tem poder sobre aquela criatura. Isis prometeu que com o nome secreto de Ra ela podia o salvar. Ra estava com tanta dor que concordou. E Isis o curou.”
“Mas aquilo a deu poder sobre ele.” Carter supôs.
“Poder extremo.” Thoth concordou. “Ela forçou Ra a se retirar para os céus, abrindo caminho para seu amado, Osíris, se tornar o novo rei dos deuses. Set foi um importante tenente para Ra, mas ele não pôde ver seu irmão assumir o poder. Ai Set e Osíris viraram inimigos, e aqui estamos nós cinco milênios depois, ainda lutando essa guerra, tudo por causa de Isis.”
“Mas isso não foi minha culpa!” eu disse. “Eu nunca faria tal coisa.”
“Não faria?” Thoth perguntou. “Você não faria qualquer coisa para salvar sua família, mesmo que isso perturbasse a balança do cosmos?”

Seus olhos de caleidoscópio olharam os meus, e eu senti uma onda de desconfiança. Bom, por que eu não iria ajudar minha família? Quem era esse em um jaleco de laboratório me dizendo o que eu posso e não posso fazer?^
Então percebi que eu não sabia quem estava pensando aquilo: Isis ou eu. Pânico começou a crescer no meu peito. Se eu não podia distinguir meus pensamentos dos de Isis, quanto tempo até eu ficar completamente maluca?
"Não, Thoth," eu ralhei. "Você tem que acreditar em mim. Eu estou no comando--- eu, Sadie--- e preciso da sua ajuda. Set tem nosso pai."
Eu deixei tudo sair, então--- tudo desde o Museu Britânico até a visão de Carter da Pirâmide Vermelha. Thoth ouviu tudo sem comentar, mas eu pude jurar que novas manchas apareciam no seu jaleco enquanto eu falava, como se minhas palavras estivessem sendo adicionadas à mistura.
"Apenas dê uma olhada numa coisa pra nós." Eu terminei. "Carter, mostre o livro."
Carter remexeu na bolsa e trouxe de dentro o livro que nós roubamos em Paris. "Você escreveu isso, certo?" ele disse. "Isso conta como derrotar Set."
Thoth folheou as páginas de papiro. "Oh, querida. Odeio ler meu antigo trabalho. Olhe esta sentença. Eu nunca à escreveria assim agora." Ele bateu nos bolsos do jaleco. "Caneta vermelha, alguém tem uma?"
Isis insistiu contra minha força de vontade, para que nós colocássemos algum senso em Thoth. Uma bola de fogo, ela implorou. Apenas uma enorme bola de fogo mágica, por favor?
Não posso dizer que não fiquei tentada, mas a mantive sobre controle.
"Olhe Thoth" eu disse. "Ja-hooty, que seja. Set está para destruir a América do Norte no mínimo, possivelmente o mundo. Milhões vão morrer. Você disse que se importa com balança. Vai nos ajudar ou não?"
Por um momento o único som eram os bicos dos Ibises teclando.
"Você está encrencada." Thoth concordou. "Então me deixe perguntar, por que você acha que o seu te colocou nessa situação? Por que ele libertou os deuses?"
Eu quase disse, Para trazer mamãe de volta. Mas eu não acreditava mais nisso.
"Minha mãe viu o futuro." Supus. "Alguma coisa ruim estava vindo. Acho que ela e papai estavam tentando impedir. Eles achavam que o único jeito era libertando os deuses."
"Mesmo pensar em usar o poder dos deuses é incrivelmente perigoso para mortais." Thoth constatou. "e contra a lei da Casa da Vida--- uma lei que eu convenci Iskandar a fazer, por sinal."
Eu me lembrei de uma coisa que o velho Chefe Lector me disse no Saguão das Eras. "Deuses têm grande poder, mas apenas humanos têm criatividade." "Eu acho que minha mãe convenceu Iskandar de que a regra estava errada. Talvez ele não pudesse admitir isso publicamente, mas ela o fez mudar de idéia. Não importa o que está vindo, é muito mal. Deuses e mortais precisarão uns dos outros."
"E o que está vindo?" Thoth perguntou. "A Ascensão de Set?" Seu tom era irônico, como um professor tentando um truque.
"Talvez," eu disse cuidadosamente. "mas eu não sei."
No topo da prateleira, Khufu grunhiu. Ele raspou as garras numa barra de ferro.
"Você tem lá razão, Khufu." Thoth murmurou. "Ela não soa como Isis. Isis nunca admitiria que não soubesse de uma coisa."
Eu tive que manter uma mão mental sobre a boca de Isis.
Thoth devolveu o livro para Carter. "Vamos ver se você age tão bem quanto fala. Vou explicar o livro de magia, desde que vocês provem que realmente têm controle sobre seus deuses, que vocês não estão simplesmente repetindo os mesmos erros."

“Um teste?” Carter disse. “Aceitamos.”
“Agora, espere.” Protestei. Talvez sendo educado em casa, Carter não soubesse que “teste” normalmente é uma coisa ruim.
“Maravilhoso.” Thoth disse. “Tem um item de poder que eu quero de uma tumba mágica. Tragam-no para mim.”
“Qual tumba mágica?” perguntei.
Mas Thoth pegou um pedaço de giz do seu jaleco e riscou algo no ar. Uma passagem se abriu na frente dele.
“Como você fez isso?” perguntei. “Mas disse que não podemos invocar portais durante os Dias do Demônio.”
“Mortais não podem,” Thoth concordou. “Mas um deus de magia pode. Se vocês conseguirem, nós teremos costeletas.”
O portal num negro vazio, e o escritório de Thoth desapareceu.

SADIE

VINTE E QUATRO

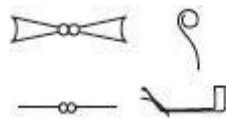
EU EXPLODI ALGUNS SAPATOS DE CAMURÇA AZUL

“ONDE NÓS ESTAMOS?” EU PERGUNTEI.
Nós ficamos em uma avenida deserta do lado de fora de uma grande propriedade. Parecia que estávamos em Memphis - pelo menos as árvores, o clima, o sol da tarde eram os mesmos.
A propriedade deve ser bem grande. Os portões de metal brancos foram feito com design de silhueta de guitarristas e notas musicais. Do outro lado a estrada curva pelas árvores até uma casa de dois andares com um pórtico de colunas brancas.
“Oh, não,” Carter disse. “Eu reconheço esses portões.”
“O que? Por quê?”
“Meu pai me trouxe aqui uma vez. Um túmulo de um grande mágico...”
“Carter, sobre o que você está falando? Tem alguém enterrado aqui?”
Ele desviou. “Essa é Graceland. Casa do mais famoso músico do mundo.”
“Michael Jackson morou aqui?”
“Não, burro,” Carter disse. “Elvis Presley.”
Eu não tinha certeza se eu ria ou o amaldiçoava. “Elvis Presley. Você quis dizer roupa branca com rhinestones, cabelos lisos e grandes, coleção de discos—esse Elvis?”
Carter olhou em volta nervoso. Ele empunhou sua espada, mesmo parecendo que estávamos totalmente sozinhos.
“Aqui foi onde ele viveu e morreu. Ele está enterrado nos fundos da mansão.”
Eu olhei fixamente para a casa. “Você está dizendo que Elvis foi um mágico?”
“Não sei.” Carter segurou a espada. “Thoth falou algo sobre musica sendo um tipo de magica. Mas algo não está certo. Porque só nós estamos aqui? Aqui é um ponto turístico.”
“Feriados de Natal?”
“Mas sem seguranças?”
Eu fiquei assustado. “Talvez seja como Zia fez em Luxor. Talvez Thoth tirou todos daqui.”
“Talvez.” Mas eu poderia falar a Carter que ele continuava inquieto. Ele empurrou o portão, e eles abriram facilmente. “Isso não está certo,” ele murmurou.
“Não,” Eu concordei. “Mas vamos pagar nosso respeito.”
Enquanto caminhavamos, Não pude deixar de pensar que a casa do “Rei” não era tão impressionante.
Comparado com algumas das casas de ricos e famosos que eu vi na TV, A casa do Elvis parecia terrivelmente pequena. Só tinha dois andares, com um portico com colunas brancas e paredes de tijolo. Leões de gesso ridiculos nas escadas. Talvez as coisas eram simples antes no tempo de Elvis, ou talvez ele gastou todo o seu dinheiro em roupas.
Nós paramos no pé das escadas.
“Então, seu pai trouxe você aqui?” Eu perguntei.
“Sim.” Carter olhou os leões esperando eles atacarem. “Meu pai ama blues e jazz, principalmente, mas ele disse que Elvis foi importante porque ele pegou a musica Afro-

Americana e fez ela popular para os brancos. Ele ajudou a inventar o Rock and roll. De qualquer modo,Meu pai e euestivemos na cidade para um simpósio ou algo assim.
Eu não me lembro. Meu pai insistiu que eu viesse aqui."
"Sorte sua." E sim, talvez eu comecei entender que a vida de Carter com o seu pai não foi cheia de glamour e feriados, Mas ainda assim eu não poderia deixar de ficar com inveja. Não porque sempre quis ver Graceland, claro, mas meu pai nunca insistiu em me levar em nenhum lugar—pelo menos até a viagem ao Museu Britânico quando ele desapareceu. Nem sabia que meu pai era um fã do Elvis, que foi um pouco horripilante.
Nós continuamos andando. A porta da frente se abriu sozinha.
"Não estou gostando disso," Carter disse.
Eu tornei olhar atrás de nós, e meu sangue congelou. Eu agarrei o braço do meu irmão.
"Hã, Carter, falando de coisas que não gostamos..."
Subindo as escadas estavam dois mágicos brandindo cajados e varinhas.
"Entra," Carter disse. "Rápido!"
Eu não tive muito tempo para admirar a casa. Havia uma sala de jantar na nossa esquerda e uma sala de estar–sala de musica na nossa direita, com um piano e um arco com vitrais decorado com penas de pavão.
Todos os móveis estavam rasgados. A casa cheirava como pessoas idosas.
"Item de poder," Eu disse. "Aonde?"
"Eu não sei," Carter falou. "Eles não tinham 'itens de poder' na lista do tour!"
Olhei pela janela. Nossos inimigos estavam se aproximando. O cara da frente usava jeans, uma camisa preta sem mangas, botas,e um chapéu de cowboy surrado. Ele parecia mais um fora-da-lei do que um mágico.
O amigo dele estava idêntico, mas estava mais diferente, com os braços tatuados, a cabeça careca, e uma barba pequena. Quando eles estavam a dez metros de distancia, o homem com o chapéu de cowboy baixou seu cajado, que se transformou em uma espingarda.
"Oh, por favor!" Eu gritei, e empurrei Carter para a sala de estar.
O tiro destruiu a porta da frente da casa de Elvis e deixou meus ouvidos tocando. Nós corremos mais para dentro da casa. Nós passamos por uma cozinha à moda antiga, entramos na mais estranha toca que eu já vi. A parede de trás era feita de tijolos cobertos de plantas, com uma cachoeira.
O tapete era verde e felpudo (piso e teto, imagine) e os moveis foram esculpidos em formas de animais assustadores. Só no caso de não ser assustador o suficiente, macacos de gesso e leões empalhados foram colocados estrategicamente na sala. Apesar do perigo em que estávamos ,o lugar era tão horripilante, eu tive que parar e admirar.
"Meu Deus," Eu disse. "Elvis não tinha bom gosto?"
"Sala da Selva," Carter disse. "Ela é decorada como é para irritar o pai dele"
"Posso respeitar isso."
Outro tiro de espingarda rugiu pela casa.
"Entra," Carter disse.
"Má idéia!" Posso ouvir os mágicos andando pelas salas, quebrando coisas enquanto chegam mais perto.
"Irei distraí-los," Carter disse. "Você procura. A sala de troféus esta por aqui."
"Carter!"
Mas o bobo correu para me proteger. Odeio quando ele faz isso. Eu devia ter seguido ele, ou correr para o outro lado, mas eu fiquei congelado em estado de choque quando ele virou no canto com a sua espada em guarda, seu corpo começou a brilhar com uma luz dourada... e tudo deu errado.

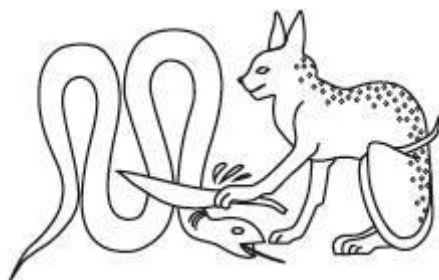
Blam! Uma luz esmeralda trouxe Carter aos seus joelhos. Pensei que o tiro o acertou, eu tive de sufocar um grito. Mas imediatamente, Carter entrou em colapso e começou a encolher. Roupas, espada e tudo—transformando em algo verde.
Um lagarto que costumava ser meu irmão correu em minha direção, subiu em minhas pernas e na palma da minha mão, E olhou para mim desesperadamente.
Do canto, uma voz áspera disse, "Ache a irmã. Ela esta em algum lugar perto."
"Oh, Carter," Sussurrei para o lagarto "Eu vou matá-lo para isso"
Coloquei-o em meu bolso e corri.
Os dois mágicos continuaram esmagando e quebrando o caminho por Graceland, chutando os móveis e explodindo em pedaços. Aparentemente eles não eram fãs do Elvis.
Eu agachei sob algumas cordas, rastejei pelo corredor, e achei a sala de troféus. Surpreendentemente, cheia de troféus. Paredes lotadas de discos de ouro.
A sala estava mal iluminada, e musica tocava suavemente nos alto-falantes em cima: Elvis avisou a todos para não pisar em seus sapatos de camurça azul.
Procurei a sala toda, mas não achei nada que pudesse ser mágico. As roupas? Eu espero que Thoth não espera que eu vista uma. Os discos de ouro? Frisbees legais, mas não.
"Jerrod!" uma voz me chamou à minha direita. Um mágico estava vindo pelo corredor.
Eu corria para a outra saída, mas uma voz do lado de fora me chamou de volta, "É, estou aqui em cima."
Eu estava cercado.
"Carter," Eu sussurrei. "Use seu cérebro de lagarto."
Ele se agitou nervosamente no meu bolso.
I procurei pela minha mochila de magia e peguei minha varinha. Posso tentar desenhar um circulo mágico?
Sem tempo, e eu não quero duelar corpo-a-corpo com dois mágicos mais velhos. Eu tinha que ficar móvel. Eu peguei minha vara e a transformei em um cajado. Eu poderia por fogo, ou transformar em leão, mas o que eu deveria fazer? Minhas mãos começaram a tremer. Eu queria me esconder em uma bola e se esconder.
Coleção de discos de ouro do Elvis.
Deixe-me assumir, Isis disse. Eu posso transformar os inimigos em pó.
Não, Eu disse a ela.
Você vai nos matar.
Eu pude sentir ela me pressionando, tentando me fazer mudar de idéia. Eu podia sentir sua raiva com aqueles mágicos.
Como eles se atrevem a nos desafiar? Com uma palavra, poderíamos destruí-los.
Não, eu pensei de novo. Então lembrei algo que Zia falou: Use o que houver disponível
A sala estava mal-iluminada... Talvez eu pudesse escurecê-la mais.
"Trevas," Sussurrei. Senti a sensação de alguém puxando meu estomago, e as luzes desligaram. A música parou. Continuou escurecendo - até mesmo a luz do sol desapareceu da janela até a sala inteira ficar escura.
Em algum lugar à minha direita, o primeiro mágico suspirou irritado. "Jerrod!"
"Não sou eu, Wayne!" Jerrod insistiu. "Você sempre me culpa!"
Wayne murmurou algo em Egípcio, e continuava andando até mim. Preciso de uma distração.
Eu fechei meus olhos e imaginei o que estava à minha volta. Apesar de estar um breu, eu continuava sentir que Jerrod estava no corredor à minha esquerda, tropeçando no escuro. Eu senti Wayne do outro lado, na parede à direita, a poucos passos da porta. E eu pude visualizar os quatro expositores de vidro com os ternos de Elvis.
Eles estão destruindo a sua casa, Eu pensei. Defender ela!

Senti algo forte, como se estivesse levantando um grande peso - em seguida o display quebrou. Eu ouvi o barulho de roupa, como velas ao vento, e lentamente tive certeza que quatro formas em movimento—dois para cada porta.
Wayne gritou primeiro quando os ternos vazios de Elvis caiu nele. Sua espingarda clareou o escuro. Então a minha esquerda, Jerrod gritou surpreendido. Um grande susto! Disse-me que havia sido derrubado. Decidi ir à direção de Jerrod—melhor ficar com um desequilibrado do que um com uma espingarda. Eu passei pela porta e pelo corredor, deixando Jerrod brigando atrás de mim e gritando, "Sai fora! Sai!"
Pegue-o enquanto ele esta fraco, Isis insistiu. Transforme-o em cinzas!
Parte de mim sabia que ela tinha razão: se eu deixasse Jerrod um instante, ele podia estar sem tempo e depois de mim de novo; mas eu não achei justo feri-lo, especialmente enquanto ele estava sendo atacado pelos ternos de Elvis. Eu achei uma porta e sai no sol da tarde.
Eu estava no jardim dos fundos de Graceland. Uma grande fonte borbulhava próximo, cercada com uma vala. Um deles tinha fogo dentro de um vidro no topo e estava cercado com flores. Dei um palpite: pode se Elvis.
A tumba de em mágico.
Claro. Nós procuramos a casa toda, mas o item do poder estaria no seu túmulo. Mas o que exatamente era o item?
Antes de me aproximar do túmulo, a porta abriu. O homem grandalhão com pouca barba saiu. Um terno esfarrapado de Elvis estava com as mangas enroladas em seu pescoço como se estivesse de carona nas suas costas.
"Bem, bem." O mágico tirou o macacão. A voz dele confirmou a mim que ele era quem se chamava Jerrod. "Você é só uma garotinha. Você nos causou muitos problemas, mocinha."
Ele abaixou seu cajado e disparou uma luz verde. Eu levantei a varinha e desviei a luz para cima. Eu ouvi um côo surpreso—o grito de um pombo—e um lagarto nascido recentemente caiu do céu para os meus pés.
"Desculpa," Eu disse.
Jerrod rosnou e jogou o seu cajado. Aparentemente, ele era especializado em lagartos, porque o cajado transformou-se em um dragão do tamanho de um taxi de Londres.
O monstro arrancou com uma velocidade anormal. Ele abriu a boca e já poderia ter me mordido pela metade, mas eu só tive tempo de bater meu cajado na boca dele.
Jerrod gargalhou. "Boa tentativa, garota!"
Eu sentia as mandíbulas do dragão pressionando o cajado. Faltavam poucos segundos antes da madeira romper, e então eu seria o almoço do dragão. Ajude-me, I disse a Isis.
Cuidadosamente, muito cuidadosamente, Eu bati em sua força. Fazê-lo sem deixá-la assumir foi como surfar em uma onda, tentando desesperadamente ficar em pé. Eu senti cinco mil anos de experiência, sabedoria, e poder passaram por mim. Ela me ofereceu opções, e eu escolhi a mais simples. Eu enchi de energia o meu cajado e senti-o crescer quente em minhas mãos, brilhando. O dragão urrava e se engasgava enquanto o cajado se alongava, forçando a criatura abrir sua boca mais e mais, e então: boom!
O dragão ficou em pedaços e os restos do cajado de Jerrod cairam em volta.
Jerrod teve só um momento para parecer atordoado antes de eu pegar minha varinha e bater ele na testa. Os olhos dele se cruzaram, e ele caiu no chão. Minha varinha voltou a minha mão.
Isso poderia ser um final feliz... Exceto eu ter esquecido sobre o Wayne. O mágico de chapéu de cowboy empurrou a porta, quase tropeçando pelo seu amigo, mas ele se recuperou com a velocidade da luz.
Ele gritou "Vento!" e meu cajado voou das minhas mãos para as dele.

Ele sorriu cruelmente. “Boa luta, querida. Mas mágica elemental é sempre a mais rápida.”
Ele bateu os dois cajados, o dele e o meu, no chão. Uma onda surgiu pelo sujo e o chão como se o chão tivesse virado liquido, fazendo eu me desequilibrar. Eu cai para trás de joelhos, mas eu podia escutar Wayne cantando, invocando fogo dos cajados.
Cordas, Isis disse. Todo mágico carrega cordas.
O pânico fez minha mente ficar vazia, mas minha mão instintivamente foi a minha bolsa mágica. Eu tirei um pequeno pedaço de corda. Não era tão firme, mas ela me fez lembrar algo - algo que Zia fez no museu de New York. I joguei a corda em Wayne e gritei uma palavra que sugeriu: “Tas!”
Um hieróglifo queimou no ar acima de cabeça de Wayne:

A corda que eu joguei nele crescia e ficava mais grossa enquanto ela voava, como uma cobra raivosa. Os olhos de Wayne arregalaram. Ele tentou se protegem e mandou jatos de fogo, usando os dois cajados, mas a corda foi mais rápida. Ela amarrou o tornozelo e o derrubou de lado, cobrindo todo o corpo dele até ele estar dentro de um casulo de cordas da cabeça aos pés. Ele se mexia e gritava e me chamava de alguns nomes sem sentido.
Me levantei inseguro. Jerrod ainda estava frio. Eu recuperei meu cajado, que estava caído próximo a Wayne.
Ele continuava tentando sair das cordas e me amaldiçoando em Egípcio, o que soava estranho com um sotaque Americano.
Acabe com ele, Isis avisou. Ele pode continuar a falar. Ele não irá descansar até destruir você.
“Fogo!” Wayne gritou. “Água! Queijo!”
Até o feitiço queijo não funcionou. Eu calculeisua raiva quando estava jogando sua magia fora de equilíbrio, fazendo-a impossível de focalizar, mas eu sabia que ele iria se recuperar logo.
“Silêncio,” Eu disse.
A voz de Wayne parou de funcionar abruptamente. Ele continuou a gritar, mas nenhum som saia.
“Eu não sou seu inimigo,” Eu disse a ele. “Mas você não pode me matar.”
Algo se mexia no meu bolso, e eu me lembrei de Carter. Eu tirei-o do meu bolso. Ele parecia bem, for a o fato de continuar sendo um lagarto.
“Vou tentar transformá-lo de volta,” Eu disse a ele. “Felizmente eu não fiz nada de errado.”
Ele fez um barulho que não me dava confiança.
Eu fechei meus olhos e imaginei Carter como ele deveria ser: um adolescente alto de 14 anos, roupas ruins, muito humano, e muito chato. Carter começou a ficar pesado em minhas mãos. Eu o coloquei no chão e vi como o lagarto cresceu e se transformou em uma forma vagamente humana. Ao contar até três, meu irmão estava deitado de bruços, e sua espada e sua mochila estava próximo a ele na grama.
Ele cuspiu grama de sua boca. “Como você fez isso?”
“Eu não sei,” eu disse. “Você só parecia... que não estava bem.”

“Muito obrigado mesmo.” Ele acordou e checou para ter certeza se ele tinha todos os dedos. Então ele viu os dois mágicos e ele ficou de queixo caído. “O que você fez com eles?”
“Só amarrei um. Acabei com o outro. Mágica.”
“Não, quero dizer...” Ele parou, para lembrar feitiços, então ele desistiu e apontou.
Eu olhei para os mágicos e gritou. Wayne não se mexia. Seus olhos e sua boca estavam abertos, mas ele não estava piscando ou respirando. Próximo a ele, Jerrod parecia congelado. Como nós vimos, a boca deles começou a brilhar como se eles tivessem engolido algo. Dois pequenos orbes de fogo surgiram de entre as bocas deles e foram lançadas no ar, desaparecendo na luz do sol.
“O que—o que foi isso?” Eu perguntei. “Eles estão mortos?”
Carter se aproximou deles com cuidado e colocou sua mão no pescoço de Wayne. “Isso não parece ser pele. Parece que é pedra.”
“Não, eles eram humanos! Eu não os transformei em pedra!”
Carter passou a mão na testa de Jerrod onde eu o bati com a minha varinha. “Está quebrado.”
“Quê?”
Carter pegou sua espada. Antes de eu conseguir gritar, ele bateu no rosto de Jerrod e a cabeça do mágico quebrou em pedaços como um vaso de flores.
“Eles são feitos de argila,” Carter disse. “Os dois são shabti.”
Ele chutou o braço de Wayne e eu o ouvi por debaixo da corda.
“Mas eles estavam conjurando feitiços,” Eu disse. “E falando. Eles eram reais.”
Como nós vimos, os shabti viraram poeira, deixando nada mais que meu pedaço de corda, dois cajados, e algumas roupas.
“Thoth estava nos testando,” Carter disse. “Essas bolas de fogo...” Ele franziu a testa como se estivesse tentando relembrar algo importante.
“Provavelmente a mágico os reanimou,” Eu pensei. “Voando de volta ao mestre deles—como uma gravação do que eles fizeram?”
Isso pareceu uma teoria sólida para mim, mas Carter pareceu que estava com muitos problemas. Ele apontou para a porta dos fundos destruída de Graceland. “A casa toda está assim?”
“Está pior.” Eu olhei para o macacão rasgado de Elvis debaixo da roupa de Jerrod.
Talvez Elvis não tivesse gosto, mas eu me senti ruim sobre destruir o palacio do Rei. Se esse lugar foi importante para o meu pai... Rapidamente uma idéia me surgiu. “O que Amos disse, quando ele reparou esse pires?”
Carter franziu a testa. “É a casa toda, Sadie. Não um pires.”
“Lembrei,” Eu disse. “Hi-nehm!”
Um hieróglifo piscou na palma da minha mão.

Eu o segurei e joguei para a casa. Toda Graceland começou a brilhar. Os pedaços da porta voaram de volta para os seus lugares e se consertaram sozinhos. Os pedaços da roupa esfarrapada de Elvis desapareceram.
“Uau,” Carter disse. “Você acha que o lado de dentro está consertado também?”
“Eu—” Minha visão desfocou, e meus joelhos travaram. Eu poderia ter batido a cabeça na calçada se Carter não tivesse me pegado.
“Está tudo bem,” ele disse. “Você fez muita mágica, Sadie. Isso foi ótimo.”

“Mas nós não achamos ainda o item que Thoth nos mandou.”
“É,” Carter disse. “Talvez nós tenhamos que procurar.”
Ele apontou para o túmulo de Elvis, e eu vi claramente: uma lembrança deixada por alguns fãs—um colar com uma cruz de prata, parecido com uma na blusa da minha mãe em uma foto antiga.
“É um ankh,” Eu disse. “O símbolo Egípcio para vida eterna.”
Carter pegou-o. Ali estava um pequeno papiro junto com a corrente.
“O que é isso?” ele murmurou, e desenrolou o papiro. Ele olhou para ele tão fixamente que eu pensei que ele iria queimar um buraco nela.
“Que?” Eu olhei pelos seus ombros.
A pintura parecia um pouco antiga. Ela mostrava um gato dourado segurando uma faca em uma das patas e cortando a cabeça de uma cobra.

Embaixo dela, de marcador preto, alguém escreveu: Manter a luta!
“Isso é vandalismo, não é?” Eu perguntei. “Escrevendo em escrituras antigas assim? Uma coisa estranha para Elvis ter feito.”
Carter parecia não escutar. “Eu vi essa foto antes. Esta em um monte de túmulos. Não sei por que isso nunca aconteceu comigo...”
Eu estudei a foto mais de perto. Algo sobre ela pareceu familiar.
“Você sabe o que isso significa?” Perguntei.
“Esse é o Gato de Ra, lutando contra o maior inimigo do deus sol, Apophis.”
“Essa cobra,” Eu disse.
“É, esse era Apophis —”
“A personificação do caos,” Eu disse, lembrando o que Nut falou.
Carter pareceu impressionado, assim que ele deveria estar. “Exatamente. Apophis foi ainda pior que Set. Os Egípcios pensaram que o Apocalipse ira chegar quando Apophis comesse o sol e destruísse toda a Criação.”
“Mas... o gato o matou,” Eu disse.
“O gato teve que matá-lo muitas vezes,” Carter disse. “Igual ao que Thoth disse sobre estampas repetidas.
A verdade é que... Eu perguntei ao meu pai uma vez se o gato tinha nome. E ele disse que ninguém o sabe certamente, mas a maioria das pessoas diz que é Sekhmet, essa deusa leão feroz. Ela foi chamada de O Olho de Ra porque ela fez o seu trabalho sujo. Ele viu o inimigo; ela o matou.”
“Otimo. Então?”
“Então, o gato não parece com Sekhmet. Isso só aconteceu comigo...”
Eu finalmente o vi, e senti calafrios pela minha costa. “O Gato de Ra e exatamente igual a Muffin. Esse é Bast.”
So então o chão tremeu.A fonte memorial começou a brilhar, e uma porta escura se abriu.
“Venha,” Eu disse. “Tenho algumas perguntas para o Thoth. E então eu vou dar um soco na cara dele.”

CARTER

VINTE E CINCO

NÓS GANHAMOS UMA VIAGEM COM TUDO PAGO PARA A MORTE

SER TRANSFORMADO EM UM LAGARTO pode realmente atrapalhar o seu dia. Assim que passamos pela entrada, tentei esconder, mas estava me sentindo mal.
Você provavelmente está pensando: Ei, você já foi transformado em um falcão. Qual o grande problema? Mas alguém te forçar para outra forma--- é totalmente diferente. Imagine-se num compactador de lixo, todo o seu corpo esmagado é uma forma menor que a sua mão. É doloroso e humilhante. Seu inimigo te vê como um pequeno e indefeso lagarto então impõe sua vontade sobre você, esmagando seus pensamentos até você ter que ser o que eles querem que você seja. Eu acho que poderia ter sido pior. Ele podia ter me transformado em um morcego, mesmo assim...
É claro que eu me senti grato a Sadie por ela ter me salvado, mas eu também me sentia como um completo idiota. Já tinha sido ruim o suficiente que eu havia envergonhado a mim mesmo na quadra de Basquete com a trupe de babuínos. Mas eu também falhei em batalha. Talvez eu tenha acertado com Leroy, o monstro do aeroporto, mas de cara com dois magos (até os de barro), fui transformado em um réptil logo nos primeiros segundos. Como eu poderia ter alguma chance contra Set?
Eu estava me livrando desses pensamentos quando nós emergimos do portal, por que nós definitivamente não estávamos no escritório de Thoth.
Em frente a nós havia uma pirâmide gigantesca de vidro e metal, quase tão grande quanto às de Gize. O arranha céu de Memphis surgiu à distância. Às nossas costas estava as margens do Rio Mississipi.
O sol estava se pondo, transformando o rio e a pirâmide em ouro. Nos degraus da frente da pirâmide, próximo a uma estátua de vinte pés de altura nomeada Ramsés O Grande, Thoth armou um piquenique com costela assada e carne de peito, pão e picles, as obras. Ele estava tocando sua guitarra com um amplificador portátil. Khufu estava perto, tapando os ouvidos.
“Ah, bom.” Thoth tocou uma nota que soou como um choro de morte de um burro doente. “Você sobreviveu.”
Eu olhei para a pirâmide, admirado. “De onde é que isso veio?” Você simplesmente não... construiu isso, não é?”Eu me lembrei da minha viagem a pirâmide vermelha de Set, e de repente imaginei monumentos de deuses por todos os Estados Unidos.
Thoth riu. “Eu não tive que construir. Os cidadãos de Memphis fizeram. Humanos nunca realmente esquecem o Egito, você sabe. Toda vez que eles constroem uma cidade nas margens do rio, eles se lembram dos seus antepassados, enterrados no fundo do seu subconsciente. Essa é a Pirâmide Arena--- sexta maior pirâmide no mundo. Costumava ser uma arena de esportes para... qual o esporte que você gosta Khufu?”
“Agh!” Khufu disse indignadamente. E eu juro que ele me deu um olhar duro.
“Sim, basquetebol,” Thoth disse. “Mas a arena caiu em tempos difíceis. Está abandonada a tempo. Bom, não mais. Eu estou levando adiante. Você tem o ankh? ’
Por um momento, fiquei pensando se era realmente uma boa idéia ajudar Thoth, mas nós precisávamos dele. Joguei-lhe o colar.
“Excelente,” ele disse. “Um ankh da tumba de Elvis. Poderosíssima mágica!”

Sadie cerrou os punhos. “Nós quase morremos pegando isso. Você nos trapaceou.”
“Não uma trapaça.” Ele insistiu. “Um teste.”
“Essas coisas,” disse Sadie, “o shabti---“
Sim, meu melhor trabalho em séculos. Uma pena quebrá-los, mas eu não podia ter vocês batendo em magos de verdade, podia? Shabti faz excelentes acrobacias.”
“Então você viu tudo?” eu murmurei.
“Ah, sim,” Thoth estendeu sua mão. Duas pequenas chamas dançaram ao longo de sua palma--- as duas essências mágicas que vimos sair da boca do shabti. “Esses são... dispositivos de memória. Suponho que vocês diriam assim. Eu tenho um relatório completo. Vocês derrotaram o shabti sem matá-lo. Devo admitir que estou impressionado, Sadie. Você controlou sua mágica e controlou Isis. E você, Carter, fez bem se transformando num lagarto.”
Eu achei que ele estava tirando uma com a minha cara. Então eu percebi que havia simpatia de verdade nos olhos dele, como se minha falha tivesse sido também um tipo de teste.
“Você vai achar inimigos piores pela frente, Carter.” Ele avisou. “Até mesmo agora, a Casa da Vida manda seu melhor contra você. Mas você também vai achar amigos onde menos espera.”
Eu não sabia por que, mas eu tinha a sensação de que ele estava falando de Zia... ou talvez fosse apenas um pensamento desejoso.
Thoth parou e estendeu a guitarra para Khufu. Ele girou o ankh na estátua de Ramsés, e o colar se fechou sozinho em volta do pescoço do faraó.
“Ai está, Ramsés,” Thoth disse a estátua. “Aqui está para nossa nova vida.”
A estátua brilhou fracamente, como se o pôr do sol tivesse ficado dez vezes mais claro. Então o brilho espalhou para a pirâmide inteira antes de se extinguir.
“Ah, sim.” Thoth devaneou. “Eu acho que vou ser feliz lá. Da próxima vez que vocês me visitarem, eu vou ter um laboratório muito maior.”
Pensamento assustador, mas eu tentei me manter concentrado.
“Isso não foi tudo que nós achamos.” Eu disse. “Você tem que nos explicar isso.”
Eu segurei a pintura do gato e da cobra.
“É um gato e uma cobra.” Thoth disse.
“Obrigado, deus da sabedoria. Você colocou isso para nós acharmos, não foi? Você está tentando nos dar alguma pista.”
“Quem, eu?”
Apenas mate-o, Horus disse.
Cala a boca, eu disse.
Ao menos mate a guitarra.
“O gato é Bast,” eu disse, tentando ignorar meu psíquico falcão interior. “Isso tem alguma coisa a ver com o motivo dos nossos pais terem libertado os deuses?”
Thoth apontou para os pratos de piquenique. “Eu mencionei que nós temos costela assada?”
Sadie bateu o pé. “Nós tínhamos um acordo, Ja-hooty!”
“Você sabe... eu gosto desse nome,” Thoth devaneou. “mas não tanto quando você diz. Eu acredito que nosso acordo era que eu mostraria como usar o livro de magia. Posso?”
Ele estendeu a mão. Relutante eu peguei o livro de magia de dentro da mochila e estendi para ele.
Thoth folheou as páginas. “Ah, isso me leva de volta. Tantas fórmulas. Antigamente, nós acreditávamos em rituais. Um bom feitiço pode levar dias para ser preparado, com ingredientes exóticos vindos de todo o mundo.”
“Nós não temos semanas.” Eu disse.

“Pressa, pressa, pressa,” Thoth lamentou.
“Agh,” Khufu concordou, cheirando a guitarra.
Thoth fechou o livro e o devolveu para mim. “Bem, esse é um encanto para destruir Set.”
“Nós sabemos disso.” Sadie falou. “Isso vai destruí-lo para sempre?”
“Não, não. Mas vai destruir sua forma nesse mundo, banindo-o para o Duat profundo e reduzindo seu poder então ele não vai poder aparecer de novo por um bom tempo. Séculos, por ai.”
“Parece-me bom,” eu disse. “Como nós lemos isso?”
Thoth olhou para mim como se a resposta fosse óbvia. “Você não pode lê-las agora por que as palavras só podem ser pronunciadas na presença de Set. Uma vez de frente com ele, Sadie deve abrir o livro e recitar o encanto. Ela saberá o que fazer quando a hora chegar.”
“Certo,” disse Sadie. “E Set vai ficar parado calmamente enquanto eu leio para ele morrer.”
Thoth deu de ombros. “Eu não disse que seria fácil. Vocês também precisarão de dois ingredientes para o feitiço funcionar--- um ingrediente verbal, o nome secreto de Set---“
“O que?” eu protestei. “Como é que vamos conseguir isso?”
“Com dificuldade, imagino. Você não pode simplesmente ler um nome secreto em um livro. O nome deve vir dos lábios do dono, em sua própria pronuncia, para dar poder a você sobre ele.”
“Ótimo,” eu disse. “Então só temos que forçar Set a nos dizer.”
“Ou enganá-lo,” Thoth falou. “Ou convencê-lo.”
“Não tem outro jeito?” Sadie perguntou.
Thoth sacudiu uma mancha de tinta do seu jaleco. Um hieróglifo se transformou numa mariposa e voou. “Eu suponho que... sim. Você pode perguntar a pessoa mais próxima do coração de Set--- a pessoa que mais o ama. Ela também deve ter a capacidade de dizer o nome.”
“Mas ninguém ama Set!” disse Sadie.
“Sua esposa.” Eu adivinhei. “Aquela outra deusa, Nefertiti.”
Thoth concordou. “Ela é a deusa do rio. Talvez vocês a encontrem em um rio.”
“Isso só fica melhor e melhor.” Eu murmurei.
Sadie se virou para Thoth. “Você disse que tinha outro ingrediente?”
“Um ingrediente psíquico.” Thoth afirmou. “uma pena da verdade.”
“Um quê?” Sadie disse.
Mas eu sabia sobre o que ele estava falando, e meu coração disparou. “Você quer dizer da Terra dos Mortos.”
Thoth sorriu. “Exato.”
“Espera.” Disse Sadie. “Sobre o que ele está falando?”
Eu tentei conter meu medo. “Quando você morria no Antigo Egito, você tinha que fazer uma jornada para a Terra dos Mortos.” Expliquei para ela. “Uma jornada realmente perigosa. Finalmente, você chegava a Sala do Julgamento, onde sua vida era pesada na Balança de Anúbis: seu coração de um lado, a pena da verdade do outro. Se você passasse no teste, você era abençoado com felicidade eterna. Se você falhasse, um monstro comeria seu coração e deixava de existir.”
“Ammit o comilão.” Thoth disse saudosamente. “Coisinha bonitinha.”
Sadie piscou. “Então nós temos que pegar essa pena da Sala do Julgamento como, exatamente?”
“Talvez Anúbis vá estar de bom-humor” Thoth sugeriu. “Isso acontece a cada mil anos mais ou menos.”

“Mas como nós chegamos à Terra dos Mortos?” perguntei. “Quero dizer... sem morrer.”
Thoth olhou para o horizonte à oeste, onde o pôr do sol estava se tornando vermelho-sangue. “Descendo o rio à noite, eu acho. É assim que a maioria das pessoas passa para a Terra dos Mortos. Eu devia pegar um barco. Vocês encontrarão Anúbis no fim do rio---“ ele apontou para o norte, então mudou de idéia e apontou para o sul. “Esqueçam, os rios correm para o sul aqui. Tudo é ao contrário.”
“Agh!” Khufu correu seus dedos pelas cordas da guitarra e tocou um riff de rock ‘n’ roll pesado. Então ele arrotou como se nada tivesse acontecido e abaixou a guitarra. Sadie e eu apenas o encaramos, mas Thoth concordou como se o babuíno tivesse dito alguma coisa profunda.
“Tem certeza, Khufu?” perguntou Thoth.
Khufu grunhiu.
“Muito bem.” Thoth suspirou. “Khufu diz que gostaria de ir com vocês. Eu disse a ele que ele pode ficar aqui e patentear minhas teses em física quântica, mas ele não está interessado.”
“Não consigo imaginar por que,” Sadie falou. “Feliz por ter Khufu, mas onde nós achamos um barco?”
“Você tem sangue dos faraós,” Thoth disse. “Faraós sempre têm acesso a um barco. Só tenha certeza que vai usá-lo com sabedoria.”
Ele gesticulou rio abaixo. Ancorado na margem mais a frente havia um antigo barco de pás com fumaça saindo do motor.
“Desejo a vocês uma boa jornada,” disse Thoth. “Até nos encontrarmos novamente.”
“Para onde isso vai nos levar?” perguntei. Mas quando eu voltei a olhar para Thoth, ele tinha partido, e ele tinha levado as costelas assadas com ele.
“Maravilhoso.” Sadie murmurou.
“Agh!” Khufu concordou. Ele pegou nossas mãos e nos guiou para a margem.

CARTER

VINTE E SEIS

A BORBO DO RAINHA EGÍPCIA

Quanto mais se distanciava da Terra dos Mortos, o barco era bem legal. Tinha vários deques com grades ornamentadas pintadas de preto e verde. As pás laterais espumavam o rio, e no alojamento das pás o nome do barco reluzia em letras douradas: rainha egípcia.

À primeira vista, você poderia pensar que o barco era apenas uma atração turística: um desses cassinos flutuantes ou cruzeiros para pessoas velhas. Mas se você olhasse mais de perto começaria a perceber pequenos detalhes estranhos. O nome do barco estava escrito em demótico e em hieróglifos abaixo do inglês. Fumaça cintilante levantava-se das chaminés como se os motores estivessem queimando ouro. Esferas multicoloridas de fogo voavam pelos deques. E na proa da embarcação, dois olhos pintados se moviam e piscavam, procurando por problemas no rio.

"Isso é bizarro," Sadie comentou.

Eu concordei com a cabeça. "Eu já vi olhos pintados em barcos antes. Eles ainda fazem isso por todo o Mediterrâneo. Mas normalmente eles não se mexem."

"O quê? Não, não os olhos estúpidos. Aquela mulher no deque mais alto. Não é..." Sadie irrompeu em um largo sorriso. "Bast!"

Com certeza, nossa felina favorita estava se inclinando para fora da janela da sala do piloto. Eu estava quase acenando para ela, quando percebi a criatura parada ao lado de Bast, controlando o timão. Ele tinha um corpo humano e estava vestindo um uniforme branco de capitão, mas um machado duplo brotava de seu colarinho. E eu não estou falando de uma machadinha de cortar madeira. Estou falando de um machado de guerra: duas lâminas gêmeas de aço em forma de crescentes, uma na frente onde deveria estar seu rosto, uma na parte de trás, as pontas respingadas com suspeitas manchas vermelhas secas.

A embarcação parou na doca. Bolas de fogo começaram a zunir por ali - descendo a prancha de desembarque, amarrando cordas, e basicamente fazendo coisas de tripulação. Como elas faziam isso sem mãos, e sem incendiar tudo, eu não sei, mas não era a coisa mais estranha que eu tinha visto aquela semana.

Bast desceu da sala do timão. Ela nos abraçou quando subimos a bordo- até mesmo Khufu, que tentou retornar o favor retirando os piolhos dela.

"Estou feliz por vocês terem sobrevivido!" Bast nos disse. "O quê aconteceu?"

Nós contamos a ela o básico e ela mexeu no cabelo novamente. "Elvis? Gah! Thoth está ficando cruel em sua velhice. Bem, eu não posso dizer que estou feliz por estar nesse barco novamente. Eu odeio a água, mas eu suponho-"

"Você já esteve nesse barco antes?" eu perguntei.

Bast sorriu vacilantemente. "Um milhão de perguntas como de costume, mas vamos comer primeiro. O capitão está esperando."

Eu não estava ansioso para conhecer um machado gigante, e eu não estava entusiasmado para outro jantar de sanduíche-de-queijo-e-Friskies de Bast, mas eu a segui para dentro do barco.

O salão de jantar era ricamente decorado no estilo egípcio. Murais coloridos representando os deuses cobriam as paredes. Colunas adornadas suportavam o teto. Uma longa mesa de jantar estava cheia de todos os tipos de comida que você poderia querer - sanduíches, pizzas, hamburguers, comida mexicana, você escolhe. Fora feito para esquecer o churrasco de Thoth. Em uma mesa lateral havia um recipiente de gelo, uma fileira de taças douradas, e um contêiner de refrigerante com cerca de vinte opções. As cadeiras de mogno foram esculpidas para se parecerem com babuínos, o que me lembrou até demais da Sala da Selva de Graceland, mas Khufu as aprovou. Ele rugiu para sua cadeira apenas para mostrar a ela quem era o macaco alfa ali, e então sentou em seu encosto. Ele pegou um abacate de uma fruteira e começou a descascá-lo.
Do outro lado da sala, uma porta se abriu, e o cara machado entrou. Ele teve que se abaixar para não rachar o umbral da porta.
"Senhor e Senhora Kane," o capitão disse, curvando-se. Sua voz era um sussurro trêmulo que ressoou pela sua lâmina frontal. Eu tinha visto um vídeo de um cara tocando música batendo num serrote com um martelo, e foi mais ou menos parecido com o modo que o capitão soou. "É uma honra tê-los a bordo."
"Senhora Kane," Sadie meditou. "Eu gosto disso."
"Eu sou Lâmina Ensangüentada," o capitão disse. "Quais são as ordens?"
Sadie levantou uma sobrancelha para Bast. "Ele recebe ordens de nós?"
"Com razão," disse Bast. "Ele é vinculado à sua família. Seu pai..." Ela pigarreou. "Bem, ele e sua mãe convocaram este barco."
O demônio machado fez um zumbido de desaprovação. "Você não contou a eles, deusa?"
"Eu estou começando," Bast resmungou.
"Nos contar o quê?" eu perguntei.
"Apenas detalhes." Ela se apressou. "O barco pode ser convocado uma vez por ano, e apenas em momentos de grande necessidade. Vocês precisarão dar suas ordens ao capitão agora. Ele deve ter direções claras se nós quisermos prosseguir, ah, em segurança."
Eu me perguntei o que estaria incomodando Bast, mas o cara machado estava esperando por ordens, e as manchas de sangue seco em suas lâminas me disseram que seria melhor não deixá-lo na expectativa.
"Nós precisamos visitar o Salão de Julgamento," eu disse a ele. "Leve-nos para a Terra dos Mortos."
Lâmina Ensangüentada murmurou pensativamente. "Eu vou fazer os arranjos, Senhor Kane, mas vai levar algum tempo."
"Nós não temos muito disso." Eu me virei para Sadie. "É... o que, o anoitecer do vigésimo sétimo?"
Ela concordou. "Depois de amanhã, ao nascer do sol, Set completará sua pirâmide e destruirá o mundo a não ser que o impeçamos. Então, sim, Capitão Lâmina Muito Grande, ou o que quer que seja, eu diria que estamos com um poço de pressa."
"Nós vamos, com certeza, fazer o nosso melhor," disse Lâmina Ensangüentada, apesar de sua voz estar um pouco, bem, ríspida. "A tripulação irá preparar suas cabines. Vocês vão jantar enquanto esperam?"
Eu olhei para a mesa cheia de comida e percebi o quão faminto eu estava. Eu não tinha comido desde que estivemos no Monumento Washington. "Sim. Umm, obrigado, LE."
O capitão se curvou novamente, o que fez com que ele parecesse um pouco demais com uma guilhotina. Então ele nos deixou para o nosso jantar.

A princípio, eu estava ocupado demais comendo para falar. Eu devorei um sanduíche de bife tostado, alguns pedaços de torta de cereja com sorvete, e três copos de cerveja de gengibre antes de finalmente voltar a respirar.
Sadie não comeu tanto assim. Outra vez ela havia comido no avião. Ela se decidiu por um sanduíche de queijo e pepino e uma dessas estranhas bebidas britânicas que ela gosta - um Ribena. Khufu cuidadosamente escolheu tudo o que terminava com -o - Doritos, Oreos, e alguns nacos de carne. Búfalo? Cervo? Eu estava com medo de imaginar.
As bolas de fogo flutuaram atenciosamente pela sala, enchendo nossas taças e limpando nossos pratos assim que terminávamos de comer.
Depois de tantos dias gastos fugindo por nossas vidas, era bom apenas sentar em uma mesa de jantar e relaxar. O capitão nos informando que não poderia nos transportar instantaneamente para a Terra dos Mortos tinha sido a melhor notícia que eu tinha recebido em muito tempo.
"Agh!" Khufu limpou a boca e agarrou uma das bolas de fogo. Ele moldou-a como uma bola de basquete brilhante e bufou para mim.
Pela primeira vez eu tive certeza do que ele dissera em babuíno. Não era um convite. Ele quis dizer algo como: "Eu vou jogar basquete sozinho agora. Eu não vou convidar você porque sua falta de habilidade me faria vomitar."
"Sem problemas, cara," eu disse, apesar de meu rosto estar quente de vergonha. "Divirta-se."
Khufu bufou novamente, e então gingou para fora com a bola debaixo do braço. Eu imaginei se ele iria encontrar uma quadra em algum lugar do barco.
Na parte mais distante da mesa, Bast empurrou seu prato para longe. Ela mal tocara nos seus Friskies de atum.
"Sem fome?" perguntei.
"Hmm? Oh... acho que não." Ela virou sua taça desinteressadamente. Ela estava com uma expressão que eu não associo com gatos: culpa.
Sadie e eu trocamos olhares. Nós tivemos um breve, silencioso diálogo, algo como:
Você pergunta a ela.
Não, você.
É claro que Sadie é melhor em dar olhares ameaçadores, então eu perdi a disputa.
"Bast?" eu disse. "O quê o capitão queria que você nos contasse?"
Ela hesitou. "Oh, isso? Você não deveria escutar demônios. Lâmina Ensangüentada é obrigado por mágica a servir, mas se ele fosse liberto, usaria aquele machado em todos nós, acredite em mim."
"Você está mudando de assunto," eu disse.
Bast traçou a mesa com seu dedo, desenhando hieróglifos na parede condensada de sua taça. "A verdade? Eu não estive a bordo desde a noite em que sua mãe morreu. Seus pais tinham aportado esse barco no Tames. Depois do... acidente, seu pai me trouxe aqui. Foi onde nós fizemos nosso acordo."
Eu percebi que ela queria dizer aqui, nessa mesa. Meu pai sentara aqui em desespero após a morte de Mamãe - com ninguém para consolá-lo além da deusa dos gatos, um demônio machado, e um punhado de luzes flutuantes. Eu examinei o rosto de Bast na luz fraca. Eu pensei na pintura que nós encontramos em Graceland. Mesmo em sua forma humana, Bast se parecia muito com uma gata - uma gata desenhada por algum artista há milhares de anos.
"Não foi apenas um monstro do caos, não é?" perguntei.
Bast olhou para mim. "O quê você quer dizer?"

“A coisa que você estava combatendo quando nossos pais te libertaram do obelisco. Não era apenas um monstro do caos. Você estava lutando contra Apophis.”
Por todo o salão, os fogos serventes obscureceram. Um deles derrubou um prato e tremeu nervosamente.
“Não diga o nome da Serpente,” Bast avisou. “Especialmente quando começamos a entrar na noite. A noite é seu reino.”
“Então é verdade.” Sadie balançou a cabeça em desânimo. “Por que você não disse nada? Por que mentiu para nós?”
Bast abaixou o olhar. Sentada nas sombras, ela parecia cansada e frágil. Seu rosto estava marcado com traços de cicatrizes de antigas batalhas.
“Eu era o Olho de Ra.” Ela disse calmamente. “A campeã do deus sol, o instrumento de sua vontade. Você tem idéia da honra que isso era?”
Ela estendeu suas garras e as examinou. “Quando as pessoas vêem fotos da gata guerreira de Ra, eles presumem que seja Sekhmet, a leoa. E ela foi sua primeira campeã, é verdade. Mas ela era muito violenta, muito descontrolada. Finalmente Sekhmet foi forçada a se demitir, e Ra me escolheu como lutadora: a pequena Bast.”
“Por que você soa envergonhada?” Sadie perguntou. “Você disse que era uma grande honra.”
“A princípio eu fiquei orgulhosa, Sadie. Eu lutei com a Serpente por eras. Gatos e cobras são inimigos mortais. Eu fiz bem meu trabalho. Mas então Ra retirou-se para os céus. Ele me prendeu à Serpente com seu último feitiço. Ele nos lançou no abismo, onde eu estava encarregada de lutar contra a Serpente e mantê-la ali para sempre.”
A compreensão se apoderou de mim. “Então você não era uma prisioneira menor. Você foi aprisionada por mais tempo do que qualquer outro deus.”
Ela fechou os olhos. “Eu ainda me lembro das palavras de Ra: ‘Minha gata leal. Esta é sua maior missão.’ E eu estava orgulhosa de cumpri-la... por séculos. E então milênios. Você pode imaginar como era? Facas contra presas, golpeando e cortando, uma guerra sem fim na escuridão. Nossas forças foram se enfraquecendo, a minha e a de meu exército, e eu comecei a perceber qual era o plano de Ra. A Serpente e eu deveríamos dilacerar um ao outro até a não-existência, e o mundo estaria seguro. Somente assim Ra poderia se retirar com a consciência limpa, sabendo que o caos não iria superar a Ma’at. Eu teria cumprido minha missão, também. Eu não tinha escolha. Até que seus pais-“
“Te deram uma rota de fuga,” eu disse. “E você a pegou.”
Bast olhou para cima tristemente. “Eu sou a rainha dos gatos. Eu tenho muitas habilidades. Mas para ser honesta, Carter... gatos não são muito corajosos.”
“E Ap- seu inimigo?”
“Ele ficou preso no abismo. Seu pai e eu estávamos certos disso. A Serpente já estava grandemente enfraquecida pela eternidade de luta contra mim, e quando sua mãe usou sua própria força da vida para fechar o abismo, bem... ela realizou uma poderosa façanha mágica. Não deveria haver qualquer modo da Serpente quebrar aquele tipo de selo. Mas enquanto os anos passavam... nós começamos a ficar cada vez menos certos de que a prisão iria segurá-lo. Se de algum modo ele fugisse e ganhasse sua força de volta, eu não poderia imaginar o que aconteceria. E seria minha culpa.”
Eu tentei imaginar a serpente, Apophis - uma criatura do caos ainda pior do que Set. Eu imaginei Bast com suas facas, presa em combate com um monstro pela eternidade. Talvez eu devesse ficar bravo com Bast por não ter nos contado a verdade antes. Ao invés disso, eu me senti mal por ela. Ela havia sido colocada na mesma situação em que nós estávamos agora- forçada a fazer um trabalho grande demais para ela.
“Então por que meus pais a libertaram?” eu perguntei. “Eles disseram?”

Ela concordou lentamente com a cabeça. “Eu estava perdendo minha luta. Seu pai me disse que sua mãe havia previsto... coisas horríveis se a Serpente me superasse. Eles tinham que me libertar, me dar tempo para me recuperar. Eles disseram que era o primeiro passo para restaurar os deuses. Eu não posso fingir que entendi o plano todo. Eu estava aliviada por aceitar a oferta de seu pai. Eu me convenci de que estava fazendo a coisa certa pelos deuses. Mas isso não muda o fato de eu ser uma covarde. Eu falhei em minha missão.”
“Não foi sua culpa,” eu disse a ela. “Não foi justo Ra pedir aquilo a você.”
“Carter está certo,” disse Sadie. “É muito sacrifício para uma pessoa- uma deusa gata, tanto faz.”
“Era a vontade de meu rei,” Bast disse. “O faraó pode comandar seus súditos para o bem do reino- até mesmo para darem suas vidas- e eles devem obedecer. Horus sabe disso. Ele foi o faraó muitas vezes.”
Ela diz a verdade, disse Horus.
“Então você tem um rei estúpido,” eu disse.
O barco tremeu como se tivéssemos batido a quilha em um banco de areia.
“Cuidado, Carter,” Bast avisou. “Ma’at, a ordem da criação, depende da lealdade ao legítimo rei. Se você questioná-lo, cairá sob a influência do caos.”
Eu me senti tão frustrado, que eu queria quebrar alguma coisa. Eu queria gritar que aquela ordem não parecia muito melhor do que o caos se você tinha que se matar por ela.
Você está sendo infantil, Horus repreendeu. Você é um servo de Ma’at. Esses pensamentos são indignos.
Meus olhos arderam. “Então talvez eu seja indigno.”
“Carter?” Sadie perguntou.
“Nada,” eu disse. “Eu vou pra cama.”
Eu saí irritado. Uma das luzes trêmulas juntou-se a mim, me guiando escada acima para meus aposentos. A cabine provavelmente era muito boa. Eu não prestei atenção. Eu apenas caí na cama e desmaiei.
Eu precisava seriamente de um travesseiro mágico de energia-extra, porque meu ba se recusou a ficar ali. [E não, Sadie, eu não acho que enrolar minha cabeça com fita adesiva teria funcionado do mesmo jeito.]
Meu espírito flutuou para a casa do timão do barco a vapor, mas Lâmina Ensangüentada não estava no timão. Ao invés disso, um jovem em uma armadura de couro navegava o barco. Seus olhos eram delineados com kohl, e sua cabeça era raspada, exceto por um rabo de cavalo trançado. O cara definitivamente malhava, porque seus braços eram musculosos. Uma espada como a minha estava presa ao seu cinto.
“O rio é traiçoeiro,” ele me disse com uma voz familiar. “Um piloto não pode se distrair. Ele deve sempre estar alerta para o caso de bancos de areia e protuberâncias escondidas. É por isso que barcos são pintados com olhos, sabe - para ver os perigos.”
“O Olho de Horus,” eu disse. “Você.”
O deus falcão olhou para mim, e eu vi que seus olhos eram de duas cores diferentes - um amarelo ardente como o sol, o outro de um prateado refletido como a lua. O efeito era tão desorientador que eu tive que desviar o olhar. E quando eu fiz isso, percebi que a sombra de Horus não combinava com sua forma. Ela alongou-se pela sala do timão como a silhueta de um falcão gigante.
“Você questionou se a ordem é melhor do que o caos,” ele disse. “Você se distraiu do nosso real inimigo: Set. Você deveria aprender uma lição.”
Eu estava quase dizendo, Não, de verdade, tudo bem.

Mas imediatamente meu ba foi retirado. Repentinamente, eu estava a bordo de um avião - uma grande aeronave internacional como os aviões que eu e meu pai tínhamos tomado um milhão de vezes. Zia Rashid, Desjardins, e dois outros mágicos estavam apertados em um corredor central, rodeados de famílias com crianças gritando. Zia não parecia se importar. Ela meditava calmamente com os olhos fechados, enquanto Desjardins e dois outros homens pareciam tão desconfortáveis que eu quase quis rir.
O avião balançou para frente e para trás. Desjardins derramou vinho em todo o seu colo. A luz do cinto de segurança se acendeu, e uma voz partiu do intercomunicador: “É o capitão. Parece que estamos experimentando algumas pequenas turbulências enquanto começamos a aterrissar em Dallas, então eu vou pedir às aeromoças-“
Boom! Uma explosão sacudiu as janelas - raio seguido imediatamente de trovão.
Os olhos de Zia abriram-se imediatamente. “O Senhor Vermelho.”
Os passageiros gritavam como se o avião caísse várias centenas de metros.
“O começo!” Desjardins gritou acima do barulho. “Rápido!”
Quando o avião sacudiu, os passageiros gritaram e agarraram seus assentos. Desjardins levantou-se e abriu o compartimento superior.
“Senhor!” uma aeromoça gritou. “Senhor, sente-se!”
Desjardins a ignorou. Ele pegou quatro malas familiares - kits de utensílios mágicos - e os atirou para seus colegas.
Então as coisas realmente se complicaram. Um horrível tremor passou pela cabine e o avião deu uma guinada para o lado. Pelas janelas do lado direito, eu vi a asa do avião ser cortada fora por um vento de oitecentos-quilômetros-por-hora.
A cabine caiu em caos - bebidas, livros, e sapatos voando por toda parte, máscaras de oxigênio caindo e se emaranhando, pessoas gritando por suas vidas.
“Protejam os inocentes!” Desjardins ordenou.
O avião começou a tremer e rachaduras apareceram nas janelas e paredes. Os passageiros ficaram em silêncio, caindo em inconsciência enquanto a pressão do ar caía. Os mágicos ergueram suas varinhas enquanto o avião se esfacelava.
Por um momento, os mágicos flutuaram em um redemoinho de nuvens de tempestade, pedaços de fuselagem, bagagem, e passageiros girando ainda presos a seus assentos. Então um brilho branco se expandiu ao redor deles, uma bolha de poder que desacelerou a dissolução do avião e manteve as peças rodopiando em uma órbita estreita. Desjardins estendeu sua mão e a beirada da nuvem esticou-se em sua direção - uma espiral de fofa névoa branca - como uma linha de segurança. Os outros fizeram o mesmo, e a tempestade curvou-se ante sua vontade. Vapor branco os envolveu e começou a enviar mais espirais, como nuvens funis, que agarraram pedaços do avião e os juntaram novamente.
Uma criança passou caindo por Zia, mas ela apontou seu bastão e murmurou um feitiço. Uma nuvem envolveu a garotinha e a trouxe de volta. Logo os quatro mágicos estavam remontando o avião à sua volta, selando as brechas com fios de nuvens até a cabine inteira estar envolta em um casulo de vapor brilhante. Do lado de fora, a tempestade se intensificou e trovões estouravam, mas os passageiros dormiam em seus assentos.
“Zia!” Desjardins gritou. “Nós não podemos segurar por muito tempo.”
Zia correu por ele para o corredor para o convés de vôo. De algum modo a frente do avião havia sobrevivido à desintegração intacta. A porta era blindada e trancada, mas o bastão de Zia chamejou, e a porta derreteu como cera. Ela passou e encontrou três pilotos inconscientes. A vista pela janela foi o suficiente para me deixar enjoado. Pelas nuvens em espirais, o chão estava se aproximando rápido - muito rápido.
Zia chocou sua mão contra os controles. Energia vermelha surgiu nos displays. Mostradores giraram, medidores piscaram, e o altímetro elevou-se. O nariz do avião

subiu, sua velocidade caindo. Enquanto eu assistia, Zia planou o avião para um pasto e aterrissou sem nem mesmo um solavanco. Então seus olhos viraram-se para trás, e ela desmaiou.
Desjardins a encontrou e a tomou nos braços. “Rápido,” ele disse aos seus colegas, “os mortais irão acordar logo.”
Eles arrastaram Zia para fora da cabine do piloto, e meu ba foi varrido por um borrão de imagens.
Eu vi Phoenix novamente - ou pelo menos um pouco da cidade. Uma tempestade de areia vermelha maciça agitando-se pelo vale, engolindo prédios e montanhas. No áspero, quente vento, eu ouvi a risada de Set, divertindo-se em seu poder.
Então eu vi Brooklyn: a casa de Amos destruída no East River e uma tempestade de inverno avançando com força, ventos uivantes açoitando a cidade com neve e granizo.
E então eu vi um lugar que eu não reconheci: um rio serpenteando por um cânion de um deserto. O céu era um cobertor de nuvens de breu, e a superfície do rio parecia ferver. Algo estava se movendo sob a água, algo enorme, perverso, e poderoso - e eu sabia que estava esperando por mim.
Este é apenas o começo, Horus me avisou. Set irá destruir todos com quem você se importa. Acredite em mim, eu sei.
O rio tornou-se um pântano de juncos. O sol brilhava acima. Cobras e crocodilos deslizavam pela água. À beira d’água havia uma cabana de palha. Fora dela, uma mulher e uma criança de aproximadamente dez anos estavam examinando um sarcófago bastante danificado. Eu podia dizer que o caixão havia sido uma obra de arte - ouro incrustado com pedras preciosas - mas agora estava amassado e preto de fuligem.
A mulher passou as mãos pela tampa do ataúde.
“Finalmente.” Ela tinha o rosto da minha mãe - olhos azuis e cabelo cor de caramelo - mas ela brilhava com uma auréola mágica, e eu sabia que estava olhando para a deusa Isis.
Ela viçou-se para o menino. “Nós procuramos tanto, meu filho. Finalmente o restauramos. Eu vou usar minha magia e dá-lo vida novamente!”
“Papa?” O garoto olhou para a caixa com os olhos arregalados. “Ele está mesmo aí dentro?”
“Sim, Horus. E agora-“
De repente a cabana irrompeu em chamas. O deus Set saiu do inferno - um poderoso guerreiro de pele vermelha com ardentes olhos negros. Ele usava o coroa dupla do Egito e as roupas de um faraó. Em suas mãos, um bastão de ferro ardia lentamente.
“Encontrou o caixão, não é?” ele disse. “Bom para você!”
Isis levantou seu braço para o céu. Ela enviou raios contra o deus do caos, mas a vara de set absorveu o impacto e o refletiu de volta para ela. Arcos de eletricidade golpearam a deusa e a atirou para trás.
“Mãe” O menino retirou uma faca e investiu contra Set. “Eu vou te matar!”
Set rugiu uma gargalhada. Ele facilmente contornou o garoto e o chutou na lama.
“Você tem espírito, sobrinho,” Set admitiu. “Mas você não viverá o suficiente para me desafiar. E com relação ao seu pai, eu só terei que dispersá-lo mais permanentemente.”
Set bateu na tampa do caixão com seu bastão de ferro.
Isis gritou quando o caixão se despedaçou como gelo.
“Faça um desejo.” Set urrou com toda a sua força, e os cacos do caixão voaram pelo céu, espalhando-se em todas as direções.
“Pobre Osíris - ele está em pedacinhos, espalhados por todo o Egito agora. E para você, irmã Isis - corra! É o que você sabe fazer melhor!”

Set investiu contra eles. Isis apanhou a mão de seu filho e os dois se transformaram em pássaros, voando por suas vidas.
A cena se apagou, e eu estava novamente na sala do timão do barco à vapor. O sol nasceu em uma sucessão de cenas acelerada enquanto cidades e barcos passaram rapidamente e as margens do Mississipi se obscureceram em um jogo de luz e sombra.
"Ele destruiu meu pai," Horus me disse. "Ele vai fazer o mesmo com o seu."
"Não," eu disse.
Horus me fitou com aqueles olhos estranhos - um dourado ardente, um prateado como a lua cheia. "Minha mãe e Tia Nephtys passaram anos procurando os pedaços do caixão e do corpo de meu Pai. Quando elas coletaram os quarenta, meu primo Anubis ajudou a unir meu pai novamente com invólucros de múmia, mas a mágica de minha Mãe ainda não conseguiu trazê-lo de volta à vida completamente. Osíris tornou-se um deus morto-vivo, uma sombra semi-viva de meu pai, apto para governar apenas no Duat. Mas sua perda me deu raiva. Raiva me deu força para derrotar Set e tomar o trono para mim. Você deve fazer o mesmo."
"Eu não quero um trono," eu disse. "Eu quero meu pai."
"Não iluda a si mesmo. Set está apenas brincando com você. Ele irá levá-lo ao desespero, e seu sofrimento irá torná-lo fraco."
"Eu tenho que salvar meu pai!"
"Esta não é sua missão," Horus repreendeu. "O mundo está em jogo. Agora, acorde!"
Sadie estava sacudindo meu braço. Ela e Bast estavam acima de mim, parecendo preeocupadas.
"O quê?" eu perguntei.
"Nós estamos aqui," disse Sadie nervosamente. Ela tinha colocado uma roupa de linho fresca, preta dessa vez, que combinava com suas botas de combate. Ela tinha até mesmo recolorido o cabelo então as mechas estavam azuis.
Eu me sentei e percebi que me sentia descansado pela primeira vez em uma semana. Minha alma estava viajando, mas pelo menos meu corpo teve algum descanso. Eu olhei para fora da janela da cabine. Estava um breu lá fora.
"Por quanto tempo eu fiquei fora?"
"Nós velejamos por quase todo o Mississipi e entramos no Duat," Bast disse. "Agora nós alcançamos a Primeira Catarata."
"Primeira Catarata?"
"A entrada," Bast disse sombriamente, "para a Terra dos Mortos."

VINTE E SETE

UM DEMÔNIO COM AMOSTRAS GRÁTIS

Eu? Eu dormi como os mortos, o que eu esperei que não fosse um sinal do que estava por vir.
Eu podia dizer que a alma do Carter esteve vagando por uns locais assustadores, mas ele não falava nada sobre eles.
"Você viu a Zia?" Eu perguntei. Ele ficou tão perturbado que eu pensei que seu rosto iria cair. "Eu sabia," Eu disse.
Nós seguimos Bast até a cabine, onde o Lâmina Sangrenta estava estudando um mapa enquanto Khufu manejava - er, macacava - o timão.
"O babuíno está pilotando," Eu apontei. "Deveria me preocupar?"
"Quieta, por favor, Senhorita Kane." Lâmina Sangrenta correu os dedos por um longo pedaço de um mapa de papiro.
"Esse trabalho é delicado. Dois graus para estibordo, Khufu."
"Agh!" Disse Khufu.
O céu já estava escuro, mas enquanto continuamos indo em frente, as estrelas desapareceram. O rio se tornou cor-de-sangue. Escuridão engoliu o horizonte, e ao longo das margens, as luzes da cidade se transformaram em fogos flutuantes, então apagaram-se completamente
Agora nossas únicas luzes eram os fogos servidores multicoloridos e a fumaça brilhante que se expandia das chaminés, lavando-nos em um estranho brilho metálico.
"Deve estar logo à frente," o capitão anunciou. Na penumbra, sua lâmina de machado manchada de vermelho parecia mais assustadora do que nunca.
"O que é esse mapa?" Eu perguntei.
"Encantamentos de Sair Para a Luz," ele disse. "Não se preocupe. É uma boa cópia."
Eu olhei para o Carter procurando uma tradução.
"A maioria das pessoas chamam de O Livro dos Mortos," ele me disse. "Egípcios ricos sempre eram enterrados com uma cópia, assim eles poderiam ter as direções através do Duat para a Terra dos Mortos. É como um Guia dos Idiotas para o Pós-vida."
O capitão resmungou indignado. "Eu não sou idiota, Senhor Kane."
"Não, não, Eu só quis dizer..." A voz do Carter vacilou. "Hum, o que é isso?"
À nossa frente, desfiladeiros de rochas salientavam-se do rio como presas, transformando a água em uma massa fervente de corredeiras.
"A Primeira Catarata," Lâmina Sangrenta anunciou. "Espere."
Khufu empurrou o timão para a esquerda, e o barco a vapor derrapou de lado, atirando-se entre dois pinos rochosos com apenas alguns centímetros vagos. Eu não sou muito de gritar, mas irei admitir prontamente que eu gritei até quase explodir. [E não olhe assim para mim, Carter. Você não foi muito melhor.]
Nós avistamos de repente um filamento de água espumante – ou vemelhante – (**Acho melhor esquecer essa piada, rs. Em inglês: White water – or red water**) e desviamos para evitar uma pedra do tamanho da estação de Paddington. O barco a vapor fez mais duas voltas suicidas entre pedregulhos, fez uma girada de 360 graus em volta de um

redemoinho, lançou-se de uma cachoeira de dez metros e caiu batendo com tanta força que meus ouvidos fizeram um estouro como um tiro.
Nós continuamos correnteza abaixo como se nada tivesse acontecido, o roncado das corredeiras desaparecendo atrás de nós.
“Eu não gosto de cataratas,” Eu decidi. “Haverá mais?”
“Não tão grandes, ainda bem,” disse Bast, que estava parecendo enjoada. “Nós atravessamos para a –”
“A Terra dos Mortos,” Carter terminou.
Ele apontou para a costa, que estava envolta em neblina. Coisas estranhas espreitavam na escuridão: luzes fantasmagóricas flutuantes, rostos gigantes feitos de névoa, sombras desajeitadas que pareciam desconectadas de qualquer coisa física. Ao longo das margens, velhos ossos se arrastavam através da lama, juntando-se com outros ossos em padrões aleatórios.
“Estou chutando que isso não é o Mississípi,” Eu disse.
“O Rio da Noite,” Lâmina Sangrenta resmungou. “Ele é todos os rios e nenhum rio - a sombra do Mississípi, do Nilo, do Tames. Ele corre pelo Duat, com várias ramificações e afluentes.”
“Isso explica,” Eu murmurei.
A cena ficou mais estranha. Nós vimos vilas fantasmas de tempos antigos - pequenas aglomerações de cabanas de junco feitas de fumaça flutuante. Nós vimos vastos templos desmoronando e reconstruindo a si mesmos o tempo todo como um vídeo repetindo-se. E em todo lugar, fantasmas olhavam-nos enquanto passávamos. Mãos enfumaçadas chegaram. Sombras chamaram-nos silenciosamente, então voltaram em desespero quando passamos.
“Os perdidos e confusos,” Blast disse. “Espíritos que nunca encontraram seu caminho para a Sala do Julgamento.”
“Porque eles são tão tristes?” Eu perguntei.
“Bem, eles estão mortos,” Carter especulou.
“Não, é mais do que isso,” Eu disse. “É como se eles estivessem... Esperando alguém.”
“Ra,” Bast disse. “Por eras, o glorioso barco de Ra viajava essa rota todas as noites, expulsando as forças de Apófis.” Ela olhou ao redor nervosamente como se lembrasse de velhas emboscadas. “Era perigoso: toda noite, uma luta pela existência. Mas quando ele passava, Ra trazia a luz do dia e calor ao Duat, e esses espíritos perdidos regozijavam-se, lembrando do mundo dos vivos.”
“Mas isso é uma lenda,” Carter disse. “O mundo gira em volta do sol. Na verdade o sol nunca desce à terra.”
“Você não aprendeu nada do Egito?” Bast perguntou. “Histórias conflitantes podem ser igualmente verdadeiras. O sol é uma bola de fogo no espaço, sim. Mas a imagem dele enquanto corta o céu, o calor doador de vida e luz que ele trás para a terra - isso era encorpado em Ra. O sol era seu trono, sua fonte de poder, seu próprio espírito. Mas agora Ra recuou aos Céus. Ele dorme, e o sol é apenas o sol. O barco de Ra não viaja mais em seu ciclo pelo Duat. Ele não clareia mais o escuro, e os mortos sentem sua ausência muito mais fortemente.”
“Verdade,” disse Lâmina Sangrenta, apesar de não parecer muito preocupado com isso. “A lenda diz que o mundo vai acabar quando Ra ficar muito cansado para continuar vivendo em seu estado enfraquecido. Apófis irá engolir o sol. A escuridão reinará. O caos irá superar Ma'at, e a Serpente reinará para sempre.”
Parte de mim pensou que isso era absurdo. Os planetas não iriam simplesmente parar de girar. O sol não iria deixar de nascer.

Por outro lado, aqui estava eu viajando pela Terra dos Mortos em um barco com um demônio e um deus. Se Apófis era real também, eu não gostaria de conhecê-lo.
E para ser honesta, eu me sentia culpada. Se a história que Toth me contou era verdade, Ísis fez Ra recuar aos céus com aquele negócio do nome secreto. O que significa, em uma maneira ridícula e maluca, que o fim do mundo seria minha culpa. Típico. Eu queria me esmurar para ficar quite com Isis, mas eu suspeitei que isso iria doer.
"Ra deveria acordar e sentir o cheiro de sahlab," eu disse. "Ele deveria voltar."
Bast sorriu sem humor. "E o mundo deveria ser jovem novamente, Sadie. Eu gostaria que isso fosse tão..."
Khufu grunhiu e apontou para frente. Ele deu o timão ao capitão e correu para fora da cabine e escada abaixo.
"O babuíno está certo," disse Lâmina Sangrenta. "Vocês deveriam ir para a proa. Um desafio virá logo."
"Que tipo de desafio?" Eu perguntei.
"É difícil dizer," Lâmina Sangrenta disse, e eu pensei ter detectado uma satisfação presunçosa em sua voz. "Te desejo sorte, Senhorita Kane."
"Porque eu?" resmunguei.
Bast, Carter e eu ficamos na proa do barco, assistindo o rio aparecer da escuridão. Sob nós, os olhos pintados no barco brilhavam fracamente no escuro, varrendo vigas de luz através da água vermelha. Khufu escalou ao topo da prancha de desembarque, que ficava em pé quando retraída, e colocou as mão acima dos olhos como um marujo em uma gávea.
Mas toda essa vigilância não ajudou muito. Com a escuridão e a névoa, nossa visibilidade era nula. Pedras gigantes, pilares quebrados e estátuas de faraós desintegrando apareciam do nada, e Lâmina Sangrenta rodava o timão rapidamente para evitá-los, forçando-nos a a segurar para nos manter nos trilhos. Ocasionalmente nós víamos criaturas viscosas cortando a superfície da água, como tentáculos, ou as costas de criaturas sumersas – Eu realmente não queria saber.
"Almas mortais sempre são desafiadas," Bast me disse. "Vocês devem provar seu valor para entrar na Terra dos Mortos."
"Como se fosse um negócio tão bom?"
Eu não tenho certeza de quanto tempo eu passei olhando para a escuridão, mas após um bom tempo um borrão avermelhado apareceu na distância, como se o céu estivesse se tornando mais claro.
"Isso é minha imaginação, ou - "
"Nosso destino," Bast disse. "Estranho, nós realmente já deveríamos ter sido desafiados - "
O barco estremeceu, e a água começou a fervilhar. Uma figura gigantesca irrompeu do rio. Eu podia vê-lo apenas da cintura para cima, mas ele tinha vários metros a mais que o barco. Seu corpo era humanoide – de peito nú e peludo com pele arroxeada. Um cinto de corda estava amarrado ao redor de sua cintura, decorado com bolsas de couro, diversas cabeças de demônios, e *algunas cositas más* **(bits and bobs, expressão idiomática. Coloquei "algunas cositas más" por se tratar de uma expressão comumente utilizada e mantendo o ar de brincadeira.)**. Sua cabeça era uma estranha combinação de leão e humano, com olhos dourados e uma juba preta feita com dreadlocks. Sua boca respingada de sangue era felina, com bigodes eriçados e presas pontiagudas. Ele rosnou, fazendo Khufu correr da gávia. O pobre babuíno deu um salto, voando aos braços de Carter, que derrubou os dois ao deque.
"Você deveria dizer algo," eu falei para Bast fracamente. "Ele é seu parente, eu espero?"

Bast balançou a cabeça. “Eu não posso te ajudar com isso, Sadie. Vocês são mortais. Vocês devem lidar com o desafio.”
“Oh, obrigado por isso.”
“Eu sou Shezmu!” o maldito homem-leão disse.
Eu quis dizer, “Sim, você realmente é.” Mas decidi manter minha boca fechada.
Ele virou seus olhos dourados para Carter e inclinou sua cabeça. Suas narinas tremeram. “Eu sinto o cheiro de sangue de faraós. Um prazer delicioso... Ou você se atreve a me nomear?”
“T-te nomear?” Carter cuspiu confusamente. “Você quer dizer seu nome secreto?”
O demônio riu. Ele agarrou um pináculo de rocha próximo, que esfarinhou-se como gesso velho em seu punho.
Eu olhei desesperadamente para Carter. “Você não teria por acaso o nome secreto dele por aí?”
“Pode estar no Livro dos Mortos,” Carter disse. “Eu esqueci de checar.”
“E então?” Eu disse.
“Mantenha-o ocupado” Carter respondeu, e saiu tropeçando para a Cabine de controle.
Manter um demônio ocupado, eu pensei. Certo. Talvez ele curta um futebol de botões. **(Tradução livre, já que o jogo “tiddlywinks” não é muito conhecido por aqui, mas assemelha-se um pouco ao futebol de botão.)**
“Você desiste?” Shezmu berrou.
“Não!” Eu gritei. “Não, nós não desistimos. Nós te nomearemos. Só que... Meu deus, você é bem musculoso, não é? Você malha?”
Eu olhei para Bast, que aprovou com um gesto.
Shezmu estrondou com orgulho e flexionou seus poderosos braços. Nunca falha com homens, não é? Mesmo se eles tem vinte metros de altura e uma cabeça de leão.
“Eu sou Shezmu!” Ele berrou.
“Sim, você já deve ter mencionado isso,” Eu disse. “Eu me pergunto, hum, qual tipo de títulos você recebeu através dos tempos, hein? O Senhor disso e daquilo?”
“Eu sou o executor real de Osiris!” ele gritou, socando um punho na água e sacudindo nosso barco. “Eu sou o Senhor do Sangue e do Vinho!”
“Brilhante,” Eu disse, tentando não ficar enjoada. “Er, como sangue e vindo são conectados, exatamente?”
“Garrr!” Ele inclinou-se para frente e arreganhou suas presas, que não eram nem um pouco mais bonitas de perto. Sua juba estava emaranhada com nojentos pedaços de peixe e musgo do rio. “Senhor Osiris me deixa decapitar os perversos! Eu esmago-os na minha prensa de vinho, e faço vinho para os mortos!”
Eu fiz uma nota mental de nunca tomar vinho dos mortos.
Você está indo bem. A voz de Isis começou. Ela esteve quieta por tanto tempo que eu quase a esqueci. Pergunte-o sobre suas outras atribuições.
“E quais suas outras atribuições... Oh poderoso e demoníaco cara do vinho?”
“Eu sou o senhor do...” Ele flexionou seus músculos para um efeito máximo. “Perfume!”
Ele sorriu para mim, aparentemente esperando pelo terror começar.
“Oh, meu deus!” Eu disse. “Isso deve fazer seus inimigos estremecerem.”
“Há, há, há! Sim! Você gostaria de uma amostra grátis?” Ele arrancou uma bolsa de couro viscosa de seu sinto, e trouxe um pote de barro cheio de um pó amarelo de cheiro adocicado. “Eu chamo esse de... Eternity!”
“Amável,” eu engasguei. Eu olhei para trás, me perguntando onde Carter havia ido, mas não tinha sinal dele.
Mantenha-o falando, Isis apressou.

“E, hum... perfume é parte de seu negócio porque... espera, eu intendi, você o espreme de plantas, do mesmo jeito que você espreme vinho...”
“Ou sangue!” Shezmu adicionou.
“Bem, naturalmente,” Eu disse. “O sangue não precisa nem dizer.”
“Sangue!” ele disse.
Khufu deu um gritinho desesperado e cobriu os olhos.
“Então você serve Osiris?” Eu perguntei ao demônio.
“Sim! Pelo menos...” Ele hesitou, rugindo de dúvida. “Eu costumava. O trono de Osiris está vazio. Mas ele retornará. Ele retornará!”
“Claro,” eu disse. “E então seus amigos te chamam de que... Shezinho? Caçasangue? **(PS: Original: Bloodsiekins. Não tenho a mínima ideia o que seja “siekins” e não consegui separar em mais palavras que façam sentido. Pensei que possa ser para soar como “seek”, mas não tem muito sentido. Não encontrei nenhuma palavra parecida, mas também pensei em algo como “tiposangrento” [bloodsie kins] baseado em expressões como Otherkins [other kinds]**)”
“Eu não tenho amigos! Mas se eu tivesse, eles me chamariam de Carrasco das Almas, Rosto Feroz! Mas eu não tenho nenhum amigo, então meu nome não está em perigo. Há, há, há!”
Eu olhei para Bast, me perguntando se eu tinha tido tanta sorte quanto eu pensei. Bast sorriu para mim.
Carter veio tropeçando pelas escadas, segurando o Livro dos Mortos. “Eu consegui! Em algum lugar por aqui. Não consigo ler essa parte, mas - “
“Diga meu nome ou seja comido!” Shezmu berrou.
“Eu te nomeio!” Eu gritei de volta. “Shezmu, Carrasco das Almas, Rosto Feroz!”
“GAAAAHHHHH!” Ele se contorceu de dor. “Como eles sempre sabem?”
“Deixe-nos passar!” Eu ordenei. “Oh, e mais uma coisa... meu irmão quer uma amostra grátis.”
Eu só tive tempo de sair do caminho, e Carter só teve tempo de parecer confuso antes do demônio jogar pó amarelo nele todo. Então Shezmu afundou de baixo das ondas.
“Que cara legal,” Eu disse.
“Pá!” Carter cospiu perfume. Ele parecia um pedaço de peixe empanado. “Pra que foi isso?”
“Seu cheiro está adorável,” eu assegurei-o. “O que vem agora, então?”
Eu estava me sentindo muito satisfeita comigo mesmo até que nosso barco fez uma curva no rio. De repente o brilho avermelhado no horizonte tornou-se uma chama de luz. Na cabine de comando, o capitão tocou o sino de alarme.
À nossa frente, o rio estava em chamas, correndo por uma extensão de corredeiras em direção ao que parecia uma cratera vulcânica borbulhante.
“O Lago de Fogo,” Bast disse. “É aqui que fica interessante.

VINTE E OITO

EU TENHO UM ENCONTRO COM O DEUS DO PAPEL HIGIÊNICO

BAST TINHA UMA DEFINIÇÃO INTERESSANTE sobre interessante: Um lago fervente com muitas milhas de diâmetro que tinha cheiro de petróleo queimado e carne podre. Nosso barco a vapor parou bem onde o rio encontrava o lago, pois um portão de metal gigante bloqueava nosso caminho. Era um disco de bronze como um escudo, tão longo quanto nosso barco, submerso no rio até a metade. Eu não tinha certeza de como ele evitava derreter no calor, mas tornou impossível continuarmos. Em ambas margens do rio, encarando o disco, haviam babuínos de bronze gigantes com os braços erguidos.
“O que é isso?” Perguntei.
“Os Portais do Oeste,” Bast disse. “O barco solar de Rá passaria por eles e seria renovado nos fogos do lago, então passaria para o outro lado e ressurgir pelos Portais do Leste para um novo dia.”
Olhando para os babuínos gigantes, eu me perguntei se Khufu teria algum tipo de código babuíno secreto que nos faria entrar. Mas ao invés disso, ele ladrou para as estátuas e encolheu-se heroicamente entre minhas pernas.
“Como nós fazemos para passar?” Me perguntei.
“Talvez,” uma nova voz disse, “você devesse perguntar para mim.”
O ar tremeluziu. Carter recuou rapidamente e Bast chiou.
À minha frente apareceu um espírito pássaro: um ba. Ele tinha a combinação usual de cabeça humana e corpo de peru assassino, com suas asas recolhidas para trás e sua forma inteira brilhando, mas algo neste ba era diferente. Eu percebi que eu conhecia o rosto deste espírito – um homem velho e careca, pele enrugada, olhos leitosos e sorriso gentil.
“Iskandar?” Eu perguntei.
“Olá, minha querida.” A voz do velho mago ecoou como se viesse do fundo de um poço.
“Mas...” Eu me percebi lacrimejando. “Você está realmente morto então?”
Ele riu. “Da última vez que conferi.”
“Mas porque? Eu não te fiz-”
“Não, querida. Não foi sua culpa. Era simplesmente a hora certa.”
“Foi uma hora horrível!” Minha surpresa e tristeza transformou-se de repente em raiva. “Você nos deixou antes de termos treinado, e agora Desjardins está atrás de nós e-”
“Minha querida, olhe quão longe vocês chegaram. Perceba quão bem vocês foram. Vocês não precisavam de mim, treino tampouco teria ajudado. Meus irmãos teriam descoberto a verdade sobre vocês cedo o suficiente. Eles são excelentes em farejar deuses menores, eu temo, e eles não teriam intendido.”
“Você sabia, não é? Você sabia que estávamos possuídos por deuses.”
“Hospedeiros dos deuses.”
“Tanto faz! Você sabia.”
“Depois do nosso segundo encontro, sim. Meu único pesar é não ter percebido antes. Eu não poderia proteger você e seu irmão tanto quanto-”

“Tanto quanto quem?”
Os olhos de Iskandar ficaram tristes e distantes. “Eu fiz escolhas, Sadie. Algumas pareceram mais sábias no momento. Algumas, em retrospecto...”
“Sua decisão de proibir os deuses. Minha mãe te convenceu de que era uma má ideia, não foi?”
Suas asas espectrais tremeram. “Você precisa intender, Sadie. Quando o Egito caiu para os Romanos, meu espírito foi pulverizado. Milhares de anos de poder e tradição egípcios ruídos por aquela rainha Cleópatra insensata, que pensou que poderia hospedar uma deusa. O sangue dos faraós parecia fraco e diluído – perdido para sempre. Na época eu culpei a todos – os deuses que usaram os homens para encenar suas ornamentadas desavenças, as regras Ptolomaicas que guiaram o Egito ao chão, meus próprios irmãos da Casa por se tornarem fracos, gananciosos e corruptos. Eu comunguei com Toth, e nós concordamos: os deuses devem ser colocados de lado, banidos. Os magos devem encontrar seu próprio caminho sem eles. As novas regras mantiveram a Casa intacta por mais dois mil anos. Na época, foi a escolha certa.”
“E agora?” Perguntei.
O brilho de Iskandar esmaeceu. “Sua mãe previu um grande embalanço. Ela previu o dia – muito próximo – quando Ma'at seria destruída, e o caos iria reivindicar toda a Criação. Ela insistiu que apenas os deuses e a Casa juntos poderiam prevalecer. O velho modo – o caminho dos deuses – teria que ser restabelecido. Eu era um velho insensato. Eu sabia no meu coração que ela estava certa, mas eu me recusei a acreditar... E seus pais agiram por conta própria. Eles se sacrificaram tentando consertar as coisas, porque eu era muito inflexível para mudar. Por isso, sinto muito.”
Por mais que eu tenha tentado, achei difícil continuar com raiva do velho peru. É muito raro um adulto admitir estar errado para uma criança – principalmente um sábio adulto de dois mil anos de idade. Você prefere estimar esses momentos.
“Eu te perdoo, Iskandar,” Eu disse. “Honestamente. Mas Set está quase para destruir a América do Norte com uma pirâmide vermelha gigante. O que eu faço sobre isso?”
“Isso, minha querida, eu não posso responder. É sua escolha...” Ele voltou sua cabeça para o lago, como se escutasse uma voz. “Nosso tempo chegou ao fim. Eu devo fazer meu trabalho como porteiro, e decidir se permito seu acesso ao Lago de Fogo ou não.”
“Mas eu tenho mais perguntas!”
“E eu gostaria que tivéssemos mais tempo,” disse Iskandar. “Você tem um espírito forte, Sadie Kane. Algum dia você dará um excelente ba guardião.”
“Obrigado,” eu murmurei. “Não posso esperar por ser um passarinho doméstico para sempre.”
“Eu posso te dizer isso: sua escolha se aproxima. Não deixe seus sentimentos cegarem o que é melhor, como eu fiz.”
“Que escolha? Melhor para quem?”
“Essa é a chave, não? Seu pai – sua família – os deuses – o mundo. Ma'at e Isfet, ordem e caos, estão para colidir mais violentamente do que em eras. Você e seu irmão serão instrumentos no balanço dessas forças, ou na destruição total. Isso, também, sua mãe previu.”
“Espere. O que você-”
“Até mais ver, Sadie. Talvez algum dia teremos a chance de conversar mais. Mas por agora, siga em frente! Meu trabalho é estimar sua coragem – e isso você possui em abundância.”
Eu quis argumentar que não, de fato, eu não tinha. Eu quis que Iskandar ficasse e me dissesse exatamente o que minha mãe previu no meu futuro. Mas ele desapareceu,

deixando o deque quieto e imóvel. Apenas então eu percebi que ninguém a bordo havia dito uma palavra.
Eu me virei para o Carter. “Deixando tudo às minhas custas, hein?”
Ele estava fitando o vazio, nem mesmo piscando. Khufu ainda agarrado às minhas pernas, absolutamente petrificado. O rosto de Bast estava congelado em meio a um chiado.
“Hum, pessoal?” Eu estalei meus dedos, e todos descongelaram.
“Ba!” chiou Bast. Então ela olhou ao redor e franziu as sobrancelhas. “Espere, eu acho que eu vi... O que aconteceu?”
Eu me perguntei quão poderoso um mago teria que ser para parar o tempo, congelar até mesmo uma deusa. Algum dia, Iskandar iria me ensinar esse truque, morto ou não.
“Sim,” eu disse. “Eu conto que havia um ba. Já se foi.”
As estátuas dos babuínos começaram a ranger enquanto os braços abaixavam. O disco solar de bronze afundou além da superfície no meio do rio, abrindo caminho para o lago. O barco atirou-se à frente, direto para as chamas e as ondas vermelhas ferventes. Através do calor trepidante, eu só conseguia perceber uma ilha no meio do lago. Nela ergueu-se um templo negro brilhante que não parecia nem um pouco amigável.
“O Salão de Julgamento,” eu chutei.
Bast assentiu. “Em tempos como esse, fico contente por não ter uma alma mortal.”
Quando ancoramos na ilha, Lâmina Sangrenta veio até nós para dizer adeus.
“Espero vê-la novamente, Senhorita Kane,” ele murmurou. “Seus quartos estarão esperando a bordo do Rainha Egípcia. A não ser, é claro, que achem adequado me liberar do serviço.”
Atrás de suas costas, Bast balançou a cabeça duramente.
“Hum, bem, manteremos você por perto,” Eu disse ao capitão. “Obrigado por tudo.”
“Como desejar,” o capitão disse. Se machados pudessem fazer careta, eu tenho certeza que ele teria feito.
“Fique afiado,” Carter o disse, e com Bast e Khufu, nós descemos a plataforma de desembarque. Ao invés de zarpar, o barco simplesmente afundou na lava fervente e desapareceu.
Eu franzi as sobrancelhas para o Carter. “Fique afiado?”
“Eu achei engraçado.”
“Você não tem jeito.”
Nós subimos os degraus do templo negro. Uma floresta de pilares de pedra seguraram o telhado. Toda superfície estava encravada com hieróglifos e imagens, mas não havia cor – só preto e preto. Nevoeiro do lago espalhava-se pelo templo, e apesar das tochas que queimavam em cada pilar, era impossível ver muito longe através das trevas.
“Fique alerta,” Bast disse, farejando o ar. “Ele está próximo.”
“Quem?” Eu perguntei.
“O Cão,” Bast disse com desdenho.
Havia um barulho de rosnado, e uma forma preta gigantesca saltou da névoa. Ela atacou Bast, que rolou e gemeu de um modo muito felino, então saiu correndo, deixando-nos só com a besta. Suponho que ela tenha nos dito que não era muito valente.
O novo animal era lustroso e preto, como o Set animal que vimos em Washington, D.C., mas mais obviamente canino, gracioso e até bonitinho, na verdade. Um chacal, eu percebi, com uma coleira dourada ao redor de seu pescoço.
Então ele morfou em um jovem, e meu coração quase parou. Ele era o garoto dos meus sonhos, literalmente – o garoto de preto que eu vi duas vezes antes nas visões em ba.

Pessoalmente, Anúbis era ainda mais lindo de morrer. [Oh.. há, há. Eu não peguei o trocadilho, mas obrigado, Carter. Deus dos mortos, lindo de morrer. Sim, hilário. Agora, posso continuar?]
Ele tinha uma pele pálida, cabelos desgrenhados, e olhos castanhos como chocolate derretido. Ele estava usando um jeans preto, coturnos (iguais aos meus!), uma camiseta rasgada e uma jaqueta de couro preto que caia muito bem nele. Ele era alto e magro como um chacal. Suas orelhas, como as de um chacal, eram um pouco pontudas (o que eu achei fofo), e ele usava uma corrente dourada no pescoço.
Agora, por favor entenda, eu não sou louca por garotos. Não sou! Eu passei a maior parte do semestre letivo zoando a Liz e Emma, que eram, e eu estava muito agradecida por elas não estarem comigo no momento, pois elas iriam me importunar eternamente.
O garoto de preto espanou a jaqueta. "Eu não sou um cão," ele rosnou.
"Não," eu concordei. "Você é..."
Sem dúvidas eu iria dizer delicioso ou algo igualmente embaraçoso, mas Carter me salvou.
"Você é Anúbis?" Ele perguntou. "Nós viemos pela Pena da Verdade."
Anúbis franziu o cenho. Ele prendeu seu olhos muito amáveis em mim. "Você não está morta."
"Não," eu disse. "Apesar de terrivelmente estarmos tentando muito."
"Eu não lido com os vivos," ele disse com firmeza. Então ele olhou para Khufu e Carter. "Contudo você viaja com um babuíno. Isso demonstra bom gosto. Não te matarei sem que você tenha tido uma chance de explicar. Porque Bast os trouxe aqui?"
"Na verdade," Carter disse, "Toth nos mandou."
Carter começou a contar a história, mas Khufu cortou com impaciência. "Agh! Agh!"
Língua babuína deve ter sido bem eficiente, pois Anúbis concordou como se tivesse pego a narrativa inteira. "Intendo."
Ele franziu o cenho para Carter. "Então você é Horus, e você..." Seu dedo direcionou-se para mim.
"Eu-Eu, hum-" Eu gaguejei. Bem diferente eu ter língua presa, irei admitir, mas olhando para Anúbis eu senti como se eu tivesse acabado de levar uma grande dose de Novocaína no dentista. Carter olhou para mim como se eu tivesse ficado doida.
"Eu não sou Ísis," eu conduzi. "Digo, Ísis está moendo aí por dentro, mas eu não sou ela. Ela está apenas... visitando."
Anúbis inclinou a cabeça. "E vocês dois estão querendo desafiar Set?"
"Essa é a ideia geral," Carter concordou. "Você nos ajudará?"
Anúbis olhou furiosamente. Me lembrei de Toth dizer que Anúbis só estava de bom humor uma vez a cada aeon, por aí. Eu tive a impressão de que esse não era um desses dias.
"Não," ele disse secamente. "Mostrarei o motivo."
Ele se transformou em um chacal e correu de volta ao lugar de onde veio. Carter e eu trocamos olhares. Sem saber mais o que fazer, corremos atrás de Anúbis, mais fundo na escuridão.
No centro do templo havia uma câmara circular que parecia ser dois lugares ao mesmo tempo. De um lado, era um grande salão com braseiros flamejantes e um trono vazio no fundo distante. O centro do cômodo era dominado por um conjunto de balanças – um T de ferro preto com cordas ligadas aos dois pratos dourados, cada um grande o suficiente para caber uma pessoa – mas as balanças estavam quebradas. Um dos pratos dourados estava dobrado em V como se algo muito pesado tivesse pulado em cima dele. O outro prato estava pendurado por uma única corda.

Enrolado na base das balanças, adormecido, estava o monstro mais bizarro que já vi. Ele tinha a cabeça de um crocodilo com juba de leão. A metade frontal de seu corpo era leão, mas as costas eram lustrosas, marrons e gordas – Hipopótamo, eu decidi. A parte estranha era, o animal era minúsculo – quero dizer, não era maior do que um poodle médio, o que eu imagino que o faça um hipocroodle.
Então esse era o salão, pelo menos uma camada dele. Mas ao mesmo tempo, eu parecia estar em um cemitério fantasmagórico – como uma projeção tridimensional sobreposta à sala. Em alguns lugares, o chão de mármore deu lugar à trechos de lama e pedras de pavimentação cobertas de musgo. Filas de tumbas como fileira de casas em miniatura irradiavam do centro da sala num padrão circular. Muitas tumbas foram arrebentadas e abertas. Algumas foram fechadas com tijolos, outras circuladas com cercas de ferro. Ao redor das bordas da câmara, os pilares negros mudaram de forma, às vezes se transformando em antigas árvores ciprestes. Eu senti como se estivesse pisando em dois mundos diferentes, e não conseguisse dizer qual era real.
Khufu galopou diretamente para as balanças quebradas e escalou até o topo, fazendo-se em casa. Ele não prestou nenhuma atenção ao hipocroodle.
O chacal trotou até os degraus do trono e transformou-se novamente em Anúbis.
“Bem,” ele disse. “A última sala que vocês virão.”
Carter olhou ao redor com reverência. “O Salão do Julgamento.” Ele focou no hipocroodle e franziu o cenho. “Isso é o...”
“Ammit, o Devorador,” Anúbis disse. “Lance seu olhar sobre ele e estremeça.”
Ammit aparentemente ouviu seu nome em seu sono. Ele fez um som de latido e virou de costas. Suas pernas de leão e hipopótamo contraídas. Eu me perguntei se monstros do mundo inferior sonhavam com caçar coelhos.
“Eu sempre o imaginei... Maior,” Carter admitiu.
Anúbis olhou Carter de modo áspero. “Ammit tem que ser apenas grande o suficiente para comer os corações dos perversos. Acredite em mim, ele faz bem o seu trabalho. Ou ele fazia bem, de qualquer modo.”
Em cima das balanças, Khufu grunhiu. Ele quase perdeu o equilíbrio na viga central, e o pires dentado tiniu contra o chão.
“Porque as balanças estão quebradas?” Eu perguntei.
Anúbis fechou o rosto. “Ma'at está enfraquecendo. Eu tentei consertá-las, mas...” Ele abriu os braços desamparadamente.
Eu apontei para as filas fantasmagóricas de túmulos. “É por isso que o, ah, cemitério está se conectando?”
Carter olhou para mim de modo estranho. “Que cemitério?”
“As tumbas,” eu disse. “As árvores.”
“Do que você está falando?”
“Ele não pode vê-las,” Anúbis disse. “Mas você, Sadie – você é perceptiva. O que você ouve?”
No primeiro momento eu não soube o que ele quis dizer. Tudo que eu ouvia era o sangue correndo pelos meus ouvidos, e os distantes roncos e estalos do Lago de Fogo. (E Khufu se coçando e grunhindo, mas isso não era novidade.)
Então eu fechei meus olhos, e ouvi outro som distante – música que desencadeou minhas memórias mais jovens, meu pai sorrindo enquanto me carregava em uma dança em nossa casa em Los Angeles.
“Jazz,” eu disse.
Eu abri meus olhos e o Salão do Julgamento se fora. Ou não se fora, mas esvaneceu. Eu ainda podia ver as balanças quebradas e o trono vazio. Mas sem colunas negras, sem crepitar de fogo. Até o Carter, Khufu e Ammit haviam desaparecido.

O cemitério era muito real. Pedras de pavimentação rachadas balançavam sob meus pés. O ar úmido da noite cheirava a especiarias, ensopado de peixe e lugares velhos embolorados. Eu podia estar de volta na Inglaterra – nos arredores de uma igreja em algum canto de Londres, talvez – mas as escrituras nos sepulcros estavam em francês, e o ar era muito suave para um inverno inglês. As árvores eram baixas e exuberantes, cobertas de musgo.
E havia música. Logo após as cercas do cemitério, uma banda de jazz desfilava pela rua em sombrios ternos escuros e chapéus brilhantes e coloridos. Saxofonistas golpeavam para cima e para baixo. Cornetas e clarinetes gemiam. Bateristas sorriam e se balançavam, suas baquetas em vultos. E atrás deles, carregando flores e tochas, uma multidão de foliões com roupas de velório dançavam em volta de um antiquado carro fúnebre enquanto ele seguia seu caminho.
"Onde estamos?" Eu disse, maravilhada.
Anúbis pulou de cima de uma tumba e aterrizou próximo a mim. Ele respirou o ar do cemitério, e suas feições relaxaram. Eu me peguei estudando sua boca, a curva de seu lábio inferior.
"Nova Orleans," ele disse.
"Desculpe?"
"A cidade afogada," ele disse. "No quarteirão francês, no lado ocidental do rio – a costa dos mortos. Eu amo esse local. É por isso que o Salão do Julgamento frequentemente se conecta a essa parte do mundo mortal."
A procissão de jazz fez seu caminho pela rua, dragando mais espectadores para a festa.
"O que eles estão celebrando?"
"Um funeral," Anúbis disse. "Eles acabaram de colocar o falecido em sua tumba. Agora estão 'soltando o corpo'. Os que estão de luto celebram a vida do morto com música e dança enquanto escoltam o carro funerário para longe do cemitério. Muito egípcio, esse ritual."
"Como você sabe tanto?"
"Eu sou o deus dos funerais. Eu conheço todos os costumes de morte ao redor do mundo – como morrer apropriadamente, como preparar o corpo e a alma para o pós-vida. Eu vivo para a morte."
"Você deve ser divertido em festas," eu disse. "Poque você me trouxe aqui?"
"Para conversar." Ele abriu as mãos e a tumba mais próxima estremeceu. Uma longa fita branca atirou-se de uma rachadura na parede. A fita simplesmente continuou vindo, tecendo-se em um tipo de forma ao redor de Anúbis, e meu primeiro pensamento foi, Meu deus, ele tem um rolo de papel higiênico mágico.
Então eu percebi que era tecido, um pedaço de invólucro de linho – invólucro de múmia. O pano torceu-se em forma de um banco, e Anúbis se sentou.
"Eu não gosto do Horus." ele fez um gesto para eu me sentar ao seu lado. "Ele é barulhento, arrogante e acha que é melhor do que eu. Mas Ísis sempre me tratou como um filho."
Eu cruzei meus braços. "Você não é meu filho. E eu te disse que não sou Ísis."
Anúbis inclinou sua cabeça. "Não, você não age como um deus menor. Você me lembra sua mãe."
Aquilo me atingiu como um balde de água fria (e infelizmente eu sabia bem como isso era, graças à Zia).
"Você conheceu minha mãe?"
Anúbis piscou, como se percebesse que fez algo errado. "E-Eu conheço todos os mortos, mas o caminho de cada espírito é secreto. Eu não deveria ter falado."

“Você não pode simplesmente dizer algo assim e então se recusar a falar! Ela está no pós-vida egípcio? Ela passou no seu pequeno Salão do Julgamento?”
Anúbis olhou desconfortavelmente para as balanças douradas, que tremeluziam como uma miragem no cemitério. “Não é meu salão. Eu meramente cuido dele até que Osíris retorne. Me desculpe se eu te preocupei, mas não posso dizer mais nada. Eu não sei nem porque eu disse algo. É só que... sua alma possui um brilho similar. Um forte brilho.”
“Que lisonjeiro,” eu grunhi. “Minha alma brilha.”
“Desculpe,” ele disse novamente. “Por favor, sente-se.”
Eu não tinha interesse em deixar o assunto morrer, ou sentar com ele em um monte de faixa de múmia, mas minha abordagem direta para coleta de informações não parecia estar funcionando. Eu me deixei cair no banco e tentei parecer o mais zangada possível.
“E então.” Eu o dei um olhar enfurecido. “O que é essa forma, então? Você é um deus menor?”
Ele franziu o cenho e colocou a mão no peito. “Você quer dizer, se eu estou habitando um corpo humano? Não, eu posso habitar qualquer cemitério, qualquer lugar de morte e lamúria. Essa é minha aparência natural.”
“Oh.” Parte de mim tinha esperanças de que havia na verdade um garoto sentado do meu lado – alguém que simplesmente estivesse hospedando um deus. Mas eu deveria saber que isso era bom de mais para ser verdade. Me senti desapontada. Então senti raiva de mim mesma por me sentir desapontada.
Não é como se houvesse algum potencial, Sadie, eu me repreendi. Ele é o maldito deus dos funerais, ele tem uns cinco mil anos.
“Então,” eu disse, “se você não pode me dizer nada útil, pelo menos me ajude. Nós precisamos da Pena da Verdade.”
Ele balançou a cabeça. “Você não sabe o que está pedindo. A Pena da Verdade é muito perigosa. Dá-la a um mortal seria contra as regras de Osíris.”
“Mas Osíris não está aqui.” Eu apontei para o trono vazio. “Aquele é o assento dele, não é? Você vê Osíris?”
Anúbis olhou para o trono. Ele correu os dedos por sua corrente dourada como se ela estivesse ficando mais apertada. “É verdade que eu estive esperando por eras, mantendo meu posto. Eu não fui preso como os outros. Não sei o motivo... mas eu fiz o melhor que eu pude. Quando ouvi que os cinco haviam sido soltos, eu esperei que o Senhor Osíris fosse voltar, mas...” ele balançou a cabeça abatido. “Porque ele negligenciaria suas atribuições?”
“Provavelmente porque ele está preso dentro do meu pai.”
Anúbis olhou para mim. “O babuíno não me explicou isso.”
“Bem, eu não posso explicar tão bem quanto um babuíno. Mas basicamente meu pai quis liberar alguns deuses por rasões que eu não... Talvez ele pensou, vou estrondar o museu britânico e explodir a Pedra Rosetta! E ele liberou Osíris, mas também veio Set e o resto do fado.”
“Então set prendeu seu pai enquanto ele estava hospedando Osíris,” Anúbis disse. “O que significa que Osíris também foi preso por meu-” Ele parou a si mesmo. “por Set.”
Interessante, eu pensei.
“Você compreende, então,” eu disse. “Você tem que nos ajudar.”
Anúbis hesitou, então balançou a cabeça. “Não posso. Entrarei em problemas.”
Eu somente olhei para ele e ri. Eu não conseguia evitar, ele soou tão ridículo. “Você entrará em problemas? Qual sua idade, dezesseis? Você é um deus!”
Era difícil de dizer no escuro, mas eu podia jurar que ele ficou vermelho. “Você não intende. A pena não pode tolerar a menor mentira. Se eu te desse, e você dissesse uma

única inverdade enquanto a carrega, ou agisse de um modo que não fosse verdadeiro, você queimaria em cinzas."
"Você está presumindo que sou uma mentirosa."
Ele piscou. "Não, eu somente-"
"Você nunca contou uma mentira? O que você ia dizer agora – sobre Set? Ele é seu pai, eu acho. É isso?"
Anúbis fechou sua boca, então abriu-a novamente. Ele parecia querer ficar com raiva, mas não se lembrava como. "Você é sempre tão irritante?"
"Geralmente mais," eu admiti.
"Porque sua família não te casou com alguém muito, muito longe?"
Ele perguntou como se fosse uma questão honesta, e agora era minha vez de ficar pasma. "Com licença, garoto morte! Mas eu tenho doze anos! Bem... quase treze, e um quase treze muito maduro, mas esse não é o ponto. Nós não 'casamos' garotas na minha família, e você pode saber tudo sobre funerais, mas aparentemente você não está muito atualizado em rituais de cortejo!"
Anúbis parecia mistificado. "Aparentemente não."
"Certo! Espere – sobre o que estávamos falando? Oh, pensou que poderia me distrair, hein? Eu me lembro. Set é seu pai, não é? Fale a verdade."
Anúbis olhou pelo cemitério. O som do funeral jazz estava desaparecendo nas ruas do Quarteirão Francês.
"Sim," ele disse. "Pelo menos, isso é o que a lenda diz. Eu nunca o conheci. Minha mãe, Néftis, me deu à Osíris quando eu era uma criança."
"Ela... te deu?"
"Ela disse que não queria que eu conhecesse meu pai. Mas na verdade, eu não sei se ela sabia o que fazer comigo. Eu não era como meu primo Horus. Eu não era um guerreiro. Eu era... uma criança diferente."
Ele soou tão amargo, que eu não soube o que falar. Quero dizer, eu perguntei a verdade, mas normalmente você não recebe isso, especialmente de garotos. Eu também sabia algo sobre ser uma criança diferente – e sentir como se meus pais houvessem de abandonado.
"Talvez sua mãe estivesse tentando te proteger," eu disse. "Seu pai sendo Senhor do Mal, e tudo."
"Talvez," ele disse sem emoção. "Osíris me acolheu sob suas asas. Ele me fez o Senhor dos Funerais, o Mantenedor dos Caminhos da Morte. É um bom trabalho, mas... você me perguntou minha idade. A verdade é que eu não sei. Os anos não passam na Terra dos Mortos. Eu ainda me sinto bem novo, mas o mundo ficou velho ao meu redor. E Osíris se foi há tanto tempo... Ele é a única família que tive."
Olhando para Anúbis na penumbra do cemitério, eu vi um adolescente solitário. Eu tentei lembrar a mim mesmo que ele era um deus, provavelmente capaz de controlar poderes muito além de papel higiênico mágico. Mas eu ainda sentia pena dele.
"Ajude-nos a resgatar meu pai," eu disse. "Nós enviaremos Set de volta para o Duat, e Osíris será livre. Nós todos seremos felizes."
Anúbis balançou a cabeça novamente. "Eu te disse-"
"Suas balanças estão quebradas," eu notei. "É porque Osíris não está aqui, penso. O que acontece com todas as almas que vem para o julgamento?"
Eu sabia que havia acertado um nervo. Anúbis se mexeu desconfortavelmente no banco. "Isso aumenta o caos. As almas ficam confusas. Algumas não conseguem ir ao pós-vida. Algumas conseguem, mas devem procurar outros modos. Eu tento ajudar, mas... o Salão do Julgamento também é chamado de Salão de Ma'at. Ele é destinado a ser o centro da ordem, uma base sólida. Sem Osíris ele está caindo em ruínas, desintegrando."

“Então o que você está esperando? Nos dê a pena. A não ser que você esteja com medo de que seu pai te deixe de castigo.”
Seus olhos piscaram com irritação. Por um momento eu achei que ele estava planejando meu funeral, mas ele simplesmente suspirou em exaspero. “Eu faço uma cerimônia chamada abertura da boca. Isso deixa a alma da pessoa sair. Para você, Sadie Kane, eu inventaria uma nova cerimônia: o fechamento da boca.”
“Há, há. Você vai me dar a pena ou não?”
Ele abriu sua mão. Houve uma explosão de luz, e uma pena brilhante flutuou sobre sua palma – uma pluma nívea como uma pena de escrever. “Pelo amor de Osíris – mas eu insistirei em várias condições. Primeiro, somente você poderá manipulá-la.”
“Bem, é claro. Você não acha que eu deixaria Carter - “
“Também, você deve escutar minha mãe, Néftis. Khufu me disse que você a estava procurando. Se você conseguir encontrá-la, escute-a.”
“Fácil,” eu disse, apesar do pedido ter me deixado estranhamente desconfortável. Porque Anúbis pediria algo assim?
“E antes que você vá,” Anúbis continuou, “você deve me responder três perguntas enquanto segura a Pena da Verdade, para provar que você é honesta.”
Minha boca ficou seca de repente. “Hum... Que tipo de perguntas?”
“Qualquer uma que eu quiser. E lembre-se, a menor mentira te destruirá.”
“Me dê a maldita pena.”
Quando ele me entregou, a pena parou de brilhar, mas eu a senti mais quente e mais pesada do que uma pena deveria ser.
“É a pena da calda de um bennu,” Anúbis explicou, “O que vocês chamariam de fênix. Pesa exatamente o mesmo que uma alma humana. Está pronta?”
“Não,” eu disse, o que deve ter sido verdadeiro, afinal não queimei. “Isso conta como uma pergunta?”
Anúbis na verdade sorriu, o que eu achei bem deslumbrante. “Suponho que sim. Você barganha como um comerciante marítimo fenício, Sadie Kane. Segunda pergunta então: você daria sua vida por seu irmão?”
“Sim,” eu disse imediatamente.
(Eu sei. Também me surpreendeu. Mas segurar a Pena da Verdade me obrigou a ser verdadeira. Obviamente não me fez mais sábia.)
Anúbis assentiu, aparentemente sem surpresa. “Última pergunta: Se isso significa salvar o mundo, você está preparada para perder seu pai?”
“Essa não é uma pergunta justa!”
“Responda honestamente.”
Como eu poderia responder algo assim? Não era um simples sim/não.
É claro que eu sabia a resposta “certa”. A heroína deve recusar sacrificar seu pai. Então ela audaciosamente vai e salva o pai e o mundo, certo? Mas e se fosse realmente um ou outro? O mundo inteiro era um lugar demasiadamente grande: Vovô e vovó, Carter, Tio Amos, Bast, Khufu, Liz e Emma, todos que já conheci. O que meu pai diria se eu o escolhesse, ao invés?
“Se... se realmente não houver outro modo,” eu disse. “Nenhum outro jeito – Ah, para com isso. É uma pergunta ridícula.”
A pena começou a brilhar.
“Tudo bem,” eu abrandei. “Se eu tiver, então eu suponho... Eu suponho que eu salvaria o mundo.”
Uma horrível culpa se esmagou em mim. Que tipo de filha eu era? Eu apertei o amuleto de Tyet no meu colar – minha única lembrança do papai. Eu sei o que muitos de vocês pensarão: você mal viu seu pai. Você mal o conhecia. Porque você ligaria tanto?

Mas isso não o fazia ser menos meu pai, fazia? Ou o pensamento de perdê-lo para sempre menos horrível. E o pensamento de falhar com ele, de voluntariamente escolher deixá-lo morrer mesmo para salvar o mundo – que tipo de pessoa horrível era eu?
Eu mal podia olhar Anúbis nos olhos, mas quando eu pude, sua expressão suavizou-se.
“Eu acredito em você, Sadie.”
“Oh, realmente. Eu estou segurando a maldita Pena da Verdade, e você acredita em mim. Bem, obrigado.”
“A verdade é severa,” Anúbis disse. “Espíritos vêm ao Salão do Julgamento todo o tempo, e eles não conseguem abandonar suas mentiras. Eles negam suas culpas, seus reais sentimentos, seus erros... Até o momento em que Ammit devora suas almas para a eternidade. É necessário força e coragem para admitir a verdade.”
“Sim. Me sinto tão forte e corajosa. Obrigado.”
Anúbis levantou-se. “Eu deveria deixá-la agora. Vocês estão ficando sem tempo. Em menos de vinte e quatro horas, o sol irá nascer no aniversário de Set, e ele completará sua pirâmide – a não ser que você o impeça. Talvez, na próxima vez que nos encontrarmos-”
“Você será igualmente irritante?” Eu chutei.
Ele me fitou com aqueles mornos olhos castanhos. “Ou talvez você possa me atualizar aos modernos rituais de cortejo.”
Eu permaneci sentada aturdida até que ele me deu um vislumbre de um sorriso – apenas o suficiente para eu saber que ele estava provocando. Então ele desapareceu.
“Oh, muito engraçado!” Eu gritei. A balança e o trono sumiram. O banco de linho desfiou-se e me despejou no meio do chão. Carter e Khufu apareceram próximos a mim, mas eu simplesmente continuei gritando para o lugar onde Anúbis estivera, chamando-o de alguns nomes escolhidos.
“O que está acontecendo?” Carter pediu. “Onde estamos?”
“Ele é horrível!” Eu grunhi. “Cheio de si, sarcástico, inacreditavelmente gato, insuportável-”
“Agh!” Khufu reclamou.
“É,” Carter concordou. “Você pegou a pena ou não?”
Eu levantei minha mão e ali estava – uma pluma branca brilhante flutuando acima dos meus dedos. Eu fechei meu punho e ela sumiu novamente.
“Uah,” disse Carter. “Mas e quanto ao Anúbis? Como você-”
“Vamos encontrar Bast e dar o fora daqui,” eu interrompi. “Nós temos trabalho para fazer.”
E eu marchei para fora do cemitério antes que ele fizesse mais perguntas, pois eu não estava no clima para falar a verdade.

VINTE E NOVE

ZIA MARCA UM ENCONTRO

[É, muito obrigado, Sadie. Você conta a parte da Terra dos Mortos. Eu descrevo a interestadual 10 pelo Texas.]

Resumindo: Foi super demorada e totalmente entediante, a não ser que sua ideia de diversão seja assistir vacas pastando.

Nós deixamos Nova Orleans por volta de 1 da manhã do dia vinte e oito de Dezembro, o dia anterior ao qual Set planejava destruir o mundo. Bast pegou "emprestado" um trailer – uma sobra da FEMA (*Agência Federal de Gerenciamento de Emergências)* do Furacão Katrina. Primeiramente Bast sugeriu pegar um avião, mas depois que eu contei sobre o sonho com os magos em um voo explodindo, nós concordamos que aviões poderiam não ser uma boa ideia. A deusa dos céus Nut nos prometeu viagens aéreas seguras até Mênfis, mas eu não queria abusar da sorte enquanto chegávamos perto de Set.

"Set não é nosso único problema," Bast disse. "Se sua visão está correta, os magos estão se aproximando. E não são quaisquer magos – o próprio Desjardins."

"E Zia," Sadie adicionou, só para me irritar.

No fim, decidimos que era mais seguro dirigir, mesmo que fosse mais lento. Com sorte, chegaríamos em Fênix bem à tempo de desafiar Set. Quanto à Casa da Vida, tudo que poderíamos fazer era esperar evitá-los enquanto fazíamos nosso trabalho. Talvez uma vez que houvéssemos lidado com Set, os magos decidiriam que éramos legais. Talvez...

Eu continuei pensando em Desjardins, me perguntando se ele realmente poderia ser um hospedeiro para Set. Um dia atrás, isso fez todo o sentido. Desjardins queria acabar com a família Kane. Ele odiava nosso pai, e ele nos odiava. Ele provavelmente esteve esperando décadas, até séculos, pela morte de Iskandar, então ele poderia ser o Leitor Chefe. Poder, raiva, arrogância, ambição: Desjardins tinha tudo. Se Set estivera procurando por uma alma gêmea, literalmente, ele não conseguiria achar algo muito melhor. E se Set pudesse começar uma guerra entre deuses e magos através do controle do Leitor Chefe, o único vencedor seria as forças do caos. Além do mais, Desjardins era um cara fácil de odiar. Alguém sabotou a casa de Amos e avisou Set que Amos estava vindo.

Mas o modo que Desjardins salvou aquelas pessoas no avião – aquilo simplesmente não pareceu com algo que o Senhor do Mal faria.

Bast e Khufu revesaram-se na direção enquanto Sadie e eu cochilamos. Eu não sabia que babuínos podiam dirigir veículos recreacionais, mas Khufu foi bem. Quando acordei por volta do amanhecer, ele estava navegando pela hora do rush em Houston, desnudando suas presas e ladrando bastante, e nenhum dos outros motoristas pareciam perceber algo fora do comum.

Para o café da manhã, Sadie, Bast e eu nos sentamos na cozinha do trailer enquanto os armários abriram-se, os pratos tiniram e milhas e milhas de nada saíram de dentro. Bast havia surrupiado alguns lanches e bebidas (e Friskies, é claro) em uma conveniência 24hrs de Nova Orleans antes de sairmos, mas ninguém parecia muito faminto. Eu podia

dizer que Bast estava ansiosa. Ela já havia fatiado a maior parte do estofado do trailer, e estava agora usando a mesa da cozinha para arranhar.
Enquanto à Sadie, ela continuou abrindo e fechando a mão, olhando para a Pena da Verdade como se fosse um telefone que ela gostaria que tocasse. Desde seu desaparecimento no Salão do Julgamento, ela esteve agindo toda distante e quieta. Não que eu esteja reclamando, mas isso não parecia ela.
“O que aconteceu com Anúbis?” Eu perguntei pela milionésima vez.
Ela olhou-me pronta para arrancar minha cabeça. Então ela aparentemente decidiu que eu não valia o esforço. Ela fixou seus olhos na pena brilhante que flutuava em cima de sua mão.
“Nós conversamos,” ela disse cuidadosamente. “Ele fez algumas perguntas.”
“Que tipo de pergunta?”
“Carter, não pergunte. Por favor.”
Por favor? Ok, isso realmente não parecia com a Sadie.
Eu olhei para Bast, mas ela não era ajuda alguma. Ela estava lentamente destruindo a fórmica em pedaços com suas garras.
“O que há de errado?” Perguntei para ela.
Ela manteve seus olhos na mesa. “Na terra dos mortos, eu abandonei vocês. Novamente.”
“Anúbis te assustou,” eu disse. “Não há nada de mais.”
Bast virou seus grandes olhos amarelos para mim, e eu fiquei com a sensação de que eu só havia piorado as coisas.
“Eu fiz uma promessa para seu pai, Carter. Em troca da minha liberdade, ele me deu um trabalho ainda mais importante do que lutar contra a Serpente: proteger Sadie – e se isso se tornasse necessário, proteger vocês dois.”
Sadie ficou vermelha. “Bast, isso é... quero dizer, obrigada e tudo, mas nós dificilmente somos mais importantes do que lutar contra... você sabe, ele.”
“Você não intende,” Bast disse. “Vocês dois não são somente sangue dos faraós. Vocês são as crianças reais mais poderosas a nascer em séculos. Vocês são as únicas chances que temos de reconciliar os deuses e a Casa da Vida, de reaprendermos os modos antigos antes que seja tarde de mais. Se vocês puderem aprender o caminho dos deuses, vocês poderiam encontrar outros com sangue real e ensiná-los. Vocês poderiam revitalizar a Casa da Vida. O que seus pais fizeram – tudo que eles fizeram, foi para preparar o caminho para vocês.”
Sadie e eu estávamos silenciosos. Quero dizer, o que você responde para algo assim? Eu acho que eu sempre senti que meus pais me amaram, mas intencionar morrer por mim? Acreditar que isso era necessário então Sadie e eu poderíamos fazer uma impressionante salvação mundial? Eu não pedi por isso.
“Eles não queriam deixá-los sozinhos,” Bast disse, lendo minha expressão. “Mas eles sabiam que liberar os deuses seria perigoso. Acredite em mim, eles compreenderam quão especial vocês são. Primeiramente, eu estava protegendo-os porque eu havia prometido. Agora, mesmo que eu não houvesse prometido, eu iria. Vocês dois são como gatinhos para mim. Não falharei com vocês novamente.”
Admito que fiquei com um nó na garganta. Nunca fui chamado de gatinho de alguém antes.
Sadie fungou. Ela limpou algo de baixo do olho. “Você não vai nos lavar, vai?”
Era bom ver Bast sorrir novamente. “Tentarei resistir. E por falar nisso, Sadie, estou orgulhosa de você. Lidando com Anúbis sozinha – esses deuses da morte podem ser clientes desagradáveis.”

Sadie encolheu os ombros. Ela parecia estranhamente desconfortável. “Bem, eu não o chamaria de desagradável. Quero dizer, ele mal parecia mais do que um adolescente.”
“Do que você está falando?” Eu disse. “Ele tinha a cabeça de um chacal.”
“Não, quando ele virou humano.”
“Sadie...” Eu estava começando a me preocupar com ela agora. “Quando Anúbis virou humano ele ainda tinha a cabeça de um chacal. Ele era gigante, aterrorizante e, sim, bem desagradável. Porque? Como ele pareceu pra você?”
Suas bochechas avermelharam. “Ele pareceu... com um garoto mortal.”
“Provavelmente um glamour,” Bast disse.
“Não,” Sadie insistiu. “Não poderia ser.”
“Bem, isso não é importante,” eu disse. “Nós conseguimos a pena.”
Sadie inquietou-se, como se isso fosse muito importante. Mas então ela fechou seu punho e a pena da verdade desapareceu. “Isso não vai nos ajudar sem o nome secreto de Set.”
“Estou trabalhando nisso.” O olhar de Bast correu pela sala – ela parecia estar com medo de ser ouvida. “Eu tenho um plano. Mas é perigoso.”
Eu sentei mais à frente. “O que é?”
“Nós teremos que fazer uma parada. Eu preferiria não nos causar mau agouro até chegarmos mais próximo, mas está no nosso caminho. Não deve causar muito atraso.”
Eu tentei calcular. “Essa é a manhã do segundo Dia Demoníaco?”
Bast concordou. “O dia em que Horus nasceu.”
“E o aniversário de Set é amanhã, o terceiro Dia Demoníaco. Isso significa que temos em média vinte e quatro horas até ele destruir a América do Norte.”
“E se ele colocar as mãos em nós,” Sadie adicionou. “Ele irá aumentar ainda mais seus poderes.”
“Será tempo suficiente,” Bast disse. “São aproximadamente vinte e quatro horas de Nova Orleans à Phenix, e nós já estamos na estrada há mais de cinco horas. Se nós não tivermos mais nenhuma surpresa desagradável - “
“Do tipo que temos todos os dias?”
“Sim,” Bast admitiu. “Como essas.”
Eu dei um suspiro trêmulo. Vinte e quatro horas e estaria terminado, de um modo ou de outro. Nós salvaríamos o papai e pararíamos Set, ou tudo teria sido em vão – não apenas o que Sadie e eu fizemos, mas todo o sacrifício de nossos pais também. De repente eu senti que estava no subterrâneo novamente, naqueles túneis do Primeiro Nomo, com milhões de toneladas de pedras sobre minha cabeça. Uma pequena mudança no solo, e tudo viria caindo abaixo.
“Bem,” eu disse. “Se vocês precisarem de mim, estarei lá fora, brincando com objetos afiados.”
Eu peguei minha espada e encabecei para os fundos do trailer.
Eu nunca vi uma casa móvel com uma sacada antes. O letreiro nas costas da porta avisava para não usá-la com o veículo em movimento, mas eu usei de qualquer modo.
Não era o melhor lugar para praticar esgrima. Era muito pequeno, e duas cadeiras pegavam a maior parte do espaço. O vento frio chicoteava à minha volta, e cada solavanco na estrada me desequilibrava. Mas era o único lugar eu poderia ir para estar só. Eu precisava limpar meus pensamentos.
Eu pratiquei invocar minha espada do Duat e colocá-la de volta. Logo, eu podia fazer isso quase todas as vezes, tão longo quanto eu mantivesse a concentração. Então eu pratiquei alguns movimentos – bloqueios, golpes e ataques – até Horus não resistir em oferecer seus concelhos.

Levante mais a lâmina, ele instruiu. Mais como um arco, Carter. A lâmina é projetada para acolchetar uma arma do inimigo.
Cala a boca, eu murmurei. Onde você esteve quando precisei de ajuda na quadra de basquete? Mas eu tentei segurar a espada do modo que ele falou e descobri que ele estava certo.
A estrada feria por longos trechos de cerrado vazio. De vez em quando passávamos por um trator de um fazendeiro ou o SUV de uma família, e o motorista ficaria de olhos arregalados ao me ver: uma criança negra balançando uma espada na traseira de um trailer. Eu somente sorria e acenava, e a direção de Khufu logo os deixaria na poeira.
Depois de uma hora de prática, minha camisa estava presa ao meu peito com suor gelado. Minha respiração estava pesada. Eu decidi sentar e tirar uma pausa.
“Se aproxima,” Horus me disse. Sua voz soou mais substancial, não mais em minha cabeça. Eu olhei próximo a mim e o vi tremeluzindo em uma aura dourada, sentado na outra espreguiçadeira usando sua armadura de couro e seus pés com sandálias em cima da grade. Sua espada, uma cópia fantasmagórica da minha, estava apoiada ao seu lado.
“O que está aproximando?” Eu perguntei. “A luta com Set?”
“Isso, com certeza,” Horus disse. “Mas há outro desafio antes desse, Carter. Esteja preparado.”
“Ótimo. Como se eu já não tivesse tido desafios bastantes.”
Os olhos prata e dourado de Horus brilharam. “Quando eu estava crescendo, Set tentou me matar várias vezes. Minha mãe e eu fugimos de local a local, escondendo dele até que eu fosse velho o suficiente para enfrentá-lo. O Senhor Vermelho enviará as mesmas forças contra você. O próximo virá-”
“No rio,” eu chutei, lembrando da minha última viagem em espírito. “Algo ruim irá acontecer no rio. Mas qual é o desafio?”
“Você tem que ter cuidado-” a imagem de Horus começou a esvanecer, e o deus franziu o cenho. “O que é isso? Alguém está tentando – uma força diferente-”
Ele foi trocado pela imagem brilhante de Zia Radish.
“Zia!” Eu me levantei, subitamente consciente do fato que eu estava suado e sujo e parecia que tinha sido arrastado pela Terra dos Mortos.
“Carter?” Sua imagem tremeluziu. Ela estava agarrando seu bastão e vestia um casaco cinza embrulhado sobre suas vestes como se ela estivesse em um lugar frio. Seu cabelo preto curto dançava em volta de seu rosto. “Graças à Toth eu te encontrei.”
“Como você chegou até aqui?”
“Não há tempo! Escute: nós estamos vindo atrás de vocês. Desjardins, eu, e dois outros. Nós não sabemos exatamente onde vocês estão. Os feitiços de localização de Desjardins estão tendo problemas em encontrá-los, mas ele sabe que estamos nos aproximando. E ele sabe onde vocês estão indo – Phoenix.”
Minha mente começou a correr. “Então ele finalmente acredita que Set está livre? Vocês estão vindo para ajudar-nos?”
Zia sacudiu a cabeça. “Ele está indo para te impedir.”
“Impedir-nos? Zia, Set está para explodir o continente! Meu pai-” minha voz morreu. Eu odiei quão assustado e impotente eu soei. “Meu pai está com problemas.”
Zia estendeu uma mão reluzente, mas era apenas uma imagem. Nossos dedos não podiam se tocar. “Carter, me desculpe. Você tem que ver o ponto de vista de Desjardins. A Casa da Vida tem tentado manter os deuses presos por séculos para prevenir algo assim de acontecer. Agora que vocês os soltaram-”
“Não foi ideia minha!”

“Eu sei, mas vocês estão tentando lutar contra Set com magia divina. Deuses não podem ser controlados. Vocês poderiam terminar causando ainda mais estragos. Se vocês deixarem a Casa da Vida fazer isso-”
“Set é muito poderoso,” eu disse. “E eu posso controlar Horus. Eu posso fazer isso.”
Zia sacudiu a cabeça. “Vai ficar mais difícil enquanto você chega mais próximo de Set. Você não faz ideia.”
“E você faz?”
Ela olhou nervosamente para a esquerda. Sua imagem tornou-se imprecisa, como um sinal de televisão ruim. “Nós não temos muito tempo. Mel sairá do banheiro logo.”
“Vocês têm um mago chamado Mel?”
“Só escute. Desjardins está nos dividindo em dois times. O plano é para cortar-vos de ambos os lados e interceptá-los. Se meu time os alcançar primeiro, eu acho que consigo impedir que Mel ataque pelo tempo suficiente de conversarmos. Então talvez nós possamos descobrir um modo de aproximar de Desjardins e convencê-lo que temos que cooperar.”
“Não intenda de modo errado, mas porque eu deveria confiar em você?”
Ela franziu os lábios, parecendo genuinamente ferida. Parte de mim se sentiu culpado, enquanto parte de mim se preocupou se isso era um truque.
“Carter, eu tenho algo pra te dizer. Algo que pode ajudar, mas tem que ser dito pessoalmente.”
“Diga-me agora.”
“Pelo bico de Toth! Você é impossivelmente teimoso.”
“É, isso é um dom.”
Nós prendemos os olhares. Sua imagem estava desbotando, mas eu não queria que ela fosse. Eu queria conversar mais.
“Se você não vai confiar em mim, eu terei que confiar em você,” Zia disse. “Eu providenciarei para estar em Las Cruces, Novo México, hoje à noite. Se você escolher me encontrar, talvez nós possamos convencer Mel. Então juntos, nós convenceremos Desjardins. Você virá?”
Eu quis prometer, só para vê-la, mas eu me imaginei tentando convencer Sadie ou Bast de que isso era uma boa ideia. “Eu não sei, Zia.”
“Somente pense nisso,” ela declarou. “E Carter, não confie no Amos. Se você o ver-”
Seus olhos arregalaram. “Mel está aqui!” Ela sussurrou.
Zia golpeou seu bastão à sua frente e sua imagem desapareceu.

CARTER

TRINTA

BAST MANTÉM A PROMESSA

HORAS DEPOIS, EU ACORDEI NO SOFÁ DO RV com Bast sacudindo meu braço.
“Chegamos,” ela anunciou.
Eu não tinha ideia de quanto tempo tinha passado desacordado. Em algum ponto, a paisagem achatada e o tédio completo me fizeram cair no sono, e eu comecei a ter sonhos ruins sobre magos minúsculos voando ao redor do meu cabelo, tentando me deixar careca. Em algum lugar lá, eu havia tido um pesadelo sobre Amos também, mas foi confuso. Eu ainda não entendia porque Zia o mencionaria.
Eu pisquei para despertar e percebi que minha cabeça estava no colo de Khufu. O baboon estava catando meu couro cabeludo em busca de lanche.
“Cara” Eu levantei cambaleando. “Nada legal.”
“Mas ele fez em você um penteado adorável,” Sadie disse.
“Agh- agh!” Khufu concordou.
Bast abriu a porta do trailer. “Vamos,” ela disse. “Nós teremos que andar a partir de agora.”
Quando eu alcancei a porta quase tive um ataque do coração. Estávamos estacionados em uma estrada na montanha tão estreita que o RV teria despencado se eu espirrasse.
Por um segundo, temi que já estivéssemos em Phoenix, porque a paisagem era semelhante. O sol estava se pondo no horizonte. O limite das montanhas acidentadas erguia-se de cada lado, e o chão desértico entre elas parecia não ter fim. Em um vale à nossa esquerda jazia uma cidade sem cor - dificilmente algumas árvores ou grama, apenas areia, pedregulhos, e construções. Porém a cidade era muito menor que Phoenix, e um grande rio traçava seu limite ao sul, e o vermelho cintilava na luz que se esvanecia. O rio fazia uma curva em volta da base das montanhas abaixo de nós antes de sumir no norte.
“Estamos na lua,” Sadie murmurou.
“El Paso, Texas,” Bast corrigiu. “E aquele é o Rio Grande.” Ela inspirou longamente o ar seco. “Uma civilização fluvial no deserto. Parece muito com Egito, na verdade! Er, exceto o fato de que o México está bem próximo. Eu acho que é o melhor lugar para invocar Nephthys.”
“Você acha mesmo que ela irá nos contar o nome secreto de Set?” Sadie perguntou.
Bast ponderou. “Nephthys é imprevisível, mas ela já se posicionou contra o marido antes. Nós podemos esperar.”
Aquilo não soou muito promissor. Eu encarei o rio muito abaixo. “Por que você estacionou na montanha? Por que não mais perto?”
Bast deu de ombros, como se isso não houvesse ocorrido a ela. “Gatos gostam de estar tão alto quanto possível. No caso de termos que atacar alguma coisa.”
“Ótimo,” Eu disse,” Então se tivermos que atacar, estaremos preparados.”
“Não é tão ruim,” Bast disse. “Nós apenas faremos nosso caminho descendo até o rio, atravessando umas poucas milhas de areia, cactos e cobras cascavéis, tomando cuidado com a patrulha da fronteira, traficantes de pessoas, magos e demônios - e invocar Nephthys.”

Sadie assoviou. “Bem, eu estou animada!”
“Agh,” Khufu concordou miseravelmente. Ele cheirou o ar e rosnou.
“Ele fareja perigo,” Bast traduziu. “Algo ruim está para acontecer.”
“Até eu poderia farejar aquilo.” Eu resmunguei, e nós seguimos Bast montanha abaixo.
Sim, Horus disse. Eu me lembro desse lugar.
É El Paso, eu disse a ele. A menos que você tenha vindo aqui por comida mexicana, você nunca esteve aqui.
Eu me lembro muito bem, ele insistiu. O pântano, o deserto.
Eu parei e olhei ao redor. De repente eu me lembrei desse lugar também. Cerca de cinqüenta metros à nossa frente, o rio espalhava-se em uma área pantanosa - uma teia de afluentes que se moviam devagar cortando uma rasa depressão dentro do deserto. A grama era alta ao longo da margem. Devia ter algum tipo de vigilância, como era uma fronteira internacional e tudo mais, mas eu não notei nenhuma.
Eu tinha estado aqui na forma ba. Eu pude imaginar uma cabana lá no pântano, Isis e o jovem Horus se escondendo de Set. E precisamente rio abaixo - foi onde eu tinha sentido algo negro movendo-se debaixo d’água, esperando por mim.
Eu agarrei o braço de Bast quando ela estava a alguns passos da margem. “Fique longe da água.”
Ela franziu o cenho. “Carter, eu sou uma gata. Eu não estou a fim de um mergulho. Mas se você quer invocar uma deusa do rio, você realmente precisa fazer isso na margem.”
Ela fez isso soar ao lógico que eu me senti estúpido, mas não pude fazer nada. Algo de ruim estava pra acontecer.
O que é isso? Eu perguntei a Horus. O que é o desafio?
Mas o meu deus de passeio permanecia em um silêncio nada tranqüilizador, como que esperando.
Sadie arremessou uma pedra na água turva e marrom. Ela afundou com um sonoro ker-plunk!
“Para mim parece bem seguro,” ela disse, e desceu movendo-se com dificuldade até a margem.
Khufu seguiu hesitante. Quando ele alcançou a água, ele a cheirou e rosnou.
“Vê?” Eu disse “Khufu não gosta dessa água.”
“Provavelmente é uma lembrança antiga,” Bast disse. “O rio era um lugar perigoso no Egito. Cobras, hipopótamos, todos os tipos de problemas.”
“Hipopótamos?”
“Não os subestime,” Bast avisou. “Hipopótamos podem ser mortais.”
“Foi isso o que atacou Horus?” Eu perguntei. “Digo, naqueles dias, quando Set estava procurando por ele?”
“Não ouvi essa história,” Bast disse. “Geralmente você ouve que Set usou escorpiões primeiro. E depois crocodilos.”
“Crocodilos,” Eu disse, e um arrepio desceu pelas minhas costas.
Foi isso mesmo? Eu questionei Horus. Mas de novo ele não respondeu. “Bast, o Rio Grande tem crocodilos?”
“Duvido muito.” Ela se ajoelhou na água. “Agora, Sadie, você faria as honras?”
“Como?”
“Só peça a Nephthys que apareça. Ela era a irmã de Isis. Se ela está em algum lugar desse lado do Duat ela deve ouvir sua voz.”
Sadie pareceu hesitante, mas ela se ajoelhou ao lado de Bast e tocou a água. As impressões digitais dela causaram ondulações que pareciam muito grandes, anéis de força emanando de todos os lados do rio.
“Olá, Nephthys?” ela disse. “Alguém em casa?”

Eu ouvi um *splash* rio abaixo, e me virei para ver uma família de imigrantes cruzando o meio da correnteza. Eu ouvi histórias sobre como milhares de pessoas cruzam a fronteira do México ilegalmente todo ano, procurando trabalho e uma vida melhor, mas estava começando a vê-los na minha frente - um homem e uma mulher se apressando, carregando uma garotinha entre eles. Estavam vestindo trapos e pareciam mais pobres que os camponeses egípcios mais pobres que eu já vi. Eu os encarei por uns segundos, mas eles não pareciam ser nenhum tipo de ameaça sobrenatural. O homem me lançou um olhar desconfiado e nós nos entendemos silenciosamente: Ambos tínhamos problemas o suficiente sem incomodarmos um ao outro.
Enquanto isso Bast e Sadie permaneceram focadas na água, assistindo as ondas se propagarem dos dedos de Sadie.
Bast inclinou a cabeça, ouvindo com atenção. "O que ela está dizendo?"
"Eu não consigo entender," Sadie sussurrou. "Muito fraco."
"Você está conseguindo ouvir alguma coisa?" Eu perguntei.
"Shhh," elas disseram ao mesmo tempo.
"Caged'..." Sadie disse. "Não, agora o que é essa palavra em inglês?"
"Acolhida," Bast sugeriu. "Ela está acolhida longe daqui. Uma hospedeira adormecida. O que isso quer dizer?
Eu não sabia do que elas estavam falando. Não podia ouvir nada.
Khufu puxou minha mão e apontou para o rio lá em baixo. "Agh."
A família de imigrantes tinha desaparecido. Parecia impossível que eles tivessem cruzado o rio tão rapidamente. Eu percorri com o olhar as duas margens - nenhum sinal deles - mas a água estava mais turbulenta no lugar onde eles estavam parados, como se alguém houvesse mexido com uma colher gigante. Minha garganta apertou.
"Um, Bast-"
"Carter, nós mal conseguimos ouvir Nephthys," ela disse. "Por favor."
Eu cerrei os dentes. "Certo. Khufu e eu vamos checar algo-"
"Shh!" disse Sadie de novo.
Eu acenei para Khufu, e nós começamos a descer a margem. Khufu se escondeu atrás de minhas pernas e rosnou para o rio.
Eu olhei para trás, mas Bast e Sadie pareciam bem. Elas estavam ainda encarando a água como se fosse algum vídeo fantástico da Internet.
Finalmente nós chegamos ao lugar em que eu tinha visto a família, mas a água tinha se acalmado. Khufu deu um tapa no chão e se equilibrou nas mãos, que significava ou ele estava dançando break ou realmente nervoso.
"O que é isso?" Eu perguntei, meu coração batendo forte.
"Agh, agh, agh!" Ele reclamou. Provavelmente isso era uma palestra inteira em Baboon, mas eu não tinha ideia do que ele estava falando.
"Bem, eu não vejo outro caminho," Eu disse. "Se aquela família parou na água ou alguma outra coisa... Eu tenho que encontrá-los. Estou indo."
"Agh!" Ele saiu de perto da água.
"Khufu, aquelas pessoas tinha uma garotinha. Se eles precisam de ajuda, eu não posso simplesmente ignorá-los para evitar problemas. Fique aqui e vigie minha retaguarda."
Khufu rosnou e bateu no próprio rosto em protesto quando eu entrei na água. Era mais fria e ligeira do que eu tinha imaginado. Eu me concentrei e invoquei minha espada e varinha do Duat. Talvez fosse minha imaginação, mas isso pareceu fazer o rio correr até mais rápido.
Eu estava no meio da corrente quando Khufu gritou com urgência. Ele estava pulando ao redor da margem, apontando freneticamente para uma moita de juncos próxima.

A família estava abraçada dentro, tremendo de medo, os olhos arregalados. Meu primeiro pensamento: Por que eles estão se escondendo de mim?
"Eu não vou machucar vocês." Eu prometi. Eles me encararam sem me ver realmente, e eu desejei poder falar espanhol.
Então a água se agitou ao meu redor, e eu percebi que eles não estavam com medo de mim. Meu próximo pensamento: Cara, eu sou estúpido.
A voz de Horus gritou: Pule!
Eu saltei da água como se fosse um tiro de canhão - vinte, trinta pés no ar. De modo algum eu deveria ter sido capaz de fazer aquilo, mas foi bom, porque um monstro emergiu da água abaixo de mim.
De primeira tudo que eu vi foram centenas de dentes - uma garganta três vezes maior que eu. De algum modo eu dei um jeito de virar e aterrissar no raso. Eu estava encarando um crocodilo tão grande quanto o RV - e aquilo era só a metade saindo da água. Sua pele verde-acinzentada estava sulcada com placas grossas como uma roupa de camuflagem ou uma armadura, e os olhos dele eram da cor de leite estragado.
A família gritou e começou a subir a margem com dificuldade. Aquilo chamou a atenção do crocodilo. Ele instintivamente se virou em direção à presa mais barulhenta e mais interessante. Eu sempre pensei em crocodilos como animais lentos, mas quando ele investiu nos imigrantes, eu nunca tinha visto algo se mover tão rápido.
Use a distração, Horus incitou. Vá por trás e acerte-o.
Ao invés disso eu gritei, "Sadie, Bast, socorro!" e atirei minha varinha.
Péssimo arremesso. A varinha bateu no rio bem em frente ao crocodilo, então saiu da água como um pedra, atingiu o crocodilo entre os olhos e voltou para minha mão.
Duvidei ter feito algum estrago, mas o crocodilo olhou para mim, incomodado.
Ou você pode atingi-lo com um bastão, Horus murmurou.
Eu avancei, gritando para prender a atenção do crocodilo. Pelo canto do olho pude ver a família lutando para subir na margem em segurança. Khufu estava correndo atrás deles, agitando os braços e gritando para conduzi-los para fora do perigo. Eu não tinha certeza se eles estavam correndo do crocodilo ou do macaco louco, mas desde que eles estivessem correndo, eu não me importei.
Eu não pude ver o que estava acontecendo com Bast e Sadie. Eu ouvi gritos e agitações na água atrás de mim, mas antes que eu pudesse olhar, o crocodilo deu o bote.
Eu mergulhei para a esquerda, investindo com a minha espada. A lâmina apenas quicou na pele do crocodilo. O mostro se moveu para os lados descontrolado, e seu focinho teria golpeado minha cabeça; mas por instinto eu ergui minha varinha e o crocodilo se chocou contra uma parede de força, ricocheteando como se eu fosse protegido por uma bolha invisível gigante de energia.
Eu tentei invocar um guerreiro falcão, mas era muito difícil me concentrar com um réptil de seis toneladas tentando me partir em dois.
Então eu ouvi Bast gritar, "NÃO!" e eu soube imediatamente, sem ao menos olhar, que algo estava errado com Sadie.
Desespero e fúria fizeram meus nervos virarem aço. Com um aceno de minha varinha, a parede de energia se projetou para frente, colidindo com o crocodilo tão forte que ele saiu voando, para cair fora do rio, na costa mexicana.. Enquanto ele estava de costas, eu saltei, ergui minha espada, que estava agora brilhando em minhas mãos, e enterrei a lâmina na barriga do monstro. Eu segurei firma enquanto o monstro se sacudia, se desintegrando aos poucos, do focinho até a ponta da cauda, até eu estar parado no meio de uma pilha gigante de areia molhada.
Eu me virei e vi Bast lutando com um crocodilo tão grande quanto o meu. O crocodilo deu o bote, e Bast deslizou para baixo dele, cravando suas facas na garganta do bicho. O

crocodilo derreteu no rio até que sobrou apenas uma nuvem de fumaça arenosa, mas o estrago já havia sido feito: Sadie jazia em um monte amassado na beira do rio.
Pelo tempo que eu cheguei lá, Khufu e Bast já estavam ao lado de Sadie. Sangue escorria da cabeça dela. O rosto dela estava em um feio tom de amarelo.
"O que aconteceu?" Eu perguntei.
"Aquilo saiu do nada," Bast disse miseravelmente. "A cauda bateu em Sadie e a fez voar, não deu para defender. Ela está...?"
Khufu pôs a mão na testa de Sadie e fez uns ruídos de estalo com a boca.
Bast suspirou aliviada. "Khufu diz que ela vai viver, mas temos que tirá-la daqui. Aqueles crocodilos poderiam significar..."
A voz dela falhou. No meio do rio, a água estava fervendo. Erguendo-se dela estava uma figura tão horrível, que eu soube que estávamos perdidos.
"Poderia significar aquilo," Bast disse de um modo sinistro.
Para começar, o cara tinha vinte pés de altura - e não estou falando de um avatar brilhante. Ele era todo de carne e osso. Peito e braços eram humanos, mas a pele era verde clara, com a cintura enrolada em um saiote blindado como a pele de um réptil. A cabeça era a de um crocodilo, uma boca enorme cheia de dentes tortos, e olhos que reluziam de muco esverdeado (eu sei, bem atraente). O cabelo negro estava trançado e escorregava pelos ombros dele, e haviam chifres de boi curvados na cabeça dele. Como se tudo isso não fosse estranho o bastante, ele parecia estar suando em uma proporção inacreditável - água oleosa jorrava dele e caía no rio.
Ele ergueu seu cajado - um pedaço de madeira verde tão grande quanto um poste.
Bast gritou, "Cuidado!" e me puxou, enquanto o homem-crocodilo esmagava o lugar no rio onde eu estava, deixando um buraco de cinco pés de profundidade.
Ele berrou: "Horus!"
A última coisa que eu queria dizer era, Aqui! Mas Horus falou com urgência em minha mente: Encare-o. Sobek só compreende a força. Não deixe que ele agarre você, senão ele tentará afogá-lo.
Engoli meu medo e gritei, "Sobek! Seu... fracote! Como vai?"
Sobek mostrou os dentes, e talvez essa fosse a versão dele de um sorriso amigável. Provavelmente não.
"Essa forma não serve para você, deus-falcão," ele disse. "Vou parti-lo em dois."
Perto de mim, as facas de Bast deslizaram das mangas dela. "Não deixe que ele o agarre," ela avisou.
"Já entendi o recado," disse a ela. Eu tinha consciência de Khufu à minha direita, carregando Sadie para cima com certa dificuldade. Eu tinha de manter o cara verde distraído, ao menos até que eles estivessem seguros. "Sobek, deus dos... crocodilos! Nos deixe em paz ou destruiremos você!"
Bom, Horus disse. "Destruir" é bom.
Sobek deu uma gargalhada. "Seu senso de humor melhorou, Horus. Você e seu gatinho de estimação vão me destruir?" Ele voltou seus olhos de muco para Bast. " O que a trás a meu território, deusa dos gatos? Achei que você não gostava de água!
Na última palavra, ele mirou o cajado e atirou para a frente uma enxurrada de água verde. Bast foi muito rápida. Ela pulou por cima de Sobek com o avatar em sua forma completa - um guerreiro com cabeça de gato enorme e brilhante. "Traidor!" Bast gritou. "Por que você se juntou ao caos? Seu compromisso é com o rei!"
"Que rei?" Sobek rugiu. "Ra? Ra se foi. Osiris está morto de novo, o fracote! E esse garoto não pode restaurar o império. Houve um tempo em que eu apoiei Horus, sim. Mas ele não tem força nessa forma, tampouco seguidores. Enquanto Set oferece poder e refeição fresca. Eu acho que começarei com a carne de deuses menores.

Ele se virou para mim e balançou o cajado. Eu rolei para desviar de seu ataque, mas a mão livre dele me agarrou pela cintura. Eu somente não fui rápido o suficiente. Bast ficou tensa, preparando-se para lançar-se no inimigo, mas antes que ela pudesse, Sobek deixou o cajado cair e me segurou com as duas mãos enormes e me colocar dentro d'água. A próxima coisa que eu soube foi que estava afogando em uma escuridão verde e fria. Não conseguia enxergar nem respirar. Eu afundava nas profundezas enquanto as mãos de Sobek impediam o ar de entrar em meus pulmões.
Agora ou nunca! Horus disse. Deixe-me tomar o controle.
Não, eu respondi. Morrerei primeiro.
Achei o pensamento estranhamente tranqüilizador. Se eu já estava morto, não tinha porque ter medo. Também poderia lutar.
Foquei meu poder e me senti forte. Flexionei meus braços e senti o aperto de Sobek enfraquecer. Invoquei o avatar do guerreiro-falcão e fui instantaneamente envolvido em uma brilhante forma dourada do tamanho de Sobek. Eu pude apenas vê-lo na água negra, os olhos pegajosos dele arregalados de surpresa.
Eu me livrei do aperto e dei uma cabeçada em Sobek, que resultou em alguns dentes quebrados. Então eu pulei da água e aterrissei na beira do rio perto de Bast, que estava tão assustada que quase me atacou.
"Graças a Ra!" ela exclamou.
"É, estou vivo."
"Não, eu quase pulou na água atrás de você. Eu odeio água!"
Então Sobek emergiu do rio, rugindo furioso. Sangue verde escorria de uma de suas narinas.
"Você não pode me derrotar!" Ele estendeu os braços, fazendo chover suor. "Eu sou o senhor das águas! Meu suor cria os rios do mundo!"
Eca. Eu decidi nunca mais nada em rios. Eu olhei para trás, procurando por Khufu e Sadie, mas não os encontrei. Desejei que Khufu tivesse levado Sadie para um lugar seguro.
Sobek avançou, e trouxe o rio com ele. Uma onda gigante me atingiu e me fez cair, mas Bast saltou nas costas de Sobek na forma de avatar: O peso nem o incomodou. Ele tentou agarrá-la, mas falhou. Ela deu facadas nos braços, pescoço e costas, mas a pele verde dele se curava ao mesmo tempo em que ela o cortava.
Eu me pus de pé, que em forma de avatar é como tentar levantar com um colchão amarrado no peito. Sobek finalmente conseguiu agarrar Bast e atirá-la longe. Ela tombou sem se machucar, mas a aura azul começou a piscar, sinal de que ela estava perdendo poder.
Continuamos atacando o deus em turnos, porém quanto mais o machucávamos, mais enfurecido e poderoso ele parecia ficar.
"Mais servos!" ele gritou. "Venham a mim!"
Aquilo não foi nada bom. Outra rodada de crocodilos gigantes e estaríamos mortos.
Por que nós não temos servos? Eu reclamei, mas Horus não respondeu. Pude sentir que ele estava se esforçando para canalizar seu poder através de mim, tentando manter nosso combate mágico.
O punho de Sobek atingiu Bast e ela saiu voando de novo. Dessa vez, ao bater no chão, seu avatar apagou-se de vez.
Eu avancei, tentando tirar a atenção de Sobek. Infelizmente, funcionou. Ele se virou e me atingiu com água. Enquanto estava cego, ele me bateu com tanta força e eu voei para a outra margem, e caí entre as moitas.

Meu avatar entrou em colapso. Eu me sentei zonzo e vi Khufu e Sadie ao meu lado, Sadie ainda desmaiada e sangrando. Khufu estava murmurando desesperado em baboon e afagando a testa dela.
Sobek saiu da água e sorriu para mim. Lá longe, corrente abaixo, na luz tênue da noite, eu vi duas linhas no rio vindo em nossa direção rapidamente a cerca de quinze milhas de distância. - Reforços de Sobek.
Do rio, Bast gritou, "Carter, depressa! Tire Sadie daqui!"
O rosto dela estava pálido de esforço, e seu avatar apareceu mais uma vez. Estava fraco, contudo - quase nada substancial.
"Não!" Eu gritei. "Você vai morrer!"
Tentei invocar o guerreiro-falcão, mas o esforço fez minhas entranhas queimarem de dor. Eu estava sem forças, e o espírito de Horus estava dormindo, completamente exausto.
"Vá!" Bast gritou. " E diga a seu pai que eu mantive minha promessa."
"NÃO!"
Ela pulou em Sobek, e os dois se atracaram - Bast esfaqueando-o furiosamente enquanto ele uivava de dor. Os dois deuses caíram na água, e lá afundaram.
Corri para a margem. O rio borbulhava e espumava. Então uma explosão verde iluminou todo o Rio Grande, e uma pequena criatura preta e dourada saiu do rio como se tivesse sido arremessada. Ela caiu na grama aos meus pés - um molhado, inconsciente e meio-morto gato.
"Bast?" Eu peguei a gata com cuidado. Usava a coleira de Bast, mas eu notei que o talismã da deusa estava esfarelado. Não era mais Bast, apenas Muffin.
Meus olhos arderam com as lágrimas. Sobek havia sido derrotado, forçado a voltar para o Duat, mas ainda havia duas linhas vindo em nossa direção, e estavam tão perto que eu pude distinguir as costas verdes e os olhos pequenos e brilhantes dos monstros.
Apertei a gata contra meu peito e me virei para Khufu. "Vamos, nós temos que-"
Congelei, porque parado ao lado de Khufu e minha irmã, olhando para mim, estava um crocodilo diferente - um que era todo branco.
Estamos mortos, eu pensei. E então, espere... um crocodilo branco?
Ele abriu a boca e deu o bote - bem na minha direção. Eu me virei e o vi lançando-se nos dois outros crocodilos - os verdes gigantes que estavam a ponto de me matar.
"Philip?" Eu disse espantado, enquanto os crocodilos se sacudiam e lutavam.
"Sim," disse uma voz masculina.
Eu me virei de novo e vi o impossível. Tio Amos estava ajoelhado ao lado de Sadie, com o cenho franzido enquanto examinava a ferida. Ele olhou para mim com urgência. "Philip manterá os servos de Sobek ocupados, mas não por muito tempo. Siga-me agora, e teremos uma pequena chance de sobreviver!"

SADIE

TRINTA E UM

EU ENTREGO UMA CARTA DE AMOR

ESTOU FELIZ QUE CARTER TENHA CONTADO AQUELE ÚLTIMO PEDAÇO – parte porque eu estava inconsciente quando aconteceu, parte porque eu não consigo falar do que Bast fez sem cair em pedaços.

Ah, mais sobre isso depois.

Eu acordei sentindo como se alguém houvesse inflado minha cabeça. Meus olhos não estavam vendo as mesmas coisas. Na minha esquerda, eu vi o traseiro de um babuíno, à minha direita, meu perdido-à-tempos tio Amos. Naturalmente, decidi focar na direita.

"Amos?"

Ele colocou um pano frio na minha testa. "Descanse, criança. Você teve uma concussão."

Nisso pelo menos eu podia acreditar.

Enquanto meus olhos começaram a ganhar foco, eu vi que estávamos fora, de baixo de um céu noturno estrelado. Eu estava deitada em um cobertor sobre o que pareceu areia macia. Khufu estava do meu lado, sua parte colorida um pouco muito perto do meu rosto. Ele estava mexendo uma panela sobre um pequeno fogo, e o que quer que ele estivesse cozinhando cheirava a alcatrão queimado. Carter sentava por perto no topo de uma duna parecendo desanimado e segurando... aquilo era Muffin em sua perna?

Amos parecia bastante com quando o vimos pela última vez, eras atrás. Ele vestia seu terno azul com casaco e chapéu combinando. Seus longos cabelos estavam ordenadamente trançados, e seus óculos redondos brilhavam ao sol. Ele parecia revigorado e descansado – não como alguém que houvesse sido prisioneiro de Set.

"Como você-"

"Escapou de Set?" Sua expressão escureceu. "Eu fui um tolo em ir procurá-lo, Sadie. Eu não fazia ideia de quão poderoso ele se tornara. Seu espírito está preso à pirâmide vermelha."

"Então... ele não tem um hospedeiro humano?"

Amos balançou a cabeça. "Ele não precisa de um enquanto ele tiver a pirâmide. Enquanto ela se aproxima da finalização, ele fica cada vez mais forte. Eu esgueirei até seu lar sob a montanha e caí em uma armadilha. Estou envergonhado em dizer que ele me pegou sem uma luta."

Ele apontou para seu terno, exibindo quão perfeitamente bem ele estava. "Nem um arranhão. Só – bam. Eu estava congelado como uma estátua. Set deixou-me do lado de fora como um troféu e permitiu que seus demônios rissem e zombassem de mim enquanto passavam."

"Você viu o papai?" Eu perguntei.

Seus ombros afundaram. "Eu escutei os demônios conversando. O caixão está dentro da pirâmide. Eles estão planejando usar o poder de Osíris para ampliar a tempestade. Quando set liberar isso ao amanhecer – será uma grande explosão – Osíris e seu pai serão obliterados. Osiris será exilado tão profundamente no Duat que ele poderá nunca mais ressurgir.

Minha cabeça começou a latejar. Eu não conseguia acreditar que tínhamos tão pouco tempo. E se Amos não pudera salvar o papai, como poderíamos Carter e eu?
“Mas você saiu,” eu disse, ávida por qualquer boa notícia. “Então deve haver fraqueza em suas defesas ou-”
“A magia que me congelou eventualmente começou a enfraquecer. Eu concentrei minha energia e fiz meu caminho para fora da guarnição. Demorou várias horas, mas finalmente eu me libertei. Eu esgueirei durante o dia, enquanto os demônios estão dormindo. Isso foi muito fácil.”
“Não soa fácil,” eu disse.
Amos sacudiu a cabeça, obviamente perturbado. “Set me permitiu escapar. Eu não sei porque, mas eu não deveria estar vivo. É algum tipo de truque. Estou com medo...” O que quer que ele fosse dizer, ele mudou de ideia. “De qualquer maneira, meu primeiro pensamento foi em procurá-los, então eu convoquei meu barco.”
Ele gesticulou para trás dele. Eu levantei minha cabeça e vi que estávamos em um estranho deserto de dunas brancas que esticava-se tão longe quanto eu podia ver à luz da lua. A areia sob meus dedos era tão fina e branca, que poderia ser açúcar. O barco de Amos, o mesmo que nos carregara de Thames ao Brooklyn, estava encalhado no topo de uma duna próxima, inclinado em um ângulo precário como se houvesse sido jogado ali.
“Há um um armário com provisões abordo,” Amos ofereceu. “Se você quiser roupas limpas.”
“Mas onde estamos?”
“Areia Branca,” Carter me disse. “Em Novo México. É uma área governamental para teste de mísseis. Amos disse que ninguém nos procuraria aqui, então nós a demos um tempo para se curar. São cerca de sete da manhã, ainda dia vinte e oito. Doze horas mais ou menos até Set... você sabe.”
“Mas...” Muitas perguntas nadaram ao redor de minha mente. A última coisa que eu me lembrava, eu estava no rio conversando com Néftis. Sua voz parecia vir do outro lado do mundo. Ela falou fracamente através da corrente – tão difícil de intender porém tão persistente. Ela me disse que estava abrigada muito longe em um hospedeiro adormecido, o que eu não conseguia encontrar sentido. Ela disse que não podia aparecer pessoalmente, mas que ela enviaria uma mensagem. Então a água começou a ferver.
“Nós fomos atacados.” Carter acariciou a cabeça de Muffin, e eu finalmente notei que o amuleto – o amuleto de Bast – estava faltando. “Sadie, eu tenho más notícias.”
Ele me contou o que aconteceu, e eu fechei meus olhos. Eu comecei a chorar. Embaraçoso, eu sei, mas eu não conseguia evitar. Ao longo dos últimos dias, eu perdi tudo – minha casa, minha vida ordinária, meu pai. Eu quase fui morta meia dúzia de vezes. A morte da minha mãe, que pra começar eu nunca havia superado, machucava como uma ferida aberta. E agora Bast se fora também?
Quando Anúbis me questionou no mundo inferior, ele quis saber o que eu sacrificaria para salvar o mundo.
O que eu já não sacrifiquei? Eu quis gritar. O que me sobrara?
Carter veio e me deu Muffin, que ronronou em meus braços, mas não era o mesmo. Não era Bast.
“Ela vai voltar, não vai?” Eu olhei para Amos suplicantemente. “Quero dizer, ela é imortal, não é?”
Amos deu um puxão na aba de seu chapéu. “Sadie... eu simplesmente não sei. Parece que ela se sacrificou para derrotar Sobek. Bast o forçou para o Duat ao custo de sua própria força vital. Ela até mesmo poupou Muffin, seu hospedeiro, provavelmente com

o último fiapo de seu poder. Se isso for verdade, seria muito difícil para Bast voltar. Talvez algum dia, em algumas centenas de anos-"
"Não, não uma centenas de anos! Eu não posso-" minha voz quebrou-se.
Carter colocou sua mão em meu ombro, e eu sabia que ele intendeu. Nós não podíamos perder mais ninguém. Nós não podíamos.
"Descanse agora," Amos disse. "Nós podemos poupar mais uma hora, mas então teremos que ir."
Khufu me ofereceu uma tigela de sua confecção. O líquido grosso parecia sopa que estragara há muito tempo. Eu olhei para Amos, esperando que ele me liberasse, mas ele gesticulou encorajadoramente.
Para minha sorte, além de tudo o mais eu tinha que tomar remédio de babuíno.
Eu sorvi um pequeno gole, que tinha um gosto tão ruim quanto o cheiro, e imediatamente minhas pálpebras ficaram pesadas. Eu fechei os olhos e dormi.
E justamente quando eu pensei que eu havia tido essa coisa de alma-que-deixa-o-corpo resolvida, minha alma decidiu quebrar as regras. Bem, é minha alma no final das contas, então eu acho que isso faz sentido.
Quando meu ba saiu do meu corpo, ele manteve sua forma humana, que era melhor do que o estilo passarinho alado, mas eu continuei crescendo e crescendo até que parei gigantesca acima de Areia Branca. Me disseram várias vezes que sou espirituosa (geralmente não como um elogio), mas isso era absurdo. Meu ba estava tão alto quando o Monumento de Washington.
Ao sul, após milhas e milhas de deserto, vapor subiu do Rio Grande – o campo de batalha onde Bast e Sobek pereceram. Mesmo tão alta quanto eu estava, eu não deveria ter sido capaz de ver todo o caminho até o Texas, especialmente à noite, mas de algum modo eu pude. Para o norte, ainda mais longe, eu vi um distante brilho vermelho e eu sabia que era a aura de Set. Seu poder estava crescendo enquanto a pirâmide aproximava-se da finalização.
Eu olhei para baixo. Próximo ao meu pé estava uma pequenina aglomeração de partículas – nosso acampamento. Miniaturas de Carter, Amos e Khufu sentavam-se ao redor do fogo usado para cozinhar. O barco de Amos não era maior do que meu dedo mindinho. Minha própria forma adormecida deitava curvada em um lençol, tão pequena que eu poderia ter me esmagado com um passo em falso.
Eu era enorme, e o mundo pequeno.
"É assim que os deuses veem as coisas," uma voz me disse.
Eu olhei ao redor mas não vi nada, somente a vasta expansão de dunas brancas rolantes. Então, na minha frente, as dunas se moveram. Eu pensei que fosse o vento, até que a duna inteira rolou de lado como uma onda. Outra se moveu, e outra. Eu percebi que eu estava olhando para uma forma humana – um homem enorme deitado em posição fetal.
Ele levantou-se, sacudindo areia branca a todo lado. Eu ajoelhei e coloquei minhas mãos sobre meus companheiros para preveni-los de serem enterrados. Estranhamente, eles não perceberam, como se a ruptura não fosse mais do que uma borrifada de chuva.
O homem levantou-se para sua altura total – no mínimo uma cabeça mais alto do que minha própria forma gigante. Seu corpo era feito de areia que acortinava-se de seus braços e peitoral como cachoeiras de açúcar. A areia se moveu por seu rosto até que ele formou um vago sorriso.
"Sadie Kane," ele disse. "Eu estive esperando por você."
"Geb." Não me pergunte como, mas eu soube instantaneamente que esse era o deus da terra. Talvez o corpo de areia tivesse entregado. "Eu tenho algo para você."
Não fazia sentido que meu ba tivesse o envelope, mas eu alcancei meu bolso fantasmagórico tremeluzente e puxei a carta de Nut.

“Sua esposa sente sua falta,” eu disse.
Geb pegou a carta cautelosamente. Ele segurou-a em frente a seu rosto e pareceu cheirá-la. Então ele abriu o envelope. Ao invés de uma carta, fogos de artifício explodiram de dentro. Uma nova constelação resplandeceu no céu noturno acima de nós – o rosto de Nut, formado por milhares de estrelas. O vento aumentou rapidamente e destruiu a imagem, mas Geb suspirou contentemente. Ele fechou o envelope e colocou-o dentro de seu peito arenoso, como se houvesse um bolso exatamente no local onde seu coração deveria estar.
“Eu te devo agradecimentos, Sadie Kane,” Geb disse. “Há vários milênios desde que eu vi o rosto de minha amada. Peça-me um favor que a terra possa conceder, e isso será seu.”
“Salve meu pai,” eu disse imediatamente.
O rosto de Geb enrugou-se de surpresa. “Hmm, que filha leal! Ísis poderia aprender algo com você. Infelizmente, eu não posso. O caminho de seu pai está retorcido com o de Osíris, e assuntos entre os deuses não podem ser resolvidos pela terra.”
“Então eu não poderia supor que você pudesse desmoronar a montanha de Set e destruir sua pirâmide?” Eu perguntei.
A risada de Geb era como o maior chocalho de areia do mundo. “Eu não posso intervir tão diretamente entre minhas crianças. Set é meu filho também.”
Eu quase bati o pé no chão de frustração. Então eu me lembrei que eu era gigante e poderia esmagar o acampamento inteiro. Um ba poderia fazer isso? Melhor não descobrir. “Bem, seus favores não são muito úteis então.”
Geb encolheu os ombros, desprendendo algumas toneladas de areia. “Talvez algum concelho para ajudá-la a adquirir o que você deseja. Vá para o lugar das cruzes.”
“E onde é isso?”
“Perto,” ele prometeu. “E, Sadie Kane, você está correta. Você perdeu muito. Sua família sofreu. Eu sei como é isso. Apenas lembre-se, um pai faria qualquer coisa para salvar suas crianças. Eu desisti de minha felicidade, minha esposa – eu assumi a maldição de Ra para que meus filhos nascessem.” Ele olhou para o céu saudosamente. “E enquanto minha saudade de minha amada aumenta a cada milênio, eu sei que nenhum de nós mudaria sua escolha. Eu tenho cinco filhos os quais eu amo.”
“Até mesmo Set?” Eu perguntei incrédula. “Ele está para destruir milhões de pessoas.”
“Set é mais do que parece,” Geb disse. “Ele é nossa carne e sangue.”
“Não a minha”
“Não?” Geb moveu-se, abaixando-se. Eu pensei que ele estava se agachando, até que percebi que ele estava desfazendo-se em dunas. “Pense nisso, Sadie Kane, e proceda com cuidado. Perigo a espera no lugar das cruzes, mas você também encontrará o que mais precisa.”
“Você poderia ser um pouco mais vago?” Eu murmurei.
Mas Geb se fora, deixando apenas uma duna mais alta que o normal na areia; e meu ba afundou de volta em meu corpo.

SADIE

TRINTA E DOIS

O LUGAR DAS CRUZES

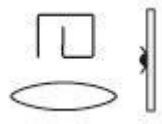
EU ACORDEI COM MUFFIN ANINHADA em minha cabeça, ronronando e mastigando meu cabelo. Por um momento, eu pensei que estava em casa. Eu costumava acordar com Muffin na minha cabeça o tempo todo. Então eu me lembrei de que eu não estava em casa, e Bast tinha ido. Meus olhos começaram a lacrimejar novamente.
Não, a voz de Isis censurou. Nós devemos permanecer focadas.
Pela primeira vez, a deusa estava certa. Eu me sentei e tirei a areia branca do meu rosto. Muffin miou em protesto, então gingou dois passos e decidiu que ela poderia se estabelecer no meu lugar quente no cobertor.
“Bom, você está de pé,” Amos disse. “Nós já íamos te acordar.”
Ainda estava escuro. Carter estava no deque do barco, puxando um casaco novo de linho do armário de abastecimento de Amos. Khufu veio em minha direção e fez um som de ronrono para a gata. Para minha surpresa, Muffin saltou em seus braços.
“Eu pedi a Khufu para levar a gata de volta para Brooklyn,” Amos disse. “Aqui não é lugar para ela.”
Khufu grunhiu, claramente infeliz com sua tarefa.
“Eu sei, meu velho amigo,” disse Amos. Sua voz estava dura; ele parecia estar declarando-se o babuíno alfa. “É para o melhor.”
“Agh,” disse Khufu, sem olhar nos olhos de Amos.
Um mal-estar se apossou de mim. Eu lembrei do que Amos dissera: que esta libertação poderia ser um truque de Set. E a visão de Carter: Set estava esperando que Amos nos levasse para a montanha para poder nos capturar. E se Set estivesse de alguma forma influenciando Amos? Eu não gostava da idéia de mandar Khufu para longe.
Por outro lado, eu não via outra alternativa além de aceitar a ajuda de Amos. E vendo Khufu ali, segurando Muffin, eu não podia suportar a idéia de colocar qualquer um dos dois em perigo. Talvez Amos tivesse um objetivo.
“Ele pode viajar com segurança?” eu perguntei. “Lá fora sozinho?”
“Oh, sim,” Amos prometeu. “Khufu - e todos os babuínos - tem sua própria marca de mágica. Ele vai ficar bem. E por via das dúvidas...”
Ele pegou uma estatueta de crocodilo de cera. “Isto irá ajudar se a necessidade surgir.”
Eu tossi. “Um crocodilo? Depois do que nós-“
“É Filipe da Macedônia,” Amos explicou.
“Filipe é de cera?”
“É claro,” disse Amos. “Crocodilos de verdade são muito difíceis de cuidar. E eu te disse que ele era mágico.”
Amos lançou a estatueta para Khufu, que a cheirou, e a colocou em uma bolsa com seus suprimentos de cozinha. Khufu me deu um último olhar nervoso, deu uma olhadela amedrontada para Amos, e então andou lentamente pela duna com sua bolsa em um braço e Muffin no outro.

Eu não via como eles poderiam sobreviver lá fora, com ou sem mágica. Eu esperei que Khufu aparecesse no topo da próxima duna, mas ele nunca apareceu. Ele simplesmente sumiu.
"E agora," disse Amos. "Pelo que Carter me contou, Set pretende soltar sua destruição amanhã ao nascer do sol. Isso nos dá muito pouco tempo. O que Carter não explicaria é como vocês pretendem destruir Set."
Eu olhei rapidamente para Carter e vi um aviso em seus olhos. Eu entendi imediatamente, e senti uma descarga de gratidão. Talvez o garoto não fosse completamente idiota. Ele compartilhava minhas preocupações com relação a Amos.
"É melhor mantermos isso para nós mesmos," eu disse terminantemente a Amos. "Você mesmo disse isso. E se Set tiver ligado um dispositivo de escuta em você ou algo assim?"
Amos enrijeceu o maxilar. "Você está certa," ele disse de má vontade. "Eu não posso confiar em mim mesmo. É tão... frustrante."
Ele soou realmente aflito, o que fez com que eu me sentisse culpada. Eu fui tentada a mudar de idéia e contar a ele nosso plano, mas um olhar para Carter e eu mantive minha resolução.
"Nós deveríamos ir para Phoenix," eu disse. "Talvez pelo caminho..."
Eu coloquei a mão no bolso. A carta de Nut tinha sumido. Eu queria contar a Carter sobre minha conversa com o deus da terra, Geb, mas eu não sabia se isso seria seguro na frente de Amos. Carter e eu tínhamos sido um time por tantos dias agora, eu percebi que me ressentia um pouco com a presença de Amos. Eu não queria confiar em mais ninguém. Deus, eu não acredito que acabei de dizer isso.
Carter falou. "Nós devíamos parar em Las Cruces."
Eu não tenho certeza de quem ficou mais surpreso: Amos ou eu.
"É perto daqui," Amos disse lentamente. "Mas..." Ele pegou um punhado de areia, murmurou um feitiço, e jogou a areia pelo ar. Ao invés de se dispersarem, os grãos flutuaram e formaram uma seta ondulante, apontando ao sudoeste para uma linha de montanhas escarpadas que formava uma silhueta negra contra o horizonte.
"Como eu pensei," disse Amos, e a areia caiu no chão. "Las Cruces está fora do nosso caminho por sessenta e cinco quilômetros - depois daquelas montanhas. Phoenix é ao nordeste."
"Sessenta e cinco quilômetros não é tão ruim," eu disse. "Las Cruces..." O nome me parecia estranhamente familiar, mas eu não descobri por quê. "Carter, por que lá?"
"Eu só..." Ele parecia tão desconfortável que eu soube que era algo relacionado à Zia. "Eu tive uma visão."
"Uma visão de beleza?" eu arrisquei.
Ele parecia estar tentando engolir uma bola de golfe, o que confirmou minhas suspeitas.
"Eu só acho que deveríamos ir para lá," ele disse. "Talvez achemos algo importante."
"Muito arriscado," disse Amos. "Eu não posso permitir isso com a Casa da Vida no seu rastro. Nós devíamos ficar no deserto, longe das cidades."
E de repente: click. Meu cérebro teve um desses incríveis momentos em que ele realmente funciona corretamente.
"Não, Carter está certo," eu disse. "Nós temos que ir lá."
Era a vez de meu irmão ficar surpreso. "Eu estou? Nós devemos?"
"Sim." Eu aproveitei a deixa e contei a eles sobre minha conversa com Geb.
Amos tirou alguma areia de seu casaco. "Isso é interessante, Sadie. Ma eu não vejo como Las Cruces entra nisso."
"Porque é espanhol, não é?" eu disse. "Las Cruces. As cruzes. Exatamente como Geb me disse."

Amos hesitou, e então balançou a cabeça relutantemente. “Entrem no barco.”
“Um pouco de falta d’água para um passeio de barco, não é mesmo?” eu perguntei.
Mas eu o segui a bordo. Amos tirou seu casaco e proferiu uma palavra mágica.
Instantaneamente o casaco criou vida, foi para a popa e agarrou o leme.
Amos sorriu para mim, e um pouco daquela velha centelha voltou a seus olhos. “Quem precisa de água?”
O barco estremeceu e elevou-se para o céu.
Se Amos algum dia ficasse cansado de ser um mágico, ele poderia arrumar um emprego de operador turístico de barcos voadores. A vista vinda de além das montanhas era deslumbrante.
A princípio, o deserto parecera árido e feio comparado aos exuberantes verdes da Inglaterra, mas eu estava começando a apreciar que o deserto tivesse sua própria rígida beleza, especialmente à noite. As montanhas se erguiam como ilhas negras em um oceano de luzes. Eu nunca tinha visto tantas estrelas sobre nós, e o vento seco cheirava a sálvia e pinho. Las Cruces se estendia no vale abaixo - uma brilhante colcha de retalhos de ruas e bairros.
Enquanto nos aproximávamos, eu vi que a maioria da cidade não tinha nada notável. Poderia ter sido Manchester ou Swindon ou qualquer lugar, realmente, mas Amos rumou com nossa nave para o sul da cidade, para uma área que era obviamente muito mais antiga - com prédios de adobe e ruas arborizadas.
Quando começamos a descer, eu comecei a ficar nervosa.
“Eles não vão nos notar em um barco voador?” eu perguntei. “Quer dizer, eu sei que mágica é difícil de enxergar, mas-“
“Aqui é o Novo México,” disse Amos. “Ele vêem OVNIs aqui o tempo todo.”
E com isso, nós aterrissamos no teto de uma pequena igreja.
Era como voltar no tempo, ou entrar em um set de filmagem de um filme do Velho Oeste. A praça da cidade era delineada com construções de estuque como um pueblo indígena. As ruas estavam fortemente iluminadas e movimentadas - parecia um festival - com vendedores em barracas vendendo fios com pimentas vermelhas, cobertores indígenas, e outras curiosidades. Uma velha diligência estava estacionada ao lado de uma moita de cactos. No coreto da praça, homens com grandes violões e vozes altas tocavam música mariachi.
“Essa é uma área histórica,” disse Amos. “Eu acredito que a chamam de Mesilla.”
“Tem bastante coisa egípcia aqui, não é?” eu perguntei hesitantemente.
“Oh, as antigas culturas do México tem muito em comum com o Egito,” disse Amos, retirando o casaco do leme. “Mas essa é uma conversa para outro dia.”
“Graças a Deus,” eu murmurei. Então eu cheirei o ar e senti algo estranho mas maravilhoso - como pão assando e manteiga derretendo, apenas condimentado e delicioso. “Eu-estou-morrendo-de-fome.”
Eu não levei muito tempo, andando pela praça, para achar tortillas caseiras. Deus, elas estavam boas. Eu acho que Londres tem restaurantes mexicanos. Nós temos de tudo. Mas eu nunca fui a um, e eu duvido que tortillas tenham tido algum dia um gosto tão divino. Uma mulher grande em um vestido branco moldava bolas de massa em suas mãos polvilhadas com farinha, as achatava e cozinhava as tortillas em uma frigideira quente, e as entregava em guardanapos de papel. Elas não precisavam de manteiga ou geléia ou qualquer outra coisa. Elas eram tão delicadas que derretiam na minha boca. Eu fiz Amos pagar doze só para mim.
Carter também estava aproveitando até ele experimentar os tamales de pimenta em outra tenda. Eu achei que sua cara fosse explodir. “Quente!” ele declarou. “Bebida!”

“Coma mais tortilla,” Amos aconselhou, tentando não rir. “Pão corta o efeito melhor do que água.”
Eu experimentei os tamales eu mesma e descobri que estavam excelentes, nem tão picantes quanto um bom curry, então Carter estava apenas sendo um banana, como sempre.
Logo nós tínhamos comido o nosso máximo e começamos a vaguear pelas ruas, procurando por... bem, eu não tenho certeza, exatamente.
O tempo estava passando. O sol estava descendo, e eu sabia que aquela seria a última noite para todos a não ser que parássemos Set, mas eu não tinha a menor idéia de por que Geb me mandara para lá. Você também encontrará o que você mais precisa. O que isso queria dizer?
Eu examinei as multidões e tive o relance e um cara jovem e alto com cabelo escuro. Um arrepio subiu minha espinha- Anúbis? E se ele estivesse me seguindo, se assegurando de que eu estava segura? E se ele fosse o que eu mais precisava?
Pensamento maravilhoso, exceto pelo fato de não ser Anubis. Eu me censurei por pensar que eu pudesse ter tanta sorte. Além do mais, Carter tinha visto Anubis como um monstro com cabeça de chacal. Talvez o aspecto de Anubis comigo tenha sido só um truque para confundir meu cérebro - um truque que funcionou muito bem.
Eu estava sonhando acordada sobre isso, e sobre se eles tinham ou não tortillas na Terra dos Mortos, quando eu cruzei o olhar com uma garota do outro lado da praça.
“Carter.” Eu agarrei o braço dele e acenei com a cabeça na direção de Zia Rashid. “Tem alguém que veio te ver.”
Zia estava pronta para batalha em suas roupas de linho pretas e folgadas, bastão e varinha na mão. Seu cabelo negro e repicado estava todo para um lado só como se ela tivesse voado até lá em um forte vento. Seus olhos cor de âmbar pareciam tão amigáveis quanto um jaguar.
Atrás dela havia uma mesa de um vendedor cheia de souvenirs, e um pôster que dizia: novo México: terra de encantamento. Eu duvidava que o vendedor soubesse quanto encantamento estava bem em frente do seu negócio.
“Você veio,” disse Zia, o que parecia um pouco óbvio. Era minha imaginação, ou ela estava olhando para Amos com apreensão - até mesmo medo?
“Sim,” Carter disse nervosamente. “Você, uh, lembra de Sadie. E este é-“
“Amos,” Zia disse desconfortavelmente.
Amos se inclinou. “Zia Rashid, se passaram tantos anos. Eu vejo que Iskandar mandou seu melhor.”
Zia parecia ter levado um tapa na cara, e eu percebi que Amos não tinha ouvido as últimas notícias.
“Um, Amos,” eu disse. “Iskandar está morto.”
Ele olhava para nós com descrença enquanto contávamos a história.
“Entendo,” ele disse por fim. “Então o novo Leitor Chefe é-“
“Desjardins,” eu disse.
“Ah. Más notícias.”
Zia franziu a sobrancelha. Ao invés de se dirigir a Amos, ela se virou para mim. “Não dispense Desjardins. Ele é muito poderoso. Vocês precisaram da ajuda dele - da nossa ajuda - para desafiar Set.”
“Já te ocorreu,” eu disse. “que Desjardins possa estar ajudando Set?”
Zia olhou fixamente para mim. “Nunca. Outros poderiam. Mas não Desjardins.”
Ela claramente se referia a Amos. Eu suponho que isso deveria ter me deixado com mais suspeitas, mas ao invés disso eu fiquei com raiva.

“Você está cega,” eu disse a Zia. “A primeira ordem de Desjardins como Leitor Chefe foi nos matar. Ele está tentando nos parar, mesmo sabendo que Set está para destruir o continente. E Desjardins estava lá no Museu Britânico naquela noite. Se Set precisasse de um corpo-“
O topo do bastão de Zia entrou em chamas.
Carter rapidamente se colocou entre nós. “Whoa, as duas se acalmem. Nós estamos aqui para conversar.”
“Eu estou conversando,” Zia disse. “Vocês precisam da Casa da Vida do seu lado. Vocês precisam convencer Desjardins de que não são uma ameaça.”
“Nos rendendo?” eu perguntei. “Não, obrigada. Eu prefiro ser transformada em um inseto e então ser esmagada.”
Amos pigarreou. “Eu temo que Sadie esteja certa. A menos que Desjardins tenha mudado desde a última vez em que o vi, ele não é o tipo de homem que ouve a razão.”
Zia irritou-se. “Carter, posso falar com você em particular?”
Ele se mexeu de um pé para o outro. “Olhe, Zia, Eu-eu concordo que nós precisamos trabalhar juntos. Mas se você vai tentar me convencer a me render à Casa-“
“Tem uma coisa que tenho que te falar,” ela insistiu. “Algo que você precisa saber.”
O jeito que ela disse isso fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Podia ser isso que Geb quis dizer? Seria possível que Zia segurasse a chave para derrotar Set?
De repente Amos se retesou. Ele levantou seu bastão no ar e disse, “É uma armadilha.”
Zia pareceu confusa. “O quê? Não!”
Então todos vimos o que Amos tinha pressentido. Marchando em nossa direção do final leste da praça estava Desjardins em pessoa. Ele vestia túnicas cor de creme com a capa de pele de leopardo do Leitor Chefe amarrada em seus ombros. Seu bastão brilhava em tons de roxo. Turistas e pedestres se afastavam de seu caminho, confusos e nervosos, como se eles não tivessem certeza do que estava acontecendo mas soubessem o bastante para retirar-se.
“Pelo outro lado,” eu insisti.
Eu me virei e vi mais dois mágicos em túnicas pretas vindo do oeste.
Eu empunhei minha varinha e a apontei para Zia. “Você nos enganou!”
“Não! Eu juro-“ Seu rosto se abateu. “Mel. Mel deve ter dito a ele.”
“Certo,” eu murmurei. “Culpe Mel.”
“Sem tempo para explicações,” disse Amos, e ele golpeou Zia com um raio de luz. Ela bateu na mesa de souvenirs.
“Hey!” Carter protestou.
“Ela é inimiga,” Amos disse. “E nós temos inimigos suficientes.”
Carter correu para Zia (naturalmente) enquanto mais pedestres entravam em pânico e se dispersavam para os limites da praça.
“Sadia, Carter,” disse Amos, “se as coisas se complicarem, entrem no barco e fujam.”
“Amos, não vamos te deixar,” eu disse.
“Vocês são mais importantes,” ele insistiu. “Eu posso segurar Desjardins por-Cuidado!”
Amos girou seu bastão na direção dos dois mágicos de preto. Eles deviam estar murmurando feitiços, mas a rajada de vento de Amos varreu-os do chão, mandando os dois rodando sem controle no centro de um demônio de poeira. Eles bateram por toda a rua, levando lixo, folhas, e tamales, até que o tornado em miniatura lançou os mágicos aos gritos por cima de um prédio e fora de vista.
Do outro lado da praça, Desjardins gritou com raiva. “Kane!”
O Leitor Chefe bateu seu bastão no chão. Uma rachadura se abriu no pavimento e começou a serpentear em nossa direção. Quando a fenda foi ficando maior, as

construções começaram a estremecer. Estuque começou a se descascar das paredes. A rachadura deveria ter nos engolido, mas a voz de Isis falou em minha mente, me falando a palavra que eu precisava.
Eu levantei minha varinha. “Calma. Hah-ri.”
Hieróglifos arderam na nossa frente.

A fenda parou bem perto dos meus pés. O terremoto morreu.
Amos inspirou com força. “Sadie, como você-“
“Palavras Divinas, Kane!” Desjardins deu um passo para frente, seu rosto lívido. “A criança se atreve a dizer as Palavras Divinas. Ela está corrompida por Isis, e você é culpado por ajudar os deuses.”
“Vá embora, Michel,” Amos advertiu.
Parte de mim achou divertido que o primeiro nome de Desjardins fosse Michel, mas eu estava assustada demais para aproveitar o momento.
Amos estendeu sua varinha, pronto para nos defender. “Nós devemos parar Set. Se você for sábio-“
“Eu deveria fazer o quê?” Desjardins disse. “Me juntar a você? Colaborar? Os deuses não trouxeram nada além de destruição.”
“Não!” Zia proclamou. Com a ajuda de Carter, ela de algum modo conseguiu ficar de pé. “Mestre, não podemos lutar um contra o outro. Iskandar não iria querer isso.”
“Iskandar está morto!” Desjardins berrou. “Agora, afaste-se deles, Zia, ou seja destruída com eles.”
Zia olhou para Carter. Então ela enrijeceu o maxilar e encarou Desjardins. “Não. Nós devemos trabalhar juntos.”
Eu olhei para Zia com um novo respeito. “Você realmente não o trouxe para cá?”
“Eu não minto,” ela disse.
Desjardins levantou seu bastão, e enormes rachaduras apareceram nos prédios ao seu redor. Grandes pedaços de cimento e tijolos de adobe voaram em nossa direção, mas Amos convocou o vento e os desviou.
“Crianças, saiam daqui!” Amos gritou. “Os outros mágicos não vão ficar de fora para sempre.”
“Pela primeira vez, ele está certo,” Zia avisou. “Mas nós não podemos fazer um portal-“
“Nós temos um barco voador,” Carter ofereceu.
Zia balançou a cabeça apreciativamente. “Onde?”
Nós apontamos para a igreja, mas infelizmente Desjardins estava entre ele e nós.
Desjardins arremessou mais uma rajada de pedras. Amos as desviou com vento e raios.
“Magia de tempestade!” Desjardins zombou. “Desde quando Amos Kane é um especialista nos poderes do caos? Vocês estão vendo isso, crianças? Como ele pode ser seu protetor?”
“Cale a boca,” Amos grunhiu, e com uma volta de seu bastão ele levantou uma tempestade de areia tão enorme que cobriu toda a praça.
“Agora,” disse Zia. Nós fizemos um grande arco ao redor de Desjardins, e então corremos cegamente para a igreja. A tempestade de areia feriu minha pele e picou meus olhos, mas nós encontramos as escadas e subimos até o telhado. O vento diminuiu, e do outro lado da praça eu pude ver que Desjardins e Amos continuavam encarando um ao

outro, cobertos por escudos de energia. Amos estava cambaleando; o esforço estava claramente tomando muito dele.
“Eu tenho que ajudar,” Zia disse relutantemente, “ou Desjardins irá matar Amos.”
“Eu pensei que você não confiasse em Amos,” Carter disse.
“Eu não confio,” ela concordou. “Mas se Desjardins vencer esse duelo, nós todos estaremos mortos. Nós nunca escaparíamos.” Ela cerrou os dentes como se estivesse se preparando para algo realmente doloroso.
Ela estendeu seu bastão e murmurou um encantamento. O ar ficou morno. O bastão reluziu. Ela o soltou e ele rompeu em chamas, crescendo até se transformar em uma coluna de fogo de um metro de largura e quatro de altura.
“Persiga Desjardins,” ela entoou.
Imediatamente, a coluna flamejante flutuou para fora do telhado e começou a se mover lenta mas deliberadamente na direção do Leitor Chefe.
Zia dobrou-se. Carter e eu tivemos que agarrar os braços dela para impedir que ela caísse de cara no chão.
Desjardins olhou para cima. Quando ele viu o fogo, seus olhos se arregalaram com medo. “Zia!” ele praguejou. “Você ousa me atacar?”
A coluna desceu, passando pelos galhos de uma árvore e queimando um buraco por eles. Ela pousou na rua, pairando apenas alguns centímetros acima do asfalto. O calor era tão intenso que queimou o meio-fio de concreto e derreteu o asfalto. O fogo veio até um carro estacionado, e ao invés de dar a volta, queimou direto o chassi de metal, dividindo o carro em dois.
“Bom!” Amos gritou da rua. “Muito bem, Zia!”
Em desespero, Desjardins cambaleou para a esquerda. A coluna reajustou o curso. Ele a golpeou com água, mas o líquido evaporou em vapor. Ele convocou pedregulhos, mas eles passaram diretamente pelo fogo e saíram como caroços derretidos e fumegantes do outro lado.
“O quê é aquela coisa?” eu perguntei.
Zia estava inconsciente, a Carter balançou a cabeça em espanto. Mas Isis falou em minha mente. Um pilar de fogo, ela disse com admiração. É o mais poderoso feitiço que um mestre do fogo pode convocar. É impossível de derrotar, impossível de escapar. Pode ser usado para guiar o convocador até um objetivo. Ou pode ser usado para perseguir um inimigo, forçá-lo a correu. Se Desjardins tentar se concentrar em qualquer outra coisa, ele irá alcançá-lo e consumi-lo. Ele não irá deixá-lo sozinho até se dissipar.
Quanto tempo? Eu perguntei.
Depende da energia do convocador. Entre seis e doze horas.
Eu ri alto. Brilhante! Claro que Zia desmaiou criando-o, mas ainda sim era brilhante.
Um feitiço desses esgotou sua energia, disse Isis. Ela não será capaz de usar qualquer mágica até o pilar se desfazer. Ao ajudá-los, ela ficou completamente impotente.
“Ela vai ficar bem,” eu disse a Carter. Então eu gritei para a praça: “Amos, venha! Nós temos que ir!”
Desjardins continuava indo para trás. Eu podia dizer que ele estava com medo do fogo, mas ele não tinha terminado conosco.
“Vocês irão se arrepender por isso! Vocês querem bancar os deuses? Então não me deixam outra alternativa.” Fora do Duat, ele apanhou um conjunto de varas. Não, elas era flechas - cerca de sete.
Amos olhou para as flechas com horror. “Você não faria! Nenhum Leitor Chefe faria-“
“Eu convoco Sekhmet!” Desjardins berrou. Ele atirou as fleches no ar e elas começaram a rodopiar, orbitando ao redor de Amos.

Desjardins concedeu a si mesmo um sorriso satisfeito. Ele olhou diretamente para mim.
“Vocês escolheram colocar sua fé nos deuses?” ele gritou. “Então morram pelas mãos de um deus.”
Ele virou-se e correu. O pilar ganhou velocidade e o seguiu.
“Crianças, saiam daqui!” Amos gritou, rodeado pelas flechas. “Eu vou tentar distraí-la!”
“Quem?” eu perguntei. Eu sabia que já tinha ouvido o nome Sekhmet antes, mas eu tinha ouvido muitos nomes egípcios. “Qual deles é Sekhmet?”
Carter virou-se para mim, e mesmo com tudo que tínhamos passado naquela semana, eu nunca tinha visto ele tão assustado. “Nós precisamos ir embora,” ele disse. “Agora.”

CARTER

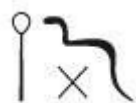
TRINTA E TRÊS

NÓS ENTRAMOS NOS NEGÓCIOS DE MOLHOS

VOCÊ ESTÁ ESQUECENDO DE ALGO, Horus me disse.
Um pouco ocupado aqui! Eu pensei de volta.
Você poderia pensar que é fácil conduzir um barco mágico pelo ar. Você estaria errado. Eu não tinha o casaco animado de Amos, então eu fiquei no fundo do barco tentando mover o leme eu mesmo, o que era como mover cimento. Eu não podia ver onde estávamos indo. Nós continuamos inclinando para frente e para trás enquanto Sadie tentava ao máximo impedir uma Zia inconsciente de cair pelos lados.
É meu aniversário, Horus insistiu. Deseje-me feliz aniversário!
“Feliz aniversário!” Eu gritei. “Agora, cala a boca!”
“Carter, o que você está fazendo?” Sadie gritou, agarrando a grade com uma mão e Zia com a outra enquanto o barco inclinou-se de lado. “Você ficou louco?”
“Não, eu estava falando com – oh, esqueça.”
Eu olhei para trás de nós. Algo estava se aproximando – uma figura resplandescente que clareava a noite. Vagamente humanoide, definitivamente más notícias. Eu implorei ao barco para ir mais rápido.
Você tem algo pra mim? Horus pediu.
Você pode, por favor, fazer algo útil? Eu exigi. Aquela coisa nos seguindo – aquilo é o que eu penso que é?
Oh. Horus pareceu entediado. Aquela é Sekhmet. Olho de Rá, destruidora dos perversos, a grande caçadora, senhora das chamas, etc.
Ótimo, eu pensei. E ela está nos seguindo porquê...
O Leitor Chefe tem o poder de evocá-la uma vez durante sua vida, Horus explicou. É um presente muito, muito velho – remete aos dias em que Rá primeiramente abençoou o homem com a magia.
Uma vez durante sua vida, eu pensei. E Desjardins escolhe agora?
Ele nunca foi muito bom em ser paciente.
Eu pensei que os magos não gostassem dos deuses!
Eles não gostam, Horus concordou. Somente te mostra quão hipócrita ele é. Mas eu suponho que te matar era mais importante do que manter os princípios. Eu posso estimar isso.
Eu olhei para trás novamente. A figura estava definitivamente chegando perto – uma mulher gigante dourada com armaduras vermelhas brilhantes, um arco em uma mão e uma aljava de flechas amarrada em suas costas – ela estava se lançando contra nós como um foguete.
Como podemos vencê-la? Eu perguntei.
Você basicamente não vence, Horus disse. Ela é a incarnação da ira do sol. Antes, na época em que Rá estava ativo, ela era muito mais impressionante, mas ainda assim... Ela é impossível de parar. Uma assassina de nascença, uma máquina de matar-”
“Ok, eu intendi!” Eu gritei.
“O que?” Sadie inquiriu, tão alto que Zia se mexeu.
“O-o que?” Seus olhos abriram nervosamente.

“Nada,” eu gritei. “Nós estamos sendo seguidos por uma máquina de matar. Volte a dormir.”
Zia sentou-se tontamente. “Uma máquina de matar? Você não quer dizer-”
“Carter, vire para a direita!” Sadie gritou.
Eu o fiz, e uma flecha em chamas do tamanho de um predador raspou zumbindo ao nosso bombordo. Ela explodiu acima de nós, deixando o telhado de nosso barco em chamas.
Eu manejei o barco para um mergulho, e Sekhmet passou em disparada à nossa frente mas então deu uma pirueta no ar com agilidade irritante e mergulhou atrás de nós.
“Nós estamos queimando!” Sadie apontou prestativamente.
“Notei!” Eu gritei de volta.
Eu escaneei a paisagem abaixo de nós, mas não havia nenhum local seguro para aterrizar – apenas subdivisões e parques de escritórios.
“Morram, inimigos de Rá!” Sekhmet gritou. “Pereça em agonia!”
Ela é quase tão irritante quanto você, eu disse para Horus.
Impossível, Horus disse. Ninguém supera Horus.
Eu dei outra virada evasiva, e Zia gritou, “Aqui!”
Ela apontou para um complexo de fábricas bem iluminado com caminhões, armazéns e reservatórios de cereais. Uma pimenta chili gigante estava pintada no lado do maior armazém, e uma placa luminosa dizia: molho mágico, inc.
“Oh, por favor,” Sadie disse. “Não é realmente mágico! É só um nome.”
“Não,” Zia insistiu. “Eu tive uma ideia.”
“Aquelas Sete Fitas?” Eu chutei. “As que você usou em Serqet?”
Zia sacudiu sua cabeça. “Elas só podem ser conjuradas uma vez ao ano. Mas meu plano-”
Outra flecha passou brilhando ao nosso lado, apenas centímetros de nosso estibordo.
“Segurem!” Eu dei um puxão no leme e girei o barco de cabeça para baixo antes da flecha explodir. O casco nos protegeu da violência da explosão, mas todo o fundo do navio estava agora em chamas, e nós estávamos caindo.
Com meu último ato de controle, eu mirei o barco contra o telhado do armazém, e o quebramos, batendo contra um amontoado gigantesco de... algo crocante.
Eu me arrastei para fora do barco e sentei, me sentindo tonto. Felizmente, a coisa em que nós batemos era macia. Infelizmente, era uma pilha de sete metros de pimenta chili desidratada, e o barco as incendiou. Meus olhos começaram a arder, mas eu sabia que não deveria esfregá-los, pois minhas mãos agora estavam cobertas de óleo de chili.
“Sadie?” Eu chamei. “Zia?”
“Socorro!” Sadie gritou. Ela estava do outro lado do barco, puxando Zia de dentro do fundo em chamas. Nós conseguimos puxá-la para fora e escorregar pelo monte até o chão.
O armazém parecia ser um local gigante de secagem de pimenta, com trinta ou quarenta montanhas de chili e fileiras de pratilheiras de secagem feitas de madeira. Os destroços de nosso barco enchiam o ar de fumaça picante, e pelo buraco que fizemos no teto, nós podíamos ver a silhueta brilhante de Sekhmet descendo.
Nós corremos. Arando por outra pilha de pimentas. [Não, eu não peguei uma pitada delas, Sadie – só cale a boca.] Nós nos escondemos atrás de uma pratilheira de secagem, onde prateleiras de pimenta faziam o ar queimar como ácido clorídrico.
Sekhmet aterrizou, e o chão do armazém estremeceu. De perto, ela era ainda mais aterrorizante. Sua pele brilhava como ouro líquido, e a armadura de seu peitoral e saia parecia tecido de ladrilhos feitos de lava fundida. Seus cabelos eram como uma densa juba de leão. Seus olhos eram felinos, mas não cintilavam como os de Bast ou traiam

qualquer bondade ou humor. Os olhos de Sekhmet reluziam como suas flechas, projetados apenas para caçar e destruir. Ela era bonita do mesmo modo que uma explosão atômica é bonita.
“Sinto cheiro de sangue!” Ela rosnou. “Banquetearei os inimigos de Rá até que minha barriga esteja cheia!”
“Encantador,” Sadie sussurrou. “Então Zia... Esse plano?”
Zia não parecia muito bem. Ela estava tremendo e pálida, e parecia ter problemas em se concentrar em nós. “Quando Rá... quando ele chamou Sekhmet pela primeira vez para punir os humanos por eles estarem se rebelando contra ele... Ela saiu do controle.”
“Difícil de imaginar,” eu sussurrei, enquanto Sekhmet rasgava pelos destroços em chamas de nosso barco.
“Ela começou a matar todos,” Zia disse, “não apenas os perversos. Nenhum dos outros deuses conseguia pará-la. Ela simplesmente matava o dia todo até que estivesse empanturrada de sangue. Então ela ia embora até o dia seguinte. Então o povo implorou aos magos para bolarem um plano, e-”
“Vocês se atrevem a esconder-se?” Chamas rugiram enquanto Sekhmet destruía pilha após pilha de pimenta desidratada. “Eu os torrarei vivos!”
“Corra agora,” Eu decidi. “Conversas depois.”
Sadie e eu puxamos Zia entre nós. Nós conseguimos sair do armazém momentos antes do lugar implodir pelo calor, levantando uma nuvem quente e apimentada em formato de cogumelo ao céu. Nós corremos por uma área de estacionamentos lotada com caminhões e nos escondemos atrás de um bitrem.
Eu espiei, esperando ver Sekhmet sair andando das chamas do armazém. Ao invés, ela pulou de lá na forma de um leão gigante. Seus olhos brilharam, e flutuando sobre sua cabeça estava um disco de fogo como um sol em miniatura.
“O símbolo de Rá,” Zia sussurrou.
Sekhmet rugiu: “Onde estão vocês, minhas fatias deliciosas?” Ela abriu sua mandíbula e soprou uma explosão de ar quente através do estacionamento. Onde quer que seu sopro tocasse, o asfalto derretia, carros desintegravam em areia, e o estacionamento se transformou em um deserto estéril.
“Como ela fez aquilo?” Sadie sibilou.
“Seu hálito cria os desertos,” Zia disse. “Essa é a lenda.”
“Cada vez melhor.” Medo estava fechando minha garganta, mas eu sabia que não podíamos nos esconder por muito tempo mais. Eu conjurei minha espada. “Eu vou distraí-la. Vocês duas correm-”
“Não,” Zia insistiu. “Há outro modo.” Ela apontou para uma fileira de reservatórios de cereais do outro lado do estacionamento. Cada um tinha três andares de altura e talvez sete metros de diâmetro, com uma pimenta chili gigante pintada de um lado.
“Tanques de petróleo?” Sadie perguntou.
“Não,” eu disse. “Deve ser salsa, certo?”
Sadie olhou para mim inexpressivamente. “Isso não é um tipo de música?”
“É um molho picante,” eu disse. “Isso é o que eles fazem aqui.”
Sekhmet soprou em nossa direção, e os três caminhões próximos a nós derreteram em areia. Nós escapulimos de lado e pulamos atrás de uma parede de blocos de concreto.
“Escute,” Zia arfou, sua face perolada de suor. “Quando o povo precisou parar Sekhmet, eles pegaram cubas gigantescas de cerveja e as coloriram de vermelho brilhante com suco de romã.”
“É, eu me lembro agora,” eu interrompi. “Eles disseram à Sekhmet que era sangue, e ela bebeu até desmaiar. Então Rá foi capaz de revogá-la aos céus. Eles a transformaram em algo mais gentil. Uma deusa vaca ou algo assim.”

“Hathor,” Zia disse. “Essa é a outra forma de Sekhmet. O outro lado de sua personalidade.”
Sadie sacudiu sua cabeça em descrença. “Então você está dizendo que ofereçamos comprar algumas cervejas para Sekhmet, e ela virará uma vaca.”
“Não exatamente,” Zia disse. “Mas salsa é vermelho, não é?”
Nós marginamos os terrenos da fábrica enquanto Sekhmet mastigava caminhões e explodia grandes faixas do estacionamento em areia.
“Eu odeio esse plano,” Sadie resmungou.
“Só a mantenha ocupada por alguns segundos,” Eu disse. “E não morra.”
“É, essa é a parte difícil, não é?”
“Um...” Eu contei. “Dois... Três!”
Sadie atirou-se ao espaço aberto e usou seu feitiço favorito: “Ha-di!”
Os hieroglifos brilharam sob a cabeça de Sekhmet:

E tudo a sua volta explodiu. Caminhões desfizeram-se em pedaços. O ar tremeluziu com energia. O chão elevou-se, criando uma cratera de cinquenta pés de profundidade na qual a leoa caiu violentamente.
Foi bem impressionante, mas eu não tive tempo para admirar o trabalho de Sadie. Eu me transformei em um falcão e me lancei para os tanques de molho.
“RRAAAARR!” Sekhmet pulou da cratera e soprou vento desértico na direção de Sadie, mas Sadie já havia saído a tempos. Ela correu para o lado, agachando-se atrás de trailers e soltando alguns metros de corda mágica enquanto fugia. As cordas chicotearam no ar e tentaram amarrar-se em volta da boca da leoa. Elas falharam, é claro, mas elas conseguiram irritar a Destruidora.
“Mostre-se!” Sekhmet berrou. “Eu banquetearei sua carne!”
Empoleirado em um depósito, eu concentrei todo meu poder e mudei direto de falcão para avatar. Minha forma brilhante era tão pesada, que seus pés afundaram no topo do tanque.
“Sekhmet!” Eu gritei.
A leoa rodopiou e rosnou, tentando localizar minha voz.
“Aqui em cima, gatinha!” Eu chamei.
Ela me viu e suas orelhas foram para trás. “Horus?”
“A não ser que você conheça outro cara com cabeça de falcão.”
Ela andou para frente e para trás incerta, então rosnou em desafio. “Porque falas comigo quando estou em minha forma colérica? Você sabe que tenho que destruir tudo em meu caminho, mesmo você!”
“Se você tiver,” eu disse. “Mas primeiro, você pode gostar de banquetear o sangue de seus inimigos!”
Eu dirigi minha espada ao tanque e salsa jorrou em uma grossa cachoeira vermelha. Eu pulei ao próximo tanque e o cortei. E novamente, e novamente, até que seis tanques de Molho Mágico estavam vomitando no estacionamento.
“Ha, há!” Sekhmet estava adorando isso. Ela pulou na torrente de molho vermelho, rolando nela, regozijando-se com aquilo. “Sangue. Sangue adorável!”
É, aparentemente leões não são muito inteligentes, ou suas papilas gustativas não são muito desenvolvidas, pois Sekhmet não parou até que sua barriga estivesse inchada, e sua boca literalmente começou a sair fumaça.

“Picante,” ela disse, tropeçando e piscando. “Mas meus olhos doem. Que tipo de sangue é esse? Núbio? Persa?”
“Jalapeño,” eu disse. “Experimente um pouco mais. Fica melhor.”
Suas orelhas também estavam esfumaçando agora enquanto ela tentava beber mais. Seus olhos encheram d'água, e ela começou a cambalear.
“Eu...” Vapor ondulou de sua boca. “Quente... boca quente...”
“Leite é bom para isso,” eu sugeri. “Talvez se você fosse uma vaca.”
“Truque,” Sekhmet roncou. “Você... você enganou...”
Mas seus olhos estavam muito pesados. Ela virou em um círculo e desmoronou, enrolando-se em uma bola. Sua silhueta se contraiu e tremeluziu enquanto sua armadura vermelha derreteu-se em pontos em sua pele dourada, até que eu estava olhando para uma enorme vaca adormecida.
Eu desci do tanque e pisei com cautela ao redor da deusa que dormia. Ela estava fazendo uns sons de vaca dormindo, como “Mu-zzz, mu-zzz.” Eu balancei minha mão na frente de seu rosto, e quando eu estava convencido de que ela estava apagada, dissipei meu avatar. Sadie e Zia emergiram de trás de um trailer.
“Bem,” disse Sadie, “isso foi diferente.”
“Eu nunca comerei salsa novamente,” eu decidi.
“Vocês dois foram maravilhosos,” Zia disse. “Mas seu barco está queimado. Como nós chegaremos em Phoenix?”
“Nós?” Sadie disse. “Eu não me lembro de te convidar.”
O rosto de Zia ficou vermelho como salsa. “Com certeza você não continua achando que eu os levei para uma armadilha?”
“Eu não sei,” Sadie disse. “Você fez isso?”
Eu não acreditava que estava ouvindo isso.
“Sadie.” Minha voz soou perigosamente irritada, mesmo para mim. “Pare com isso. Zia conjurou aquela coisa de pilar-de-fogo. Ela sacrificou sua magia para salvar-nos. E ela ensinou como derrotar a leoa. Nós precisamos dela.”
Sadie olhou para mim. Ela olhou para frente e para trás entre Zia e eu, provavelmente tentando julgar quão longe ela poderia ir.
“Ótimo.” Ela cruzou os braços e fez beicinho. “Mas nós temos que encontrar Amos primeiro.”
“Não!” Zia disse. “Essa seria uma ideia péssima!”
“Oh, então nós podemos confiar em você, mas não em Amos?”
Zia hesitou. Eu tive um sentimento de que isso foi exatamente o que ela quis dizer, mas ela decidiu tentar uma abordagem diferente. “Amos não gostaria que vocês esperassem. Ele falou para continuar, não falou? Se ele sobreviveu à Sekhmet, ele nos encontrará na estrada. Se não...”
Sadie xingou. “Então como chegaremos em Phoenix? Andando?”
Eu olhei para o estacionamento, onde um bitrem ainda estava intacto. “Talvez não precisemos.” Eu tirei o casaco de linho que peguei emprestado no armário de Amos. “Zia, Amos tinha um modo de animar seu casaco para que pudesse pilotar seu barco. Você conhece o feitiço?”
Ela assentiu. “É bem simples com os ingredientes corretos. Eu poderia fazer se eu tivesse minha magica.”
“Você pode me ensinar?”
Ela franziu os lábios. “A parte mais difícil é a estatueta. Na primeira vez que você encanta a roupa, você precisa esmagar um shabti no tecido e dizer um encantamento para fundi-los. Isso iria requirir uma estatueta de argila ou cera que já tenha sido imbuída com um espírito.”

Sadie e eu nos olhamos, e dissemos simultaneamente, “Doughboy!”

CARTER

TRINTA E QUATRO

DOUGHBOY NOS DÁ UM RUMO

EU CONVOQUEI A CAIXA DE FERRAMENTAS MÁGICA DO MEU PAI para fora do Duat e agarrei nosso pequeno amigo sem pernas.
“Doughboy, nós precisamos conversar.”
Doughboy abriu seus olhos de cera. “Finalmente! Você percebe o quanto é abafado lá? Enfim você lembrou que precisa de minha brilhante orientação.”
“Na verdade precisamos que se torne um casaco. Só por um instante.”
A boca minúscula dele abriu. “Eu pareço um artigo de roupa? Eu sou o lorde de todo o conhecimento! O poderoso—”
Eu o esmaguei na minha jaqueta, o bati, joguei no pavimento e pisei em cima. “Zia, qual é aquela mágica?”
Ela me disse as palavras, e eu repeti a canção. O casaco inflou e pairou na minha frente. Ele se limpou e franziu o colarinho. Se casacos pudessem olhar indignados, este estava.
Sadie olhou de modo suspeito. “Isso pode dirigir um caminho sem pés para o pedais?”
“Não deve ser um problema,” Zia disse. “É um longo casaco.”
Eu suspirei com alívio. Por um momento, imaginei-me tendo que animar minhas calças, também. Aquilo poderia ter sido desagradável.
“Leve-nos até Phoenix,” falei ao casaco.
O casaco fez um gesto rude para mim—ou então, teria sido rude se ele tivesse mãos. Então ele flutuou no banco do motorista.
O táxi era maior do que eu pensava. Atrás do banco tinha uma área de cortinas com uma cama full-size, que Sadie afirmou imediatamente.
“Eu vou deixar você e Zia terem algum tempo de qualidade,” ela me disse. “Somente vocês e o seu casaco.”
Ela abaixou-se atrás das cortinas antes que eu pudesse bater nela.
O casaco nos dirigiu a oeste na I-10 quando um banco de nuvens negras engolia as estrelas. O ar cheirava como chuva.
Depois de um longo tempo, Zia pigarreou. “Carter, me desculpe por... digo, eu queria que as circunstâncias fossem melhores.”
“É,” eu disse. “Eu acho que vai ter muitos problemas com a Casa.”
“Eu vou ser afastada,” ela disse. “Meu bastão quebrou. Meu nome vai ser tirado do livro. Eu vou ser mantida num asilo, isso se não me matarem antes.”
Pensei sobre o pequeno santuário de Zia no Primeiro Nome—todas aquelas fotos da vila dela e a sua família que não lembrava. Enquanto ela falava sobre ser exilada, ela tinha a mesma expressão que tinha usado: sem desapontamento ou tristeza, mais como confusão, como se ela não pudesse imaginar porque ela estava revoltando-se, ou o que o Primeiro Nome foi para ela. Ela tinha dito que Iskandar era como sua única família. Agora ela não tinha ninguém.
“Você poderia vir conosco,” eu disse.
Nos estávamos sentados juntos, e eu estava muito atento ao seu ombro pressionando o meu. Mesmo com o fedor de pimentas queimadas em nós dois, eu podia sentir seu

perfume egípcio. Ela tinha uma pimenta seca presa no seu cabelo, e de alguma forma aquilo a fez parecer mais bonita.
Sadie diz que meu cérebro era podre. [É sério, Sadie, eu não te interrompo tanto quando você está contando a história.]
De qualquer jeito, Zia olhou para mim triste. “Onde iríamos, Carter? Mesmo se você derrotasse Set e salvasse esse continente, o que você fará? A Casa vai lhe caçar. Os deuses vão tornar sua vida miserável.”
“Nós vamos descobrir,” prometi. “Estou acostumado a viajar. Eu sou bom em improvisar, e Sadie não é tão mau.”
“Eu ouvi isso!” A voz abafada de Sadie veio das cortinas.
“E com você,” eu continuei, “quero dizer, você sabe, com sua magia, as coisas podem ser mais fáceis.
Zia apertou minha mão, que causou um formigamento no meu braço. “Você é gentil, Carter. Mas você não me conhece. Não mesmo. Eu acho que Iskandar viu isso acontecer.
“O que você quer dizer com isso?”
Zia pegou sua mão de volta, o que me chateou um pouco. “Quando Desjardins e eu voltamos do Museu Britânico, Iskandar me disse em particupar. Ele falou que eu estava em perigo. Ele disse que acharia um lugar seguro para mim e...” Suas sobrancelhas se uniram. “Que estranho. Eu não lembro.”
Uma sensação fria começou a me atormentar. “Espere, ele achou algum lugar seguro?”
“Eu...eu acho que sim.” Ela sacudiu a cabeça. “Não, ele não poderia, obviamente. Eu ainda estou aqui. Talvez ele não teve tempo. Ele me mandou para lhe achar em Nova York quase que imediatamente.”
Lá fora, uma leve chuva começou a cair. O casaco ligou os limpadores de vidro.
Eu não entendi o que Zia me disse. Talvez Iskandar percebesse uma mudança em Desjardins, e tentou proteger seu estudante favorito. Mas algo mais sobre aquela história me incomodou—algo que não podia meter o dedo.
Zia estava olhando para a tempestade como se visse algo estranho lá fora.
“Estamos correndo contra o tempo,” ela disse. “Ele está voltando.”
“Quem está voltando?”
Ela olhou para mim urgentemente. “O que eu precisava te contar—o que você precisa. É o nome secreto de Set.”
A tempestade aumentou. Um trovão ribombou e o caminhão tremeu no vento.
“E-esqueça,” eu gaguejei. “Como você sabe o nome de Set? Como você descobriu que precisávamos disso?”
“Você roubou o livro de Desjardins. Desjardins nos contou sobre isso. Ele disse que não importava. Ele disse que você não poderia fazer o feitiço sem o nome secreto de Set, o que é impossível de conseguir.”
“Então como você sabe? Thoth disse que só poderia vir de Set, ou da pessoa...” Minha voz morreu quando um terrível pensamento me ocorreu. “Ou da pessoa mais próxima dele.”
Zia fechou os olhos como se doesse. “Eu—eu não posso explicar, Carter. Eu tenho essa voz me contando o nome—”
“A quinta deusa,” eu disse, “Néftis. Você estava lá também no Museu Britânico.”
Zia ficou atordoada. “Não. É impossível.”
“Iskandar disse que você estava em perigo. Ele quis encontrar para você algum lugar seguro. É o que ele quis dizer. Você é uma deusa menor.”
Ela sacudiu a cabeça abstinadamente. “Mas ele não me levou. Eu estou bem aqui. Se eu estivesse hospedando um deus, os outros magos da Casa já teriam descoberto dias atrás.

Eles me conhecem muito bem. Eles perceberiam as mudanças na minha magia. Desjardins teria me destruído."
Ela tinha um ponto—mas aí outro pensamento horrível me ocorreu. "A não ser que Set esteja controlando ele," eu disse.
"Carter, você é mesmo tão cego? Desjardins não é Set."
"Porque você acha que é Amos," eu disse. "Amos que arriscou sua vida para nos salvar, quem nos disse para ir sem ele. Além disso, Set não precisa de uma forma humana. Ele está usando a pirâmide.
"Que você sabe por que...?"
Eu hesitei. "Amos nos contou."
"Isso não nos leva a lugar nenhum," Zia disse. "Eu sei o nome secreto de Set, e eu posso te contar. Mas você precisa prometer que você não vai dizer a Amos.
"Ah, vamos lá! Além disso, se você sabe o nome, por que você mesma não usa?
Ela balançou a cabeça, parecendo frustrada. "Eu não sei o por quê...eu só sei que esse não sou eu quem deve fazer isso. Precisa ser você ou Sadie—sangue dos faraós. Se você não—"
O caminhão diminuiu a velocidade abruptamente. Atrás do para-brisa frontal, a cerca de vinte metros de distância, um homem com um casaco azul estava na direção dos nosso faróis. Suas roupas estavam esfarrapadas como se tivesse sido pulverizado com uma espingarda, mas por outro lado, ele parecia bem. Antes do caminhão parar por completo, eu pulei para fora do táxi e corri para encontrá-lo.
"Amos!" Eu chorei. "O que aconteceu?"
"Eu distraí Sekhmet," ele disse, colocando o dedo em um dos buracos do casaco. "Por onze segundos. Estou feliz por ver que você sobreviveu."
"Havia um fábrica de salsa," eu comecei a explicar, mas Amos levantou sua mão.
"Hora para explicações depois," ele disse. "Agora precisamos continuar andando."
Ele apontou para o noroeste, e eu vi o que ele queria. A tempestade foi a pior na frente. Muito pior. Uma parede preta apagou o céu, as montanhas, a estrada, como se fosse engolir todo o mundo.
"A tempestade de Set está se recolhendo," Amos disse com um brilho nos olhos. "Vamos dirigir para ele?"

SADIE

TRINTA E CINCO

HOMENS PEDEM INFORMAÇÕES (E OUTROS SINAIS DO APOCALYPSE)

EU NÃO SEI COMO EU CONSEGUI com Carter e Zia tagarelando, mas eu dormi um pouco nos fundos do caminhão. Mesmo depois do entusiasmo de ver Amos vivo, assim que voltamos à estrada eu voltei ao beliche e apaguei. Suponho que um bom feitiço ha-di pode realmente te exaurir.

Naturalmente, meu ba tomou isso como uma oportunidade para viajar. O céu proíbe que eu descanse em paz.

Eu me encontrei de volta em Londres, às margens do Thames. A Agulha de Cleópatra surgiu à minha frente. Era um dia cinza, frio e calmo, e até o cheiro da sujeira que aparecia com a baixa do rio **(low-tide muck. Não encontrei tradução "pequena" para isso)** me causou nostalgia.

Ísis ficou ao meu lado usando um vestido branco como nuvem, seus cabelos negros trançados com diamantes. Suas asas multicoloridas apareciam e desapareciam atrás dela como a Aurora Boreal.

"Seus pais tiveram a ideia certa," ela disse. "Bast estava falhando."

"Ela era minha amiga," eu disse.

"Sim. Uma serva boa e leal. Mas o caos não pode ser contido para sempre. Ele cresce. Se infiltra nas rachaduras da civilização, quebra-lhe as bordas. Ele não pode ser mantido em balanço. Essa é simplesmente sua natureza."

O obelisco estrondou, brilhando fracamente.

"Hoje é o continente americano," Ísis devaneou. "Mas a não ser que os deuses se unam, a não ser que alcancemos nossa força total, o caos logo irá destruir todo o mundo humano."

"Nós estamos dando nosso melhor," insisti. "Derrotaremos Set."

Isis olhou para mim com tristeza. "Você sabe que não é isso o que quero dizer. Set é apenas o começo."

A imagem mudou, e eu vi Londres em ruínas. Eu havia visto algumas fotos horríveis da Blitz **(ataque relâmpago que a Alemanha executou sobre o Reino Unido)** na Segunda Guerra Mundial, mas não era nada comparado a isso. A cidade estava nivelada: pedregulhos e poeira por milhas, o Thames engasgado com destroços. A única coisa em pé era o obelisco, e enquanto eu olhava ele começou a rachar, todos os quatro lados descamando como uma flor sinistra desabrochando.

"Não me mostre isso," supliquei.

"Isso acontecerá cedo o bastante," Ísis disse, "como sua mãe previu. Mas se você não consegue aguentar isso..."

A cena mudou novamente. Nós estávamos na sala do trono de um palácio – o mesmo que eu vi antes, onde Set prendeu Osíris em sua tumba. Os deuses estavam reunindo, materializando como feixes de luz que atiravam-se pela sala do trono, enrolavam ao redor dos pilares, e adquiriam forma humana. Um se tornou Toth com seu jaleco manchado, seus óculos de aro de metal, e seus cabelos arrepiados por toda a cabeça.

Outro tornou-se Horus, o jovem guerreiro orgulhoso com olhos prateados e dourados. Sobek, o deus crocodilo, agarrou seu bastão aquoso e rosnou para mim. Uma multidão de escorpiões foram sorrateiramente para trás de uma coluna e emergiram do outro lado como Serqet, a deusa aracnídea de vestes marrons. Então meu coração deu um salto, pois notei um garoto de preto em pé atrás do trono: Anúbis, seus olhos escuros me estudando com pesar.
Ele apontou ao trono, e eu vi que estava vazio. O palácio estava sem seu coração. A sala estava fria e escura, e era impossível acreditar que este havia sido antes um local de celebração.
Ísis virou para mim. "Nós precisamos de um governante. Horus deve se tornar faraó. Nós devemos unir os deuses e a Casa da Vida. É o único modo."
"Você não pode estar se referindo ao Carter," eu disse. "Meu irmão atrapalhado – faraó? Você está brincando?"
"Nós temos que ajudá-lo. Você e eu."
A ideia era tão ridícula que eu teria gargalhado se os deuses não estivessem me olhando de modo tão sombrio.
"Ajudá-lo?" Eu disse. "Porque ele não me ajuda a me tornar faraó?"
"Houve fortes mulheres faraós," Ísis admitiu. "Hatshepsut governou bem por vários anos. O poder de Nefertiti era equivalente ao de seu marido. Mas você possui um caminho diferente, Sadie. Seu poder não virá de sentar em um trono. Eu acho que você sabe disso."
Eu olhei para o trono, e percebi que Ísis tinha razão. A ideia de sentar ali com uma coroa na minha cabeça, tentando comandar esse monte de deuses mal humorados, não me atraia nem um pouco. Mas mesmo assim... Carter?
"Você ficou forte, Sadie," Ísis disse. "Eu não creio que você tenha percebido quão forte. Logo nós iremos encarar o teste juntas. Nós prevaleceremos, se você mantiver sua coragem e fé."
"Coragem e fé," eu disse. "Não são meus fortes."
"Seu momento chega," Ísis disse. "Nós dependemos de você."
Os deuses reuniram-se ao redor, me encarando com expectativa. Eles começaram a amontoar, comprimindo tão próximo que eu não podia respirar, agarrando meus braços, me sacudindo...
Eu acordei para encontrar Zia cutucando meu ombro. "Sadie, nós paramos."
Eu instintivamente alcancei minha varinha. "O que? Onde?"
Zia afastou a cortina da beliche e curvou-se sobre mim do assento da frente, irritantemente como um abutre **(acho que boiei nessa parte)**. "Amos e Carter estão no posto de gasolina. Você tem que estar preparada para ir."
"Porque?" Eu me sentei e olhei pelo para-brisas, diretamente para uma tempestade de areia. "Oh..."
O céu estava negro, então era impossível dizer se era dia ou noite. Através do temporal de vento e areia, eu podia ver que estávamos estacionados na frente de um posto de gasolina iluminado.
"Estamos em Phoenix," Zia disse, "mas a maior parte da cidade está fechada. As pessoas estão evacuando."
"Horas?"
"Quatro e meia da manhã," Zia disse. "Magia não está funcionando muito bem. Quanto mais nos aproximamos da montanha, pior fica. E o sistema GPS do caminhão está parado. Amos e Carter entraram para pedir informações."
Aquilo não soou promissor. Se dois magos homens estavam desesperados o suficiente para parar e pedir informações, estávamos em uma situação complicada.

A cabine do caminhão sacudiu com o vento urrante. Depois de tudo que passamos, eu me senti estúpida por ter medo de uma tempestade, mas eu escalei o assento e me sentei ao lado de Zia para ter alguma companhia.
“Há quanto tempo eles estão aí?” perguntei.
“Não muito,” Zia disse. “Eu quis conversar com você antes deles chegarem.”
Eu levantei uma sobrancelha. “Sobre Carter? Bem, se você se pergunta se ele gosta de você, o modo que ele gagueja pode ser uma indicação.”
Zia franziu o cenho. “Não, eu estou-”
“Perguntando se eu me importo? Muito atencioso. Eu devo dizer que antes eu tinha minhas dúvidas, como você ameaçando nos matar e tudo, mas eu decidi que você não é um tipo ruim, e Carter é louco por você, então -”
“Não é sobre o Carter.”
Eu enruguei meu nariz. “Ops. Você poderia esquecer o que eu disse então?”
“É sobre Set.”
“Meu Deus,” eu suspirei. “Isso novamente não. Ainda suspeita de Amos?”
“Você é cega para não ver,” Zia disse. “Set adora fraudes e armadilhas. É seu modo favorito de matar.”
Parte de mim sabia que ela tinha razão. Sem dúvidas você pensará que eu era uma tola por não escutar. Mas você já ficou sentado enquanto alguém falava mal de um membro da sua família? Mesmo que não seja seu parente favorito, a reação natural é defendê-los – pelo menos foi para mim, possivelmente porque, para começar, eu não tinha tanta família. “Olhe, Zia, eu não acredito que Amos iria-”
“Amos não,” Zia concordou. “Mas Set pode dobrar a mente e controlar o corpo. Eu não sou especialista em possessão, mas esse era um problema muito comum nos tempos antigos. Demônios menores são difíceis o suficiente para expulsar. Um deus maior-”
“Ele não está possuído. Ele não pode estar.” Eu estremeci. Uma dor afiada estava queimando a palma da minha mão, no ponto em que eu segurei a Pena da Verdade pela última vez. Mas eu não estava dizendo uma mentira! Eu realmente acreditava que Amos era inocente. Não acreditava?
Zia estudou minha expressão. “Você precisa de Amos para ficar bem. Ele é seu tio. Você perdeu muitos membros da sua família. Eu intendo isso.”
Eu quis retrucar que ela não intendia nada, mas seu tom me fez desconfiar que ela conhecera o pesar – possivelmente mais do que eu.
“Nós não temos escolha,” eu disse. “Tem o quê, três horas até o nascer do sol? Amos conhece o melhor caminho para a montanha. Armadilha ou não, nós temos que ir até lá e tentar parar o Set.”
Eu quase podia ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ela procurava um modo, qualquer modo de me convencer.
“Tudo bem,” ela disse afinal. “Eu quis contar algo para o Carter mas nunca tive a oportunidade. Eu te contarei, ao invés. A última coisa que vocês precisam para parar Set-”
“Você não poderia saber o nome secreto dele.”
Zia segurou meu olhar. Talvez fosse a Pena da Verdade, mas eu tinha certeza de que ela não estava blefando. Ela realmente tinha o nome de Set. Ou pelo menos, ela acreditava nisso.
E honestamente, eu entreouvi partes de sua conversa com Carter enquanto eu estava nos fundos da cabine. Eu não quis me meter, mas foi difícil não fazê-lo. Eu olhei para Zia, e tentei acreditar que ela estava hospedando Néftis, mas não fez nenhum sentido. Eu conversei com Néftis. Ela me disse que estava longe em um tipo de hospedeiro adormecido. E Zia estava bem aqui na minha frente.

“Irá funcionar,” Zia insistiu. “Mas eu não posso fazer isso. Deve ser você.”
“Porque não usar você mesma?” Eu exigi. “Porque você gastou toda sua magia?”
Ela afastou a pergunta. “Só prometa que você usará agora, no Amos, antes de chegarmos à montanha. Pode ser sua única chance.”
“E se você estiver errada, nós gastaremos a única chance que temos. O livro desaparece depois de usado, certo?”
Zia assentiu de má vontade. “Uma vez lido, o livro dissolverá e reaparecerá em algum outro lugar do mundo. Mas se você esperar mais, estamos condenados. Se Set atraí-los para a base de seu poder, vocês nunca terão a força para confrontá-lo. Sadie, por favor-”
“Diga-me o nome,” eu disse. “Eu prometo que o usarei na hora certa.”
“Agora é a hora certa.”
Eu hesitei, esperando que Ísis fosse deixar algumas palavras de sabedoria, mas a deusa estava em silêncio. Eu não sei se eu teria abrandado. Talvez as coisas seriam diferentes se eu houvesse concordado com o plano de Zia. Mas antes que eu pudesse fazer essa escolha, a porta do caminhão abriu, e Amos e Carter subiram com uma rajada de areia.
“Estamos próximos.” Amos sorriu como se fossem boas notícias. “Muito, muito próximos.”

TRINTA E SEIS

NOSSA FAMÍLIA É VAPORIZADA

MENOS DE UM QUILÔMETRO DA Montanha Camelback, nós entramos abruptamente em um círculo de perfeita calma.
"Olho da tempestade," Carter supôs.
Era estranho. Por toda a montanha um cilindro de nuvens negras rodopiava. Traços de fumaça se espalhavam de todos os lados do pico da Camelback para as bordas do redemoinho como os raios de uma roda, mas diretamente acima de nós, o céu estava limpo e estrelado, começando a se tornar cinza. O nascer do sol não estava muito longe.
As ruas estavam vazias. Mansões e hotéis estavam aglomerados ao redor da base da montanha, completamente escuros, mas a montanha brilhava por ela mesma. Você já colocou sua mão sobre a luz de uma lamparina (desculpe, uma lanterna para vocês americanos) e viu a sua mão brilhar vermelha? Era assim que a montanha parecia: algo muito brilhante e quente estava tentando queimar para fora da rocha.
"Nada se movendo nas ruas," disse Zia. "Se nós tentarmos dirigir para a montanha-"
"Nós seremos vistos," eu disse.
"E aquele feitiço?" Carter olhou para Zia. "Você sabe… o que você usou no Primeiro Nome."
"Que feitiço?" eu perguntei.
Zia balançou a cabeça. "Carter está se referindo a um feitiço de invisibilidade. Mas eu não tenho magia. E a menos que você tenha os ingredientes próprios, não pode ser feito por capricho."
"Amos?" eu perguntei.
Ele ponderou no assunto. "Sem invisibilidade, eu temo. Mas eu tenho outra idéia."
Eu pensei que nos transformar em pássaros era ruim, até que Amos nos tornou em nuvens de tempestade.
Ele nos explicou o que ia fazer antecipadamente, mas isso não me fez nem um pouco menos nervosa.
"Ninguém vai notar alguns punhados de nuvens negras no meio de uma tempestade," ele argumentou.
"Mas isso é impossível," disse Zia. "Isso é magia da tempestade, magia do caos. Nós não devíamos-"
Amos levantou sua varinha, e Zia se desintegrou.
"Não!" gritou Carter, mas então ele também se fora, substituído por uma espiral de poeira negra.
Amos se virou para mim.
"Oh, não," eu disse. "Obrigada, mas-"
Poof. Eu era uma nuvem de tempestade. Agora, isso pode soar incrível pra você, mas imagine suas mãos e pés desaparecendo, se transformando em punhados de vento. Imagine seu corpo substituído por poeira e vapor, e tendo um formigamento no estômago sem nem mesmo ter um estômago. Imagine ter que se concentrar apenas para não se dispersar até o nada.

Eu fiquei com muita raiva, e um clarão de relâmpago crepitou dentro de mim.
“Não fique assim,” Amos repreendeu. “É apenas por alguns minutos. Sigam-me.”
Ele se dissolveu em um pedaço de tempestade mais pesado e negro e correu em direção à montanha. Segui-lo não era fácil. Primeiramente eu só conseguia flutuar. Qualquer vento ameaçava levar uma parte de mim. Eu tentei rodopiar e descobri que isso me ajudava a manter minhas partículas juntas. Então eu me imaginei recheada de hélio, e de repente eu tinha ido.
Eu não tinha certeza se Carter e Zia estavam seguindo ou não. Quando você é uma tempestade, sua visão não é humana. Eu podia vagamente sentir o que estava à minha volta, mas o que eu “via” era disperso e difuso, como se fosse sob muita estática.
Eu me dirigi à montanha, que era um farol quase irresistível para o meu ser tempestade. Reluzia com calor, pressão, e turbulência - tudo que um pequeno demônio de poeira como eu poderia querer.
Eu segui Amos até uma cordilheira do lado da montanha, mas eu voltei à forma humana um pouco cedo demais. Eu tombei do céu e derrubei Carter no chão.
“Ouch,” ele grunhiu.
“Desculpe,” eu respondi, apesar de estar me concentrando mais em não passar mal. Meu estômago ainda se comportava como uma nuvem de tempestade.
Zia e Amos estavam ao nosso lado, espreitando uma fenda entre duas grandes pedras de arenito. Luz vermelha passava por ela e fazia com que seus rostos parecessem demoníacos.
Zia virou-se para nós. Julgando por sua expressão, o que ela vira não era bom. “Falta apenas o piramidion.”
“O o quê?” eu olhei pela fenda, e a vista era quase tão desorientadora quanto ser uma nuvem de tempestade. A montanha inteira estava escavada, exatamente como Carter tinha dito. O chão da caverna estava a seiscentos metros abaixo de nós. Fogo ardia em todo lugar, banhando as paredes de pedra com uma luz cor de sangue. Uma pirâmide carmesim gigante dominava a caverna, e em sua base, multidões de demônios vagueavam como a platéia de um concerto de rock esperando o show começar. Bem acima deles, no nosso nível de visão, duas barcas mágicas tripuladas por hordas de demônios flutuavam lenta, cerimoniosamente em direção à pirâmide. Suspensa por uma rede de cordas entre os barcos estava a única parte da pirâmide ainda não instalada - uma pequena pirâmide dourada para encimar a estrutura.
“Eles sabem que venceram,” Carter conjecturou. “Estão fazendo disso um show.”
“Sim,” disse Amos.
“Bem, vamos explodir os barcos ou algo do tipo!” eu disse.
Amos olhou para mim. “É essa a sua estratégia, honestamente?”
Seu tom fez com que eu me sentisse completamente estúpida. Olhando para o exército de demônios, a pirâmide enorme... em que eu estava pensando? Eu não podia enfrentar isso. Eu era uma garota com só doze anos.
“Nós temos que tentar,” disse Carter. “Papai está lá.”
Aquilo me tirou da minha pena de mim mesma. Se nós iríamos morrer, pelo menos faríamos isso tentando resgatar meu pai (oh, e a América do Norte, também, eu acho).
“Certo,” eu disse. “Nós voaremos até esses barcos. Nós impediremos que coloquem a pequena pirâmide-“
“Piramidion,” Zia corrigiu.
“Tanto faz. Então voaremos para dentro da pirâmide e encontraremos Papai.”
“E se Set tentar te parar?” Amos perguntou.
Eu olhei para Zia, que estava silenciosamente me avisando para não dizer mais nada.
“Coisas mais importantes primeiro,” eu disse. “Como nós vamos voar até os barcos?”

“Como uma tempestade,” Amos sugeriu.
“Não!” o resto de nós respondeu.
“Eu não farei parte de mais magia do caos,” Zia insistiu. “Não é natural.”
Amos acenou para o espetáculo abaixo de nós. “Me diga se isso é natural. Você tem outro plano?”
“Pássaros,” eu disse, me odiando por apenas considerar a idéia. “Eu vou me tornar uma pipa. Carter pode ser um falcão.”
“Sadie,” Carter avisou,” e se-“
“Eu tenho que tentar.” Eu desviei o olhar antes que pudesse perder a resolução. “Zia, faz quase dez horas desde seu pilar de fogo, não é? Ainda sem mágica?”
Zia estendeu a mão e se concentrou. Primeiramente, nada aconteceu. E então luz vermelha chicoteou levemente por seus dedos, e seu bastão apareceu em sua mão, ainda fumegando.
“Bom timing,” disse Carter.
“E também um timing ruim,” Amos observou. “Isso significa que Desjardins não está mais sendo perseguido pelo pilar de fogo. Ele logo estará aqui, e eu tenho certeza que trará reforços. Mais inimigos para nós.”
“Minha mágica ainda está fraca,” Zia avisou. “Eu não vou ser de muita ajuda em uma luta, mas eu posso dar um jeito de convocar uma carona.” Ela mostrou o pingente de abutre que ela usara em Luxor.
“O que me alivia,” disse Amos. “Sem preocupações nesse sentido. Vamos para o barco esquerdo. Nós vamos tirá-lo, e então tratar do da direita. E vamos esperar por surpresa.”
Eu não estava no estado de espírito de deixar Amos traçar nossos planos, mas eu não consegui achar nenhum defeito em sua lógica. “Certo. Nós temos que acabar com os barcos rapidamente, e então ir para a pirâmide. Talvez possamos vedar a entrada ou algo assim.”
Carter concordou com a cabeça. “Pronto.”
Primeiramente, o plano pareceu correr bem. Me transformar em uma pipa não foi problema, e para minha surpresa, uma vez que eu alcancei a proa da embarcação, consegui me tornar em humana novamente na primeira tentativa, com meu bastão e varinha prontos. A única pessoa mais surpresa era o demônio bem à minha frente, cuja cabeça de canivete levantou-se em alarme.
Antes que ele pudesse me fatiar ou mesmo gritar, eu convoquei vento do meu bastão e o atirei do lado do barco. Dois de seus irmãos investiram, mas Carter apareceu atrás deles, espada desembainhada, e os cortou em pilhas de areia.
Infelizmente, Zia foi um pouco menos furtiva. Um abutre gigante com uma garota pendurada em suas patas tende a atrair atenção. Enquanto ela voava em direção do barco, demônios abaixo dela apontavam e gritavam. Alguns atiraram lanças que caíram não longe deles.
A grande entrada de Zia conseguiu distrair os dois demônios remanescentes em nosso barco, de qualquer forma, o que permitiu que Amos aparecesse atrás deles. Ele tomara a forma de um morcego, o que me trouxe más lembranças; mas ele rapidamente tomou a forma humana e empurrou os demônios, lançando-os no ar.
“Segurem firme!” ele nos disse. Zia aterrissou bem a tempo de pegar a cana do leme. Carter e eu agarramos os lados do barco. Eu não tenho idéia do que Amos estava planejando, mas depois da minha última viagem de barco voador, eu não estava me arriscando. Amos começou a entoar um cântico, apontando seu bastão para o outro barco, onde os demônios estavam apenas começando a gritar e apontar para nós.
Um deles era alto e muito magro, com olhos pretos e um rosto nojento, como músculo com a pele descamada.

“Aquele é o tenente de Set,” Carter informou. “Face do Horror.”
“Você!” o demônio gritou. “Pegue eles!”
Amos terminou o feitiço. “Fumaça,” ele entoou.
Instantaneamente, o segundo barco evaporou-se em névoa cinza. Os demônios caíram gritando. A pequena pirâmide dourada despencou até que as linhas que a ligavam a nós se tornaram tensas, e nosso barco quase virou. Inclinado para o lado, nós começamos a afundar em direção ao chão da caverna.
“Carter, corte as linhas!” eu gritei.
Ele as cortou com sua espada, e o barco nivelou, subindo vários metros em um instante e deixando meu estômago para trás.
O piramidion atingiu o chão da caverna com muito moer e esmagar. Eu tive a sensação de que nós tínhamos feito uma ótima pilha de panquecas de demônios.
“Até agora tudo ótimo,” Carter observou, mas como sempre, ele falou cedo demais.
Zia apontou para baixo. “Olhem.”
Todos os demônios que tinham asas - uma porcentagem pequena, mas ainda assim uns bons quarenta ou cinqüenta - tinham decolado em nossa direção, enchendo o ar como um enxame de vespas furiosas.
“Voem para a pirâmide,” disse Amos. “Eu vou distrair esses demônios.”
A entrada da pirâmide, uma simples passagem entre duas colunas na base da estrutura, não estava longe de nós. Era guardada por alguns demônios, mas a maioria das forças de Set estava correndo para o barco, gritando e atirando rochas (que tendiam a cair de volta e atingi-los, mas ninguém disse que demônios eram brilhantes).
“Eles são muitos,” eu argumentei. “Amos, eles vão matá-lo.”
“Não se preocupe comigo,” ele disse severamente. “Selem a entrada atrás de vocês.”
Ele me empurrou pelo lado, não me dando outra escolha além de me transformar em uma pipa. Carter em sua forma de falcão já estava voando em espirais em direção à entrada, e eu podia ouvir o abutre de Zia batendo suas enormes asas atrás de nós.
Eu ouvi Amos gritar, “Para o Brooklyn!”
Era um grito de guerra estranho. Eu olhei para trás, e o barco irrompeu em chamas. Começou a flutuar para longe da pirâmide e para baixo em direção ao exército de monstros. Bolas de fogo foram atiradas do barco em todas as direções enquanto pedaços do casco se fragmentavam. Eu não tive tempo de admirar a magia de Amos ou me preocupar com o que tinha acontecido com ele. Ele distraiu vários demônios com suas pirotecnias, mas alguns nos notaram.
Carter e eu aterrissamos dentro da entrada da pirâmide e retornamos à forma humana. Zia caiu perto de nós e transformou seu abutre em um amuleto novamente. Os demônios estavam apenas alguns passos atrás - uma dúzia de sujeitos compactos com cabeças de insetos, dragões, e diversos acessórios de canivetes suíços,
Carter impeliu sua mão. Uma mão gigante e trêmula apareceu e imitou seus movimentos - empurrando bem no meio de Zia e eu e fechando as portas. Carter fechou seus olhos em concentração, e um símbolo dourado ardente gravou as portas como um selo: o Olho de Horus. As linhas reluziram fracamente enquanto demônios atingiam a barreira, tentando entrar.
“Isso não vai segurá-los por muito tempo,” Carter disse.
Eu estava devidamente impressionada, apesar de obviamente não ter dito isso. Olhando para as portas seladas, tudo em que pude pensar foi Amos, lá fora em um barco em chamas, rodeado por um exército do mal.
“Amos sabia o que estava fazendo,” Carter disse, apesar de ele não ter soado muito convincente. “Ele provavelmente está bem.”
“Venham,” Zia nos apressou. “Não há tempo pra adivinhações.”

O túnel era estreito, vermelho, e úmido, então eu me senti como se estivesse rastejando pela artéria de alguma besta enorme. Nós fizemos o caminho em fila indiana, até que o túnel se inclinou até cerca de quarenta graus - o que teria feito um adorável tobogã mas não era muito bom para se andar cuidadosamente. As paredes estavam decoradas com gravuras complicadas, como a maioria das paredes egípcias que nós tínhamos visto, mas Carter obviamente não gostou delas. Ele ficava parando, franzindo as sobrancelhas para as figuras.
“O quê?” eu perguntei, depois da quinta ou sexta vez.
“Esses não são desenhos normais de tumbas,” ele disse. “Sem figuras da vida após a morte, sem figuras dos deuses.”
Zia concordou. “Essa pirâmide não é uma tumba. É uma plataforma, um corpo para conter o poder de Set. Todas essas figuras são para reforçar o caos, e fazê-lo reinar para sempre.”
Enquanto andávamos, eu prestei mais atenção às gravuras, e vi o que Zia quis dizer. As figuras mostravam monstros horríveis, cenas de guerra, cidades como Paris e Londres em chamas, retratos coloridos de Set e seu animal despedaçando exércitos modernos - cenas tão terríveis, que nenhum egípcio jamais poderia colocar sobre a pedra. Quanto mais andávamos, mais estranhas e realistas as figuras se tornavam, e mais enjoada eu me sentia.
Finalmente nós chegamos ao coração da pirâmide.
Onde deveria estar a câmara mortuária em uma pirâmide normal, Set havia designado uma sala do trono para si mesmo. Era do mais ou menos do tamanho de uma quadra de tênis, mas nas bordas, o chão caía em uma vala profunda como um fosso. Longe, bem longe, líquido vermelho borbulhava. Sangue? Lava? Ketchup do Mal? Nenhuma das possibilidades era boa.
A vala parecia fácil de pular, mas eu não estava ansiosa para isso porque dentro do cômodo, o chão inteiro estava gravado com hieróglifos vermelhos - todos feitiços invocando o poder de Isfet, caos. Bem acima no centro do teto, um buraco em forma de quadrado deixava luz vermelha como sangue entrar. Além disso, não parecia haver outras saídas. Ao longo de cada parede estavam agachadas quatro estátuas de obsidiana do animal de Set, suas faces viradas para nós com dentes de pérola descobertos e reluzentes olhos de esmeralda.
Mas a pior parte era o trono por si próprio. Era uma horrível coisa disforme, como uma estalagmite vermelha que tivesse crescido atropeladamente por séculos de pingos de sedimentos. E ela havia se formado ao redor de um caixão dourado - o caixão de Papai - que estava enterrado na base do trono, com apenas o suficiente exposto para formar uma espécie de apoio para pés.
“Como nós tiramos ele de lá?” eu disse, minha voz tremendo.
Perto de mim, Carter segurou a respiração. “Amos?”
Eu segui seu olhar para a abertura reluzindo em vermelho no meio do teto. Um par de pernas balançava-se da abertura. E então Amos caiu de lá, abrindo seu manto como um pára-quedas fazendo com que ele flutuasse até o chão. Suas roupas ainda fumegavam, seu cabelo sujo com cinzas. Ele apontou o bastão para o teto e disse um comando. A haste que ele segurava ribombou, derrubando poeira e destroços, e a luz foi abruptamente interrompida.
Amos espanou suas roupas e sorriu para nós. “Isso deve segurá-los por algum tempo.”
“Como você fez aquilo?” eu perguntei.
Ele acenou para que nos juntássemos a ele na sala.
Carter pulou a vala sem hesitação. Eu não gostei, mas eu não ia deixá-lo ir sem mim, então eu saltei a vala também. Imediatamente eu me senti ainda mais enjoada do que

antes, como se a sala estivesse se inclinando, jogando meus sentidos para fora do equilíbrio.
Zia veio por último, observando Amos cuidadosamente.
“Você não devia estar vivo,” ela disse.
Amos riu alto. “Oh, eu já ouvi essa antes. Agora, vamos aos negócios.”
“Sim,” eu olhei para o trono. “Como nós tiramos o caixão?”
“Cortando?” Carter desembainhou sua espada, mas Amos segurou sua mão.
“Não, crianças. Esse não é o negócio de que eu estava falando. Eu me certifiquei de que ninguém vá nos interromper. Agora é hora de que conversamos.”
Um arrepio gelado percorreu minha espinha. “Conversamos?”
De repente Amos caiu sobre seus joelhos e começou a convulsionar. Eu corri em sua direção, mas ele olhou para mim, seu rosto atormentado pela dor. Seus olhos fundidos em vermelho.
“Corra!” ele grunhiu.
Ele caiu, e vapor vermelho brotou de seu corpo.
“Nós temos que ir!” Zia agarrou meu braço. “Agora!”
Mas eu assisti, congelada pelo horror, o vapor se levantar da forma inconsciente de Amos e se espalhar em direção ao trono, lentamente tomando a forma de um homem sentado - um guerreiro vermelho em uma armadura ardente, com um bastão de ferro em sua mão e a cabeça de um monstro canino.
“Oh, querida,” Set gargalhou. “Eu suponho que Zia vá dizer ‘Eu te avisei.’”

CARTER

TRINTA E SETE

LEROY CONSEGUE SUA VINGANÇA

TALVEZ EU SEJA UM APRENDIZ LENTO, OK?
Porque não foi ainda naquele momento, fitando o deus Set no meio da sala do trono, no coração de uma pirâmide maldita, com um exército de demônios do lado de fora e o mundo prestes a explodir, que eu pensei, Vir aqui foi realmente uma má ideia.
Set levantou-se do trono. Ele estava com pele vermelha e musculosa, com armadura ardente e um bastão de ferro obscuro. Sua cabeça se alterava de besta a humana. Um momento ele teve o olhar faminto e as mandíbulas babadas do meu antigo amigo Leroy, o monstro do aeroporto de D.C. Depois ele estava com cabelo arenoso e uma cara bonita porém severa, com olhos inteligentes que brilhavam com humor e um cruel e torto sorriso. Ele empurrou nosso tio do caminho e Amos gemeu, que pelo menos significava que ele estava vivo.
Apertei minha espada mais firme, a lâmina tremulou.
“Zia estava certa,” eu disse. “Você possuiu Amos.”
Set estendeu os braços, tentando parecer modesto. “Bem, você sabe... Não foi uma posse completa. Deuses podem existir em vários lugares de vez, Carter. Hórus poderia contar para você se ele estivesse sendo honesto. Tenho certeza de que Hórus está querendo algum monumento de guerra bonito para ocupar, ou uma academia militar em algum lugar — qualquer coisa sem ser aquela sua pequena forma magricela. A maioria do meu ser se transferiu para essa maravilhosa estrutura.”
Ele estendeu os braços orgulhosamente em torno da sala do trono. “Mas uma lasca da minha alma foi o suficiente para controlar Amos Kane.”
Ele estendeu seu rosado, e uma concentração de fumaça vermelho serpenteou para Amos, afundando nas suas roupas. Amos segurou as costas como se tivesse sido atingido por um raio.
“Pare!” Gritei.
Corri até Amos, mas a névoa vermelha já havia se dissipado. O corpo do nosso tio ficou sem força.
Set desceu o braço como se estivesse chateado com o ataque. “Não resta muito, estou com medo. Amos lutou bem. Ele foi muito divertido, demandando muito mais da minha energia do que esperei. Essa magia do caos — foi ideia dele. Ele deu o melhor para te avisar, para tornar óbvio que eu estava controlando-o. A coisa engraçada é, eu forcei-o a usar a própria reserva de magia para ceder aqueles feitiços. Ele quase queimou a alma tentando lhe mandar aquelas labaredas de aviso. Transformá-lo em neve? Por favor. Quem mais faz isso?”
“Você é uma besta!” Sadie gritou.
Set arfou em falsa surpresa. “Sério? Eu?”
Então ele rugiu com um riso enquanto Sadie tentava arrastar Amos para fora dos danos.
“Amos estava em Londres essa noite,” eu disse, esperando que ele mantesse a atenção em mim. “Deve ter seguido-nos ao Museu Britânico, e você tem estado controlando-o desde então. Desjardins nunca foi seu hospedeiro.”

“Ah, aquele plebeu? Por favor,” Set zombou. “Sempre preferimos sangue dos faraós, como tenho certeza que você ouviu. Mas amei enganar você. Pensei que o bon soir foi um toque especialmente agradável.”
“Você sabia que meu ba estava ali, assistindo. Você forçou Amos a sabotar a própria casa então seus monstros poderiam entrar. Você o fez ir para uma emboscada. Por que não disse apenas para sequestrar-nos?”
Set esticou as mãos. “Como disse, Amos comportou uma boa luta. Houve algumas certas coisas que não pude mandá-lo fazer sem destrui-lo por completo, e eu não queria destruir minha marionete tão cedo.”
Raiva queimou dentro de mim. O comportamento estranho de Amos finalmente fez sentido. Sim, ele foi controlado por Set, mas ele esteve lutando por todo esse tempo. O conflito que eu senti nele havia sido suas tentativas de nos alertar. Ele quase se destruiu tentando salvar-nos, e Set tinha jogado-o de lado como um brinquedo quebrado.
Me dê o controle, Hórus rugiu. Vamos vingá-lo.
Eu consigo essa, eu disse.
Não! Hórus disse. Você precisa me deixar. Você não está pronto.
Set riu como se pudesse sentir nossa luta. “Ah, pobre Hórus. Seu hospedeiro precisa de rodinhas. Você realmente espera me desafiar com isso?”
Pela primeira vez, Hórus e eu tivemos a mesma sensação no mesmo exato momento: ira.
Sem pensar, levantamos nossa mão, alargando nossa energia em direção a Set. Um punho brilhante lançou-se contra ele, e o Deus Vermelho voou para trás com grande força, ele quebrou uma coluna, que abateu-se sobre ele.
Por um batimento cardíaco, o único barulho foi o derrubamento de poeira e destroços. Então fora das pedras veio um uivo de risos. Set levantou-se das ruínas, jogando de lado um grande destroço de pedra.
“Brilhante!” ele berrou. “Completamente ineficaz, mas brilhante! Vou me sentir honrado em lhe fatiar em pedaços, Hórus, como fiz com seu pai antes de você. Vou lhe sepultar nessa sala para reforçar minha tempestade — todos os quatro dos meus preciosos irmãos, e a tempestade será grande o bastante para envolver o mundo!”
Pisquei os olhos, momentaneamento perdendo meu foco. “Quatro?”
“Ah, sim.” Os olhos de Set pousaram em Zia, que tinha ligeiramente recuado a um lado da sala. “Eu não lhe esqueci, minha querida.”
Zia olhou para mim em desespero. “Carter, não se preocupe comigo. Ele está tentando lhe distrair.”
“Deusa adorável,” Set ronronou. “A forma não lhe faz justiça, mas suas escolhas era limitadas, não eram?”
Set andou até ela, o bastão começando a brilhar.
“Não!” eu gritei. Avancei, mas Set era tão bom em magia de empurrão quanto eu. Ele apontou para mim, e bati contra a parede, preso como se um time inteiro de futebol americano estivesse me contendo.
“Carter!” Sadie gritou. “Ela é Néftis. Ela pode cuidar de si mesma!”
“Não.” Todos os meus instintos me disseram que Zia não poderia ser Néftis. Primeiramente eu pensei que sim, porém mais que eu acreditasse, mais parecia errado. Não senti nenhuma magia divina dela, e algo me disse que eu sentiria se ela realmente estivesse hospendando uma deusa.
Set a esmagaria a menos que eu ajudasse. Mas se Set estava tentando me distrair, estava funcionando. Enquanto ele andava até Zia, lutei contra sua magia, mas não pude me livrar. Por mais que eu tentasse combinar meu poder e o de Hórus, do jeito que tinha feito antes, mais do meu medo e pânico entravam em cena.

Você precisa ceder a mim! Hórus insistiu, e nós dois brigamos pelo controle da minha mente, que me deu uma violenta dor de cabeça.
Set deu outro passo em direção a Zia.
“Ah, Néftis,” ele lamentou. “No começo dos tempos, você foi minha irmã traidora. Em outra encarnação, em outra era, você foi minha esposa traidora. Agora, acho que você será um delicioso aperitivo. Verdade, você é a mais fraca de todos nós, mas você ainda é uma dos cinco, e há poder em colecionar o conjunto completo.” (Nota: “conjunto” em inglês é “set”)
Ele parou, então sorriu largamente. “O Set completo! É engraçado! Agora vamos gastar sua energia e sepultar sua alma, ok?”
Zia apertou a varinha. Uma esfera vermelha de energia defensiva brilhou em torno dela, mas antes que eu pudesse dizer algo, era fraca. Set atirou uma explosão de areia do bastão e a esfera ruiu. Zia caiu para trás, a areia rompendo as roupas e o cabelo. Lutei para me mover, mas Zia gritou, “Carter, não sou importante! Continue focado! Não resista!”
Ela levantou seu bastão e gritou, “A Casa da Vida!”
Ela lançou uma flecha de foto em Set — um ataque que deve ter custado toda a sua energia restante. Set bateu as chamas para o lado, direto a Sadie, que tinha de levantar a varinha rapidamente para se proteger e Amos serem fritos. Set puxou o ar como se puxasse uma corda invisível, e Zia voou em direção a ele como uma boneca de pano, em linha reta à sua mão.
Não resista. Como Zia poderia dizer aquilo? Resisti como louco, mas isso não me fez nenhum bem. Tudo que eu pude fazer foi olhar inutilmente enquanto Set abaixava o rosto para o de Zia e examinava-a.
A princípio Set pareceu triunfante, contente, mas sua expressão rapidamente ficou confusa. Ele franziu a testa com os olhos arregalados.
“Que truque é esse?” ele rosnou. “Onde você a escondeu?”
“Você não irá possuí-la,” Zia dirigiu, sua respiração sufocada pelo aperto.
“Onde ela está?” Ele jogou Zia para o lado.
Ela bateu contra a parede e teria deslizado para o fosso, mas Sadie gritou “Vento!” e uma rajada de ar suspendeu o corpo de Zia o suficiente para ela tombar no chão.
Sadie passou correndo e arrastou-a para longe da vala brilhante.
Set rugiu, “Essa é sua trapaça, Ísis?” Ele mandou outra tempestade de areia contra eles, mas Sadie levantou a varinha. A tempestade encontrou um escudo de força que desviou o ar ao redor — a areia cavou as paredes atrás de Sadie, fazendo uma cicatriz em forma de anel na pedra.
Não entendi do que Set estava tão nervoso, mas não pude concordar com ele em ferir Sadie.
Vendo-a sozinha, protegendo Zia da ira de um deus, algo dentro de mim estalou, como um motor de carro funcionando na última marcha. Meu pensamento subitamente tornou-se mais rápido e limpo. A raiva e o medo não partiram, mas percebi que eles não eram importantes. Eles não iriam me ajudar a salvar minha irmã.
Não resista, Zia havia me dito.
Ela não quis dizer para eu resistir a Set. Ela queria dizer a Hórus. O deus-falcão e eu estivemos brigando com nós mesmos por dias enquanto ele tentava tomar controle do meu corpo.
Mas nenhum de nós poderia ficar em controle. Essa era a resposta. Tínhamos de agir em harmonia, confiando um no outro completamente, ou iríamos ambos morrer.
Sim, Hórus pensou, e ele parou de empurrar. Parei de resistir, deixando nossas mentes fluírem juntas.

Conheci seus poderes, suas memórias, e seus medos. Vi todos os hospedeiros que ele já havia usado em milhões de vidas. E ele viu minha mente — tudo, até as coisas que não me orgulhava.
É difícil descrever a sensação. E eu sabia da memória de Hórus que esse tipo de união era muito rara — como na vez que a moeda não cai em cara nem coroa, ela fica de lado em equilíbrio perfeito. Ele não me controlou. Eu não o seu por força. Agimos como um só.
Nossas vozes falaram em harmonia: "Agora."
E os elos mágicos que nos segurava quebrou-se.
O meu avatar de combate se formou ao meu redor, erguendo-me do chão e me revestindo com energia dourada. Dei um passo para a frente e levantei minha espada. O guerreiro-falcão imitou o movimento, perfeitamente harmonizado aos meus desejos.
Set virou e fitou-me com os olhos frios.
"Então, Hórus," ele disse. "Você conseguiu achar os pedais da sua pequena bicicleta, não é? Mas isso não significava que você pode montar."
"Eu sou Carter Kane," eu disse. "Sangue dos Faraós, Olho de Hórus. E agora, Set — irmão, tio, traidor — vou te esmagar como um mosquito."

CARTER

TRINTA E OITO

A CASA ESTÁ NA CASA

FOI UMA LUTA ATÉ A MORTE, e me senti incrível.
Cada movimento era perfeito. Cada golpe era tão engraçado que eu queria dar gargalhadas. Set cresceu em tamanho até que estivesse maior que eu, e seu cajado de ferro do tamanho de um mastro de barco. Sua face tremularia, às vezes humana, ás vezes a mandíbula feroz do animal de Set.
Nós confrontamos espada contra cajado e faíscas voaram. Ele tirou meu equilíbrio, e eu esmaguei uma das suas estátuas de animal, que tombou no chão e quebrou-se. Recuperei o equilíbrio e carreguei, minha lâmina atingindo uma fissura na defesa de Set. Ele uivou quando sangue negro gotejou do ferimento.
Ele balançou o cajado, e eu rolei antes que o golpe pudesse partir minha cabeça. Seu cajado acertou o chão em vez disso.
Nós lutamos para frente e para trás, quebrando pilares e paredes, com blocos do teto caindo ao nosso redor, até eu perceberque Sadie estava gritando para chamar minha atenção.
No canto do meu olho, eu a vi tentando proteger Zia e Amos da destruição. Ela havia desenhado um rápido círculo de proteção no chão, e suas defesas estavam desviando as ruínas que caiam, mas eu entendi porque ela estava preocupada: muito mais disso, e toda a sala do trono iria desmoronar, esmagando todos nós. Duvidei que iria machucar Set muito. Ele estava provavelmente contando com isso. Ele queria nos sepultar aqui.
Eu tinha que levá-lo para um lugar aberto. Talvez se eu desse tempo para Sadie, ela poderia libertar o caixão do papai daquele trono.
Então me lembrei como Bast havia descrevido sua luta com Apophis: lutando com o inimigo pela eternidade.
Sim, Hórus concordou.
Levantei meu punho e direcionei uma explosão de energia em direção ao respiradouro acima de nós, abrindo-o até que luz vermelha mais uma vez fluiu por ali. Então eu soltei minha espada e lancei-me para Set. Eu agarrei os ombros dele com minhas mãos nuas, tentando mantê-lo numa posse de lutador. Ele tentou me socar, mas seu cajado estava inútil à queima-roupa. Ele rosnou e soltou a arma, depois agarrou meus braços. Ele era muito mais forte do que eu era, mas Hórus sabia alguns bons movimentos. Eu girei e fui para trás de Set, meu antebraço deslizando sob o seu braço e apanhando seu pescoço num tornilho. Nós tropeçamos á frente, quase caindo nas defesas protetoras de Sadie.
Agora pegamos ele, pensei. O que fazemos com ele?
Ironicamente, foi Amos que me deu a resposta. Eu me lembrei como ele me transformou numa tempestade, superando meu sentido de si próprio por força mental completa. Nossas mentes tiveram uma batalha breve, mas ele tinha imposto sua vontade com absoluta confiança, imaginando-me como uma nuvem de tempestade, e era isso que eu me tornaria.
Você é um morcego, falei pra Set.
Não! Sua mente gritou, mas eu surpreendera ele. Eu pude sentir sua confusão, e usei-a contra ele. Foi fácil imaginá-lo como um morcego, desde que vi Amos virar um quando

ele estava possuído por Set. Vi meu inimigo contraindo-se, crescendo asas de couro e uma lisa cara feia. Eu contrai-me também, até que fosse um falcão com um morcego nas minhas garras. Sem tempo a gastar; lancei-me ao respiradouro, lutando com o morcego enquanto girávamos em círculos no ar, cortando e mordendo-nos. Finalmente explodimos ao ar livre, revertendo-nos para as nossas formas de guerreiro do lado da pirâmide vermelha.

Eu estava contransgedoramente inclinado. Meu avatar cintilava danificado no braço direito, e meu próprio braço estava cortado e sangrando no mesmo lugar. Set levantou-se, secando sangue negro da boca.

Ele riu para mim, e sua face tremeluziu com o rosnado de um predador. “Você pode morrer sabendo que fez um bom esforço, Hórus. Mas é tarde demais. Olhe.”

Eu olhei para a caverna, e meu coração foi para a garganta. O exército de demônios haviam encontrando um novo inimigo na batalha. Magos — dúzias deles — haviam aparecido num círculo folgado ao redor da pirâmide e estavam lutando, tentando avançarem. A Casa da Vida deve ter reunido todas as suas forças disponíveis, mas elas eram pateticamente pequenas em relação ás legiões de Set.Cada mago ficava dentro de um círculo protetor móvel, como feixes de holofote, passando com dificuldades pelo inimigo com bastões e varinhas brilhando.

Chamas, relâmpagos, e tornados rasgaram através do hospedeiro do demônio. Eu reconheci todos os times de bestas reunidas — leões, serpentes, esfinges, e até alguns hipopótamos carregando contra o inimigo feito tanques.

Aqui e ali, hieróglifos brilhavam no ar, causando explosões e terremotos que destruíam as forças de Set. Porém mais demônios simplesmente continuavam vindo, arrodeando os magos em níveis mais e mais profundos. Eu observei enquanto um mago estava completamente estupefato, seu círculo quebrado num brilho de luz verde, e ele afundava na onda de inimigos.

“Esse é o fim da Casa,” Set disse com satisfação. “Eles não podem vencer enquanto minha pirâmide continuar em pé.”

Os magos pareciam saber disso. Conforme chegavam perto, eles mandavam cometas ardentes e flechas de raio na pirâmide; mas cada golpe dissipava-se inocentemente nas suas inclinações de pedra, consumidos no nevoeiro vermelho do poder de Set.

Então eu localizei a pedra superior dourada. Quatro gigantes com cabeça de cobra haviam salvado ela e estavam carregando-a lentamente mas firmemente através da luta. O tenente de Set, Face do Horror, gritava ordens para eles, chicoteando-os para mantê-los andando. Eles apressavam-se e progrediam até que chegaram à base da pirâmide e começaram a subir.

Carreguei-me contra eles, mas Set interviu num instante, colocando-se no meu caminho.

“Eu acho que não, Hórus,” ele riu. “Você não vai arruinar essa festa.”

Ambos convocamos nossas armas para as nossas mãos e lutamos com ferocidade renovada, cortando e esquivando-nos.

Abaixei minha espada numa curva fatal, mas Set mergulhou de lado e minha lâmina acertou pedra, enviando uma onda de choque pelo meu corpo inteiro. Antes que eu pudesse me recuperar, Set falou uma palavra: “Ha-wi!”

Strike.

Os hieróglifos explodiram no meu rosto e me mandou desmoronando no lado da pirâmide.
Quando minha visão se clareou, eu vi Face do Horror os gigantes com cabeça de cobra distantes acima de mim, puxando a sua carga dourada pelo lado do monumento, apenas alguns passos do topo.
“Não,” eu murmurei. Tentei levantar-me, mas a forma do meu avatar estava ociosa.
Então do nada um mago catapultou-se no meio dos demônios e desatou uma ventania. Demônios voaram, derrubando a pedra superior, e o mago golpeou-a com o cajado, parando-o de deslizar. O mago era Desjardins. Sua barba bifurcada e túnica e a capa de pele de leopardo estavam marcados com fogo, e seus olhos estavam cheios de raiva. Ele pressionou o cajado contra a pedra superior, e sua forma dourada começou a brilhar; mas antes que Desjardins pudesse destrui-la, Set foi para atrás dele e balançou sua varinha de ferro como um bastão de beisebol.
Desjardins caiu, ferido e inconsciente, todo o caminho para baixo da pirâmide, desaparecendo no aglomerado de demônios. Meu coração girou. Eu nunca gostei de Desjardins, mas ninguém merecia um destino como aquele.
“Chato,” Set disse. “Mas não eficaz. Isso é o que a Casa da Vida se reduziu, er, Hórus?”
Carreguei contra ele, e novamente nossas armas retiniram juntas. Lutamos de um lado ao outro enquanto luz cinza começava a sair das fendas na montanha acima de nós.
Os sentidos apurados de Hórus diziam-me que tínhamos aproximadamente dois minutos até o nascer do sol, talvez menos.
A energia de Hórus continuava ondeando através de mim. Meu avatar estava somente levemente ferido, meus ataques ainda rápidos e fortes. Mas não era o suficiente para derrotar Set, e Set sabia. Ele não tinha pressa. A cada minuto, outro mago afundava no campo de batalha, e caos aproximava-se da vitória.
Paciência, Hórus encoranjou. Nós lutamos com ele por sete anos na primeira vez.
Mas eu sabia que não tínhamos sete minutos, muito menos sete anos. Queria que Sadie estivesse aqui, mas eu só podia esperar que ela conseguisse libertar o papai e manter Zia e Amos seguros.
Esse pensamento me distraiu. Set impulsionou seu cajado nos meus pés, e ao invés de pular, eu tentei me apoiar.
O golpe bateu no meu tornozelo direito, tirando meu equilíbrio e mandando-me em cambalhotas para o lado da pirâmide.
Set riu. “Tenha uma boa viagem!” Então ele levantou a pedra superior.
Me levantei, gemendo, mas meus pés pareciam chumbo. Subi a inclinação, mas antes de alcançar até a metade da distância, Set colocou a pedra superior e completou a estrutura.
Luz vermelha escorreu pelos lados da pirâmide com um som como o maior baixo elétrico, balançando toda a montanha e fazendo meu corpo paralisar-se.
“Trinta segundos para o nascer do sol!” Set gritou em alegria. “E essa terra será minha para sempre. Você não pode me deter sozinho, Hórus — especialmente não no deserto, a fonte do meu poder!”
“Você está certo,” disse uma voz próxima.
Espiei e vi Sadie levantando-se do respiradouro — radiante com luz multicolorida, seu bastão e varinha brilhando.
“Exceto que Hórus não está sozinho,” ela disse. “E não vamos lutar com você no deserto.”
Ela bateu seu bastão contra a pirâmide e gritou um nome: as últimas palavras que eu esperava que ela dissesse como um grito de guerra.

SADIE

TRINTA E NOVE

ZIA ME CONTA UM SEGREDO

VIVA, CARTER, POR ME FAZER PARECER dramática e isso tudo.
A verdade foi um pouco menos encantadora.
Devemos voltar? Quando meu irmão, o guerreiro-galinha louco, se transformou num falcão e subiu à chaminé da pirâmide com seu novo amigo, o morcego, ele me deixou brincando de enfermeira com duas pessoas muito feridas — que não apreciava, e que não era particularmente boa.
As feridas do pobre Amos pareciam mais mágicas do que físicas. Ele não tinha uma marca sequer, mas os olhos estavam girando na cabeça, e ele estava apenas respirando. Vapor saiu de sua pele quando toquei sua testa, então decidi deixá-lo por enquanto.
Zia era outra história. O seu rosto estava mortalmente pálido, e ela estava sangrando de vários cortes sujos na perna. Um dos seus braços estava torcido num mau ângulo. O som de sua respiração parecia como areia molhada.
“Segure firme.” Rasguei um pedaço de tecido da bainha da minha calça e tentei cobrir sua perna. “Talvez haja alguma magia de cura ou —”
“Sadie.” Ela apertou meu pulso fracamente. “Sem tempo. Ouça.”
“Se pudermos parar o sangramento —”
“O nome dele. Você precisa do nome dele.”
“Mas você não é Néftis! Set disse que não.”
Ela balançou a cabeça. “Uma mensagem… Eu falo com a voz dela. O nome — Dia Maligno. Set nasceu, e esse foi um Dia Maligno.”
Com certeza, eu pensei, mas poderia ser esse realmente o nome secreto de Set? O que Zia estava falando, não sendo Néftis mas falando na voz dela — não fez sentido. Então me lembrei da voz no rio. Néftis disse que mandaria uma mensagem. E Anubis me fez prometer que ouviria Néftis.
Me movi, inconfortável. “Olhe, Zia —”
Então a verdade me veio na cara. Algumas coisas que Iskandar disse, algumas coisas que Thoth disse — tudo ligou-se. Iskandar queria proteger Zia. Ele me contou que se ele percebesse que Carter e eu éramos deuses pequenos, ele poderia ter protegido-nos assim como... alguém. Assim como Zia. Agora eu entendia como ele tentou protegê-la.
“Ah, deus.” Olhei para ela. “É isso, não é?”
Ela pareceu entender, e assentiu. Seu rosto se contorceu em dor, mas os olhos permaneceram ferozes e insistentes como sempre. “Use o nome. Submeta Set à sua vontade. Faça-o ajudar.”
“Ajudar? Ele acabou de tentar matar você, Zia. Ele não é o tipo de ajuda.”
“Vá.” Ela tentou me afastar. Chamas crepitaram fracamente dos seus dedos. “Carter precisa de você.”
Essa deve ter sido uma coisa que ela disse para me estimular. Carter estava em apuros.
“Eu vou voltar, então,” prometi. “Não... hã, saia daqui.”
Levantei-me e olhei para o buraco no teto, temendo a ideia de virar um milhano novamente. Então meus olhos se fixaram no caixão do papai, enterrado no trono

vermelho. O sarcófago estava brilhando como algo radioativo, dirigindo-se à fusão. Se eu pudesse no mínimo quebrar o trono...
Set deve ter cuidado disso primeiro, Ísis alertou.
Mas se eu puder livrar papai... andei para o trono.
Não, Ísis alertou. O que você pode ver é muito perigoso.
Sobre o que você está falando? Pensei, irritada. Coloquei minha mão no caixão dourado. Instantaneamente fui puxada do salão do trono e entrei numa visão.
Eu havia voltado na Terra da Morte, na Sala de Julgamento. Os monumentos em ruínas de um novo cemitério em Nova Orleans tremulou ao meu redor. Espíritos da morte mexiam-se inquietamente na névoa. Na base das escalas quebradas, um fino monstro dormia — Ammit, o Devorador. Ele abriu um dos brilhantes olhos amarelos para me estudar, e depois voltou a dormir.
Anubis saiu das sombras. Ele estava vestido com um terno preto de seda com a sua gravata sem nó, como se ele tivesse acabado de voltar de um funeral ou possivelmente uma convenção para deslumbrantes empresários.
“Sadie, você não deveria estar aqui.”
“Me conte sobre isso,” eu disse, mas eu estava tão feliz em vê-lo, eu quis soluçar em alívio.
Ele pegou minha mão e me levou para o trono negro e vazio. “Perdemos todo o equilíbrio. O trono não pode ficar vazio. A restauração de Ma’at precisa começar aqui, nesta sala.”
Ele soava triste, como se estivesse me pedindo para aceitar algo terrível. Não entendi, mas uma profunda sensação de perda me arrepiou.
“Não é justo,” eu disse.
“Não, não é.” Ele apertou minha mão. “Eu vou ficar aqui, esperando. Desculpe, Sadie. Eu realmente estou…”
Ele começou a enfraquecer.
“Espere!” Tentei segurar sua mão, mas ele derreteu em névoa pelo cemitério.
Achei-me de volta na sala do trono dos deuses, exceto que ela parecia que foi abandonada por séculos. O teto havia ruído, como metade das colunas. Os braseiros estavam frios e enferrujados. O bonito piso de mármore estava rachado como o fundo de um lago seco.
Bast estava em pé diante do trono vazio de Ósiris. Ela me deu um sorriso malicioso, mas vê-la novamente era quase doloroso segurar.
“Oh, não fique triste,” ela queixou. “Gatos não se arrependem.”
“Mas você não está — você não está morta?”
“Isso tudo depende.” Ela gesticulou ao redor. “O Duat está em agitação. Os deuses ficaram muito tempo sem um rei. Se Set não assumir o controle, alguém mais precisa. O inimigo está vindo. Não me deixe morrer em vão.”
“Mas você vai voltar?” perguntei, minha voz falhando. “Por favor, eu nunca nem consegui lhe dizer adeus. Não posso —”
“Boa sorte, Sadie. Mantenha suas garras afiadas.” Bast desapareceu, e o cenário desapareceu novamente.
Eu estava no Hall of Ages, em Primeiro Nome — outro trono vazio — e Iskandar sentado nos seus pés, esperando por um faraó que não existia a dois mil anos.
“Um líder, minha cara,” ele disse. “Ma’at exige um líder.”
“É muito,” eu disse. “Muitos tronos. Você não pode esperar que Carter —”
“Não sozinho,” Iskandar concordou. “Mas esse é o destino da sua família. Vocês começaram o processo. Os Kane irão nos curar ou nos destruir.
“Você não sabe o que está dizendo!”

Iskandar abriu a mão, e num clarão, a cena mudou mais uma vez.
Eu tinha voltado ao Thames. Devia ser na calada da noite, três da manhã, pois o Aterro estava vazio. Névoa obscurecia as luzes da cidade, e o ar estava frio.
Duas pessoas, um homem e uma mulher, estavam abraçados para espantar o frio, de mãos dadas na frente da Agulha de Cleópatra. De primeira achei que era um casal qualquer num primeiro encontro. Então, com um choque, percebi que eu estava olhando para os meus pais.
Meu pai levantou o rosto e franziu a testa, olhando para o obelisco. No brilho turvo das luzes dos postes, seus traços pareciam mármore esculpido — como as estátuas de faraó que ele amava estudar. Ele tinha um rosto de rei, pensei — orgulhoso e bonito.
"Você tem certeza?" ele perguntou para a minha mãe. "Absoluta certeza?"
Mamãe tirou o seu cabelo louro do rosto. Ela até estava mais bonito ainda do que nas fotos, mas ela parecia preocupada — sobrancelhas franzidas, os lábios pressionados. Como eu quando estava chateado, quando me olhava no espelho e tentava me convencer que as coisas não estava tão mal. Queria chamá-la, deixá-la saber que eu estava ali, mas minha voz não funcionaria.
"Ela me disse que esse é o lugar por onde começa," minha mãe disse. Ela se cobriu com o casaco, e pude ver seu colar — o amuleto de Ísis, meu amuleto. Olhei para ele, atordoada, mas depois ela puxou o colar, e o amuleto desapareceu. "Se quisermos derrotar o inimigo, precisamos começar com o obelisco. Precisamos descobrir a verdade."
Meu pai franziu a testa desconfortavelmente. Ele havia desenhado um círculo protetor ao redor deles — linhas de giz azuis na calçada. Quando ele tocou a base do obelisco, o círculo começou a brilhar.
"Eu não gosto disso," ele disse. "Você não vai pedir a ajuda dela?"
"Não," minha mãe insistiu. "Eu sei meus limites, Julius. Se eu tentasse novamente…"
Meu coração pulou uma batida. As palavras de Iskandar voltaram para mim: Ela viu coisas que a fez procurar conselhos de lugares não convencionais. Reconheci o olhar nos olhos da minha mãe, e eu soube: minha mãe era interligada com Ísis.
Por que você não me contou? Eu quis gritar.
Meu pai convocou o seu cajado e varinha. "Ruby, se falharmos —"
"Não podemos falar," ela insistiu. "O mundo depende disso."
Ele se beijaram numa última vez, como se sentissem que estavam dizendo adeus. Então levantaram os cajados e varinhas e começaram a cantar. A Agulha de Cleópatra brilhou com poder.
Eu arranquei minha mão do sarcófago. Meus olhos ardiam em lágrimas.
Você conhecia minha mãe, gritei para ísis. Você encorajou-a a abrir aquele obelisco. Você a matou!
Esperei-a responder. Em vez disso, uma imagem espectral apareceu na minha frente — uma projeção do meu pai, tremeluzindo na luz do caixão dourado.
"Sadie." Ele sorriu. Sua voz parecia metálica e oca, o jeito que eu havia me acostumado quando ele me ligava de longe — do Egito ou Austrália ou deus sabe onde. "Não culpe Ísis pelo destino de sua mãe. Nenhum de nós entendia exatamente o que iria acontecer. Até mesmo sua mãe só podia ver pedaços do futuro. Mas quando a hora veio, sua mãe aceitou sua função. Foi a sua decisão."
"Morrer?" exigi. "Ísis deveria tê-la ajudado. Você devia ter ajudado-a. Eu te odeio!"
Assim que disse isso, algo se quebrou em mim. Comecei a chorar. Percebi que eu queria dizer isso ao meu pai a anos. Acusei-o pela morte da mamãe, culpei-o por me deixar. Mas agora que eu disse isso, toda a raiva drenou-se de mim, deixando nada exceto culpa.

“Me desculpe,” eu falei rapidamente. “Eu não —”
“Não se desculpe, minha brava garota. Você tem todo o direito de sentir isso. Você tinha que soltar isso. O que você está prestes a fazer — você tem que acreditar que é para motivos certos, não porque você me ressente.”
“Não sei o que você quer dizer.”
Ele estendeu a mão para limpar uma lágrima do meu rosto, mas sua mão era só luz. “Sua mãe foi a primeira em séculos a ligar-se com Ísis. Era perigoso, contra os ensinamentos da Casa, mas sua mãe era uma adivinha. Ela tinha a premonição que o caos está se erguendo. A Casa estava falhando. Precisávamos dos deuses. Ísis não pôde atravessar o Duat. Ela podia apenas mandar um sussurro, mas ela nos contou o que podia sobre a prisão deles. Ela aconselhou Ruby no que precisava ser feito. Os deuses poderiam erguerem-se novamente, ela disse, mas precisaria de duros sacrifícios. Pensamos que o obelisco libertaria todos os deuses, mas aquele era só o começo.”
“Ísis poderia ter dado mais força para mamãe. Ou pelo menos Bast! Bast propôs —”
“Não, Sadie. Sua mãe sabia os limites dela. Se ela tentasse hospedar um deus, utilizar plenamente o poder divino, ela seria consumida ou pior. Ela libertou Bast, e usou sua própria força para selar a violação. Com sua vida, ela lhe deu algum tempo.”
“Eu? Mas...”
“Você e seu irmão têm o sangue mais forte de qualquer Kane em três mil anos. Sua mãe estudou a linhagem dos faraós — ela sabia disso para ser verdade. Vocês têm a melhor chance de reaprender as formas antigas, e curar a separação entre magos e deuses. Sua mãe começou a agitação. Eu soltei os deuses da Pedra de Roseta. Mas será seu trabalho restaurar Ma’at.”
“Você pode ajudar,” eu insisti. “Quando lhe soltar.”
“Sadie,” ele disse sem esperança, “quando você se tornar uma mãe, você precisa entender isso. Um dos meus mais difíceis trabalhos como um pai, um dos meus maiores deveres, foi perceber que meus próprios sonhos, meus próprios objetivos e desejos, são secundários aos dos meus filhos. Sua mãe e eu estabelecemos a etapa. Mas essa é sua etapa. Essa pirâmide é designada para abastecer caos. Ela consume o poder dos outros deuses e faz Set mais forte.
“Eu sei. Se eu quebrar o trono, talvez abrir o caixão...”
“Você poderia me salvar,” papai admitiu. “Mas o poder de Ósiris, o poder dentro de mim, seria consumido pela pirâmide. Só iria apressar a destruição e fazer Set mais forte. A pirâmide precisa ser destruída, tudo disso. E você sabe como isso precisa ser feito.”
Eu estava prestes a protestar que não sabia, mas a pena da verdade me manteu honesta. O jeito estava dentro de mim — eu o vi nos pensamentos de Ísis. Eu sabia o que viria desde que Anubis me fez aquela pergunta impossível: “Para salvar o mundo, você sacrificaria seu pai?”
“Eu não quero,” eu disse. “Por favor.”
“Ósiris precisar chegar ao trono dele,” meu pai disse. “Através da morte, da vida. É o único caminho. Ma’at pode lhe guiar, Sadie. Eu te amo.”
E com isso, a imagem se dissipou.
Alguém estava gritando meu nome.
Olhei para trás e vi Zia tentando se levantar, apertando fracamente sua varinha. “Sadie, o que você está fazendo?”
Em torno de nós, a sala estava se agitando. Rachaduras enchiam as paredes, como se um gigante estivesse usando a pirâmide como um saco de pancadas.
Quanto tempo fiquei em transe? Não tinha certeza, mas eu estava fora do tempo.
Fechei meus olhos e me concentrei. A voz de ísis falou quase imediatamente: Pode ver agora? Entende porque não pude falar mais?

Raiva cresceu dentro de mim, mas me segurei. Vamos falar sobre isso depois. Agora, temos um deus para derrubar.
Imaginei-me andando à frente, emergindo com a alma da deusa.
Já havia dividido poderes com Ísis antes, mas isso era diferente. Minha resolução, minha ira, até minha dor me deram confiança. Olhei para Ísis direto nos olhos (espiritualmente falando), e entendemos uma a outra.
Vi sua história inteira — seus primeiros dias arfando por poder, usando truques e esquemas para encontrar o nome de Ra. Eu a vi casando-se com Ósiris, suas esperanças e sonhos para um novo império.
Então eu vi aqueles sonhos destruídos por Set. Senti sua fúria e amargura, seu orgulho feroz e proteção ao seu jovem filho, Hórus. E eu vi o padrão da vida dela repetindo mais e mais através das eras, pelos milhões de diferentes hospedeiros.
Deuses têm grande poder, Iskandar disse. Mas só os humanos têm criatividade, o poder de mudar a história.
Eu também senti os pensamentos da minha mãe, como uma marca na memória da deusa: os momentos finais de Ruby e a escolha que ela fez. Ela deu sua vida para começar uma corrente de eventos. E o próximo momento era meu.
"Sadie!" Zia gritou novamente, sua voz enfraquecendo.
"Estou bem," eu disse. "Eu estou indo agora."
Zia estudou minha cara, e obviamente não gostou do que viu. "Você não está bem. Você foi duramente mexida. Lutar com Set na sua condição seria suicídio."
"Não se preocupe," eu disse. "Nós temos um plano."
Com isso, me transformei num milhano e voei em direção ao topo da pirâmide.

SADIE

QUARENTA

EU ARRUINO UM FEITIÇO SUPER IMPORTANTE

DESCOBRI QUE AS COISAS NÃO ESTAVAM INDO BEM LÁ EM CIMA.

Carter era um guerreiro amontoado de galinhas na inclinação da pirâmide. Set já havia colocado o espigão e estava gritando, “Trinta segundos para o nascer do sol!” Na caverna abaixo, magos da Casa da Vida se estufavam entre um exército de demônios, lutando numa batalha desesperada.

A cena teria sido assustadora o bastante, mas agora eu vi como Ísis fez. Como um crocodilo com olhos no nível da água — vendo embaixo e acima da superfície — eu vi o Duat entrelaçado com o mundo regular. Os demônios tinham almas de fogo no Duat que faziam eles parecerem um exército de velas de aniversário. Onde Carter estava no mundo mortal, um guerreiro-falcão ficou no Duat — não um avatar, mas a coisa real, com a cabeça alada, o bico pontudo com manchas de sangue, e cintilando olhos negros. A sua espada ondulava com luz dourada. Como para Set — imagine uma montanha de areia, molhada com gasolina, em chamas, girando no maior liquidificador do mundo. Era o que ele parecia no Duat — uma coluna de força destruidora tão poderosa que as pedras nos seus pés borbulhavam e enchiam de bolhas.

Eu não tenho certeza do que eu parecia, mas me senti poderoso. A força de Ma’at percorria meu corpo; os Mundos Divinos estavam no meu comando. Eu era Sadie Kane, sangue dos faraós. E eu era Ísis, deusa da magia, dona dos nomes secretos.

Enquanto Carter esforçava-se para subir até o topo da pirâmide, Set gritou: “Você não pode me deter sozinho, Hórus — especialmente não no deserto, a fonte da minha força!”

“Você está certo!” Eu gritei.

Set virou, e o olhar na sua face era impagável. Levantei meu cajado e varinha, reunindo minha magia.

“Exceto que Hórus não está sozinho,” eu disse. “E não vamos lutar com você no deserto.”

Eu bati com força meu cajado nas pedras e gritei, “Washington, Capital!”

A pirâmide balançou. Por um momento, nada aconteceu.

Set pareceu perceber o que eu estava fazendo. Ele deixou escapar um riso nervoso.

“Magia um-a-um, Sadie Kane. Você não pode abrir um portal durante o Dia dos Demônios!”

“Um mortal não pode,” concordei. “Mas uma deusa de magia pode.”

Sobre nós, o ar crepitou com raios. O topo da caverna se dissolveu num redemoinho agitado de areia maior que a pirâmide.

Demônios pararam de lutar e olharam para cima em horror. Magos balbuciaram feitiços com as faces relaxadas com o pavor.
O redemoinho era tão poderoso que removeu violentamente os blocos da pirâmide e sugou-os até a areia.
E então, como uma gigantesca tampa, o portal começou a descer.
"Não!" Set rugiu. Ele destruiu o portal com chamas, então virou para mim e atirou pedras e raios, mas era tarde demais. O portal engoliu-nos todos.
O mundo pareceu sacudir de cima pra baixo. Por um batimento cardíaco, eu me espantei se tivesse feito um erro de cálculo — se a pirâmide de Set fosse explodir no portal, e se eu gastaria a eternidade flutuando no Duat como um bilhão de pequenas partículas da areia de Sadie. Então, com um alto estrondo, aparecemos no ar da manhã fria com um céu azul brilhante acima de nós. Espalhados abaixo de nós estavam os campos cobertos de neve no Mercado Nacional em Washington, D.C.
A Pirâmide Vermelha estava quase intacta, mas buracos haviam aparecido na superfície. O espigão dourado brilhava, tentando manter a sua magia, mas não estávamos em Phoenix mais. A pirâmide havia sido tirada da sua fonte de poder, o deserto, e em frente a nós surgiu o portão principal à América do Norte, o alto e branco obelisco que era o maior ponto focal poderoso de Ma'at no continente: o Monumento de Washington.
Set gritou para mim algo em Egípcio Antigo. Eu estava seguramente certa que não era um elogio.
"Eu vou arrancar seus membros dos buracos!" ele gritou. "Eu vou —"
"Morrer?" Carter sugeriu. Ele surgiu atrás de Set e balançou sua espada.
A lâmina cortou a armadura de Set nas costelas — não um golpe mortal, mas o bastante para fazer o Deus Vermelho perder o equilíbrio e mandá-lo caindo num lado da sua pirâmide. Carter pulou depois dele, e no Duat eu pude ver arcos de energia clara palpitando do Monumento de Washington para o avatar de Hórus, carregando-o com novo poder.
"O livro, Sadie!" Carter gritou enquanto corria. "Faça agora!"
Eu devia estar estupefata de convocar o portal, porque Set entendeu o que Carter estava dizendo muito mais rápido do que eu.
"Não!" o Deus Vermelho gritou. Ele carregou em minha direção, mas Carter o interceptou no meio do caminho na inclinação.
Ele agarrou-se com Set, detendo-o. As pedras da pirâmide racharam e desintegraram-se sob o peso das formas divinas deles. Em todo o redor da base da pirâmide, demônios e magos que tinham sido puxados pelo portal e bateram-se inconscientemente estavam voltando a se mexer.
O livro, Sadie... Às vezes é útil ter alguém além de você na sua cabeça, pois uma pode dar uma tapa na outra. Dã, o livro!
Eu liberei minhas mãos e convoquei o pequeno e azul volume que tínhamos roubado de Paris: O Livro de Superação de Set. Eu desdobrei o papiro; os hieróglifos eram tão claros quanto um berçário num livro elementar escolar. Eu chamei pela pena da verdade, e instantaneamente ela apareceu, brilhando sobre as páginas.
Comecei o feitiço, dizendo as Palavras Divinas, e meu corpo levantou no ar, pairando poucos centímetros acima da pirâmide. Eu cantei a história de criação: a primeira

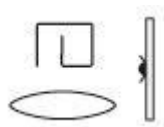
montanha erguendo-se acima das águas do caos, o nascimento dos deuses Ra, Geb, e Nut, a ascensão de Ma'at, e o primeiro grande império dos homens, Egito.
O Monumento de Washington começou a brilhar quando hieróglifos aparecem ao longo dos seus lados. O espigão cintilou na cor prata.
Set tentou bater em mim, mas Carter o impediu. E a pirâmide vermelha começou a se quebrar em pedaços.
Pensei em Amos e Zia, presos embaixo de toneladas de pedras, e eu quase vacilei, mas a voz da minha mãe falou na minha mente: Foco, minha querida. Preste atenção no inimigo.
Sim, Ísis disse. Destrua-o!
Mas de algum modo eu sabia que não era o que minha mãe quis dizer. Ela estava me dizendo para prestar atenção. Algo importante estava para acontecer.
Através do Duat, eu vi magia se formando ao meu redor, elaborando um brilho branco acima do mundo, reforçando Ma'at e expelindo caos. Carter e Set brigaram de um lado para o outro enquanto grandes pedaços da pirâmide desabavam
A pena da verdade brilhou, brilhante como um holofote no Deus Vermelho. Assim que me aproximava do fim do feitiço, minhas palavras começaram a dilacerar Set em fragmentos.
No Duat, o seu furacão ardente estava se desfazendo, revelando uma coisa de pele negra e viscosa como um animal enfraquecido de Set — a essência da maldade do deus. Mas no mundo mortal, ocupando o mesmo espaço, estava um guerreiro orgulhoso com uma armadura vermelha, ardendo em poder e determinado a lutar até a morte.
"Eu lhe nomeio, Set," eu cantei. "Eu lhe nomeio com'O Dia do Mal."
Com um grunhido tenebroso, a pirâmide implodiu. Set caiu nas ruínas. Ele tentou levantar, mas Carter agitou a espada. Set apenas teve tempo de erguer seu bastão. As suas armas se cruzaram, e Hórus lentamente forçou Set a um joelho.
"Agora, Sadie!" Carter gritou.
"Você é o meu inimigo," eu cantei, "e uma maldição sobre a terra."
Uma linha de luz branca derrubou a extensão do Monumento de Washington. Estendeu-se numa fissura — uma entrada entre esse mundo e o brilhante e branco abismo que prenderia Set para sempre, pegando sua força de vida. Talvez não para sempre, mas por um longo, longo tempo.
Para completar o feitiço, eu só teria que dizer mais uma linha: "Sem merecer nenhuma clemência, um inimigo de Ma'at, você está exilado de além da terra."
A linha tinha de ser dita com absoluta convicção. A pena da verdade requeria isso. E por que eu não deveria acreditar naquilo? Era a verdade. Set não merecia clemência. Ele era um inimigo de Ma'at.
Mas eu hesitei.
"Preste atenção no seu inimigo," minha mãe havia tido.
Eu olhei em direção ao topo do monumento, e no Duat eu vi rochas da pirâmide voando à direção ao céu e as almas dos demônios decolando como fogos de artifício. Enquanto a magia de caos do Set se dispersava, toda a força que tinha estado carregado, pronta para destruir um continente, estava sendo sugada pelas nuvens. E ao longo de que eu assistia, o caos tentava formar uma figura. Era como um reflexo vermelho do Potomac

— um enorme rio vermelho com pelo menos uma milha de comprimento e uns cem metros de largura. Ela se retorceu no ar, tentando se tornar sólida, e senti sua raiva e sua severidade. Não era o que eu queria. Não havia poder ou caos o bastante para o seu propósito. Para se formar corretamente, precisava da morte de milhões, a devastação de um continente inteiro.
Não era um rio. Era uma cobra.
“Sadie!” Carter clamou. “O que você está esperando?”
Ele não podia ver, eu percebi. Ninguém pode ver a não ser eu.
Set estava sobre os seus joelhos, torcendo-se e amaldiçoando enquanto energia clara circulava-o, puxando-o até a abertura.
“Perdeu seu estômago, bruxa?” ele berrou. Então ele encarou Carter.
“Vê, Hórus? Ísis sempre foi uma covarde. Ela nunca poderia completar o feitiço!”
Carter olhou para mim, e por um momento eu vi a dúvida no seu rosto. Hórus estaria impulsionando-o para uma vingança sangrenta. Eu estava hesitando. Isso era o que havia feito Ísis e Hórus virarem um contra o outro antigamente. Eu não podia deixar isso acontecer agora.
Porém, mais do que aquilo, na expressão precavida de Carter eu vi o jeito que ele usou para olhar para mim nos nossos dias de visita — quando éramos praticamente estranhos, forçados a passar um tempo juntos, fingindo que éramos uma família feliz já que papai esperava isso de nós. Eu não quis voltar àquilo. Eu não estava mais fingindo. Éramos uma família, e tínhamos que trabalhar juntos.
“Carter, olhe.” Eu joguei a pena da verdade no céu, quebrando o feitiço.
“Não!” Carter exclamou.
Mas a pena explodiu em pé prateado que grudou na forma da serpente, obrigando ela a ficar visível por um instante.
Carter boquiabriu-se quando a serpente se torceu no ar acima de Washington, lentamente perdendo força.
Perto de mim, uma voz gritou: “Deuses ordinários!”
Eu virei-me para ver Set, Face de Horror, com os dentes descobertos e sua face grotesca a poucos metros da minha, uma faca entalhada erguia-se sobre minha cabeça. Só tive tempo de pensar: estou morta, antes que um lampejo de metal aparecesse no canto do meu olho. Houve um enjoativo golpe, e o demônio congelou.
Carter havia lançado sua espada com precisão fatal. O demônio deixou cair sua faca, ficou de joelhos, e olhou para a lâmina que estava agora embainhada num dos seus lados. Ele virou às costas, dissipando-se com um silvo zangado. Os olhos negros dele fixaram nos meus, e ele falou numa voz completamente diferente — um áspero e seco som, como uma saliência de réptil sendo esmagado na areia. “Não acabou, pequena deusa. Tudo isso que eu tenho trabalhado com um fio da minha voz, um mero fragmento de minha essência se ziguezagueando da minha prisão enfraquecida. Imagine o que eu farei quando me formar por completo.”
Ele me deu um sorriso pálido, então seu rosto se afrouxou. Uma linha fina de névoa vermelha torceu-se da sua boca — como uma minhoca ou uma cobra incubada — e se distorceu para cima até o céu para se juntar à sua origem.
O corpo do demônio se desintegrou em areia.

Eu olhei mais uma vez para a gigante serpente vermelha lentamente se dissolvendo no céu. Então eu convoquei uma rajada de vento e dispersei-a por completo.
O Monumento de Washington parou de brilhar. A fenda fechou, e o pequeno livro de feitiços desapareceu das minhas mãos.
Andei em direção a Set, que ainda estava preso em cordas de energia branca.
Eu havia tido o seu nome verdadeiro. Ele não iria a lugar nenhum ainda.
"Vocês viram a serpente nas nuvens," eu disse. "Apep."
Carter confirmou com a cabeça, atordoado. "Ele estava tentando entrar no mundo mortal, usando a Pirâmide Vermelha como um portão. Se o seu poder tivesse sido desencadeado..." Ele olhou para baixo em repugnância na pilha de areia que outrora era um demônio. "O tenente de Set — Face do Horror — ele estava possuído por Apep em todo o tempo, usando Set para conseguir o que queria."
"Ridículo!" Set me encarou e lutou contra a corda. "A cobra nas nuvens era um dos seus truques, Ísis. Uma ilusão."
"Você sabe que não era," eu falei. "Eu poderia ter mandado-o para o abismo, Set, mas você viu o inimigo real. Apep estava tentando fugir da sua prisão no Duat. A sua voz possuía a Face do Horror. Ele estava se aproveitando de você."
"Ninguém se aproveita de mim!"
Carter deixou seu lado guerreiro de dispersão. Ele flutuou para o chão e convocou a sua espada de volta à sua mão. "Apep queria sua explosão para nutrir seu poder, Set. Assim que ele viesse pelo Duat e achasse-nos mortos, acredito que você seria a primeira refeição. O caos teria ganhado."
"Eu sou o caos!" Set insistiu.
"Parcialmente," falei. "Mas você ainda é um dos deuses. Verdade, você é o mal, a infidelidade, a crueldade, a mesqui..."
"Você me deixa corado, irmã."
"Mas você também é o deus mais forte. Nos tempos antigos, você era o tenente fiel de Ra, defendendo o navio dele contra Apep. Ra não poderia ter se defendido da Serpente sem você."
"Eu sou ótimo," Set admitiu. "Mas Ra se foi para sempre, graças a vocês."
"Talvez não para sempre," falei. "Apep está se erguendo, o que significa que precisaremos de todos os deuses para batalhar com ele. Até você."
Set testou as suas cordas de energia branca. Quando descobriu que não conseguiria cortá-las, ele me deu um sorriso de crocodilo. "Você sugere uma aliança? Você confiaria em mim?"
Carter riu. "Você só pode estar brincando. Mas nós temos seu número, agora. Seu nome secreto. Certo, Sadie?"
Fechei meus dedos, e as cordas apertaram-se em Set. Ele gritou de dor. Tomou uma grande quantidade de energia, e eu sabia que não poderia prendê-lo assim por muito tempo, mas não havia como contar isso a Set.
"A Casa da Vida tentou banir os deuses," eu falei. "Não funcionou. Se prendermos você, não seremos melhor do que eles são. Não resolveria nada."
"Eu não poderia concordar mais," Set gemeu. "Se você pelo menos afrouxasse essas cordas..."

“Você ainda é um pedaço de escória desprezível,” eu disse. “Mas você ainda tem um papel a encenar, e você precisará controlar. Eu concordarei em libertá-lo — se você jurar se comportar, retornar ao Duat, e não causar problemas até que chamemos você. E então você fará problema só para nós, lutando contra Apep.”
“Ou eu poderia cortar sua cabeça,” Carter sugeriu. “O que provavelmente exilaria você por um bom tempo.”
Set balançou de trás para frente entre nós. “Fazer problemas para você, hein? É minha especialidade.”
“Jure pelo seu próprio nome e o trono de Ra,” disse. “Você partirá agora e não reaparecerá até ser chamado.”
“Ah, eu juro,” ele disse, rapidamente. “Pelo meu nome e o trono de Ra e os cotovelos estrelados de nossa mãe.”
“Caso você traia-nos,” eu alertei. “Eu tenho seu nome. Não vou lhe oferecer piedade por nenhum segundo.”
“Você sempre foi minha irmã favorita.”
Eu lhe dei um último choque, só para lembrá-lo do meu poder, e depois dissolvi as faixas.
Set levantou-se e flexionou os braços. Ele parecia um soldado com armadura vermelha e pele vermelha, um preto, com barba bifurcada, e cintilantes olhos cruéis; mas no Duat, eu vi seu outro lado, um inferno feroz abertamente relaxado, esperando ser desatado e queimando tudo em seu caminho. Ele piscou para Hórus, então pretendia me atirar com uma arma. “Ah, isso será bom. Teremos alguma diversão.”
“Vá, Dia do Mal,” eu disse.
Ele virou uma coluna de sal e dissolveu-se.

A neve no Mercado Nacional derreteu num quadrado perfeito, o tamanho exato da pirâmide de Set.
Nas bordas, uma dúzia de magos ainda estavam desmaiados. Os pobres coitados estavam começando a levantar quando nosso portal fechou, mas a explosão da pirâmide tinha derrubado todos novamente. Outros mortais na área também tinham sido afetados. Um corredor de manhã estava deitado na calçada. Nas estradas próximas, carros estagnavam enquanto os motoristas que cochilavam sobre o volante.
Nem todos estavam adormecidos, de qualquer forma. Sirenes de polícia tocavam em distância, e vendo como nos teleportamos praticamente no quintal do presidente, eu sabia que não demoraria muito para chegar uma grande quantidade de companhia pesadamente armada.
Carter e eu corremos para o centro do quadrado derretido, onde Amos e Zia dormiam machucados no capim.
Não havia sinal do trono de Set ou o caixão dourado, mas eu tentei tirar aqueles pensamentos da minha cabeça.
Amos gemeu. “O quê...” Com os olhos cobertos de terror.
“Set... ele... ele...”

“Descanse.” Coloquei minha mão na sua testa. Ele estava queimando de febre. A dor na mente dele era tão aguçada, que me cortou como uma navalha. Lembrei-me de um feitiço que Ísis me ensinou no Novo México.
“Quieto,” eu sussurrei. “Hah-ri.”
Hieróglifos fracos brilharam sobre sua face:

Amos flutuou de volta para dormir, mas eu sabia que era só temporário.
Zia estava pior ainda. Carter colocou a cabeça dela nos braços e falou tranquilizadoramente que ela estaria bem, mas ela parecia mal.
A sua pele estava estranhamente avermelha, seca e frágil, como se tivesse sofrido uma terrível queimadura. Na grama ao seu redor, hieróglifos estavam enfraquecendo — as sobras de um círculo protetor — e achei que entendia o que tinha acontecido. Ela havia usado sua última partícula de energia para cobri-la e Amos quando a pirâmide implodiu.
“Set?” ela perguntou fracamente. “Ele se foi?”
“Sim.” Carter olhou fixamente para mim, e eu soube que estaríamos guardando os segredos para nós mesmos. “Está tudo bem. O nome secreto funcionou.”
Ela concordou, satisfeita, e os olhos começaram a fechar.
“Ei.” a voz de Carter tremulou. “Fique acordada. Você não me deixar sozinho com Sadie, vai? Ela é uma péssima companhia.”
Zia tentou sorrir, mas o esforço a estremeceu. “Eu nunca... estive aqui, Carter. Só uma mensagem — um espaço reservado.”
“Vamos. Não. Não tem jeito de falar.”
“Achá-la, você irá?” Zia disse. Uma lágrima caiu até ficar sob o seu nariz. “Ela iria... gostar disso... uma data no *shopping*.” Os seus olhos abandonaram os dele e fitaram vagamente o céu.
“Zia!” Carter apertou sua mão. “Pare com isso. Você não pode... você não pode simplesmente...”
Ajoelhei-me perto dele e toquei o rosto de Zia. Estava fria como pedra. E mesmo que tivesse entendido o que aconteceu, não pude pensar em nada a dizer, ou algum jeito de consolar meu irmão.
Ele fechou os olhos apertados e abaixou a cabeça.
Então aconteceu. Ao longo do percurso da lágrima de Zia, do canto do olho até o meio do nariz, sua face rachou. Pequenas fraturas apareceram, tecendo sua pele. Seu corpo secou, endurecendo... virando argila.
“Carter,” eu disse.
“O quê?” ele disse miseravelmente.
Ele olhou para cima justo quando uma pequena luz azul saiu da boca de Zia e subiu ao céu. Carter abaixou-se em choque. “O quê — o que você fez?”

“Nada,” falei. “Ela é uma shabti. Ela disse que não estavam realmente aqui. Ela era apenas um espaço.”
Carter pareceu confuso. Mas então uma pequena luz começou a acender nos seus olhos — uma pequena esperança.
“Então... a Zia verdadeira está viva?”
“Iskandar estava protegendo ela,” eu disse. “Quando o espírito de Néftis se juntos com a Zia real em Londres, Iskandar soube que ela estava em perigo. Iskandar escondeu-a e recolocou-a como uma shabti. Lembra o que Thoth disse: ‘Shabti faz excelentes acrobacias duplas?’ É o que ela era. E Néftis me contou que ela estava protegida em algum lugar, dentro de um hospedeiro adormecido.”
“Mas onde...”
“Eu não sei,” eu disse. E no presente estado de Carter, fiquei com medo de erguer a pergunta mais importante: Se Zia era uma shabti por todo esse tempo, nós conhecemos ela completamente? A verdadeira Zia não tinha nem chegado perto de nós. Ela nunca tinha descoberto a incrivelmente impressionante pessoa que eu era. Deus me livre, ela não poderia nem ter gostado de Carter.
Carter tocou a sua face e ela virou pó. Ele pegou sua varinha, que permanecia marfim sólido, mas ele segurou-a cuidadosamente como se tivesse medo que se dissolvesse também.
“Aquela luz azul,” ele começou a falar, “eu vi Zia liberar uma em Primeiro Nome, também. Como o shabti em Memphis — eles mandaram seus pensamentos de volta a Thoth. Então Zia devia estar em contato com o seu shabti. É isso que a luz era. Eles deviam estar, bem, compartilhando memórias, certo? Ela deve saber onde o shabti está e o que está pensando. Se a Zia verdadeira está viva em algum lugar, ela pode estar presa ou em algum tipo de magia para dormir ou — Nós temos que achá-la!”
Eu não tinha certeza se seria tão simples, mas não quis argumentar. El podia ver o desespero na sua cara.
Então uma voz familiar lançou um frio arrepio nas minhas costas. “O que vocês fizeram?”
Desjardins estava literalmente defumando. Suas vestes esfarrapadas ainda queimadas da batalha. (Carter diz que eu não deveria mencionar que seu bermudão rosa estava aparecendo, mas estava!) Seu cajado estava inflamado, e os pelos da sua barba entraram em combustão. Atrás deles estavam três magos igualmente esgotados, que pareciam como se tivessem voltado de recuperar a consciência.
“Ah, bom,” eu murmurei. “Vocês estão vivos.”
“Vocês negociaram com Set?” Desjardins demandou. “Vocês o deixaram ir?”
“Não vamos lhe responder,” Carter rosnou. Ele se adiantou, com a mão na espada, mas eu coloquei minha mão para detê-lo.
“Desjardins,” eu disse do modo mais calmo que pude, “Apep está se erguendo, no caso de que você perdeu essa parte. Precisamos dos deuses. A Casa da Vida precisa rever os seus antigos métodos.”
“Os antigos métodos nos destruíram!” ele gritou.
Uma semana atrás, o seu olhar faria-me estremecer. Ele brilhava com bastante raiva, e hieróglifos queimaram ao seu redor. Ele era o Leitor Chefe, e eu havia acabado de

desfazer tudo que a Casa vinha trabalhando desde a queda do Egito. Desjardins era um batimento cardíaco de me transformar em inseto, e o pensamento me aterrorizou.
Ao invés disso, eu olhei para ele nos olhos. Agora, eu era mais poderosa do que ele. Muito mais poderosa.
E eu deixei-o saber disso.
"O orgulho destruiu você," eu disse. "Ganância e egoísmo e tudo mais. É difícil seguir o caminho dos deuses. Mas isso é parte da magia. Você não pode simplesmente ignorar isso."
"Você está bêbada de poder," ele rosnou. "Os deuses lhe possuíram, como eles sempre fazem. Em breve você vai esquecer até mesmo que é humana. Nós lutaremos e destruiremos você." Então ele encarou Carter. "E você — eu sei o que Hórus exigiria. Você nunca irá reclamar o trono. Com meu último suspiro —"
"Salve," eu disse. Depois olhei para o meu irmão. "Você sabe o que temos de fazer?"
A compreensão passou entre nós. Surpreendi-me com qual facilidade eu pude lê-la. Pensei que poderia ser a influência dos deuses, mas então percebi que era porque somos Kane, irmão e irmã.
E Carter, deus me ajude, também era meu amigo.
"Você tem certeza?" ele perguntou. "Estamos deixando-nos abertos." Ele encarou Desjardins. "Só mais uma pancada com a espada?"
"Eu tenho certeza, Carter."
Fechei meus olhes e foquei-me.
Considere com cuidado, Ísis disse. O que fizemos até agora e só o começo do poder que podemos exercer em conjunto.
É o problema, eu disse. Não estou pronta para isso. Tenho que chegar no meu próprio e difícil caminho.
Você é sábia para uma mortal, Ísis disse. Muito bem.
Imagine recusar uma fortuna. Imagine jogar fora o mais lindo colar de diamantes do mundo. Separar-me de Ísis era mais duro que isso, muito mais duro.
Mas não era impossível. Eu sei meus limites, minha mãe havia dito, e agora entendi a quão sábia ela foi.
Senti o espírito da deusa me deixar. Parte dela foi ao meu colar, mas a maioria fluiu ao Monumento de Washington, de volta ao Duat, aonde Ísis iria... a algum lugar. Outro hospedeiro? Não sei.
Quando abri meus olhos, Carter estava perto de mim olhando aflito, segurando o Olho de Hórus.
Desjardins estava tão atordoado que esqueceu como falar inglês. "Iso nos é possível. Vocs non pod'riam —"
"Sim, poderíamos," eu disse. "Nós abandonamos os deuses por nossa própria vontade. E você tem muito a aprender sobre o que é possível."
Carter abaixou a espada. "Desjardins, eu não estou acerca do trono. Muito menos pegá-lo para mim, e isso levaria muito tempo. Vamos descobrir o caminho dos deuses. Nós vamos ensinar outros. Você pode gastar tempo tentando destruir-nos, ou pode nos ajudar."

As sirenes estavam muito mais próximas agora. Pude ver as luzes das ambulâncias vindo de diversas direções. Lentamente contornando o Mercado Nacional. Tínhamos poucos minutos antes de sermos cercados.
Desjardins olhou para os magos atrás dele, provavelmente estimando quanta ajuda ele poderia reunir.
Os magos olharam com admiração. Um até começou a se curvar a mim, então ficou ereto novamente.
Sozinho, Desjardins poderia destruir-nos. Éramos só magos agora — magos muito cansados, sem nenhum treino formal.
As narinas de Desjardins se alargaram. Então ele me surpreendeu abaixando o seu cajado. "Já tivemos muita destruição hoje. Mas o caminho dos deuses continuará fechado. Se você cruzar a Casa da Vida novamente..."
Ele deixou a ameaça no ar. Ele baixou o cajado, e numa última explosão de energia, os quatro magos se dissolveram em ar e partiram.
De repente me senti exausta. O terror que eu acabei de passar começou a afundar. Nós sobrevivemos, mas esse era um pequeno consolo. Perdi meus pais. Os perdi terrivelmente.
Eu não era mais uma deusa.
Eu era apenas uma simples garota agora, sozinha com o seu irmão.
Então Amos gemeu e começou a se sentar.
Carros de polícia e estranhas vans pretas frearam ao nosso redor. Sirenes tocavam. Um helicóptero cortou o ar acima do Potomac, fechando rápido.
Só Deus sabia o que os mortais pensavam que havia acontecido no Monumento de Washington, mas eu não queria ter minha cara estampada nos telejornais noturnos.
"Carter, precisamos sair daqui," eu falei. "Você pode convocar magia o bastante para transformar Amos em algo pequeno — um rato, talvez? Podemos voar com ele."
Ele concordou ainda aturdido. "Mas Papai... nós não..."
Ele olhou ao redor perdidamente. Eu sabia como ele se sentia. A pirâmide, o trono, o caixão dourado — tudo aquilo se foi. Fomos tão longe para resgatar nosso pai, só para perdê-lo.
E a primeira namorada de Carter estava aos seus pés numa pilha de cacos de cerâmica. Aquilo provavelmente não ajudou muito. (Carter protesta que ela não era realmente a sua namorada. Ah, por favor!)
Eu não podia me debruçar sobre ele. Eu tinha de ser forte por nós dois ou acabaríamos na prisão.
"Antes de tudo," eu disse. "Precisamos achar algum lugar seguro para Amos.
"Onde?" Carter perguntou.
Só havia um lugar em que podia pensar.

CARTER

QUARENTA E UM

NÓS PARAMOS A GRAVAÇÃO, POR ENQUANTO

EU NÃO ACREDITO QUE SADIE VAI ME DEIXAR ter a última palavra. Nossa experiência juntos deve ter ensinado algo a ela. Ai, ela acabou de me bater. Esquece.
De todo jeito, estou feliz por ela ter falada a última parte. Acho que ela entendeu melhor que eu. E toda aquela coisa de Zia não ser Zia e papai não ser resgatado... aquilo foi bem difícil de lidar.
Se alguém se sentiu pior que eu, foi Amos. Eu tinha energia apenas para me transformar em falcão e ele em hamster (ei, eu estava com presa!), mas a algumas milhas do National Mall, ele começou a lutar para voltar. Sadie e eu fomos obrigados a pousar do lado de fora de uma estação de trem, onde Amos voltou a forma humana e se fechou em uma bola tremula. Nós tentamos falar com ele, mas ele mal podia terminar uma frase.
Finalmente nós entramos com ele na estação. Deixamo-lo dormir num banco enquanto Sadie e eu aquecíamos e víamos as notícias.
De acordo com o Canal 5, toda a cidade de Washington estava cercada. Havia relatos de explosões e estranhas luzes no Monumento Washington, mas tudo que as câmeras conseguiram mostrar foi uma grande praça de neve derretida, o que ficou mais para vídeo tedioso. Especialistas apareceram e falaram sobre terrorismo, mas depois se percebeu que não houve danos permanentes--- só um punhado de luzes assustadoras. Depois de um tempo, a mídia começou a especular sobre uma atividade chuvosa estranha ou uma rara aparição da Aurora Boreal. Com uma hora, as autoridades abriram a cidade.
Desejei que tivéssemos Bast conosco, porque Amos não estava em condições de ser nossa dama de honra; mas nós tratamos de comprar tickets para nosso tio "doente" e nós para bem longe de Nova York.
Eu dormi no caminho, o amuleto de Horus seguro na minha mão.
Nós chegamos de volta ao Brooklin no pôr-do-sol.
Achamos a mansão em cinzas, como esperado, mas não tínhamos para onde ir mais. Eu soube que fizemos a escolha certa quando guiamos Amos pela porta e escutamos um familiar, "Agh! Agh!"
"Khufu!" Sadie chorou.
O babuíno a pegou num abraço e subiu por seus ombros. Ele procurou pelo cabelo dela, vendo se ela trouxe algum inseto bom para ele comer. Então ele pulou fora e agarrou uma bola de basquete meio derretida. Ele grunhiu para mim insistentemente, apontando para uma cesta feita com algumas vigas queimadas e uma cesta de lavanderia. Era um gesto de perdão, percebi. Ele estava me perdoando por estragar com seu jogo favorito e estava oferecendo aulas. Olhando em volta, notei que ele havia tentado limpar do seu jeito babuíno, também. Ele limpou o único sofá que sobrou, estocou as caixas de Cheerios na lareira, e até mesmo colocou um prato de água e comida frescas para Muffin, que estava curvada dormindo num pequeno travesseiro. Na parte mais clara da sala de estar, sob uma seção intacta de telhado, Khufu fez três montes separados de travesseiros e cobertores--- lugares de dormir para nós.

Um caroço apareceu na minha garganta. Vendo o cuidado que ele tomou se preparando para nós, não pude imaginar melhor presente de boas vindas.
“Khufu” eu disse “você é um babuíno incrível.”
“Agh!” disse ele, apontando a bola de basquete.”
“Você quer me ensinar?” eu disse. “Sim, eu mereço. Só nos dê um segundo para...”
Meu sorriso derreteu quando eu vi Amos.
Ele se arrastou até a estátua arruinada de Thoth. A cabeça de íbis rachada do deus aos seus pés. Suas mãos haviam quebrado e sua prancheta e a agulha partidas no chão. Amos olhou para o deus sem cabeça--- o patrono dos magos--- e eu pude adivinhar o que ele estava pensando. Um mau presságio para a chegada.
“Tá tudo bem.” Eu disse a ele. “Nós vamos concertá-la.”
Se Amos me ouviu, ele não demonstrou. Ele escorregou para o sofá e desabou, pondo as mãos na cabeça.
Sadie me encarou desconfortavelmente. Então ela olhou ao redor para as paredes enegrecidas, as linhas caindo, os restos dos móveis queimados.
“Bem,” ela disse, tentando soar descontraída. “Que tal eu jogar basquete com Khufu, e você pode limpar a casa?”
Mesmo com mágica, nós levamos semanas para pôr a casa em ordem novamente. Isso só para torná-la habitável. Foi difícil sem Isis e Horus ajudando, mas nós ainda podíamos fazer mágicas. Só tomou mais concentração e tempo. Todo dia, eu ia dormir sentindo como se tivesse feito doze horas de trabalho braçal; mas depois nós tivemos paredes e rejuntes reparado, e limpamos os restos até nossa casa não ter mais cheiro de fumaça. Nós até mesmo conseguimos ajeitar a varanda e a piscina. Trouxemos Amos para fora para assistir quando nós soltamos a estátua de cera de um crocodilo na água, e Felipe da Macedônia saltou para a vida.
Amos quase sorriu quando viu isso. Então ele se afundou numa cadeira no terraço e ficou olhando desoladamente para os arranhas céus de Manhattan.
Comecei a pensar se ele seria o mesmo, algum dia. Ele havia perdido muito peso. Sua face parecia abatida. Na maioria dos dias ele estava de robe de banho e nem mesmo se importava em pentear o cabelo.
“Ele foi levado por Set.” Sadie me disse uma manhã, quando mencionei o quão preocupado estava. “Você tem alguma idéia do quanto isso é violador? A vontade dele foi partida. Ele duvida dele mesmo e... bom, isso pode durar por um tempo...”
Nós tentamos nos perder em trabalho. Reparamos a estátua de Thoth, e consertamos o shabti na biblioteca. Eu era melhor no trabalho pesado--- movendo blocos de pedra ou colocando vigas do teto no lugar. Sadie era melhor em pequenos detalhes, como reparar hieróglifos gravados nas portas. Uma vez, ela realmente me surpreendeu imaginando seu quarto como tinha sido antes e falando o feitiço, hi-nehm. Pedaços de fuligem flutuaram juntos para fora dos detritos e, boom! : reparo instantâneo. Claro, Sadie dormiu doze horas depois disso, mesmo assim... muito legal. Lentamente, mas com certeza, a mansão começou a parecer com nosso lar.
A noite eu dormia com a minha cabeça numa almofada encantada, que impediu meu ba de escapar; mas algumas vezes eu ainda tive estranhas visões--- a pirâmide vermelha, a serpente no céu, ou o rosto do meu pai como se ele estivesse preso no caixão de Set. Uma vez pensei ter ouvido a voz de Zia tentando me contar alguma coisa de longe, mas eu não pude entender as palavras.
Sadie e eu mantivemos nossos amuletos trancados em uma caixa na biblioteca. Toda manhã eu dava uma espiada para conferir se eles estavam lá ainda. Eu os acharia brilhando, quentes como tochas, e eu ficaria tentado--- muito tentado--- a colocar o Olho de Horus. Mas eu sabia que não podia. O poder era muito viciante, muito

perigoso. Eu havia alcançado um balanço com Horus uma vez, sob circunstâncias extremas, mas eu sabia que seria muito fácil ser oprimido se eu tentasse de novo. Eu tinha que treinar antes, tornar-me um mago mais poderoso, antes de conseguir manusear tanto poder.
Uma noite, no jantar, tivemos um visitante.
Amos havia ido pra cama cedo, como ele costumava fazer. Khufu estava dentro vendo ESPN com Muffin no seu colo. Sadie e eu sentamos exaustos no deck olhando para o rio. Felipe da Macedônia flutuava silenciosamente na sua piscina. Exceto pelos sons da cidade, a noite estava quieta.
Não tenho certeza de como aconteceu, mas em um minuto estávamos sozinhos e no outro, havia um cara parado na grade. Ele era magro e alto, com cabelo assanhado e pele pálida, e suas roupas eram toda preta, como se ele tivesse assaltado um sacerdote ou coisa assim. Ele tinha aproximadamente sessenta, e mesmo que eu nunca o tivesse visto antes, tinha a estranha sensação de que o conhecia.
Sadie levantou tão rápido que bateu na sopa de ervilha--- que era grossa o suficiente na bacia, mas correndo pela mesa? Yuck.
“Anúbis!” ela disse.
Anúbis? Achei que ela estivesse brincando, porque esse cara não se parecia em nada com o deus escravo cabeça de chacal que eu havia visto na Terra dos Mortos. Ele deu um passo a frente e minha mão foi para o meu bastão.
“Sadie,” ele disse. “Carter. Viriam comigo, por favor?”
“Claro” Sadie disse com uma voz um pouco esganiçada.
“Espera ai,” falei. “Aonde nós vamos?”
Anúbis gesticulou atrás dele e uma porta abriu no ar--- um puro retângulo negro. “Alguém quer vê-los.”
Sadie pegou a mão dele e foi através da escuridão, o que me deixou sem escolha a não ser segui-la.
O Saguão do Julgamento havia passado por reformas. A balança dourada ainda dominava a sala, mas ela havia sido reparada. Os pilares negros continuavam até a penumbra nos quatro lados. Mas agora eu podia ver o revestimento--- o estranho holograma do mundo real--- e não era mais um cemitério, como Sadie havia dito. Era uma sala branca com limites altos e enormes janelas. Portas duplas levavam para um terraço com vista para o oceano.
Eu estava sem palavras. Olhei para Sadie e a julgar pelo choque no rosto dela, adivinhei que ela reconheceu o lugar também: nossa casa em Los Angeles, no morro, com vista para o Pacífico--- o último lugar que vivemos como família.
“O Saguão do Julgamento é intuitivo,” disse uma voz familiar. “Ele responde a memórias fortes.”
Só então percebi que o trono não estava mais vazio. Sentado lá, com Ammit o Devorador deitado aos seus pés, estava nosso pai.
Eu quase corri até ele, mas alguma coisa me segurou. Ele parecia o mesmo de várias maneiras--- o cassaco longo marrom, o terno amarrotado e botas empoeiradas, sua cabeça recentemente raspada e sua barba aparada. Seus olhos brilhavam do jeito que faziam quando eu o deixava orgulhoso.
Mas sua forma brilhava com uma luz estranha. Como o quarto mesmo, notei, ele existia em dois mundos. Concentrei-me mais e meus olhos abriram para um nível mais fundo no Duat.
Papai continuava lá, mas mais alto e forte vestido nas roupas e com as jóias de um faraó Egípcio. A pele dele estava de um azul escuro parecido com o oceano profundo.
Anúbis andou até parar do lado dele, mas Sadie e eu fomos um pouco mais cuidadosos.

“Bem, vamos lá,” papai falou. “Eu não vou morder.”
Ammit o Devorador grunhiu enquanto nos aproximamos, mas papai acariciou sua cabeça de crocodilo e o silenciou. “Eles são minhas crianças, Ammit. Comporte-se.”
“P-pai?” eu gaguejei.
Agora eu quero ser claro: mesmo semanas tendo se passado desde a batalha com Set, e mesmo depois de eu estar ocupado reconstruindo a mansão, o tempo todo eu não parei de pensar em nosso pai por um minuto. Toda vez que eu via uma foto na biblioteca, eu pensava nas histórias que ele costumava me contar. Eu guardei minhas roupas numa mala no armário do meu quarto, porque não podia suportar a idéia de que nossa vida de viagens juntos havia acabado. A despeito disso tudo, e toda emoção borbulhando dentro de mim, tudo que pude pensar para dizer foi: “Você tá azul.”
A risada do meu pai foi tão normal, tão ele, que quebrou toda a tensão. O som ecoou através do salão, e até mesmo Anúbis arriscou um sorriso.
“Veio com o território,” papai disse. “Desculpe não tê-los trazido aqui antes, mas as coisas andaram meio...” ele olhou para Anúbis pela palavra certa.
“Complicadas,” Anúbis sugeriu.
“Complicadas. Minha intenção é dizer a vocês o quanto estou orgulhoso, o quanto os deuses estão em dívida com voc---“
“Espera ai.” Disse Sadie. Ela andou até a frente do trono. Ammit grunhiu para ela, mas Sadie grunhiu de volta, o que confundiu o monstro em silêncio.
“O que é você?” ela falou. “Meu pai? Osíris? Você está vivo pelo menos?”
Papai olhou para Anúbis. “O que eu te disse sobre ela? Mais feroz que Ammit, eu disse.”
“Você não precisa me dizer.” O rosto de Anúbis estava grave. “Aprendi a temer essa língua ferina.”
Sadie parecia ultrajada. “Como é?”
“Para responder a sua pergunta,” papai falou, “Eu sou os dois, Osíris e Julius Kane. Estou vivo e morto, mas reciclado seja o termo mais próximo da verdade, suponho. Osíris é o deus da morte, e o deus da nova vida. Para ele retornar a seu trono---“
“Você teve que morrer,” eu disse. “Você sabia que isso ia acabar assim. Você abrigou Osíris intencionalmente sabendo que você morreria.”
Eu estava tremendo com raiva. Não havia percebido o quão bravo eu estava com relação a isso, mas não podia acreditar no que meu pai havia feito. “Isso é o que você queria dizer com ‘fazer as coisas se acertarem’?”
A expressão do meu pai não mudou. Ele continuava olhando para mim com orgulho e sincero gozo, como se tudo que eu tivesse dito o deleitasse— até mesmo meus gritos. Era irritante.
“Senti sua falta, Carter,” ele disse. “Não posso dizer o quanto. Mas nós fizemos a escolha certa. Todos nós fizemos. Se você tivesse me salvado no mundo acima, nós teríamos perdido tudo. Pela primeira vez em milênios, nós temos a chance de renascer, e a chance de para o caos por causa de você.”
“Tinha que haver outro jeito,” falei. “Você podia ter lutado como um mortal, sem... sem---“
“Carter, quando Osíris estava vivo, ele era um grande deus. Mas quando morreu---“
“Tornou-se milhares de vezes mais poderoso.” eu disse, relembrando da história que papai costumava contar para mim.
Meu pai concordou. “O Duat é o fundamento para o mundo real. Se há caos aqui, isso reflete no mundo superior. Ajudar Osíris para seu trono foi um primeiro passo, milhões de vezes mais importante que qualquer coisa que eu podia ter feito no mundo acima---exceto ser seu pai. E eu ainda o sou.”

Meus olhos arderam. Eu acho que entendi o que ele quis dizer, mas não gostei. Sadie parecia ainda mais enfurecida que eu, mas ela estava discutindo com Anúbis.
“Língua ferina?” ela gritou.
Papai limpou a garganta. “Crianças, há outro motivo para eu ter feito minha escolha, como você provavelmente podem adivinhar.” Ele estendeu a mão e uma mulher num vestido negro apareceu próxima a ela. Ela tinha cabelos dourados, olhos azuis inteligente, e um rosto que parecia familiar. Ela parecia com Sadie.
“Mamãe” eu disse.
Ela olhou para Sadie e para mim em espanto, como se nós fossemos os fantasmas. “Julius me disse o quando você tinha crescido, mas não pude acreditar. Carter, aposto que você está se barbeando---“
“Mãe.”
“---e namorando garotas---“
“Mãe!” Vocês já perceberam o quanto os pai podem ir das pessoas mais lindas do mundo para totalmente embaraçosas em três segundos?
Ela sorriu para mim e eu tive que lutar com uns vinte sentimentos diferentes de uma vez. Passei anos sonhando em estar de volta com meus pais, juntos, para nossa casa em L.A. Mas não como isso: não com a casa como uma miragem, e minha mãe um espírito, e meu pai... reciclado. Eu sentia como se o mundo estivesse derretendo sob meus pés, transformando em areia.
“Nós não podemos voltar, Carter.” Mamãe disse como se lendo minha mente. “Mas nada está perdido, mesmo na morte. Você se lembra da lei da conservação?”
Já faziam seis anos desde que nos sentamos juntos no salão--- este salão, e ela leu para mim as leis da física do jeito que a maioria dos pais lêem histórias de ninar. Mas eu ainda me lembrava. “Energia e matéria não podem ser criadas ou destruídas.”
“Apenas mudadas,” minha mãe concordou. “E alguma vezes mudado para a melhor.”
Ela pegou a mão de papai e eu tive que admitir--- azul e fantasmagórico ou não--- eles pareciam felizes.
“Mãe,” Sadie engoliu. Pela primeira vez, sua atenção não estava em Anúbis. “Você realmente... aquilo era---“
“Sim, minha brava garota. Meus pensamentos se juntaram aos seus. Estou tão orgulhosa de você. E graças a Isis, senti como se conhecesse você.” Ela se inclinou para frente e sorriu conspiradoramente. “Eu gosto de chocolate e caramelos, também, mesmo sua avó não aprovando manter doces no flat.”
Sadie abriu um sorriso aliviado. “E sei! Ela é impossível!”
Eu tive o pressentimento de que elas iam conversar por horas, mas justo ai o Saguão do Julgamento tremeu. Papai conferiu o relógio, o que me fez pensar qual o fuso horário na Terra dos Mortos.
“Nós temos que arrumar as coisas,” ele disse. “Os outros estão nos esperando.”
“Outros?” perguntei.
“Um presente antes de vocês irem.” Papai acenou para mamãe.
Ela se aproximou e me entregou um pacote do tamanho da palma, de linho preto dobrado. Sadie me ajudou a desenrolá-lo e dentro havia um novo amuleto--- um que se parecia com uma coluna ou um tronco de árvore ou...
“Isso é uma espinha?” Sadie falou.
“É chamada de djed” papai disse. “Meu símbolo--- a espinha de Osíris.”
“Eca,” Sadie murmurou.
Mamãe riu. “É um pouco ‘eca’, mas honestamente, é um símbolo poderoso. Dá estabilidade, força---“
“Espinha dorsal?” perguntei.

“Literalmente.” Mamãe me deu um olhar de aprovação, e de novo tive a sensação surreal de derretimento. Não podia acreditar que estava parado aqui, batendo papo com meus pais tipo mortos.
Mamãe fechou o amuleto em minhas mãos. Seu toque era quente, como uma pessoa viva. “Djed também dá o poder de Osíris--- vida renovada das cinzas da morte. Isso é exatamente o que vocês vão precisar se estão para agitar o sangue dos faraós em outros e reconstruir a Casa da Vida.”
“A Casa não vai gostar disse.” Sadie o colocou.
“Não.” Mamãe disse alegremente. “Eles certamente não vão.”
O Saguão do Julgamento tremeu novamente.
“É hora.” Papai disse. “Veremos-nos de novo, crianças. Mas até lá, cuidem-se.”
“Sejam atentos com seus inimigos.” Mamãe adicionou.
“E digam a Amos...” a voz de papai parou em pensamento. “Relembrem o meu irmão de que os Egípcios acreditam no poder no nascer do sol. Eles acreditam que cada manhã trás não só um novo dia, mas um novo mundo.”
Antes que eu pudesse adivinhar o que aquilo significava, o Saguão do Julgamento sumiu, e nós paramos com Anúbis em um campo escuro.
“Eu mostrarei o caminho,” Anúbis disse. “É meu trabalho.”
Ele nos guiou para um espaço na escuridão que não parecia diferente de nenhum outro. Mas quando ele nos puxou com sua mãe, uma porta se abriu. A entrada se encheu com a luz do dia.
Anúbis se curvou formalmente para mim. Então ele olhou para Sadie com um ar de mistério nos olhos. “Tem sido... estimulante.”
Sadie apontou para ele acusadoramente. “Nós não acabamos anda, mocinho. Eu espero que você cuide dos meus pais. E da próxima vez que eu estiver na Terra dos Mortos, você e eu teremos uma conversa.”
Um sorriso atingiu o canto da boca dele. “Eu vou procurar por isso.”
Nós passamos pelo portal e entramos no palácio dos deuses.
Era justamente como Sadie havia descrito das suas visões: colunas de pedra altas, braseiros ardentes, um chão de mármore polido, e no meio do salão, um trono vermelho e dourado. Toda a nossa volta, deuses haviam se juntado. Muitos eram apenas flashes de luz e fogo. Alguns eram imagens sombrias que mudavam de forma animal para humana. Reconheci uns poucos: Thoth tremulou como um cara de cabelos selvagens em um jaleco de cientista antes de se transformar em uma nuvem de grama verde; Hathor, o deus cabeça-de-vaca, deu-me um olhar enigmático, como se ela vagamente se lembrasse de mim do episódio da Salsa Mágica. Procurei por Bast, mas meu coração caiu. Ela não parecia estar na população. De fato, a maioria dos deuses eu não reconheci.
“O que nós começamos?” Sadie murmurou.
Eu entendi o que ela quis dizer. A sala do trono estava cheia de milhares de deuses, maiores e menores, todos perambulando pelo palácio, formando novas formas, brilhando com poder. Um exército inteiro sobrenatural... e todos pareciam estar nos encarando.
Ainda bem que dois velhos amigos estavam perto do trono. Horus estava com armadura completa e uma espada do seu lado. Seus olhos co-alinhados--- um dourado, outro prateado--- estavam tão penetrantes quanto nunca. Ao seu lado estava Isis em um vestido branco brilhante, com asas de luz.
“Bem vindos” Horus disse.
“Um, oi.” Eu falei.
“Ele tem jeito com as palavras” Isis murmurou o que fez Sadie resfolegar.

Horus gesticulou para o trono. “Conheço seus pensamentos, Carter, então acho que sei o que você vai dizer. Mas tenho que perguntar uma vez mais. Você se juntará a mim? Nós poderíamos governar a terra e os céus. Ma’at exige um líder.”
“É, foi o que eu ouvi.”
“Eu seria forte com você como meu hospedeiro. Você apenas tocou a superfície do que Combate com Magia pode fazer. Nós poderíamos realizar grandes coisas, e é o seu destino liderar a Casa da Vida. Você poderia ser o trono de dois reinos.”
Eu olhei para Sadie, mas ela só deu de ombros. “Não olhe pra mim. Eu achei a idéia horripilante.”
Horus franziu para ela, mas a verdade era que eu concordava com Sadie. Todos esses deuses esperando por direcionamento, todos esses magos que nos odiavam--- a idéia de tentar liderá-los fez meus joelhos virarem água.
“Talvez um dia,” falei. “Bem mais tarde.”
Horus suspirou. “Cinco milhões de ano e eu continuo não entendendo os mortais. Mas--- muito bem.”
Ele andou até o trono e olhou em volta para a assembléia dos deuses.
“Eu, Horus, Filho de Osíris, reclamo o trono dos céus como meu direito por nascença!” ele gritou. “O que foi meu uma vez deve ser meu novamente. Tem alguém que queria me desafiar?”
Os deuses vacilaram e brilharam. Uns poucos fizeram cara feia. Um murmurou algo que soou como “Queijo” embora possa ter sido minha imaginação. Eu tive um vislumbre de Sobek, ou possivelmente outro deu cabeça de crocodilo, roncando nas sombras. Mas ninguém levantou um desafio.
Horus tomou seu lugar no trono. Isis trouxe para ele crook e flail--- os cetros gêmeos dos faraós. Ele os cruzou por sobre o peito e todos os deuses se curvarem perante ele.
Quando eles se levantaram de novo, Isis foi para nossa frente. “Carter e Sadie Jane, vocês fizeram muito para restaurar Ma’at. Os deuses uniram suas forças e vocês nos deram tempo, mesmo nós não sabendo quando. Apophis não vai ficar trancado para sempre.”
“Eu o selei por uns milhares de anos.” Disse Sadie.
Isis sorriu. “Seja como for, hoje vocês são heróis. Os deuses devem a vocês uma dívida, e nós levamos as dívidas a sério.”
Horus levantou-se do trono. Com uma piscada pra mim, ele ajoelhou-se perante nós. Os outros deuses olharam inconfortáveis, mas então seguiram seu exemplo. Mesmo os deuses em forma de fogo diminuíram suas chamas.
Eu provavelmente parecia petrificado, porque quando Horus se levantou de novo ele riu. “Você está parecendo como daquela vez em que Zia disse a você---“
“É, podemos pular essa parte?” Eu disse rapidamente. Deixar um deus entrar na sua cabeça tem sérias desvantagens.
“Vão em paz, Carter e Sadie.” Horus disse. “Vocês acharão nosso presente pela manhã.”
“Presente?” perguntei nervoso, porque se eu tivesse mais um amuleto mágico, eu começaria a suar frio.
“Vocês verão.” Isis prometeu. “Nós vamos ficar assistindo e esperando.”
“Isso é o que me preocupa.” Sadie disse.
Isis moveu a mão, e de repente nós estávamos de volta ao terraço da mansão como se nada tivesse acontecido.
Sadie virou para mim saudosamente. “Estimulante.”
Eu estendi minha mão. O amuleto djed estava brilhante e aquecido no seu envoltório de linho. “Alguma idéia do que essa coisa faz?”

Ela piscou. “Hmm? Ah, não se importe. Como Anúbis se pareceu para você?”
“Como ele... se pareceu com um cara. E daí?”
“Um cara boa pinta ou um vagabundo com cabeça-de-cachorro?”
“Acho que... não o cabeça-de-cachorro.”
“Sabia!” Sadie apontou para mim como se ela tivesse ganhado um argumento. “Boa pinta. Sabia!”
E com um sorriso largo ridículo, ela girou e entrou na casa.
Minha irmã, como eu devo ter mencionado, é um pouco estranha.
No dia seguinte, nós recebemos o presente dos deuses.
Nós acordamos para descobrir que a mansão foi completamente reparada até o menor detalhe. Tudo que nós não tínhamos terminado ainda--- provavelmente outros meses de trabalho pesado--- estava feito.
A primeira coisa que eu achei foram roupas novas no meu guarda-roupa, e depois de alguns momentos de hesitação, as coloquei. Eu desci as escadas e achei Khufu e Sadie dançando pela Sala de Estar consertada. Khufu tinha uma nova camisa dos Lakers e uma bola de basquete. As vassouras e esfregões mágicos estavam ocupados fazendo sua rotineira faxina. Sadie olhou pra mim com um sorriso--- e então sua expressão mudou para choque.
“Carter, o quê--- o quê você está vestindo?”
Eu desci as escadas, sentindo-me ainda mais constrangido. O guarda-roupa me ofereceu várias escolhas esta manhã, não apenas meu robe de linho. Minhas roupas antigas estavam lá, limpas--- uma camisa e botão, short cáqui, tênis. Mas parecia haver também uma terceira escolha, e eu a escolhi: Reeboks, jeans azul, camiseta e um capuz.
“É, hmm, tudo algodão,” eu falei. “Okay para a magia. Papai provavelmente me acharia parecido com um gangster...”
Eu pensei com certeza que Sadie ia tirar sarro por causa disso, e eu estava tentando me antecipar ao soco. Ela examinou cada detalhe da minha aparência.
Então ela riu com absoluto deleite. “É brilhante, Carter. Você quase se parece com um adolescente comum! E papai pensaria...” Ela pôs o capuz sobre minha cabeça. “Papai acharia que você se parece como um mago impecável, porque é isso que você é. Agora, vamos. O café está esperando no pátio.”
Nós estávamos atacando a comida quando Amos saiu e sua mudança de roupas foi ainda mais surpreendente que a minha. Ele estava com um novo terno cor de chocolate com um casaco combinando. Seus sapatos estavam lustrados, seus óculos redondos polidos, seu cabelo penteado com gostas de âmbar. Sadie e eu olhamos para ele.
“O que?” ele demandou.
“Nada.” Dissemos em uníssono. Sadie olhou para mim e pronunciou O-M-G, então voltou para seu bacon com ovos. Eu ataquei minhas panquecas. Felipe boiou alegremente na sua piscina de nadar.
Amos juntou-se a nós na mesa. Ele estralou os dedos e café magicamente encheu o copo. Eu levantei minhas sobrancelhas. Ele não tinha usado magia desde os Dias do Demônio.
“Acho que vou sair um pouco,” ele anunciou. “Para a Primeira Nome.”
Sadie e eu lançamos olhares.
“Tem certeza que é uma boa idéia?” perguntei.
Amos deu um pequeno gole no seu café. Olhou através do East River como se ele pudesse ver todo o caminho até Washington, D.C. “Eles têm os melhores curandeiros mágicos lá. Eles não vão recusar alguém que se oferece pra ajudar--- mesmo eu. Eu acho... acho que devia tentar.”

Sua voz estava frágil, como se fosse quebrar a qualquer momento. Mesmo assim, era o máximo que ele falava em semanas.
"Eu acho isso brilhante," Sadie respondeu. "Nós vamos tomar conta do lugar, não vamos, Carter?"
"Sim," falei. "Com certeza."
"Eu devo ficar fora por um tempo," Amos disse. "Tratem-na como se fosse seu lar. É seu lar." Ele hesitou como se estivesse escolhendo bem as próximas palavras. "E eu acho, talvez, vocês devessem começar a recrutar. Existem muitas crianças pelo mundo com sangue dos faraós. A maioria não sabe o que são. O que vocês dois disseram em Washington--- sobre descobrir o caminho dos deuses--- pode ser nossa única chance."
Sadie ficou de pé e beijou Amos na testa. "Deixa com a gente, tio. Eu tenho um plano."
"Isso," eu falei. "Soa como péssimas notícias."
Amos direcionou um sorriso. Ele apertou as mãos de Sadie, então ficou de pé e bagunçou meu cabelo enquanto ia para dentro.
Eu peguei outro pedaço da minha panqueca e fiquei pensando por que--- em uma manhã tão boa--- eu ainda me sentia triste e um pouco incompleto. Eu supus que com tantas coisas ficando melhores de repente, as coisas que ainda faltavam doíam ainda mais.
Sadie pegou seus ovos mexidos. "Acho que seria egoísmo pedir mais."
Eu a encarei, e percebi que estávamos pensando a mesma coisa. Quando os deuses disseram presente... bem, você pode esperar por coisas, mas como Sadie disse, acho que você não pode ser ganancioso.
"Vai ser difícil viajar se precisamos recrutar." Eu disse cautelosamente. "Dois menores sem companhia."
Sadie concordou. "Sem Amos. Sem adultos responsáveis. Não acho que Khufu conte."
E foi quando os deuses completaram seu presente.
Uma voz vinda da porta falou, "Parece que vocês têm uma vaga de trabalho."
Voltei-me e senti toneladas de preocupação caindo dos meus ombros. Encostada contra a porta em um traje de leopardo pintado estava uma mulher de cabelos negros com olhos dourados e duas facas grandes.
"Bast!" Sadie chorou.
A deusa gata nos deu um sorriso divertido, como se ela tivesse todo tipo de problemas na cabeça. "Alguém pediu por uma dama de honra?"
Alguns dias depois, Sadie teve uma longa conversa com Vovó e Vovô Faust em Londres. Eles não pediram pra falar comigo, e eu não escutei. Quando Sadie voltou a sala de estar, ela tinha um olhar distante no rosto. Eu estava com medo--- muito medo--- que ela estivesse sentindo falta de Londres.
"Então?..." eu perguntei relutantemente.
"Eu disse a eles que estamos bem," ela falou. "Eles disseram que a polícia parou de importuná-los sobra à explosão no Museu Britânico. Aparentemente a Pedra de Rosetta reapareceu intocada."
"Como mágica." Falei.
Sadie sorriu tristemente. "A polícia decidiu que deve ter sido uma explosão de gás, algum tipo de acidente. Papai está fora do gancho, e nós também. Eu poderia voltar para Londres, eles disseram. O semestre de Primavera começa em algumas semanas. Minhas amigas Liz e Emma estiveram perguntando por mim."
O único som era o estalar do fogo na lareira. A sala de estar de repente parecia maior pra mim, mais vazia.
Por fim eu disse. "O que você disse para eles?"
Sadie levantou uma sobrancelha. "Deus, você é tapado algumas vezes. O que você acha?!"

“Ah,” minha boca parecia como lixa. “Eu acho que vai ser bom ver seus amigos e voltar para seu antigo quarto, e---“
Sadie deu um soco no meu braço. “Carter! Eu disse que não podia ir para casa, porque eu já estava em casa. Aqui é onde eu pertenço. Graças ao Duat posso ver meus amigos quando quiser. E além do mais, você estaria perdido sem mim.”
Eu devia estar sorrindo como um idiota, porque Sadie me disse para limpar o jeito bobo da cara--- mas ela parecia satisfeita com isso. Suponho que ela estava certa, uma vez. Eu estaria perdido sem ela. [E não, Sadie, eu não posso acreditar que disse isso, também.]
Só quando as coisas começaram a se acertarem em uma rotina legal, Sadie e eu embarcamos em nossa nova missão. Nosso destino era uma escola que Sadie havia visto em um sonho. Eu não vou contar qual escola, mas Bast dirigiu por um longo caminho até lá. Nós gravamos esta fita a caminho. Inúmeras vezes as forças do caos tentaram nos parar. Inúmeras vezes ouvimos rumores que nossos inimigos começaram a caçar outros descendentes dos faraós, tentando frustrar nossos planos.
Nós chegamos a escola no dia antes de o semestre de Primavera começar. Os corredores estavam vazios, e foi fácil escorregar para dentro. Sadie e eu escolhemos um armário aleatoriamente e ela me disse para colocar a combinação. Eu invoquei um pouco de mágica e mexi nos números: 13/32/33. Ei, pra que mexer com uma boa fórmula?
Sadie disse um feitiço e o armário começou a brilhar. Então ela colocou o pacote dentro e fechou a porta.
“Você tem certeza disso?” perguntei.
Ela concordou. “O armário está parcialmente no Duat. Vai guardar o amuleto até que a pessoa certa o abra.”
“Mas se o djed cair em mãos erradas---“
“Não vai,” ela prometeu. “O sangue dos faraós é forte. As crianças certas vão achar o amuleto. Se eles descobrirem como usá-lo, seus poderes devem despertar. Nós temos que confiar que os deuses os guiarão para o Brooklin.”
“Nós não saberemos como ensiná-los,” eu argumentei. “Ninguém estudou o caminho dos deuses por dois mil anos.”
“Nós descobriremos,” Sadie falou. “Temos que fazê-lo.”
“A menos que Apophis nos pegue primeiro,” eu disse. “Ou Desjardins e a Casa da Vida. Ou a menos que Set quebre sua palavra. Ou um milhão de outras coisas dê errado.”
“Sim,” Sadie falou com um sorriso. “Divirta-se, certo?”
Trancamos o armário e fomos andando.
Agora estávamos de volta ao Número Vinte e um no Brooklin.
Vamos enviar esta fita para algumas pessoas cuidadosamente selecionadas e ver se conseguimos publicação. Sadie acredita em destino. Se a história cair em suas mãos, provavelmente tem uma razão. Procure pelo Djed. Não vai demorar muito para despertar seu poder. Então o truque é aprender a usar o poder sem morrer.
Como eu disse no começo: a história toda ainda não aconteceu. Nossos pais prometeram nos ver novamente, então eu sei que vamos ter que voltar a Terra dos Mortos eventualmente, o que eu acho que está bem para Sadie, desde que Anúbis esteja lá.
Zia está em algum lugar por ai--- a Zia verdadeira. Eu pretendo achá-la.
Acima de tudo, o caos está se erguendo. Apophis está ganhando forças. O que significa que temos que ficar fortes também--- deuses e homens, unidos como nos velhos tempos. É o único jeito de o mundo não ser destruído.
Então a Família Kane tem muito trabalho a fazer. E você também.
Talvez você queira seguir os passos de Horus ou Isis, Thoth ou Anúbis, ou até mesmo Bast. Não sei. Mas o que você decidir, A Casa da Vida precisa de sangue novo se você vai sobreviver.

Então aqui é Carter e Sadie Kane desligando.
Venham ao Brooklin. Vamos ficar esperando.

NOTA DO AUTOR

Muito dessa história é baseada em acontecimentos, o que me faz pensar que até os dois narradores, Sadie e Carter, fizeram um grande trabalho de pesquisa... ou eles estão contando a verdade.

A Casa da Vida existiu, e foi uma parte importante na sociedade Egípcia por vários milênios. Se sim ou não existe hoje--- isso é algo que não posso responder. Mas, inegavelmente, os magos Egípcios estavam famosos por todo o mundo antigo, e muitos dos feitiços que eles supostamente podiam lançar são exatamente como descritos nesta história.

A maneira com que os narradores descrevem a mágica Egípcia é também sustentada por evidências arqueológicas. Shabti, varinhas curvadas, e caixas mágicas, sobreviveram e podem ser vistas em muitos museus. Todos os artefatos e monumentos que Sadie e Carter mencionaram realmente existem--- com a possível exceção da pirâmide vermelha. Existe uma "pirâmide vermelha" no Gisé, mas só é chamada assim porque sua cobertura de pedras brancas foi varrida, revelando o granito rosa por debaixo. De fato, o dono da Pirâmide, Senefru, estaria horrorizado em saber que sua pirâmide estava agora vermelha, a cor de Set. Para a pirâmide vermelha mágica, mencionada na história, só resta esperar que ela tenha sido destruída.

Caso mais registros caiam em minhas mãos, eu vou relatar a informação. Até lá, podemos apenas torcer para que Carter e Sadie estejam errados em sua previsão quanto ao caos se erguendo...

NÃO TEMOS FINS LUCRATIVOS

2010